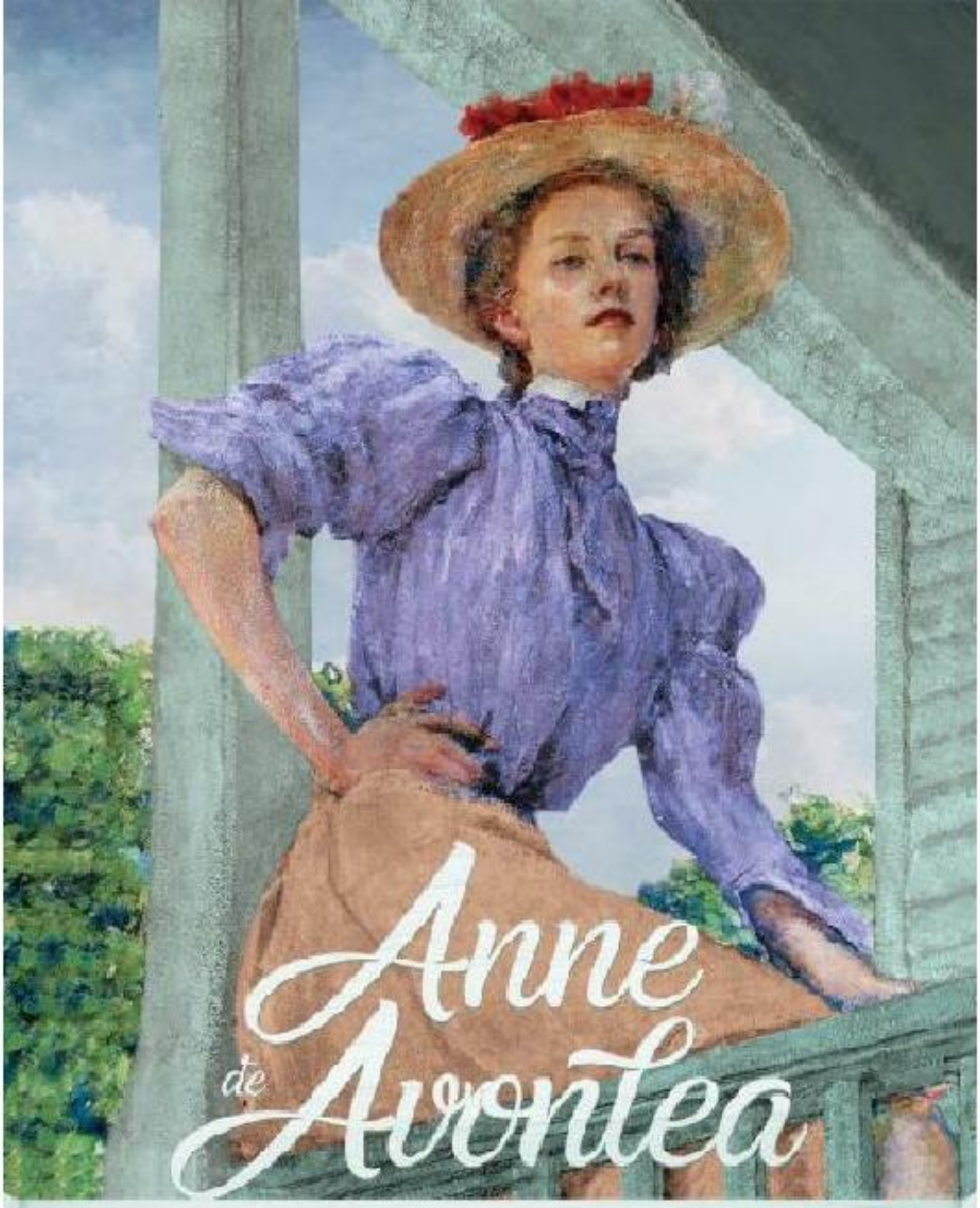
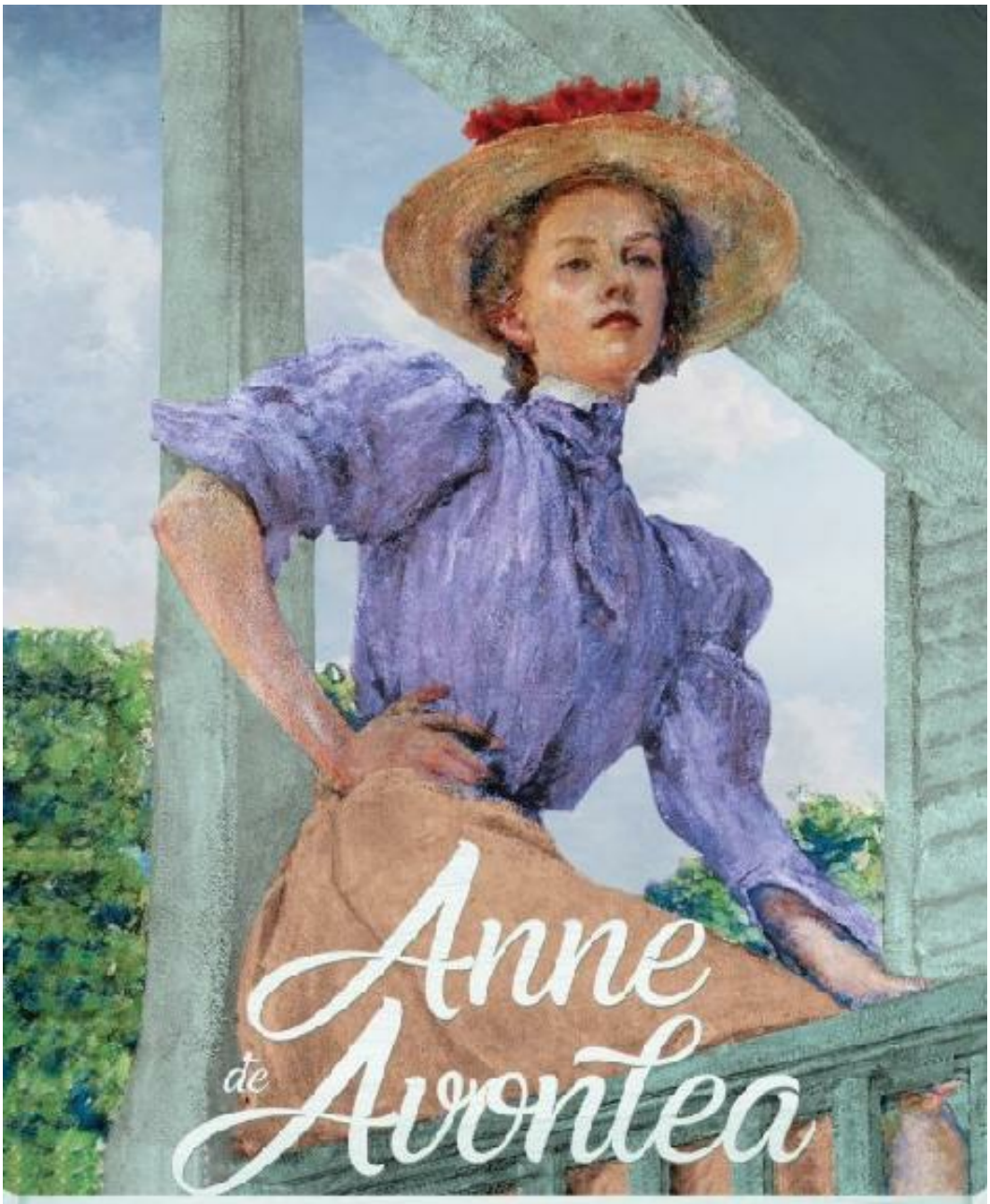


Lucy Maud Montgomery



Anne de Avontea

Lucy Maud Montgomery

PEDRAZUL EDITORA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Sumário

Capítulo I
Capítulo II
Capítulo III
Capítulo IV
Capítulo V
Capítulo VI
Capítulo VII
Capítulo VIII
Capítulo IX
Capítulo X
Capítulo XI
Capítulo XII
Capítulo XIII
Capítulo XIV
Capítulo XV
Capítulo XVI
Capítulo XVII
Capítulo XVIII
Capítulo XIX
Capítulo XX
Capítulo XXI
Capítulo XXII
Capítulo XXIII
Capítulo XXIV
Capítulo XXV
Capítulo XXVI
Capítulo XXVII

Capítulo XXVIII
Capítulo XXIX
Capítulo XXX

Capítulo I

Um Vizinho Irado

Uma moça alta, esbelta, “passada dos dezesseis anos”, com sérios olhos cinzentos e um cabelo que suas amigas diziam ser da cor castanho-acobreado, estava sentada na extensa soleira de arenito vermelho de uma casa de fazenda na Ilha de Prince Edward, em uma perfeita tarde de agosto, firmemente resolvida a interpretar algumas linhas de Virgílio[1].

Mas uma tarde de agosto, com brumas azuladas que ornavam as encostas cultivadas, brisas suaves sussurrando como se fossem fadas por entre os álamos, e o esplendor dançante das papoulas vermelhas reluzindo contra o bosque escuro dos jovens pinheiros localizados num canto do pomar de cerejeiras, era mais apropriada para sonhos do que para línguas mortas. O Virgílio escorregou despercebido até o chão, e Anne, com o queixo apoiado nas mãos e os olhos fixos na esplêndida massa de nuvens fofas amontoadas justamente acima da residência de Mr. J. A. Harrison feito uma grande montanha branca, estava muito longe, em um mundo delicioso, onde certa professora fazia um magnífico trabalho ao modelar o destino de futuros estadistas e inspirar mentes e corações juvenis com as mais altas e sublimes ambições.

De fato, se você se ativesse à crua realidade – o que deve ser confessado que Anne raramente fazia, até que fosse obrigada a fazê-lo –, não parecia provável que houvesse material muito promissor para celebridades na escola de Avonlea. Mas nunca se pode dizer o que acontecerá se uma professora usar sua influência para o bem. Anne tinha certos ideais excessivamente otimistas do que uma professora poderia lograr se apenas tomasse o caminho correto. E ela estava no meio de uma cena adorável, quarenta anos à frente, com um indivíduo importante e famoso – a razão exata de sua fama foi deixada em conveniente obscuridade, mas Anne considerava que seria muito bom tê-lo como o diretor de uma escola ou o Primeiro-Ministro canadense –, o qual fazia uma reverência sobre sua mão enrugada e assegurava-lhe de que havia sido ela quem primeiramente despertara sua ambição, e que todo o seu sucesso na vida fora devido às lições que ela lhe havia incutido, tanto

tempo atrás, na escola de Avonlea. Esta agradável visão foi feita em pedaços por uma interrupção das mais desagradáveis.

Uma modesta vaquinha Jersey vinha correndo pela alameda, e cinco segundos depois chegava Mr. Harrison – se "chegar" não fosse um termo muito suave para descrever a maneira como o homem irrompeu no quintal. Ele saltou sobre a cerca sem esperar para abrir o portão e confrontou furiosamente a estupefata Anne, que se erguera num salto e o contemplava muito perplexa. Mr. Harrison era o novo vizinho da fazenda à direita e ela não tinha sido formalmente apresentada a ele antes, apesar de já tê-lo visto uma ou duas vezes.

No início de abril, antes que Anne tivesse voltado da Queen's Academy para casa, Mr. Robert Bell, cujas terras faziam fronteira com o campo dos Cuthbert pelo lado oeste, vendera a fazenda e mudara-se para Charlottetown. A propriedade tinha sido comprada por um certo Mr. J. A. Harrison, cujo nome e o fato de ser natural de New Brunswick eram tudo que se sabia sobre ele. Mas antes que estivesse há um mês em Avonlea recebera a reputação de ser uma pessoa estranha – "um excêntrico", nas palavras de Mrs. Rachel Lynde. A boa senhora era franca e sem reservas, como vocês que já a conheceram irão se lembrar. Mr. Harrison era certamente diferente das outras pessoas – e esta, como todos sabem, era a característica essencial de um excêntrico.

Em primeiro lugar, ele mantinha a casa para si mesmo e tinha declarado publicamente que não queria baboseiras de mulheres em sua moradia. As senhoras de Avonlea tiveram sua vingança mediante terríveis lorotas que relatavam os cuidados dele com a casa e a cozinha. Ele havia contratado o pequeno John Henry Carter, de White Sands, e o garoto deu início às falácias. Em primeiro lugar, nunca existira horário fixo para as refeições na casa do dito senhor. Mr. Harrison "comia um bocado" quando sentia fome, e se John Henry estivesse por perto no momento, entrava para comer sua porção; mas, se não estivesse, tinha que esperar até o próximo ataque de fome do patrão. O garoto declarou, desoladamente, que teria morrido à míngua se não pudesse ir para casa aos domingos e se fartar, e se sua mãe não lhe entregasse sempre uma cesta de "rango" para levar consigo nas segundas-feiras pela manhã.

Quanto a lavar louças, Mr. Harrison nunca tinha nenhuma intenção de fazê-lo, a menos que sobreviesse um domingo chuvoso. Então ele ia ao

trabalho e lavava toda a louça de uma vez no barril cheio de água da chuva, e a deixava ali para secar.

Novamente, Mr. Harrison foi “sovina”. Quando lhe perguntaram se poderia contribuir com o salário do Reverendo Allan, retrucou que primeiramente teria que esperar para ver quanto valeria sua pregação, pois não queria comprar gato por lebre. E quando Mrs. Lynde foi pedir uma contribuição para a Sociedade Assistencial da Igreja e do Auxílio para as Missões Estrangeiras, e *acidentalmente* espiar o interior da casa, Mr. Harrison respondeu que existia mais pagãos entre as velhas fofoqueiras de Avonlea do que em qualquer outro lugar que conhecesse, e que contribuiria alegremente para a missão de catequizá-las se ela tomasse essa incumbência. Mrs. Lynde pôs-se dali para fora, dizendo que era uma sorte Mrs. Robert Bell estar a salvo no túmulo, pois lhe teria despedaçado o coração ver o estado da casa da qual ela tanto se orgulhara.

— Ora, ela esfregava o piso da cozinha num dia e no outro também – disse Mrs. Lynde para Marilla Cuthbert, de maneira indignada –, e se você visse como está agora! Tive que erguer minhas saias enquanto passava pela porta!

Por fim, Mr. Harrison criava um papagaio chamado Ginger. Ninguém em Avonlea tinha criado um animal desses antes, e, consequentemente, este procedimento era considerado muito pouco respeitável. E que papagaio! Se fossem levadas em consideração as palavras de John Henry, não havia pássaro mais herege. Xingava terrivelmente. Mrs. Carter teria tirado o filho dali na mesma hora se tivesse certeza de encontrar outra ocupação para ele. Ademais, Ginger arrancara um pedaço do pescoço de John Henry um dia, quando ele se aproximou demais da gaiola. Mrs. Carter mostrava a todos a marca, quando o azarado garoto voltava para casa aos domingos.

Todas essas coisas passaram pela mente de Anne quando Mr. Harrison estava em pé diante dela, aparentemente emudecido de fúria. Mesmo em seu humor mais agradável, Mr. Harrison não poderia ser considerado um homem elegante: ele era baixo, gordo e careca; e agora, com o rosto redondo vermelho de raiva e os proeminentes olhos azuis quase saltando das órbitas, Anne achou que ele era a pessoa mais feia que já tinha visto.

Subitamente, Mr. Harrison encontrou sua voz:

— Eu não tolerarei mais isso, nenhum dia mais! Ouviu, senhorita? – ele gaguejou. — Pela minha alma, esta é a terceira vez, senhorita; *terceira vez*! A paciência deixou de ser uma virtude, moça. Eu avisei à sua tia, da última vez, para não deixar isto acontecer de novo, e ela deixou... ela deixou... e *o que ela quer com isso* é o que eu quero saber! É por isso que estou aqui, senhorita!

— O senhor pode me explicar qual é o problema? – perguntou Anne, da forma mais digna. Ela vinha praticando consideravelmente tais modos nos últimos tempos, para tê-los bem ensaiados quando as aulas recomeçassem. Mas seus modos não pareciam produzir nenhum efeito no irado J. A. Harrison.

— Problema, é? Pela minha alma, problema o bastante, devo pensar! O problema é, senhorita, que encontrei essa vaca Jersey da sua tia nas minhas aveias novamente, nem meia hora atrás. É a terceira vez, veja bem! Eu a encontrei na última terça-feira, e ontem. Vim até aqui e disse à sua tia para não deixar isso acontecer de novo; e ela deixou! Onde está sua tia, moça? Eu queria vê-la só por um minuto, para dizer-lhe o que penso – o que pensa J. A. Harrison, senhorita!

— Se o senhor se refere à Miss Marilla Cuthbert, ela não é minha tia, e ela foi até East Grafton para ver uma prima distante que está muito doente – respondeu Anne, com devido aumento de dignidade em cada palavra. — Sinto muito que minha vaca tenha invadido suas aveias; ela pertence a mim, e não a Miss Cuthbert. Matthew comprou-a de Mr. Bell e deu-a de presente para mim há três anos, quando ela era uma bezerra.

— A senhorita *sente muito*? Isso não vai ajudar em nada! É melhor que vá olhar a destruição que esse animal fez nas minhas aveias, pisando-as do centro até a extremidade!

— Sinto muitíssimo – repetiu Anne, firmemente –, mas se o senhor mantivesse suas cercas bem reparadas, talvez Dolly não as invadisse. É a *sua parte* da cerca divisória que separa seu campo de aveias do nosso pasto, e eu percebi, outro dia, que não estava em muito boas condições.

— Minha cerca está muito boa! – retrucou Mr. Harrison, com mais raiva do que nunca, diante desta entrada do inimigo em seu próprio terreno. — As grades de um presídio não poderiam manter aquele demônio de vaca fora da minha propriedade! E eu lhe digo, sua *ruivinha insignificante*, que se essa vaca é mesmo sua, melhor seria se ficasse

cuidando para que ela não pisoteasse os grãos de outras pessoas, ao invés de ficar sentada lendo romancinhos de capa amarela! – exclamou, lançando um olhar mordaz ao inocente Virgílio de capa bege caído aos pés de Anne.

Naquele momento, algo mais tornou-se vermelho além do cabelo de Anne – que sempre fora seu ponto fraco.

— Eu prefiro ter o cabelo vermelho do que não ter cabelo algum, exceto uma linha de fiozinhos ao redor das orelhas! – replicou.

O tiro acertou em cheio o alvo, pois Mr. Harrison era realmente muito sensível sobre sua calvície. A fúria o sufocou outra vez e ele pôde apenas olhar em silêncio para Anne, que recobrou seu temperamento e aproveitou sua vantagem.

— Eu não o levarei a mal, Mr. Harrison, porque possuo alguma imaginação. Posso facilmente imaginar quão irritante deve ser encontrar uma vaca em seu campo de aveias, e não alimentarei nenhum rancor contra o senhor pelas coisas que disse. Prometo que Dolly nunca mais voltará a invadir suas aveias. Dou minha palavra de honra neste assunto.

— Bem, cuide para que isso não aconteça – resmungou Mr. Harrison, num tom um pouco mais contido. Mas ele saiu bastante irado, pisando firme, e Anne ouviu-o resmungando para si mesmo até que sua voz estivesse fora de alcance.

Gravemente perturbada, Anne marchou através do quintal e prendeu a vaca desobediente no redil.

“Dolly não conseguirá sair dali de jeito nenhum, a menos que ponha a cerca abaixo”, ela refletiu. “Ela me parece bem calma agora. Atrevo-me a dizer que deve ter se fartado naquelas aveias. Quem me dera tê-la vendido ao Mr. Shearer quando ele queria comprá-la na semana passada, mas pensei que seria melhor esperar até que tivéssemos um leilão de gado, para entregá-los todos juntos. Creio que seja verdade que Mr. Harrison é um excêntrico. Certamente não há nada de alma gêmea sobre ele.”

Anne estava sempre atenta para encontrar almas gêmeas.

Marilla Cuthbert estava entrando no quintal quando Anne retornou à casa, e a jovem correu para preparar o chá. As duas discutiram sobre o assunto à mesa.

— Ficarei feliz quando o leilão tiver terminado – disse Marilla. —

É muita responsabilidade ter tanto gado na fazenda, e ninguém para cuidar dos animais além daquele Martin, em quem não se pode confiar. O rapaz ainda não voltou, embora tivesse prometido que certamente estaria aqui na noite passada, se eu lhe desse um dia de folga para ir ao funeral de sua tia. Não sei mais quantas tias lhe restam. Tenho certeza de que já é a quarta que morre desde que o contratamos, cerca de um ano atrás. Ficarei mais que agradecida quando a colheita estiver pronta e Mr. Barry assumir a fazenda. Teremos que manter Dolly presa no redil até que Martin chegue, pois ela deve ser solta no pasto posterior e as cercas precisam ser consertadas. Posso afirmar que este é um mundo problemático, como Rachel costuma dizer. Aí está a pobre Mary Keith morrendo, e eu não sei o que será daquelas duas crianças! Ela tem um irmão que mora em British Columbia e escreveu a ele sobre os filhos, mas ainda não recebeu resposta.

— Como são essas crianças? Quantos anos têm?

— Seis anos... eles são gêmeos.

— Oh, sempre fui especialmente interessada em gêmeos, desde o tempo em que vivi com Mrs. Hammond, pois ela tinha tantos! – respondeu Anne, ansiosamente. — Eles são bonitos?

— Meu Deus, é impossível dizer... eles estavam tão sujos! Davy estava lá fora fazendo tortas de barro, e Dora tinha saído para pedir que ele entrasse. Davy abruptamente empurrou a cabeça da irmã para dentro da maior torta; e então, por ela ter chorado, ele se enfiou no barro e ficou chafurdando para mostrar que não havia motivo para chorar. Mary disse que Dora era uma criança muito boazinha, mas que Davy era travesso demais. Pode-se perceber que ele nunca recebeu nenhum tipo de educação. O pai morreu quando ele ainda era um bebê, e Mary tem estado doente praticamente desde essa época.

— Sempre lamento muito por crianças que não recebem educação – comentou Anne, de maneira grave. — Você sabe que *eu* não recebi nenhuma, antes que você tomasse conta de mim. Espero que o tio possa cuidar deles. Qual é o grau de parentesco que você tem com Mrs. Keith?

— Com Mary? Nenhum, em todo mundo! Era seu marido... ele era nosso primo em terceiro grau. Aí vem Mrs. Lynde, entrando no quintal. Imaginei que ela viria para saber sobre Mary.

— Não conte a ela sobre Mr. Harrison e a vaca! – implorou Anne.

Marilla prometeu, mas a promessa mostrou-se desnecessária, pois

Mrs. Lynde mal havia se acomodado na cadeira quando disse:

— Vi Mr. Harrison espantando a Jersey para fora de suas aveias hoje, quando eu estava voltando de Carmody. Notei que ele estava bem exasperado. Fez muito tumulto?

Anne e Marilla trocaram um furtivo sorriso de diversão. Poucas coisas em Avonlea escapavam à Mrs. Lynde. Nesta mesma manhã, Anne dissera: “Se você entrar no seu quarto à meia-noite, trancar a porta, fechar a cortina e espirrar, no outro dia Mrs. Lynde perguntará como está a gripe!”

— Creio que tenha feito – admitiu Marilla. — Eu estava fora. Mas ele disse à Anne o que pensava.

— Acho que ele é um homem muito desagradável – disse Anne, ressentida, balançando a cabeça ruiva.

— Você nunca disse palavras mais verdadeiras – concordou Mrs. Lynde, solenemente. — Eu sabia que haveria problemas quando Robert Bell vendeu suas terras para um homem de New Brunswick, isto é que é. Não sei o que Avonlea vai virar, com tantas pessoas estranhas invadindo. Logo não será mais seguro dormir em nossas camas!

— Por que? Que outros estranhos estão chegando? – perguntou Marilla.

— Você não soube? Bem, primeiro porque há uma família, os Donnells. Eles alugaram a antiga casa de Peter Sloane, pois Peter contratou o homem para cuidar do moinho. Eles vêm do Oeste, e ninguém sabe nada sobre eles. Além deles, há aquela família indolente de Timothy Cotton, que está se mudando de White Sands e simplesmente será um peso à sociedade. O homem está com tuberculose… quando não está roubando… e a esposa é uma criatura folgada que não usa as mãos pra fazer nada. Ela lava a louça *sentada*! Mrs. George Pye pegou um órfão para cuidar, sobrinho do marido, Anthony Pye. Ele irá para a escola com você, Anne, então já pode esperar confusão, isto é que é. E você terá ainda outro aluno novo: Paul Irving está vindo dos Estados Unidos para viver com a avó. Você se lembra do pai dele, Marilla… Stephen Irving, aquele que abandonou Lavendar Lewis em Grafton?

— Não acredito que ele a tenha abandonado. Houve uma briga… suponho que os dois lados tiveram culpa.

— Bem, de qualquer forma, ele não se casou com ela, que dizem

ter se tornado o mais estranha possível desde então… vivendo sozinha naquela casinha de pedras que ela chama de Echo Lodge. Stephen foi morar nos Estados Unidos e montou negócios com o tio, e casou-se com uma americana. Ele nunca mais veio aqui, mas sua mãe esteve lá para vê-lo uma ou duas vezes. A esposa faleceu há dois anos, e ele está mandando o menino para morar com a mãe por um tempo. Ele tem dez anos de idade, e não sei se será um aluno muito agradável. Nunca podemos afirmar isso sobre esses americanos.

Mrs. Lynde olhava para todas as pessoas que tiveram a má sorte de nascer ou ser criadas em qualquer lugar à parte da Ilha de Prince Edward com um decidido ar de "*pode algo bom vir de Nazaré?*[2]". Podem até ser boas pessoas, é claro, mas você estaria numa posição segura se duvidasse. A boa senhora tinha um especial preconceito contra os americanos. Seu marido fora logrado em dez dólares por um empregador para quem trabalhara em Boston, e nem anjos, nem principados, nem potestades poderiam tê-la convencido de que aquele país inteiro não estava envolvido nisso.

— A escola de Avonlea não vai ficar pior por causa de um pouco de sangue novo – respondeu Marilla, com secura –, e se a criança for como o pai, tudo estará bem. Stephen Irving foi o garoto mais querido criado aqui nestas bandas, apesar das pessoas chamarem-no de orgulhoso. Creio que Mrs. Irving deve estar muito contente em cuidar do neto, pois tem estado muito solitária desde que o esposo faleceu.

— Oh, o garoto pode ser bem bonzinho, mas será diferente das crianças de Avonlea – replicou Mrs. Lynde, como se isso colocasse fim ao assunto. As opiniões de Mrs. Lynde sobre qualquer pessoa, lugar, ou coisa eram sempre necessárias. — O que foi que eu ouvi sobre vocês começarem uma Sociedade de Melhorias no vilarejo, Anne?

— Eu estava só comentando com algumas moças e rapazes no último Clube de Debates – respondeu Anne, enrubescendo. — Eles pensaram que poderia ser uma boa ideia… assim como Mr. e Mrs. Allan. Muitas cidades já têm uma sociedade assim.

— Bem, você vai mexer num ninho de marimbondos sem fim ao lidar com isso. Melhor deixar pra lá, Anne, isto é que é. As pessoas não gostam de ser melhoradas.

— Oh, não vamos tentar mudar *as pessoas*. É sobre Avonlea! Há

muitas coisas que podem ser feitas para torná-la mais bonita. Por exemplo, se pudermos convencer Mr. Levi Boulter a derrubar aquela terrível casa velha na fazenda lá de cima, isto não seria uma melhoria?

— Certamente seria – admitiu Mrs. Lynde. — Aquela velha ruína tem sido a feiura do local há anos. Mas se vocês, *Melhoradores*, puderem persuadir Levi Boulter a fazer qualquer coisa para a nossa sociedade, que ele não tenha sido pago para fazer, talvez eu possa estar lá para ver e ouvir o processo, isto é que é! Não quero desencorajá-la, Anne, pois pode haver algo bom em sua ideia, embora eu suponha que você se inspirou numa daquelas porcarias de revistas americanas. Mas você terá as mãos cheias com a escola, e eu a aconselho, como amiga, a não se incomodar com esses reparos, isto é que é. Mas sim, sei que você irá levar a cabo essa ideia, se já está com a cabeça feita! Você sempre foi uma daquelas que faz as coisas acontecerem de alguma maneira.

Havia algo no firme contorno dos lábios de Anne que dizia a Mrs. Lynde que ela não estava errada nesta estimativa. O coração da jovem estava determinado a formar a Sociedade de Melhorias. Gilbert Blythe – que iria lecionar em White Sands, mas estaria sempre em casa de sexta-feira à noite até segunda-feira de manhã – estava entusiasmado com a ideia. E muitos dos outros companheiros estavam dispostos a fazer qualquer coisa que significasse reuniões ocasionais e, consequentemente, um pouco de diversão. Quanto ao que seriam as “melhorias”, ninguém tinha uma ideia muito clara ainda, exceto Anne e Gilbert. Eles haviam conversado e planejado tudo, até que a Avonlea ideal existisse em suas mentes, se não em realidade.

Mrs. Lynde tinha ainda outra novidade.

— Deram a escola de Carmody para uma tal de Priscilla Grant. Não havia uma moça com este nome na Queen’s Academy, Anne?

— Sim, certamente. Priscilla lecionando em Carmody! Esta notícia é perfeitamente adorável! – exclamou Anne, com os olhos cinzentos tão iluminados que pareciam estrelas ao cair da noite, fazendo Mrs. Lynde perguntar-se, mais uma vez, se algum dia iria realmente afirmar, para sua própria satisfação, se Anne Shirley era uma moça bonita, ou não.

Capítulo II

Vendendo às Pressas e Arrependendo-se Instantaneamente

Na manhã seguinte, Anne foi até Carmody numa expedição para fazer compras, e levou Diana Barry consigo. Diana era, sem dúvidas, um dedicado membro da Sociedade de Melhorias, e as duas moças não tiveram outro assunto durante todo o caminho de ida e volta até Carmody.

— A primeira coisa que devemos fazer quando dermos início às atividades da Sociedade é pintar aquele salão – disse Diana, enquanto passavam pelo Salão de Avonlea, um antigo prédio muito desgastado situado num vale arborizado, encoberto por abetos vermelhos por todos os lados. — É um local de aparência deplorável, e devemos cuidar disso antes mesmo de tentar convencer Mr. Levi Boulter a derrubar sua casa. Papai diz que nós nunca conseguiremos fazer isso. Levi Boulter é muito avarento para desperdiçar o tempo que a demolição levaria.

— Talvez ele permita que os rapazes derrubem a casa se eles prometerem tirar as tábuas e rachá-las, para que possam ser usadas como lenha – sugeriu Anne, esperançosa. — À princípio, devemos dar nosso melhor e estar contentes em fazer as coisas com calma. Não podemos transformar tudo de uma vez. Primeiro, nós devemos educar os sentimentos do público, é claro.

Diana não sabia exatamente o que significava “educar os sentimentos do público”; mas isso soava muito bem, e ela sentiu-se orgulhosa por participar de uma sociedade que tinha em vista tal objetivo.

— Ontem à noite eu pensei em algo que poderíamos fazer, Anne. Sabe aquele pedacinho de terra em formato de triângulo onde as estradas de Carmody, Newbridge e White Sands se encontram? Está inteiramente tomado por um mato de jovens abetos; mas não seria bom limparmos tudo, e deixarmos somente as duas ou três bétulas que ali estão?

— Esplêndido! – concordou Anne, entusiasmada. — E colocaremos um assento rústico debaixo das bétulas. E, quando vier a primavera, faremos os sulcos no canteiro e plantaremos gerânios.

— Sim, mas teremos de pensar numa maneira de convencer a velha Mrs. Sloane a manter sua vaca fora da estrada, ou o animal comerá todos os nossos gerânios – gracejou Diana. — Começo a entender o que você quis dizer com “educar os sentimentos do público”, Anne. Ali está a velha casa dos Boulters. Já viu uma espelunca como essa antes? E, ainda por cima, num lugar elevado e tão perto da estrada! Uma casa velha e sem janelas sempre me faz pensar em algo morto, que teve os olhos arrancados.

— Penso que uma velha casa deserta é uma visão tão triste – disse a sonhadora Anne. — Sempre me dá a impressão de estar pensando sobre seu passado e lamentando pelos saudosos momentos de alegria. Marilla disse que uma grande família cresceu naquela casa, muito tempo atrás, e que era realmente um lugar muito bonito, com um jardim adorável e rosas crescendo por todo lado. A casa era repleta de crianças, risadas e canções; e agora está vazia, e nada passa por ali, a não ser o vento. Como deve sentir-se solitária e pesarosa! Talvez todos eles voltem em noites enluaradas... os fantasmas das criancinhas de outrora, as rosas e as canções... e, por um momentinho, a velha casa pode sonhar que é jovem e alegre outra vez.

Diana balançou a cabeça negativamente.

— Nunca imagino coisas assim sobre os lugares, Anne. Você não se lembra de como a minha mãe e Marilla ficaram irritadas quando criamos a história sobre os fantasmas na Floresta Assombrada? Desde aquele dia eu não consigo ficar à vontade para passar nem sequer por um arbusto depois que escurece! E, se eu começar a imaginar tais coisas sobre a velha casa dos Boulters, ficarei assustada quando passar por ali também. Além disso, aquelas crianças não estão mortas. Estão todos crescidos, vivendo muito bem... e um deles é açougueiro. E de qualquer maneira, flores e canções não podem ter fantasmas.

Anne reprimiu um pequeno suspiro. Ela sentia uma profunda afeição por Diana, e as duas sempre tinham sido boas companheiras. Mas há muito tempo entendera que, quando vagava pelo reino da fantasia, devia ir sozinha. O caminho até lá era uma senda encantada, onde nem mesmo seus entes mais queridos poderiam segui-la.

Enquanto estavam em Carmody, caiu um temporal. Todavia, não durou muito e, à tarde, o caminho para casa estava agradável através das veredas onde as gotas de chuva brilhavam nos galhos das árvores e nos

pequenos vales frondosos, cujas samambaias encharcadas liberavam um forte aroma. Mas, ao entrarem na alameda dos Cuthbert, Anne viu algo que estragou toda a beleza da paisagem.

Diante delas, à direita, estendia-se o vasto campo cinza esverdeado, úmido e exuberante, das aveias maduras de Mr. Harrison. E ali, em pé, exatamente no meio do campo, com seu corpo imponente misturado às hastes viçosas, piscando os olhos calmamente na direção de ambas, estava uma vaca Jersey!

Anne largou as rédeas e levantou-se com os lábios franzidos, o que não demonstrava nada de bom à quadrúpede predatória. Não disse uma palavra, mas desceu agilmente pela roda da carroça e saltou ligeiro sobre a cerca antes que Diana entendesse o que havia acontecido.

— Anne, volte! – gritou a moça, tão logo encontrou a voz. — Vai arruinar seu vestido nesses grãos úmidos... arruinar! Ela não me ouve! Bem, ela nunca vai tirar aquela vaca dali sozinha. Devo ajudá-la, é claro.

Anne avançava pelas hastes cheias de grãos como se estivesse louca. Diana desceu com rapidez, amarrou o cavalo a uma estaca bem segura, ergueu as saias de seu lindo vestido de algodão xadrez sobre o ombro, pulou a cerca e começou a perseguição à sua amiga desesperada. Ela conseguia correr mais rápido do que Anne, que estava atrapalhada por sua saia justa e ensopada, e logo a alcançou. Deixaram para trás um rastro que partiria o coração de Mr. Harrison quando ele o visse.

— Anne, pelo amor de Deus, pare! – exclamou a pobre Diana, ofegante. — Estou sem fôlego, e você está molhada até a alma!

— Devo... tirar... aquela vaca... dali... antes... que Mr. Harrison... a veja –arquejou Anne. — Eu não me... importo... se estou... ensopada... se pudermos... apenas... fazer isso.

Mas a vaca Jersey parecia não ver uma boa razão para ser forçada a sair de seu saboroso campo de brotos tenros. Quando as ofegantes meninas se aproximaram dela, o animal deu meia volta e escapou diretamente para o canto oposto da plantação.

— Corra na frente dela! – gritou Anne. — Corra, Diana, corra!

Diana correu. Anne tentou, e a malvada Jersey correu pelo campo como se estivesse possuída. Intimamente, Diana pensou que estava mesmo. Passaram-se bons dez minutos quando finalmente conseguiram espantar a vaca para o pasto dos Cuthbert, através da abertura na cerca.

Não havia como negar que Anne estava com um humor de cão neste exato momento. E ela não se acalmou muito ao contemplar uma charrete parada fora da alameda, onde estavam sentados Mr. Shearer, de Carmody, e seu filho – os dois sorrindo abertamente.

— Creio que teria sido melhor se você tivesse vendido essa vaca quando eu quis comprá-la na semana passada, Anne – disse Mr. Shearer, soltando um riso abafado.

— Eu a venderei agora, se o senhor quiser comprá-la! – respondeu a exasperada e desalinhada dona do animal. — O senhor pode levá-la neste exato minuto!

— Feito! Pagarei os mesmos vinte dólares que ofereci antes, e Jim pode levá-la agora mesmo para Carmody. Ela irá para a cidade esta noite, com o restante do carregamento. Mr. Reed, de Brighton, quer uma vaca Jersey.

Cinco minutos depois, Jim Shearer e a vaca Jersey estavam marchando pela estrada, e a impulsiva Anne guiava a carroça pela alameda de Green Gables com seus vinte dólares.

— O que Marilla dirá sobre isso?

— Oh, ela não vai se importar! Dolly era minha vaca, e parece que não valeria mais de vinte dólares no leilão. Mas... oh, Deus... se Mr. Harrison olhar para a plantação, saberá que a vaca esteve por lá de novo, justo quando dei minha palavra de honra que não deixaria isso acontecer! Bem, aprendi a lição: nunca devo dar minha palavra de honra a respeito de vacas. Um animal que pula uma cerca ou quebra um redil não deve ser de confiança em lugar algum.

Marilla tinha ido até Lynde’s Hollow, e, quando retornou, disse que já sabia de tudo sobre a venda de Dolly e sua transferência, pois Mrs. Lynde havia acompanhado toda a transação da janela de sua casa, e adivinhado o final da história.

— Suponho que foi muito bom a vaca ter ido embora; mas você realmente faz as coisas de um jeito excessivo e precipitado, Anne! Porém, não entendo como ela conseguiu sair do redil. Deve ter rompido uma das cercas.

— Não me lembrei de averiguar, mas irei até lá agora. Martin ainda não voltou. Talvez mais uma de suas tias tenha morrido. Penso que pode ser algo como Mr. Peter Sloane e os octogenários. Uma noite dessas, Mrs.

Sloane estava lendo o jornal e perguntou ao marido: *"Vejo aqui que outro octogenário morreu. O que significa isso, Peter?"* E Mr. Sloane respondeu que não sabia, mas que deviam ser pessoas muito doentes, pois só se ouvia falar delas quando já estavam morrendo. É isso que acontece com as tias de Martin.

— Martin é como todos aqueles outros rapazotes franceses – comentou Marilla, desgostosa. — Você não pode contar com eles nem por um dia.

Marilla estava olhando as coisas que Anne havia comprado em Carmody, quando ouviu um grito estridente vindo do celeiro. No minuto seguinte, Anne entrou correndo na cozinha, torcendo as mãos.

— Anne Shirley, qual o problema agora?

— Oh, Marilla, o que vou fazer? É terrível! E é tudo minha culpa. Oh, *quando vou aprender* a parar e refletir um pouco antes de tomar atitudes imprudentes? Mrs. Lynde sempre me dizia que eu iria acabar fazendo algo terrível algum dia, e agora eu fiz!

— Anne, você é a garota mais exasperante que existe! *O que* é que você aprontou agora?

— Eu vendi ao Mr. Shearer a vaca Jersey de Mr. Harrison... aquela que ele havia comprado de Mr. Bell! Dolly está lá no redil neste momento!

— Anne Shirley, está sonhando?

— Bem queria que estivesse! Não há nada de sonho nisso, apesar de parecer muito com um pesadelo. E a vaca que pertence ao Mr. Harrison já deve estar em Charlottetown agora! Oh, Marilla, pensei que tivesse parado de me envolver em confusões... e aqui estou eu, na pior que já vivi em toda a minha vida! O que vou fazer?

— Fazer? Não há nada a ser feito, mocinha, exceto ir até a fazenda de Mr. Harrison e resolver tudo isso. Podemos oferecer-lhe a nossa Jersey em troca, se ele não quiser ficar com o dinheiro. A nossa vaca é tão boa quanto a dele.

— Tenho certeza de que ele ficará terrivelmente irritado e responderá a tudo isso de maneira desagradável – resmungou Anne.

— Atrevo-me a dizer que irá. Ele parece ser um homem irritadiço. Posso ir e explicar a ele, se você quiser.

— Não, certamente que não. Não sou má a este ponto! – exclamou Anne. — É tudo minha culpa, e eu certamente não permitirei que você

receba a minha punição. Eu mesma irei, e irei de uma vez! Quanto antes terminar, melhor... pois será terrivelmente humilhante.

A pobre Anne apanhou seu chapéu e os vinte dólares, e já estava saindo quando viu de relance a porta da copa aberta. Repousava em cima da mesa o bolo de amêndoas que ela havia preparado mais cedo, naquela manhã... uma apetitosa mistura coberta com glacê rosado e adornada com nozes. Anne pretendia servi-lo na sexta-feira, quando os jovens de Avonlea se reuniriam em Green Gables para organizar a Sociedade de Melhorias. Mas o que eram os amigos, quando comparados ao legitimamente ofendido Mr. Harrison? Anne pensou que um bolo poderia suavizar o coração de qualquer homem – especialmente de um que preparava a própria comida –, e prontamente colocou-o numa caixa. Ela iria oferecê-lo ao Mr. Harrison como oferta de paz.

"Isto é, se ele me der a chance de falar qualquer coisa", pensou a jovem, pesarosa, ao atravessar a cerca do pasto e tomar um atalho pelos campos, que estavam dourados sob a luz etérea daquele entardecer de agosto. "Agora sei exatamente o que sentem as pessoas que estão prestes a serem executadas."

Capítulo III

Na Casa de Mr. Harrison

A casa de Mr. Harrison era uma antiga construção pintada de cal branca, com os beirais baixos, erguida em frente a um denso bosque de abetos.

O próprio Mr. Harrison estava sentado na varanda sombreada por trepadeiras, em mangas de camisa, desfrutando de seu cachimbo ao final da tarde. Quando percebeu quem vinha pelo caminho, ele subitamente pôs-se de pé, entrou correndo em casa e bateu a porta. Sua reação era simplesmente o resultado da desagradável sensação de surpresa, misturada com uma boa quantidade de vergonha por conta do acesso de raiva que tivera na véspera. Porém, esta atitude quase acabou com o restinho de coragem que havia no coração de Anne.

"Se ele já está tão zangado agora, imagino como vai ficar quando souber o que fiz", ela refletiu miseravelmente, enquanto batia levemente na porta.

Mas Mr. Harrison abriu, com um sorriso embaraçado, e convidou a jovem para entrar num tom gentil e amigável, embora um tanto nervoso. Ele havia guardado o cachimbo e vestido o casaco. Ofereceu, educadamente, uma cadeira empoeirada para a visitante, e esta recepção teria sido muito agradável se não fosse pelo falatório do papagaio que espiava por entre as barras da gaiola com travessos olhos dourados. No momento em que Anne se sentou, Ginger falou:

— Por minha alma, o que essa ruivinha insignificante está fazendo aqui?

Foi difícil dizer qual semblante ficou mais vermelho, se o do anfitrião ou o de Anne.

— Não se importe com o papagaio – disse Mr. Harrison, lançando um olhar furioso para Ginger. — Ele está... está sempre falando bobagens. Eu o ganhei do meu irmão, que era marinheiro. Esses oficiais nem sempre usam o melhor vocabulário, e papagaios são aves que gostam muito de imitar.

— Foi o que pensei – murmurou a pobre Anne, dominando o

ressentimento com a lembrança de sua incumbência. O que era certo é que ela não poderia afrontar o vizinho, dadas as circunstâncias. Quando você acaba de vender a vaca Jersey de um homem de forma repentina, sem seu conhecimento e consentimento, não deve se importar se seu papagaio repete coisas indelicadas. Contudo, a “ruivinha insignificante” não estava assim tão mansa quanto deveria estar.

— Eu vim para confessar algo ao senhor, Mr. Harrison – ela começou, resoluta. — É... é sobre... aquela vaca Jersey.

— Oh, meu Deus! – exclamou o homem, nervoso. — Ela invadiu minhas aveias outra vez? Bem, esqueça... não tem importância. Não faz diferença... nenhuminha, eu... eu fui muito precipitado ontem, é verdade. Não tem problema se ela invadiu.

— Oh, se fosse só isso! – suspirou Anne. — Mas é dez vezes pior. Eu não...

— Meu Deus do Céu, quer dizer que ela entrou no meu trigal?

— Não, não... não no trigal. Mas...

— Então nos repolhos! Ela invadiu a plantação de repolhos que eu estava cultivando para a Exibição, não é?

— *Não foram os repolhos*, Mr. Harrison. Vou contar tudo ao senhor... foi por isso que vim. Mas, por favor, não me interrompa. Isso me faz ficar tão nervosa! Apenas deixe-me contar a história, e não diga nada até que eu termine de relatar.

“E então, sem dúvida, o senhor terá muito a dizer”, concluiu Anne, em pensamento.

— Não direi mais nenhuma palavra – aquiesceu Mr. Harrison, calando-se. Mas Ginger não havia assinado nenhum contrato de silêncio, e continuava gritando *“ruivinha insignificante”* em pequenos intervalos, até que Anne ficou muito irritada.

— Ontem, tranquei minha vaca Jersey em nosso redil. Esta manhã, fui até Carmody e, ao regressar, vi uma vaca em suas aveias. Diana e eu a enxotamos, e o senhor não imagina o trabalho que nós tivemos! Eu estava completamente molhada, cansada e irritada, e Mr. Shearer apareceu no mesmo instante e propôs a compra da vaca. Eu a vendi ali mesmo, por vinte dólares. Foi um grande erro! Deveria ter esperado e consultado Marilla, é claro. Mas eu sou excessivamente dada a fazer as coisas sem pensar... qualquer um que me conheça poderá lhe afirmar isso. Mr. Shearer

levou a vaca para embarcá-la diretamente no trem da tarde.

— *Ruivinha insignificante* – gritou Ginger, num tom de profundo desdém.

Nesse momento Mr. Harrison levantou-se e, com uma expressão que encheria qualquer pássaro de terror – exceto um papagaio –, carregou a gaiola de Ginger para uma sala adjacente e fechou a porta. O pássaro gritou, xingou e comportou-se de modo a manter sua reputação; mas, encontrando-se sozinho, caiu em profundo silêncio.

— Perdoe-me, e prossiga – disse Mr. Harrison, tornando a sentar-se. — Meu irmão, o marinheiro, nunca ensinou boas maneiras ao pássaro.

— Fui para casa e, após o chá, dirigi-me ao celeiro. Mr. Harrison... – Anne inclinou-se, juntando as mãos, em seu antigo gesto infantil, enquanto seus grandes olhos acinzentados encaravam, suplicantes, o rosto confuso do vizinho. — Encontrei minha vaca ainda presa dentro do redil. Foi *a sua vaca* que vendi ao Mr. Shearer.

— Meu Deus do Céu! – exclamou Mr. Harrison, em perplexo assombro diante da conclusão inesperada da história. — Que coisa mais extraordinária!

— Oh, não é nem um pouco extraordinário que eu esteja criando confusões para mim e outras pessoas – respondeu Anne, com melancolia. — Sou bem famosa por isso. Ao senhor deve parecer que já sou bem crescida para fazer esse tipo de coisa, pois completarei dezessete anos em março... mas parece que não sou. Mr. Harrison, é pedir demais que o senhor me perdoe? Temo que seja tarde demais para obter a vaca de volta, mas aqui está o dinheiro que pagaram por ela... ou, se preferir, o senhor pode pegar a minha em troca. Dolly é uma vaca muito boa. E não posso expressar o quanto estou arrependida por tudo isto.

— Tsc, tsc – grunhiu Mr. Harrison, bruscamente –, não diga mais nenhuma palavra sobre este assunto, mocinha. Não tem importância... nenhuma importância mesmo. Acidentes acontecem. Eu mesmo sou precipitado algumas vezes, senhorita... muito precipitado. Mas não consigo deixar de dizer o que penso, e as pessoas precisam aprender a aceitar-me como sou. Agora, se aquela vaca tivesse entrado nos meus repolhos... mas não tem problema, ela não entrou, então está tudo bem. Acho que prefiro ficar com a sua vaca, considerando que a senhorita quer se desfazer dela.

— Oh, obrigada, Mr. Harrison! Estou tão contente que o senhor não tenha ficado aborrecido! Estava com medo de que ficasse.

— E presumo que a senhorita estivesse morrendo de medo de vir aqui e me contar, depois de todo o alvoroço que fiz ontem, não é? Mas não deve se importar comigo, sou apenas um velho mal-humorado, só isso... sempre pronto a dizer a verdade, não importando que a verdade seja um pouco dura.

— Assim como Mrs. Lynde – disse Anne, antes que pudesse evitar.

— Quem? Mrs. Lynde? Não me diga que sou como aquela velha fofoqueira! – exclamou Mr. Harrison, irritado. — Não sou... nem um pouco. O que a senhorita trouxe nessa caixa?

— Um bolo – disse Anne, com astúcia. Aliviada diante da inesperada amabilidade de Mr. Harrison, seu ânimo pairou como uma pluma. — Eu trouxe de presente... pensei que, talvez, o senhor não comesse bolo com muita frequência.

— Não com frequência, é verdade; e gosto muitíssimo também. Fico muito agradecido. Está com uma aparência muito boa. Espero que esteja tão saboroso quanto parece.

— E está! – respondeu a jovem, alegre e confiante. — Houve momentos em minha vida que fiz bolos que não estavam saborosos, como Mrs. Allan pode afirmar, mas este está muito bom. Eu o preparei para a Sociedade de Melhorias, mas posso fazer outro para eles.

— Bem, vou dizer algo, moça: a senhorita deve me ajudar a comer! Vou colocar a chaleira para esquentar, e tomaremos uma xícara de chá. O que lhe parece?

— Será que o senhor me permite fazer o chá? – perguntou Anne, duvidosa.

Mr. Harrison riu por entre os dentes.

— Vejo que não confia muito na minha habilidade para fazer chá. Pois está errada... posso preparar o melhor bule de chá que a senhorita já provou. Mas vá em frente. Felizmente choveu no domingo passado, então há bastante louça limpa.

Anne saltou rapidamente e foi ao trabalho. Lavou o bule várias vezes antes de mergulhar o chá para a infusão. Depois, tirou as cinzas do forno e arrumou a mesa, trazendo a louça da despensa. O estado daquela despensa deixou-a horrorizada – mas ela, sabiamente, manteve-se calada.

Mr. Harrison lhe disse onde encontraria o pão, a manteiga e uma conserva de pêssegos. Anne adornou a mesa com um buquê de flores do jardim, e fechou os olhos para as manchas na toalha. Logo o chá ficou pronto, e Anne viu-se sentada de frente para Mr. Harrison na própria mesa dele, servindo-lhe o chá e conversando abertamente sobre a escola, seus amigos e planos. A jovem mal podia acreditar nas evidências diante de seus olhos.

Mr. Harrison trouxera Ginger de volta, afirmando que o pobre papagaio estava muito solitário, e Anne, sentindo que poderia perdoar a tudo e a todos, ofereceu-lhe uma noz. Mas os sentimentos de Ginger haviam sido severamente feridos, e o pássaro rejeitou qualquer proposta de amizade. Acomodou-se no poleiro com um jeito rabugento, e sacudiu as penas até ficar parecendo uma mera bola verde e dourada.

— Por que o senhor o chama de Ginger? – perguntou Anne, que gostava de nomes apropriados para tudo e pensava que *Ginger* não combinava de maneira nenhuma com uma plumagem tão magnífica.

— Meu irmão, o marinheiro, o batizou com este nome. Talvez esta seja uma referência ao seu temperamento[3]. Mas, sabe, eu gosto muito deste pássaro... a senhorita ficaria surpresa ao saber o quanto. Ele tem seus defeitos, é claro. Ginger tem me custado muitos desgostos, de uma maneira ou de outra. Há pessoas que desaprovam seu hábito de xingar, mas não consigo dissuadi-lo dessa mania. Tenho tentado... outras pessoas tentaram. Algumas pessoas têm preconceito contra os papagaios. Uma tolice, não é mesmo? Eu gosto deles. Ginger é um bom companheiro para mim. Nada me faria desistir deste pássaro... nada nesse mundo, moça!

Mr. Harrison lançou explosivamente a última frase, como se suspeitasse de qualquer desejo latente em persuadi-lo a desistir de Ginger. Anne, entretanto, estava começando a gostar daquele homenzinho esquisito, complicado e inquieto, e antes que a refeição terminasse eles já eram muito amigos. Mr. Harrison soube da Sociedade de Melhorias e estava disposto a aprová-la.

— Está bem. Sigam em frente. Há espaço para melhorias neste povoado... e nas pessoas também.

— Oh, não sei – respondeu Anne, repentinamente. Para si mesma, ou para seus companheiros mais próximos, ela poderia admitir que existiam pequenas imperfeições facilmente removíveis em Avonlea e em seus habitantes. Mas era uma coisa completamente diferente ouvir um

legítimo forasteiro como Mr. Harrison dizer isso. — Considero Avonlea um lugar adorável, e os habitantes daqui são muito agradáveis também.

— Creio que a senhorita tem um temperamento apimentado – comentou o homem, sondando as bochechas coradas e os olhos indignados à sua frente. — Presumo que combina com um cabelo como o seu. Avonlea é um lugar muito decente, ou eu não teria me situado aqui. Mas suponho que até mesmo a senhorita admitirá que o vilarejo tem *alguns* defeitos, não é mesmo?

— Eu gosto ainda mais de Avonlea por este motivo – respondeu a leal Anne. — E também não gosto de pessoas e lugares sem defeitos. Penso que uma pessoa verdadeiramente perfeita não deve ser muito interessante. Mrs. Milton White diz que ela nunca encontrou uma pessoa perfeita, mas que ouviu muito a respeito de uma... a primeira esposa do marido. O senhor não acha que deve ser muito desconfortável ser casada com um homem cuja primeira esposa era perfeita?

— Seria mais desconfortável ser casado com a esposa perfeita – declarou Mr. Harrison, com uma veemência repentina e inexplicável.

Quando o chá terminou, Anne insistiu em lavar a louça, apesar do anfitrião assegurar-lhe de que tinha o suficiente para durar por semanas. Também teria adorado varrer o assoalho, mas não havia nenhuma vassoura visível e ela não gostaria de perguntar onde estava, por receio de ouvir que não existia nenhuma na casa.

— A senhorita deve vir aqui conversar comigo de vez em quando – ele sugeriu, quando Anne estava saindo. — Não é muito longe, e os vizinhos devem ser amistosos. Estou interessado nessa sociedade de vocês. Parece-me que vai ser muito divertido. *Quem* vocês vão encarar primeiro?

— Nós não vamos nos intrometer com as *pessoas*... temos intenção de melhorar somente os *lugares* – disse Anne, em tom de dignidade. Ela realmente suspeitava que Mr. Harrison estivesse zombando do projeto.

Quando ela saiu, Mr. Harrison ficou observando-a pela janela... um contorno delgado e feminino, saltitando pelos campos no arrebol do poente.

— Sou um velho solitário, rabugento e intragável – disse, em voz alta –, mas há algo nesta garotinha que me faz sentir jovem novamente... e é uma sensação tão agradável, que eu gostaria de voltar a sentir de vez em

quando.

— *Ruivinha insignificante* – resmungou o zombeteiro Ginger.

Mr. Harrison ameaçou o papagaio com o punho.

— Seu pássaro genioso – murmurou –, quem me dera ter torcido seu pescoço quando meu irmão marinheiro o trouxe para casa! Você nunca vai parar de me envolver em confusões?

Anne correu alegremente para casa e contou suas aventuras a Marilla, que estava um pouco alarmada pela sua longa ausência e prestes a sair para procurá-la.

— Este mundo é muito bom, apesar de tudo; não é, Marilla? – concluiu Anne, com ar contente. — Outro dia, Mrs. Lynde queixou-se de que não se pode esperar muito do mundo. Ela disse que todas as vezes que ansiava por algo prazeroso, o desapontamento era quase certo... talvez isso seja verdade. Mas tudo tem seu lado bom, também. As coisas ruins tampouco atingem suas expectativas, e quase sempre acabam sendo muito melhores do que imaginávamos. Eu esperava por uma experiência terrivelmente desagradável quando fui até Mr. Harrison esta tarde. E, ao invés disso, ele foi muito gentil e eu quase me diverti... creio que seremos realmente bons amigos, se fizermos várias concessões um ao outro. E tudo acabou da melhor forma possível! Entretanto, Marilla, eu certamente nunca mais venderei uma vaca antes de ter certeza de quem é o dono. E eu *não gosto* de papagaios!

Capítulo IV

Opiniões Diferentes

Num fim de tarde, ao pôr do sol, Jane Andrews, Gilbert Blythe e Anne Shirley demoravam-se junto a uma cerca, à sombra dos galhos de abetos levemente agitados pela brisa, onde um atalho no bosque – conhecido como Rota das Bétulas – se juntava à estrada principal. Jane viera passar a tarde com Anne, que agora acompanhava a amiga até uma parte do caminho de regresso, e encontraram-se com Gilbert quando passavam pela cerca. Os três estavam conversando sobre a fatídica manhã, pois a manhã seguinte seria a primeira de setembro, quando começavam as aulas. Jane iria para Newbridge e Gilbert para White Sands.

— Vocês dois têm certa vantagem – suspirou Anne. — Irão lecionar para crianças que não conhecem, mas eu terei por alunos os meus antigos companheiros, e Mrs. Lynde disse que tem medo de que eles não me respeitem como o fariam com um estranho, a menos que eu seja muito severa desde o princípio. Mas não creio que uma professora deva ser severa. Oh, parece-me tanta responsabilidade!

— Creio que vamos nos sair muito bem – disse Jane, tentando confortar a amiga. Ela não se preocupava e não possuía nenhuma aspiração de ser uma influência benéfica. Sua intenção era ganhar o salário de forma digna, agradar os membros do conselho diretor e ter o nome escrito no Rol de Honra do Inspetor da Escola. Jane não tinha maiores ambições. — O mais importante é manter a ordem, e um professor tem que ser um pouco severo para conseguir isso. Se meus alunos não fizerem o que digo, eu os castigarei.

— Como?

— Com uma boa palmatória, é claro.

— Oh, Jane, você não faria isso! – exclamou Anne, chocada. — Jane, você *não poderia*!

— De fato, eu poderei e farei, se eles pedirem por isso – respondeu Jane, de modo decidido.

— Eu *nunca* conseguiria açoitar uma criança! – redarguiu Anne, igualmente decidida. — Não acredito nesse método, de jeito nenhum! Miss

Stacy nunca surrou nenhum de nós, e ela mantinha a ordem perfeitamente. E Mr. Phillips, ao contrário, estava sempre usando a palmatória e não tinha nenhum controle. Não, se eu não conseguir manter a ordem sem palmatória, desistirei de tentar lecionar. Existem maneiras melhores de conduzir os alunos. Tentarei conquistar a afeição de meus pupilos, e então eles *desejarão* fazer o que eu lhes disser.

— Mas suponha que não queiram? – perguntou a prática Jane.

— Em qualquer caso, eu não os açoitaria. Estou certa de que isso não faria nenhum bem. Oh, Jane, não use a palmatória em seus alunos, querida Jane, não importa o que eles façam!

— O que você tem a dizer sobre isto, Gilbert? – exigiu Jane. — Não acha que existem crianças que realmente precisam de uma surra de vez em quando?

— Você não acha que açoitar uma criança... *qualquer* criança, é uma atitude cruel e bárbara? – indagou Anne, com o rosto enrubescido de fervor.

— Bem, há algo a ser dito em ambos os casos – respondeu Gilbert, lentamente, dividido entre suas reais convicções e o desejo de corresponder aos ideais de Anne. — Não creio que devamos açoitar *muito* as crianças. Eu acho, como você disse, Anne, que existem maneiras melhores de conduzir a classe como regra, e que a punição corporal deve ser o último recurso. Mas, por outro lado, como disse Jane, creio que exista uma ou outra criança que não se deixa influenciar por qualquer outro modo e que precisa de uma surra, e que se tornará uma pessoa melhor por isso. A punição corporal como último recurso será a minha regra.

Gilbert, ao tentar agradar os dois lados, sucedeu, como de costume, em não agradar nenhum. Jane balançou a cabeça.

— Eu açoitarei meus alunos quando forem desobedientes. É o caminho mais curto e fácil de convencê-los.

Anne lançou um olhar desapontado para Gilbert.

— Eu nunca açoitarei uma criança – ela repetiu, com firmeza. — Estou segura de que não é uma atitude correta e nem necessária.

— E, supondo que um menino lhe responda com atrevimento quando você lhe ordenar a fazer alguma tarefa...? – inquiriu Jane.

— Eu o manterei na sala após o término da aula e conversarei com calma e firmeza. Existe algo bom em cada pessoa, se você quiser

descobrir; e é o dever de um professor encontrá-lo e desenvolvê-lo. Você sabe que foi isso que disse o nosso professor de Gerenciamento Escolar, na Queen's. Você acredita mesmo que pode encontrar bondade numa criança ao açoitá-la? É muito mais importante influenciá-la corretamente do que ensinar-lhe os três R's[4], como disse o Professor Rennie.

— Mas o Inspetor irá avaliar se sabem os três R's, não é mesmo? E ele não fará um bom relatório do seu desempenho se os alunos não estiverem de acordo com os padrões – protestou Jane.

— Ao invés de figurar no Rol de Honra, eu prefiro que meus alunos me amem e que se lembrem de mim ao olhar para trás como alguém que contribuiu com a vida deles – afirmou Anne, decididamente.

— Você não punirá as crianças de maneira nenhuma, quando se comportarem mal? – perguntou Gilbert.

— Oh, sim, creio que terei de fazê-lo, apesar de saber que odiarei isso! Mas posso mantê-las na sala durante o recreio, ou colocá-las de pé no canto do estrado, ou mandar que escrevam frases.

— Suponho que você não castigará as meninas mandando que se sentem com os meninos, não é mesmo? – disse Jane, maliciosamente.

Gilbert e Anne olharam um para o outro e sorriram, um tanto embaraçados. Uma vez, Anne havia sido obrigada a sentar-se com Gilbert como punição, e as consequências disso foram apenas tristeza e amargura.

— Bem, o tempo dirá qual é a melhor maneira – concluiu Jane, filosoficamente, quando se despediram.

Anne voltou para Green Gables pela Rota das Bétulas, sombria, sussurrante e com aroma de samambaias, seguindo através do Vale das Violetas e passando pelo Charco do Salgueiro, onde luz e escuridão se beijavam sob os pinheiros, e finalmente pela Travessa dos Amantes... lugares que ela e Diana haviam batizado, tanto tempo atrás. Anne caminhava lentamente, desfrutando da doçura do bosque e do campo, bem como do estrelado crepúsculo de verão, pensando sobriamente sobre os novos desafios que enfrentaria pela manhã. Quando chegou ao quintal de Green Gables, os tons elevados e decididos da voz de Mrs. Lynde flutuaram através da janela aberta da cozinha.

"Mrs. Lynde veio para me dar um bom conselho para amanhã", pensou Anne, com um sorriso, "mas não creio que eu deveria entrar. Seus conselhos são como pimenta, eu acho... excelentes em pequenas

quantidades, mas muito ardidos em altas dosagens. Ao invés disso, irei até Mr. Harrison para prosear com ele.”

Esta não era a primeira vez que Anne ia ver Mr. Harrison para conversar desde o notável assunto da vaca Jersey. Tinha passado muitas tardes com ele e haviam se tornado muito bons amigos, apesar de haver momentos e situações em que Anne pensava que a franqueza da qual ele tanto se orgulhava era um pouco penosa. Ginger continuava tratando Anne com suspeitas, e nunca falhava em saudá-la sarcasticamente como *“ruivinha insignificante”*. Mr. Harrison tinha tentando em vão dissuadi-lo de tal hábito, saltando empolgado todas as vezes que via Anne chegando, e exclamando:

— Pela minha alma, aí vem aquela linda mocinha novamente! – ou algo igualmente lisonjeiro. Mas Ginger logo percebeu o plano e o menosprezou. Anne nunca saberia quantos elogios Mr. Harrison lhe fez pelas costas. Ele certamente nunca a elogiou em sua presença.

— Bem, presumo que tenha ido ao bosque recolher um bom suprimento de varas finas para amanhã? – foi sua saudação, enquanto Anne subia os degraus da varanda.

— Certamente não – respondeu, indignada. Ela era um excelente alvo para provocações, porque sempre levava as coisas muito à sério. — Eu nunca usarei uma vara na minha escola, Mr. Harrison. É claro que terei uma vara *para apontar*, que será usada *somente* para apontar.

— Então, ao invés disso, a senhorita irá açoitá-los com um cinto? Bem, não sei, mas está certa. A vara causa uma dor aguda na hora, mas o cinto arde por mais tempo, isso é fato.

— Eu não usarei nada do tipo! Não açoitarei meus alunos!

— Santo Deus! – ele exclamou, genuinamente surpreso. — Então, como pretende manter a disciplina na sala?

— Eu governarei pela afeição, Mr. Harrison.

— Não vai funcionar. Não vai mesmo, Miss Anne. *“Dispense o castigo e estrague a criança*[5]*.”* Quando eu ia para a escola, o professor me açoitava praticamente todos os dias, pois dizia que se eu não estava fazendo travessuras, eu as estava preparando.

— Os métodos têm mudado desde os seus dias de escola, Mr. Harrison.

— Mas a natureza humana não. Escreva o que eu digo: a senhorita

nunca conseguirá domar esse bando de jovens, a menos que mantenha uma vara para ajustar as contas com eles. É impossível.

— Bem, tentarei do meu jeito primeiro – respondeu Anne, que tinha uma forte determinação e era capaz de aferrar-se muito tenazmente às suas teorias.

— Imagino que a senhorita seja bem teimosa – foi a forma que Mr. Harrison encontrou para se expressar. — Bem, bem, isso nós veremos. Um dia, quando ficar bem exasperada – e as pessoas com o cabelo da cor do seu são irremediavelmente inclinadas a se exasperar – a senhorita se esquecerá de todas as suas belas noçõezinhas, e dará uma sova em alguns deles. De qualquer modo, a senhorita é muito jovem para lecionar... muito jovem e infantil.

Naquela noite, Anne foi para a cama muito pessimista, de modo geral. Ela dormiu mal e estava tão pálida e trágica no desjejum da manhã seguinte, que Marilla ficou preocupada e insistiu que ela bebesse uma xícara bem quente de chá de gengibre. Anne bebeu em pequenos goles, pacientemente, apesar de não conseguir imaginar que bem o chá de gengibre poderia fazer. Se fosse alguma infusão mágica e potente para lhe conferir idade e experiência, Anne teria engolido um quarto da xícara sem fazer careta.

— Marilla, e se eu falhar?

— Você dificilmente falhará por completo num único dia, e haverá muitos outros dias pela frente – disse Marilla. — Seu problema, Anne, é que você espera ensinar tudo àquelas crianças e corrigir imediatamente todas as faltas delas; e, se não conseguir, certamente pensará que falhou.

Capítulo V

Uma Professora de Corpo e Alma

Quando Anne chegou à escola naquela manhã, pela primeira vez em sua vida tinha cruzado a Rota das Bétulas surda e cega aos seus encantos… tudo estava quieto e silencioso. A professora anterior havia treinado as crianças para estarem em seus lugares no momento em que ela chegasse e, quando Anne entrou na sala de aula, foi prontamente confrontada por empertigadas fileiras de “resplandecentes carinhas matinais” e inquisitivos olhos brilhantes. Ela pendurou o chapéu e virou-se para os alunos, na esperança de não parecer tão assustada e tola quanto se sentia, e que eles não percebessem o quanto ela tremia.

Anne tinha ficado sentada até quase meia-noite na véspera, redigindo o discurso de início das aulas que desejava fazer para os alunos. Ela o havia revisado e corrigido cuidadosamente, e então o memorizou. Era um discurso muito bonito e continha excelentes ideais, especialmente sobre ajuda mútua e fervoroso esforço para obter conhecimento. O único problema é que, agora, ela não conseguia se lembrar de nenhuma palavra.

Após o que pareceu um ano – uns dez segundos, na realidade –, Anne disse vagamente: “Peguem suas Bíblias, por favor” e mergulhou ofegante em sua cadeira, encoberta pela algazarra e pelo ressoar da tampa das carteiras que se seguiram. Enquanto as crianças liam os versículos, Anne pôs em ordem seus sentidos instáveis e observou o grupo de pequenos peregrinos que seguiam até a Terra do Conhecimento.

A maioria deles era, obviamente, muito bem conhecida por ela. Seus colegas de classe haviam terminado os estudos no ano anterior, mas o restante tinha ido à escola com ela, exceto as crianças da primeira série e dez recém-chegados a Avonlea. Anne secretamente sentiu maior interesse nestes dez do que naqueles cujas possibilidades já estavam bem mapeadas à sua frente. A bem da verdade, estes meninos talvez fossem tão simplórios quanto o resto; mas, por outro lado, *talvez* pudessem existir gênios entre eles, e esta era uma ideia empolgante.

Sentado sozinho à uma carteira no canto, estava Anthony Pye. Ele tinha uma carinha sombria e carrancuda, e encarava a nova professora com

uma expressão hostil nos olhos negros. Anne instantaneamente decidiu que iria ganhar a afeição daquele menino, e, assim, desconcertar completamente a família Pye.

No canto oposto, outro garoto desconhecido estava sentado com Arty Sloane. Um rapazinho com ar jovial, de nariz arrebitado, cheio de sardas, com olhos azuis grandes e iluminados, ornados com pestanas claras: provavelmente era o menino Donnell, e se a *aparência* valer de alguma coisa, sua irmã estava sentada no outro lado do corredor, com Mary Bell. Anne se questionou que tipo de mãe a criança tinha, para mandá-la à escola vestida naquele estilo. A menina usava um vestido de seda rosa pálido, enfeitado com uma grande quantidade de rendas de algodão, sapatilhas brancas ligeiramente sujas e meias de seda. Seu cabelo cor de areia fora torturado em inumeráveis cachos retorcidos e artificiais, arrematados por um extravagante laçarote rosa maior do que sua cabeça. A julgar por sua expressão, a menina estava muito satisfeita com a própria aparência.

Uma garotinha pálida, com um lindo cabelo castanho-amarelado, sedoso e ondulado que flutuava sobre os ombros, devia ser, pensou Anne, Annetta Bell. Os pais dela tinham vivido anteriormente no distrito escolar de Newbridge, mas agora, por terem se mudado para uma casa que ficava a cinquenta jardas ao norte de seu antigo lar, estavam em Avonlea. Três pálidas garotinhas sentadas num único banco eram certamente da família Cotton, e não havia dúvidas de que a pequena beldade com longos cachos castanhos e olhos cor de avelã, que lançava olhares de coquete para Jack Gills por cima de sua Bíblia, era Prillie Rogerson. Seu pai recém se casara novamente e trouxera Prillie da casa da avó, em Grafton, para viver com ele e sua segunda esposa. Uma mocinha alta e desengonçada, sentada no último banco, que parecia ter muitos pés e mãos, Anne não conseguiu reconhecer; mas, mais tarde, descobriu que seu nome era Barbara Shaw e que ela viera morar com uma tia que residia em Avonlea. Também foi capaz de perceber que, se Barbara alguma vez conseguisse caminhar pelo corredor sem tropeçar em seus próprios pés, ou nos de alguém, os alunos de Avonlea escreviam o fato raro no alpendre para comemorar.

Mas quando os olhos de Anne encontraram os do menino sentado à carteira que ficava diante da sua, ela sentiu um estranho calafrio, como se tivesse encontrado seu gênio. Anne sabia que este devia ser Paul Irving, e

que Mrs. Rachel Lynde tinha razão pelo menos uma vez na vida, quando profetizou que ele seria diferente das crianças de Avonlea. Mais do que isso: Anne notou que ele era diferente das outras crianças de qualquer lugar e que ali havia uma alma levemente semelhante à sua, observando-a muito atentamente com seus olhos azuis escuros.

Anne sabia que Paul tinha dez anos, mas não parecia ter mais do que oito. O rosto dele era o mais bonito que ela já havia visto em uma criança: feições de extraordinária delicadeza e refinamento, emolduradas por uma auréola de cachos castanhos. Sua boca era delicada, sendo cheia sem parecer grosseira, com lábios cor de carmim que se uniam suavemente e se curvavam, afinando nos cantinhos estreitos que quase formavam covinhas. Ele tinha uma expressão séria, grave e meditativa, como se seu espírito fosse muito mais velho do que seu corpo. Mas quando Anne sorriu suavemente para ele, toda a seriedade se dissipou; e, em resposta, o menino deu um sorriso que pareceu iluminar todo o seu ser, como se uma lâmpada tivesse sido acesa subitamente dentro dele, irradiando sua luz da cabeça aos pés. O melhor de tudo é que esse sorriso havia sido involuntário, sem nenhum motivo ou esforço externo, mas simplesmente a irrupção de uma personalidade escondida, rara, boa e doce. Com esta rápida troca de sorrisos, Anne e Paul cimentaram sua amizade para sempre, antes mesmo de haverem trocado uma palavra.

O dia passou como se fosse um sonho. Anne não pôde se lembrar claramente de como foi. Quase lhe parecia que era outra pessoa lecionando, e não ela. Anne tomou lições, trabalhou com somas e ordenou que copiassem mecanicamente. As crianças se comportaram muito bem, tendo ocorrido somente dois casos de indisciplina. Morley Andrews foi pego conduzindo um par de grilos amestrados no corredor. Anne deixou Morley no canto do estrado por uma hora e – o que foi mais penoso para o garoto – confiscou seus grilos. Ela colocou os insetos numa caixa e soltou-os no Vale das Violetas; mas, daquele dia em diante, Morley acreditou que Anne os havia levado para casa e criado para seu próprio divertimento.

O outro culpado foi Anthony Pye, que derramou o último gole de sua garrafa d’água na nuca de Aurelia Clay. Anne deixou Anthony sem recreio e conversou com ele sobre o comportamento esperado de um cavalheiro, advertindo-o de que estes nunca derramavam água no pescoço das damas. Ela disse que queria que todos os meninos de sua classe fossem

cavalheiros. Seu pequeno sermão foi gentil e tocante; contudo, infelizmente, Anthony permaneceu absolutamente insensível. O garoto a ouviu em silêncio, com a mesma expressão rabugenta, e assobiou desdenhosamente quando saiu. Anne suspirou, e então se reanimou, lembrando-se de que ganhar a afeição de um Pye, assim como a construção de Roma, não era trabalho de um único dia. De fato, era duvidoso que alguns dos Pyes tivessem qualquer afeição para ser conquistada – mas Anne esperava coisas melhores de Anthony, que parecia ser um bom menino, se alguém conseguisse ultrapassar sua barreira de azedume.

Quando a aula acabou e as crianças saíram, Anne caiu na cadeira, fatigada. Sua cabeça doía e ela se sentia deploravelmente desencorajada. Não havia nenhuma razão real para sentir-se assim, considerando que nada muito terrível tinha acontecido. Mas a jovem estava exausta e inclinada a acreditar que nunca aprenderia a ensinar. E quão terrível seria fazer algo que não gostava todos os dias, durante... bem, digamos, quarenta anos. Anne não estava certa se chorava ali, naquele momento, ou se esperava até que estivesse segura em casa, em seu próprio quartinho branco. Antes que pudesse decidir, escutou uma batida de sapatos de salto e um farfalhar de roupas de seda no assoalho do alpendre, e de repente estava sendo confrontada por uma dama cuja aparência a fez recordar de uma recente crítica de Mr. Harrison sobre as mulheres muito bem vestidas que tinha visto numa loja em Charlottetown: *"Ela parecia a colisão frontal entre uma perua e um pesadelo."*

A recém-chegada estava suntuosamente trajada num vestido de verão de seda azul pálido, com mangas bufantes, cheio de babados e franzidos, onde quer que babados e franzidos pudessem ser colocados. A cabeça estava adornada por um grande chapéu de *chiffon* branco, enfeitado com três longas penas duras de avestruz. Um véu de *chiffon* rosado com pintas pretas generosamente espalhadas, pendendo como um babado desde a aba do chapéu até seus ombros, caía em duas faixas esvoaçantes atrás da cabeça. Ela usava, também, todas as joias que cabiam em uma mulher de baixa estatura, e seu perfume era muito forte.

— Eu sou Mrs. Don*NELL*... Mrs. H. B. Don*NELL* – anunciou a visão, dando ênfase à última sílaba do sobrenome – e vim vê-la em razão de algo que Clarice Almira me contou quando foi jantar conosco hoje. Algo que me incomodou *profundamente*.

— Sinto muito – gaguejou Anne, vagamente tentando se lembrar de qualquer incidente da manhã relacionado com as crianças Donnell.

— Clarice Almira contou-me que a senhorita pronunciou nosso sobrenome *Don*nell. Ora, Miss Shirley, a pronúncia correta do nosso sobrenome é Don*nell,* com a última sílaba tônica. Espero que a senhorita se lembre disso no futuro.

— Eu tentarei – arfou Anne, sufocando um desejo insano de rir. — Sei por experiência própria que é muito desagradável ter o nome *soletrado* de forma errada, e suponho que deva ser pior ainda tê-lo pronunciado errado.

— Certamente é. E Clarice Almira também me informou que a senhorita chamou meu filho de Jacob.

— Ele me disse que seu nome era Jacob – protestou Anne.

— Eu deveria saber – respondeu Mrs. H. B. Donnell, num tom que significava que a gratidão não era virtude a ser encontrada nas crianças dessa geração degenerada. — Aquele garoto tem modos de plebeu, Miss Shirley. Quando ele nasceu, eu quis que seu nome fosse St. Clair... soa *tão* aristocrático, não é mesmo? Mas o pai insistiu que ele se chamasse Jacob, por causa de seu tio. Tive que concordar, porque o Tio Jacob era um velho rico e solteirão. E a senhorita acredita, Miss Shirley? Quando nosso inocente menino tinha cinco anos, o velho Tio Jacob se casou, e agora tem três filhos! Já ouviu tamanha ingratidão? No momento em que chegou o convite do casamento na minha casa – pois ele teve a impertinência de enviar-nos um convite, Miss Shirley – eu disse: *"Sem mais Jacobs para mim, obrigada!"* Daquele dia em diante chamo meu filho de St. Clair, e estou determinada a chamá-lo desta maneira. O pai continua obstinadamente a chamá-lo de Jacob, e o menino mesmo tem uma incompreensível preferência por esse nome vulgar. Mas St. Clair ele é, e St. Clair ele continuará sendo. A senhorita lembrar-se-á disso, por gentileza, não é mesmo? *Muito agradecida*. Eu disse a Clarice Almira que estava certa de que havia sido um mal-entendido, e que uma palavrinha acertaria as coisas. Don*nell,* com a última sílaba tônica, e St. Clair – em hipótese alguma Jacob. Irá lembrar-se? *Muito agradecida.*

Quando Mrs. H. B. Don*nell* se retirou, Anne fechou a porta da escola e foi para casa. Ao pé da colina, encontrou-se com Paul Irving na Rota das Bétulas. O garoto entregou-lhe um ramalhete de delicadas

orquídeas silvestres, as quais as crianças de Avonlea chamavam de “lírios de arroz”.

— Por favor, professora, aceite-as – ele disse, timidamente. — Eu as encontrei no campo de Mr. Wright e voltei para entregá-las à senhorita, pois pensei que a senhorita seria o tipo de moça que iria gostar dessas flores, e porque... – prosseguiu, levantando seus lindos olhos – eu gosto da senhorita, professora.

— Oh, querido! – exclamou Anne, sentindo a fragrância das flores. Ao ouvir as palavras de Paul, o desânimo e a apatia deixaram seu espírito como num passe de mágica, e a esperança abundou em seu coração como uma fonte dançante. Ela andou pela Rota das Bétulas a passos rápidos, acompanhada pela doçura de suas orquídeas como uma graça divina.

— Bem, como você se saiu? – Marilla quis saber.

— Pergunte-me daqui a um mês, e talvez eu consiga dizer. Agora não consigo... eu mesma não sei... ainda estou digerindo. Sinto como se meus pensamentos tivessem sido chacoalhados até que estivessem turvos e desnorteados. A única coisa que sinto ter realmente realizado hoje é ter ensinado a Cliffie Wright que A é A. Ele não sabia disso antes. Não é algo importante ter iniciado uma alma em um caminho que pode acabar em Shakespeare e no *Paraíso Perdido*[6]?

Mrs. Lynde veio mais tarde com mais encorajamento. A boa senhora surpreendeu as crianças da escola ao passarem por seu portão, indagando-as sobre o quanto tinham gostado da nova professora.

— E cada um deles disse que gostou muitíssimo de você, Anne, exceto Anthony Pye. Devo admitir que ele não gostou. O menino disse que você *“não tem nada de bom, como todas as outras moças que são professoras”*. Esse é o veneno dos Pye para você. Mas não dê importância.

— Não vou me importar – respondeu Anne, tranquilamente –, ainda farei Anthony Pye gostar de mim. A paciência e a gentileza certamente o conquistarão.

— Bem, você nunca pode pôr a mão no fogo por um Pye – replicou Mrs. Lynde, cuidadosamente. — Sempre são do avesso, como os sonhos, geralmente. Com relação a essa senhora Don*nell*, nada irá me convencer a chamá-la de Don*nell*, posso assegurar-lhe. O sobrenome é *Don*nell, como sempre foi. A mulher é louca, isto é que é! Ela tem um cachorro da raça pug que se chama Queenie, e o animal come na mesa junto com a família,

em um prato de porcelana! Eu temeria julgamentos, se fosse ela. Thomas disse que o Donnell é um homem sensato e trabalhador, mas não teve muito bom senso quando escolheu a esposa, isto é que é.

Capítulo VI

Todos os Tipos e Condições de Homens...e Mulheres

Um dia de setembro nas colinas da Ilha de Prince Edward. Um vento refrescante vindo do oceano soprava sobre as dunas de areia. Uma longa estrada de terra vermelha serpenteava por campos e bosques, ora rodeando um rincão de grossos abetos, ora ziguezagueando uma plantação de jovens bordos com grandes folhas macias de samambaias debaixo deles, ora afundando em um vale onde um riacho surgia dos bosques e entrava novamente entre as árvores, ora aquecendo-se na luz do sol em céu aberto, entre faixas de hastes douradas e ásteres de cor azul-esfumaçado. O ar vibrava com o estrídulo de uma miríade de grilos, aqueles pequenos e alegres inquilinos das colinas estivais. Um rechonchudo cavalo castanho cavalgava a passo lento ao longo da estrada com duas mocinhas à sua garupa, que sentiam-se plenas com a simples e inestimável alegria da juventude e da vida.

— Oh, este é um dia que parece ter sido retirado do Éden, não é, Diana? – e Anne suspirou de puro contentamento. — A mágica está pairando no ar. Olhe o lilás no fundo do vale da colheita, Diana. E, oh, sinta o aroma dos pinheiros secando! Está vindo daquela pequena baixada ensolarada onde Mr. Eben Wright está cortando as estacas para as cercas. É um êxtase estar vivo num dia como este, mas o aroma dos pinheiros secando é o próprio paraíso! Isto é dois terços Wordsworth[7] e um terço Anne Shirley. Não é possível que haja pinheiros secando no céu, não é mesmo? E, ainda assim, não me parece que o céu seria completamente perfeito se não pudesse sentir o aroma dos pinheiros secando enquanto caminhamos por entre os bosques. Talvez tenhamos o aroma sem que eles precisem ser cortados. Sim, acho que esta é a solução. Este perfume delicioso deve ser a alma dos pinheiros... e, obviamente, haverá somente almas no céu.

— Árvores não têm almas – disse a pragmática Diana –, mas o perfume dos pinheiros mortos certamente é adorável. Vou fazer uma

almofada e enchê-la com folhas de pinheiro. Você pode fazer uma também, Anne.

— Acho que farei... e usarei quando tirar cochilos. Eu certamente sonharia que era uma dríade, ou uma ninfa da floresta. Mas neste exato minuto estou muito satisfeita em ser Anne Shirley, professora da escola de Avonlea, cavalgando por uma estrada como esta, num dia tão suave e adorável como este.

— É um dia lindo, mas a tarefa que temos diante de nós nada tem de agradável – suspirou Diana. — Por que diabos você se ofereceu para angariar pedidos nesta estrada, Anne? Quase todos os esquisitões de Avonlea moram por aqui, e provavelmente seremos tratadas como se estivéssemos mendigando para nós mesmas. Esta é a pior estrada de todas.

— E foi por isso que a escolhi. É claro que Gilbert e Fred teriam vindo para cá, se nós tivéssemos pedido a eles. Mas, veja, Diana, eu me sinto responsável pela S.M.A., considerando que fui a primeira a sugerir a criação da sociedade, e parece justo que eu deva realizar as tarefas mais desagradáveis. Sinto muito por tê-la envolvido nisso, mas você não precisa dizer nada nas casas dos esquisitões. Eu farei todo o discurso... Mrs. Lynde diria que eu sou muito boa nisso. Ela não sabe se aprova nossa iniciativa ou não. Sente-se inclinada a aprovar quando se lembra de que Mr. e Mrs. Allan estão apoiando, mas o fato das sociedades de melhorias dos vilarejos terem sido originadas nos Estados Unidos conta como ponto negativo. Então Mrs. Lynde fica hesitante entre estas duas opiniões, e somente o êxito nos justificará perante os olhos dela. Priscilla irá escrever uma ata na próxima reunião da sociedade, e espero que fique boa, pois sua tia é uma excelente escritora, e sem dúvida esse talento está no sangue. Nunca esquecerei da palpitação que senti quando descobri que Mrs. Charlotte E. Morgan era a tia de Priscilla. É tão maravilhoso ser amiga da moça que é sobrinha da autora de *Dias em Edgewood* e *O Jardim dos Botões de Rosa!*

— Onde mora Mrs. Morgan?

— Em Toronto. E Priscilla disse que ela virá até a Ilha para visitá-la no próximo verão; e, se for possível, Priscilla organizará um encontro para que possamos conhecê-la. Parece quase bom demais para ser verdade, mas é algo agradável de imaginar na hora de ir para a cama.

A Sociedade de Melhorias de Avonlea era um fato organizado.

Gilbert Blythe era o presidente, Fred Wright o vice-presidente, Anne Shirley a secretária e Diana Barry a tesoureira. Os *Melhoradores*, como foram prontamente batizados, reuniam-se a cada quinzena na casa de um dos membros. Eles admitiram que não poderiam esperar efetuar muitas melhorias agora, devido ao avançar do ano; contudo, esperavam planejar uma campanha para o próximo verão, coletar sugestões e discuti-las, escrever e ler atas e discursos, e, como dizia Anne, educar os sentimentos do público de modo geral.

Havia certa rejeição, obviamente, e – o que os Melhoradores sentiram mais profundamente – uma boa dose de ridículo. Souberam que Mr. Elisha Wright havia dito que o nome mais apropriado para a organização deveria ser "Clube de Paquera". Mrs. Hiram Sloane declarou que tinha ouvido falar que os Melhoradores queriam sulcar as margens de todas as estradas e plantar gerânios no lugar. Mr. Levi Boulter advertiu os vizinhos, dizendo que os Melhoradores insistiriam para que todos derrubassem a casa dele e a reconstruíssem após terem a planta aprovada pela sociedade. Mr. James Spencer mandou avisá-los que ele gostaria que o grupo tivesse a gentileza de capinar o morro da igreja. Eben Wright disse a Anne que ele queria que os Melhoradores conseguissem persuadir o velho Josiah Sloane a manter seu bigode aparado. Mr. Lawrence Bell disse que passaria uma demão de cal nos celeiros, se era isso que queriam, mas que *não* iria pendurar cortinas de renda nas janelas do estábulo. Mr. Major Spencer perguntou a Clifton Sloane, um Melhorador que transportava o leite para a fábrica de queijo de Carmody, se era verdade que todos teriam que ter as leiteiras pintadas à mão no próximo verão, cobertas por uma toalhinha bordada.

Apesar disso – ou, talvez, a natureza humana sendo o que é, *por causa disso* –, a Sociedade foi corajosamente ao trabalho na única melhoria que poderiam esperar realizar naquele outono. Na segunda reunião, na sala de visitas dos Barry, Oliver Sloane propôs que começassem a recolher contribuições para refazer o telhado e pintar o Salão de Avonlea. Julia Bell apoiou, com a sensação inquietante de que agia de modo um tanto impróprio para uma dama. Gilbert pôs a proposta em votação e foi aprovada unanimemente, e Anne anotou em suas minutas com seriedade. A próxima pauta era distinguir um comitê; e Gertie Pye, determinada a não deixar Julia Bell carregar todos os louros, sugeriu

ousadamente que Miss Jane Andrews presidisse o dito comitê. Sendo esta proposta também devidamente apoiada e votada, Jane devolveu a recomendação apontando Gertie para o comitê, junto com Gilbert, Anne, Diana e Fred Wright. O comitê escolheu suas rotas de ação em reunião secreta. Anne e Diana foram designadas para a estrada de Newbridge, Gilbert e Fred para a estrada de White Sands, e Jane e Gertie para a estrada de Carmody.

— Porque todos os Pyes vivem ao longo daquela estrada, e nenhum deles dará um centavo, a menos que um deles vá pedir – Gilbert explicou para Anne enquanto caminhavam juntos para casa através da Floresta Assombrada.

Anne e Diana saíram no sábado seguinte. Dirigiram-se para o final da estrada e foram de casa em casa, visitando primeiro as *moças* da família Andrews.

— Se Catherine estiver sozinha pode ser que consigamos algo – disse Diana –, mas não conseguiremos nada se Eliza estiver lá.

Eliza estava em casa, *bem presente*, e parecia ainda mais azeda do que de costume. Miss Eliza era uma daquelas pessoas que dão a impressão de que a vida é, de fato, um vale de lágrimas, e que um sorriso – que dirá uma gargalhada – era um desperdício de energia nervosa absolutamente repreensível. As Andrews tinham sido *moças* por cinquenta anos singulares, e parecia que iriam permanecer moças até o fim de suas jornadas terrestres. Diziam que Catherine não tinha perdido inteiramente as esperanças, mas Eliza, que nasceu sendo pessimista, nunca tivera nenhuma. Elas viviam numa casinha marrom construída num lugarejo remoto e ensolarado, escavado no bosque de faias de Mark Andrews. Eliza reclamava que a casa era terrivelmente quente no verão, mas Catherine tinha o hábito de dizer que era adorável e cálida no inverno.

Eliza estava costurando patchwork – não porque era necessário, mas simplesmente como um protesto contra a frívola renda de crochê que Catherine estava fazendo. Eliza ouviu com uma carranca, e Catherine com um sorriso, enquanto as garotas explicavam sua missão. A bem da verdade, cada vez que Catherine percebia o olhar de Eliza, ela apagava o sorriso numa confusa culpa; porém, no momento seguinte, ali estava ele de volta.

— Se tivesse dinheiro para desperdiçar – disse Eliza, sobriamente

–, eu o queimaria, talvez para divertir-me vendo as chamas; mas não daria um único centavo para arrumar aquele salão! Aquilo não traz nenhum benefício à comunidade... é só um lugar para os jovens se encontrarem e fazerem estardalhaço, quando seria melhor estarem em casa, dormindo em suas camas.

— Oh, Eliza, os jovens devem ter algum tipo de diversão – protestou Catherine.

— Não vejo necessidade. Nós não ficávamos zanzando em salões e praças quando éramos jovens, Catherine Andrews. Este mundo vai de mal a pior!

— Eu acho que está ficando cada vez melhor – retrucou Catherine, firmemente.

— *Você* acha! – a voz de Miss Eliza expressava extremo desdém. — Sua *opinião* não tem valor, Catherine Andrews! Fatos são fatos.

— Bem, sempre gosto de ver o lado bom de todas as coisas, Eliza.

— Não existe lado bom.

— Oh, é claro que existe! – bradou Anne, que não suportava ouvir tal heresia em silêncio. — Ora, existem tantas coisas boas, Miss Andrews. É realmente um mundo maravilhoso.

— Você não terá uma opinião tão elevada sobre o mundo quando tiver vivido nele tanto quanto eu vivi, e também não se empolgará tanto em melhorá-lo – retorquiu Miss Eliza, com acidez. — Como está sua mãe, Diana? Meu Deus, ela parece muito acabada nos últimos tempos. Está terrivelmente desanimada. E quanto tempo tardará até que Marilla fique completamente cega, Anne?

— Os médicos acham que seus olhos não vão piorar, se ela for cuidadosa – gaguejou Anne.

Eliza balançou a cabeça.

— Os médicos sempre falam assim, só para manter a pessoa animada. Eu não teria tanta esperança se fosse ela. É melhor estar preparada para o pior.

— Mas não devemos nos preparar para o melhor também? – apelou Anne. — É tão passível de acontecer quanto o pior.

— Não em minha experiência, e tenho cinquenta e sete anos de vivência contra os seus dezesseis – contestou Eliza. — Ah, já estão indo? Bem, espero que essa nova sociedade de vocês seja capaz de evitar que

Avonlea se afunde ainda mais, mesmo tendo poucas esperanças de que isso possa acontecer.

Anne e Diana felizmente se retiraram, e se afastaram dali o mais rápido que o cavalo gorducho conseguia ir. Quando passaram pela curva abaixo do bosque de faias, uma figura roliça se aproximou correndo pelo pasto de Mr. Andrews, acenando para elas com entusiasmo. Era Catherine Andrews, tão ofegante que mal conseguia falar, mas entregou duas moedas de vinte e cinco centavos na mão de Anne.

— Esta é a minha contribuição para a pintura do salão – disse, arfando. — Gostaria de doar um dólar, mas não me atreveria a pegar mais dinheiro da minha parte na venda dos ovos, pois Eliza descobriria. Estou realmente interessada na sociedade de vocês, e creio que farão muito bem! Eu sou uma otimista. *Tenho que ser*, vivendo com Eliza. Devo voltar correndo, antes que perceba que eu saí... ela acha que estou alimentando as galinhas. Espero que se saiam bem em sua coleta, e não se deixem abalar pelo que minha irmã disse. O mundo está ficando melhor... certamente está.

A próxima casa era a de Daniel Blair.

— Ora, tudo depende se a esposa dele está ou não em casa – disse Diana, enquanto passavam aos solavancos por uma vereda profundamente sulcada. — Se ela estiver, não conseguiremos nenhum centavo. Todo mundo diz que Dan Blair não ousa cortar o cabelo sem pedir-lhe permissão, e é certo que ela tem a mão bem fechada, ao gastar com moderação. Ela diz que tem que ser justa antes de ser generosa. Mas Mrs. Lynde diz que este “antes” é tão antes, que a generosidade nunca chega perto dela.

Naquela noite, Anne relatou para Marilla a experiência que tiveram na casa dos Blair:

— Nós atamos o cavalo e então batemos na porta da cozinha. Ninguém atendeu, mas a porta estava aberta e podíamos ouvir que havia alguém na despensa, agindo de forma estranha. Não conseguíamos distinguir as palavras, mas Diana disse que pareciam xingamentos, pelo que ela entendeu. Não pude acreditar que Mr. Blair dissesse tais coisas, pois ele é sempre tão calado e dócil! Por fim, descobrimos que ele estava num grande tormento. Marilla, quando o pobre homem saiu pela porta, vermelho como uma beterraba e com suor escorrendo pelo rosto, ele

estava usando um dos grandes aventais xadrez da esposa. *“Não consigo tirar este maldito avental”*, ele disse, *“pois os nós estão muito apertados, e não consigo soltá-los; então as senhoritas terão que me dar licença, mocinhas.”* Imploramos que ele não se importasse com isso, e nos sentamos, e Mr. Blair sentou-se também. Ele enrolou o avental e lançou-o para as costas, mas parecia tão envergonhado e preocupado que senti pena dele, e Diana temia que tivéssemos chegado num momento inconveniente. *“Oh, não tem problema”*, disse Mr. Blair, tentando sorrir... você sabe, ele é sempre muito educado. *“Estou um pouco atarefado, preparando-me para fazer um bolo. Minha esposa recebeu um telegrama hoje dizendo que sua irmã está chegando de Montreal esta noite, e foi à estação de trem para recebê-la. Ordenou, então, que eu fizesse um bolo para o chá. Ela escreveu a receita e me disse o que fazer, mas já me esqueci completamente da metade das instruções. E aqui diz: ‘tempere à gosto’. O que isso quer dizer? Como posso saber? E se o meu gosto não for o gosto dos outros? Será que uma colher de sopa de baunilha é suficiente para um pequeno bolo de camadas?”*

— Nunca senti tanta pena do homem. Ele não parecia estar em domínio de si mesmo. Já tinha ouvido falar de maridos dominados, e agora sei que conheci um. Estava na ponta da minha língua dizer a ele: *“Mr. Blair, se o senhor nos der um donativo para o salão, eu farei o bolo para o senhor.”* Mas logo pensei que não seria caridoso aproveitar-me de semelhante criatura em aflição. Então, ofereci-me para bater o bolo para ele sem nenhuma condição. Ele pulou de alegria diante da minha oferta! Disse que costumava fazer o próprio pão antes de se casar, mas temia que fazer um bolo estivesse muito além de seus talentos, e odiava desapontar a esposa. Deu-me um avental, e Diana bateu os ovos e eu misturei os ingredientes. Mr. Blair corria e nos alcançava tudo. Ele havia se esquecido completamente do avental que estava usando, e quando corria, o avental se agitava atrás dele, e Diana disse que pensou que ia morrer de tanto rir ao ver isso. Mr. Blair disse que conseguiria assar o bolo direitinho... estava acostumado a fazer isso... então, pediu a nossa lista e doou quatro dólares. Então, veja, nós fomos recompensadas. Entretanto, ainda que não tivéssemos recebido um único centavo, eu sentiria que nós tínhamos feito um verdadeiro ato de caridade ao ajudá-lo.

A casa de Theodore White era a próxima parada. Nem Anne e nem

Diana já tinham estado ali, e conheciam a esposa de Theodore White apenas de vista, pois ela não era dada a hospitalidades. Deviam entrar pela porta da frente ou pela dos fundos? Enquanto se consultavam em voz baixa, Mrs. Theodore apareceu na porta da frente com os braços cheios de jornais. Deliberadamente ela foi colocando as folhas de jornal, uma por uma, no assoalho e nos degraus da varanda, e então pelo caminho, até os pés das perplexas visitantes.

— Por favor, vocês podem limpar os pés cuidadosamente na grama, e então andar por cima dessas folhas de jornal? – perguntou, com ansiedade. — Acabei de varrer toda a casa, e não vou suportar ver mais sujeira. A rua está muito embarrada depois da chuva de ontem.

— Não se atreva a rir – advertiu Anne, num sussurro, enquanto caminhavam por cima do jornal. — E eu imploro, Diana, não olhe para mim, não importa o que ela diga, ou não serei capaz de manter uma expressão séria.

Os jornais se estendiam por todo o corredor e adentravam até uma sala de visitas impecavelmente arrumada. Anne e Diana sentaram-se com muito cuidado nas cadeiras mais próximas e explicaram sua missão. Mrs. White ouviu-as educadamente, interrompendo apenas duas vezes: uma para perseguir uma mosca que se aventurara a entrar, e outra para pegar um minúsculo tufo de grama que havia caído do vestido de Anne sobre o tapete. Anne sentiu-se deploravelmente culpada, mas Mrs. White assinou e doou dois dólares.

— Ela doou para evitar que nós tivéssemos que voltar para buscá-los – concluiu Diana, quando saíram dali. Mrs. White tinha recolhido os jornais antes mesmo das meninas desatarem o cavalo, e enquanto saíam do jardim, viram-na muito ocupada passando a vassoura pelo corredor. — Sempre ouvi dizer que Mrs. Theodore White era a mulher mais asseada do mundo, e agora acredito nisso – prosseguiu Diana, liberando sua risada suprimida tão logo lhe pareceu seguro.

— Estou contente que ela não tenha filhos – disse Anne, solenemente. — Seria terrível demais para eles, tão terrível que nenhuma palavra poderia descrever.

Na casa da família Spencer, Mrs. Isabella Spencer fê-las passar um mau bocado dizendo algo maldoso sobre cada pessoa de Avonlea. Mr. Thomas Boulter recusou-se a fazer qualquer contribuição porque o salão,

na época da construção, vinte anos antes, não fora construído no local onde ele havia recomendado. Mrs. Esther Bell, que era o próprio retrato da saúde, passou meia hora detalhando suas dores e pesares, e tristemente doou cinquenta centavos, porque no ano seguinte não estaria ali para fazer isso – porque, até lá, já estaria em seu túmulo.

Entretanto, a pior recepção que tiveram foi na casa de Simon Fletcher. Quando entraram no quintal, viram dois rostos que as observavam pela janela da varanda. Mas apesar de terem batido e esperado, paciente e persistentemente, ninguém abriu a porta. Foram duas mocinhas decididamente irritadas e indignadas que saíram da casa de Simon Fletcher. Até mesmo Anne admitiu que estava começando a sentir-se desencorajada. Mas a maré virou após esse incidente. Foi a vez de diversas casas da família Sloane, onde conseguiram generosas doações, e dali até o final se saíram muito bem, com um ou outro tropeço. Sua última visita foi na casa de Robert Dickson, ao lado da ponte sobre o açude. As jovens ficaram para o chá, apesar de estarem perto de casa, para não arriscar ofender Mrs. Dickson, que tinha a reputação de ser uma mulher muito sensível.

Enquanto estavam lá, chegou a velha Mrs. James White.

— Acabei de sair da casa de Lorenzo – anunciou. — Ele é o homem mais orgulhoso de Avonlea neste momento. O que vocês acham? Nasceu um novo rapazinho por lá... e depois de terem tido sete meninas, posso garantir que este é realmente um grande acontecimento!

Anne aguçou os ouvidos, e quando se retiraram dali, ela disse:

— Vamos diretamente à casa de Lorenzo White.

— Mas ele mora na estrada de White Sands, e está muito longe da nossa rota! – protestou Diana. — Gilbert e Fred irão visitá-lo para angariar fundos.

— Eles não passarão por lá até o próximo sábado, e então já será muito tarde – justificou Anne, firmemente. — Vai deixar de ser uma novidade. Lorenzo White é terrivelmente mesquinho, mas irá doar *qualquer coisa* nesta ocasião. Não devemos deixar escapar uma oportunidade de ouro como essa, Diana!

O resultado justificou a previsão de Anne. Mr. White encontrou-as no jardim, com o sorriso tão brilhante quanto o sol num domingo de Páscoa. Quando Anne pediu a doação, ele concordou com entusiasmo.

— Certamente, certamente! Ponha um dólar a mais em cima da maior doação que vocês receberam.

— Isso vai dar cinco dólares... Mr. Daniel Blair doou quatro – respondeu Anne, com receio. Mas Lorenzo não se esquivou.

— Cinco então será... e aqui está o dinheiro! Agora, quero que entrem em minha casa. Há algo lá dentro que vale a pena ver... algo que poucos já viram. Venham, e me deem sua opinião!

— O que diremos se o bebê não for bonito? – sussurrou Diana, tremendo, enquanto seguiam o empolgado Lorenzo para dentro da casa.

— Oh, certamente haverá algo bom a dizer sobre ele – disse Anne, com tranquilidade. — Sempre há algo bonito nos bebês.

O menino era bonito, e Mr. White sentiu que seus cinco dólares eram *dignos* do honesto encantamento das jovens pelo rechonchudo recém-chegado. Mas aquela foi a primeira, última e única vez na vida que Lorenzo White doou alguma coisa.

Anne, cansada como estava, fez ainda um último esforço pelo bem público naquele anoitecer, cruzando os campos para ver Mr. Harrison. Encontrou-o, como de costume, fumando o cachimbo na varanda com Ginger ao seu lado. Precisamente falando, sua casa ficava na estrada para Carmody, mas Jane e Gertie, que não o conheciam pessoalmente, salvo por relatos duvidosos, tinham rogado a Anne desesperadamente para que ela falasse com ele e pedisse uma doação.

Mr. Harrison, entretanto, recusou-se categoricamente a doar qualquer centavo, e todas as artimanhas de Anne foram em vão.

— Mas pensei que o senhor aprovasse nossa sociedade, Mr. Harrison! – ela resmungou.

— E aprovo... e aprovo... mas minha aprovação não é tão profunda a ponto de chegar até meu bolso, Miss Anne.

— Algumas experiências a mais como as que tive hoje me fariam tão pessimista quanto Miss Eliza Andrews – disse Anne ao seu reflexo no espelho de seu quarto, na hora de dormir.

Capítulo VII

O Senso de Dever

Anne se inclinou na cadeira, em uma amena tarde de outubro, e suspirou. Ela estava sentada diante de uma mesa coberta de livros e exercícios, mas as folhas cuidadosamente escritas que estavam à sua frente não tinham conexão aparente com estudos ou trabalhos da escola.

— Qual o problema? – perguntou Gilbert, entrando pela porta da cozinha bem a tempo de ouvi-la suspirar.

Anne enrubesceu e escondeu as folhas escritas debaixo das redações dos alunos.

— Nada muito terrível. Só estava tentando escrever por extenso alguns dos meus pensamentos, como o Professor Hamilton me aconselhou, mas não pude colocar em palavras nada que me agradasse. Parecem tão tolos e sem vida, tão logo são escritos num papel branco com tinta preta! Fantasias são como sombras... não se pode prendê-las, são instáveis e imprevisíveis. Mas quem sabe um dia aprenderei o segredo, se continuar tentando...? Não tenho muito tempo livre, sabe? Quando termino de corrigir os exercícios dos alunos e as redações, nem sempre sinto vontade de escrever alguma composição minha.

— Você está se saindo esplendidamente na escola, Anne. Todas as crianças gostam de você – disse Gilbert, sentando-se no degrau de pedra.

— Nem todos. Anthony Pye não gosta de mim, e nem *irá gostar*. E, o que é pior, não me respeita de jeito nenhum! Ele simplesmente me trata com desprezo, e eu não me importo de confessar a você que isso me preocupa miseravelmente. Não é que ele seja tão mau... só é um pouco peralta, mas não pior do que os outros. Ele raramente me desobedece, mas acata minhas ordens com um desdenhoso ar de tolerância, como se não valesse a pena discutir a questão – pois, do contrário, ele discutiria... e isso acaba afetando os outros de forma negativa. Já tentei conquistá-lo de todas as maneiras, mas estou começando a achar que nunca conseguirei. E eu quero, pois ele é um garotinho muito fofo, apesar de ser um Pye; e eu poderia gostar dele, se me permitisse.

— Provavelmente isso seja o mero resultado do que ele ouve em

casa.

— Não em absoluto. Anthony é um rapazinho muito independente, e toma suas próprias decisões sobre tudo. Ele sempre teve professores homens, e diz que as mulheres que lecionam não são boas professoras. Bem, vamos ver o que a paciência e a amabilidade podem fazer. Eu gosto de contornar dificuldades, e lecionar é um trabalho realmente interessante. Paul Irving compensa tudo o que falta nos outros. Aquele menino é um perfeito encanto, Gilbert, e é um gênio, ainda por cima! Estou convencida de que o mundo ouvirá falar nele algum dia – concluiu Anne, num tom de convicção.

— Eu também gosto de lecionar. Primeiro, porque é um bom treinamento. Ora, Anne, eu aprendi mais nessas semanas em que estou lecionando para as jovens mentes de White Sands do que aprendi em todos os meus anos de escola! Parece que todos estamos nos saindo muito bem. As pessoas de Newbridge gostam de Jane, e acho que White Sands está bem satisfeita com seu humilde servo... todos, exceto Mr. Andrew Spencer. Encontrei Mrs. Peter Blewett no meu caminho para casa, ontem à noite, e ela me disse que considerava ser seu dever informar-me que Mr. Spencer não aprovava meus métodos.

— Já percebeu que, quando alguém diz que é *seu dever* contar-lhe alguma coisa, você deve se preparar para ouvir algo desagradável? – perguntou Anne, reflexiva. — Por que as pessoas nunca consideram que é um dever contar as coisas boas que ouvem sobre você? Mrs. H. B. Don*nell* foi até a escola novamente ontem, e me disse que *pensou ser seu dever* informar-me que Mrs. Harmon Andrews não aprovava que eu lesse contos de fadas para as crianças, e que Mr. Rogerson achava que Prillie não estava aprendendo aritmética rápido o bastante. Se Prillie passasse menos tempo fazendo charme para os garotos por cima da lousa, ela se sairia melhor. Tenho quase certeza de que Jack Gillis faz os trabalhos de cálculo para ela, apesar de eu nunca ter conseguido pegá-lo com a mão na massa.

— Você conseguiu reconciliar o auspicioso herdeiro de Mrs. Don*nell* com seu nome sagrado?

— Sim, mas foi uma incumbência muito difícil – sorriu Anne. — A princípio, quando eu o chamava de St. Clair, ele não atendia até que eu falasse pela segunda ou terceira vez, e então, quando os outros garotos o cutucavam, ele me olhava tão magoado como se eu o tivesse chamado de

John, ou Charlie, e não soubesse a quem me referia. Então, pedi-lhe que ficasse na escola um dia, depois da aula, e conversei com ele amavelmente. Falei que sua mãe exigiu que eu o chamasse de St. Clair, e que eu não poderia me opor aos desejos dela. Ele entendeu quando lhe foi explicado... é um garotinho muito sensato... e nós combinamos que *eu* poderia chamá-lo de St. Clair, mas ele disse que *daria uma coça* se um dos meninos tentasse fazer o mesmo. É claro que tive que censurá-lo de novo, por usar um vocabulário tão torpe. Desde então, eu o chamo de St. Clair e os colegas o chamam de Jake, e tudo caminha em harmonia. Ele me contou que quer ser carpinteiro, mas Mrs. Don*nell* diz que tenho que torná-lo um professor universitário.

A menção da palavra *universitário* deu uma nova direção aos pensamentos de Gilbert, e durante algum tempo eles conversaram sobre seus planos e sonhos... grave, séria e esperançosamente, como os jovens adoram conversar, enquanto o futuro é um caminho ainda não trilhado e repleto de maravilhosas possibilidades.

Gilbert tinha finalmente decidido que iria ser médico.

— É uma profissão magnífica! – ele disse, com entusiasmo. — Um homem tem que lutar por algo durante toda a vida... não definiram, uma vez, o homem como um animal lutador? E eu quero lutar contra as enfermidades, a dor e a ignorância, que são todas integrantes do mesmo grupo. Quero realizar minha parte de trabalho verdadeiro e honesto no mundo, Anne... acrescentar um pouquinho à soma de conhecimento humano que todos os bons homens do mundo têm acumulado desde que a vida começou. As pessoas que viveram antes fizeram tanto por mim, que quero demonstrar minha gratidão fazendo algo por aquelas que viverão depois. Parece-me que este é o único jeito de cumprir as obrigações para com a raça humana.

— Eu gostaria de acrescentar alguma beleza à vida – comentou a sonhadora Anne. — Não desejo exatamente fazer as pessoas *saberem* mais, apesar de estar ciente de que esta é a ambição mais nobre... mas eu adoraria fazer com que os outros vivessem momentos mais agradáveis graças a mim... que tivessem pequenas alegrias e pensamentos felizes, que nunca existiriam se eu não tivesse nascido.

— Creio que você vem satisfazendo essa ambição todos os dias – disse Gilbert, com admiração.

E ele estava certo. Anne era uma daquelas filhas da luz por natureza. Depois que a jovem tocava uma vida com um sorriso ou uma palavra, lançada como um raio de sol, o possuidor daquela vida enxergava o mundo belo e cheio de esperança, pelo menos naquele instante.

Finalmente, Gilbert levantou-se com pesar.

— Bem, tenho que ir até a casa dos MacPhersons. Moody Spurgeon veio hoje da Queen's Academy para passar o domingo, e prometeu-me trazer um livro que o Professor Boyd me emprestou.

— E eu devo preparar o chá de Marilla. Ela foi ver Mrs. Keith esta tarde, e logo estará de volta.

Anne já havia preparado o chá quando Marilla chegou. A lenha crepitava alegremente, um vaso com samambaias embranquecidas pela geada e folhas vermelhas de bordo adornava a mesa, e o delicioso aroma do presunto e das torradas permeava o ambiente. Mas Marilla sentou-se na cadeira com um profundo suspiro.

— Seus olhos estão incomodando? Sua cabeça dói? – inquiriu Anne, ansiosa.

— Não. Só estou cansada... e preocupada com Mary e aquelas crianças. Ela está piorando... não irá viver por muito tempo. E, quanto aos gêmeos, não sei o que será deles.

— Nenhuma notícia sobre o tio deles?

— Sim, Mary recebeu uma carta. Ele está trabalhando em uma madeireira, e *botando pra quebrar*, seja lá o que isso signifique. De qualquer modo, ele disse que não há possibilidade de tomar conta dos sobrinhos até a primavera. Ele planeja se casar até lá, e então terá um lar para abrigá-los; mas disse que devem pedir a algum vizinho para acolhê-los durante o inverno. Mary disse que não se atreve a pedir tal favor a ninguém. Ela nunca se deu muito bem com as pessoas de East Grafton, isto é fato. Resumindo, Anne, tenho certeza de que Mary quer que eu fique com as crianças... ela não pôs em palavras, mas parecia *dizer com os olhos*.

— Oh! – Anne bateu palmas, palpitando de emoção. — E é claro que você irá, não é, Marilla?

— Ainda não estou decidida – ela respondeu, com certa rudeza. — Não costumo me precipitar e fazer as coisas de forma impetuosa como você, Anne. Ser prima em terceiro grau é um parentesco muito distante. E

será uma pavorosa responsabilidade cuidar de duas crianças de seis anos... gêmeos, além de tudo.

Marilla tinha a convicção de que gêmeos eram duas vezes mais terríveis do que as outras crianças.

— Gêmeos são muito interessantes... ao menos um par deles – disse Anne. — Só quando há dois ou três pares que se torna monótono. Penso que seria muito bom para você ter algo para diverti-la enquanto estou na escola.

— Não suponho que seja tão divertido assim... mais preocupação e incômodo do que qualquer outra coisa, devo dizer. Não seria tão arriscado se, pelo menos, eles tivessem a idade que você tinha quando chegou aqui. Não me importaria tanto com Dora, pois ela parece boa e tranquila. Mas aquele Davy é um moleque muito travesso.

Anne adorava crianças e seu coração ansiava por cuidar dos gêmeos Keith. A lembrança de sua própria infância negligenciada ainda estava vívida em sua memória. Ela sabia que o único ponto vulnerável de Marilla era a rigorosa devoção ao que acreditava ser *seu dever,* e Anne conduziu seus argumentos habilidosamente nessa direção.

— Se Davy é um garotinho levado, há ainda mais razão para lhe darmos uma boa educação, não é, Marilla? Se nós não os adotarmos, não temos certeza de quem irá, nem que tipo de influência poderá rodeá-los. Suponha que os vizinhos de porta de Mrs. Keith, os Sprotts, fiquem com eles. Mrs. Lynde contou que Henry Sprott é o homem mais profano que já viveu, e que não se pode acreditar numa palavra que seus filhos dizem. Não seria terrível se os gêmeos aprendessem algo desse tipo? Ou suponha que eles ficassem com os Wiggins. Mrs. Lynde disse que Mr. Wiggins vende tudo que há na casa para ser vendido, e alimenta a família com leite desnatado. Você não iria gostar que seus parentes morressem de fome, mesmo se fossem apenas primos em terceiro grau, iria? Parece-me, Marilla, que é seu dever adotá-los.

— Creio que seja – assentiu Marilla, com melancolia. — Acho que direi a Mary que vou ficar com eles. Não precisa se alegrar tanto, Anne. Isso significará uma boa quantidade de trabalho a mais para você. Eu não posso costurar nenhuma linha, por causa dos meus olhos; então, você terá que confeccionar e remendar todas as roupas das crianças. E você não gosta de costurar.

— Eu odeio – admitiu Anne, calmamente –, mas se você está disposta a adotar aquelas crianças por causa do seu senso de dever, é claro que eu posso costurar para elas por um senso de dever. É bom para as pessoas quando têm que fazer coisas que não gostam... com moderação.

Capítulo VIII

Marilla Adota os Gêmeos

Mrs. Rachel Lynde estava sentada diante da janela de sua cozinha, tricotando uma colcha, tal como estivera sentada numa certa tarde, muitos anos antes, quando Matthew Cuthbert aparecera subindo o monte em sua charrete, com o que Mrs. Lynde batizou de “sua órfã importada”. Mas aquele dia ocorrera na primavera, e agora era o final do outono, e todos os bosques estavam sem folhas, e os campos áridos e pardos. O sol recém estava se pondo, numa abundante pompa lilás e dourada por trás dos escuros bosques do lado oeste de Avonlea, quando a charrete puxada por um velho e satisfeito cavalo baio descia pelo monte. Mrs. Lynde espreitou avidamente.

— Ali vai Marilla, voltando do funeral – ela disse ao marido, que estava recostado na espreguiçadeira da cozinha. Hoje em dia, Thomas Lynde passava mais tempo que de costume recostado na espreguiçadeira, mas Mrs. Lynde, que era tão atenta para notar qualquer coisa fora de sua casa, ainda não tinha percebido. — E trouxe os gêmeos com ela... sim, ali está o Davy, debruçando-se sobre o paralama para mexer na cauda do cavalo, e Marilla puxando-o de volta. Dora está sentada, tão empertigada quanto era de se esperar. Ela sempre aparenta ter sido recém passada e engomada. Bem, a pobre Marilla vai ter as mãos bem cheias neste inverno, sem dúvida! Ainda assim, não a vejo fazendo menos do que isso, dadas as circunstâncias, e ela terá Anne para ajudá-la. A mocinha está vibrando por causa disso tudo, e devo dizer que ela é realmente muito habilidosa com crianças. Meu Deus, parece que foi ontem que o pobre Matthew trouxe Anne para casa, e todos riram perante a ideia de ver Marilla educando uma criança! E agora ela adotou gêmeos. A gente nunca está livre de surpresas.

O velho cavalo rechonchudo cavalgou sobre a ponte de Lynde’s Hollow e pela alameda de Green Gables. O semblante de Marilla estava um tanto sombrio. Foram dez milhas desde East Grafton, e Davy Keith parecia estar possuído por uma incessante paixão por movimento. Estava além do poder de Marilla fazê-lo ficar sentado e quieto, e durante todo o percurso ela temeu que ele caísse de cima da charrete e quebrasse o

pescoço, ou tombasse do paralama direto para baixo das patas do cavalo. Desesperada, ela finalmente ameaçou açoitá-lo exaustivamente quando estivessem em casa. Em consequência disso, Davy subiu no colo de Marilla, não se importando com as rédeas, enlaçou o pescoço dela com seus braços gorduchos e deu-lhe um abraço de urso.

— Não acho que você tenha dito isso de verdade – ele disse, beijando-lhe afetuosamente as bochechas enrugadas. — Você *não parece* ser uma dama que bate num menininho só porque ele não consegue ficar parado. Você não achava muito difícil ficar quieta quando era do meu tamanho?

— Não. Eu sempre ficava quieta quando ordenavam – respondeu Marilla, tentando falar com austeridade, ainda que sentisse o coração abrandar dentro de si devido aos impulsivos carinhos de Davy.

— Bom, acho que foi assim porque você era uma menina – replicou Davy, escorregando de volta ao seu lugar depois de outro abraço. — Você *foi* uma menina um dia, eu acho, apesar de ser bem engraçado pensar nisso. Dora consegue ficar sentada... mas não acho que isso seja muito divertido. Parece que ser menina é uma coisa muito chata. Aqui, Dora, me deixe animar você um pouco.

O método de Davy para "animá-la" era enganchar os dedos nos cachos da irmã e puxá-los. Dora gritou e, então, chorou.

— Como você pode ser um menino tão mau, quando sua pobre mãe acaba de ser enterrada? – indagou Marilla, desesperadamente.

— Mas ela estava feliz por morrer – confidenciou Davy. — Eu sei disso, porque ela me contou. Ela estava muito cansada de estar doente. Nós tivemos uma longa conversa na noite antes *dela* morrer. Ela me contou que você ia ficar comigo e com Dora durante o inverno, e falou que eu devia ser um bom menino. Eu vou ser bom, mas você não pode ser bom correndo por aí, da mesma forma que ficando sentado e quieto? E ela me disse para ser gentil com Dora e *defender ela*, e isso eu farei.

— Você acha gentil puxar o cabelo dela?

— Bem, não vou deixar que mais ninguém puxe – respondeu, fechando os punhos e franzindo o cenho. — Eles que tentem. Eu não bato muito nela... ela só chora porque é uma menina. Sou feliz por ser um menino, mas não gosto de ser gêmeo. Quando a irmã do Jimmy Sprott *responde*, ele só diz: "*sou mais 'véio' que você, então é claro que eu sei*

mais”, e isso cala a boca dela. Mas eu não posso dizer o mesmo a Dora, e ela continua pensando “diferente *que eu*”. Você deve me deixar guiar o pangaré um pouco, pois eu sou um homem!

Por fim, Marilla estava agradecida quando finalmente chegou em seu quintal, onde o vento da noite de outono dançava com as folhas secas. Anne estava no portão para encontrá-los e ajudar os gêmeos a descerem. A tranquila Dora deixou que Anne a beijasse, mas Davy respondeu às boas vindas de Anne com um de seus abraços apertados e com o animado anúncio de *“sou o Mr. Davy Keith”*.

À mesa do jantar, Dora comportou-se como uma pequena dama; porém, o comportamento de Davy deixou muito a desejar.

— Estou com tanta fome que não tenho tempo para comer com bons modos – disse ele, quando Marilla o repreendeu. — Dora não tem a metade da fome que eu tenho. Veja todo o exercício que fiz no caminho para cá. Este bolo de ameixas está tremendamente delicioso! Faz tanto, tanto tempo que não comemos bolo, porque mamãe estava doente demais para fazer bolos, e Mrs. Sprott falou que já bastava que ela conseguisse assar o nosso pão. E Mrs. Wiggins nunca colocava ameixas em seus bolos. Vou pegar uma! Posso comer outro pedaço?

Marilla teria dito que não, mas Anne cortou uma generosa fatia. Porém, lembrou ao menino de que ele deveria dizer “Obrigado”. Davy mal arreganhou os dentes para ela, e deu uma enorme mordida. Quando terminou a fatia, ele disse:

— Se me der *outro* pedaço, direi “obrigado” por isso.

— Não, você já comeu bolo o suficiente! – exclamou Marilla, num tom que Anne conhecia, e que Davy aprenderia que era o ponto final.

Davy piscou para Anne, e então, inclinando-se por cima da mesa, roubou a primeira fatia de bolo de Dora – da qual ela tinha, delicadamente, comido só um pedacinho – das próprias mãos da irmã, e, abrindo a boca o máximo possível, enfiou a fatia inteira lá dentro. Os lábios de Dora tremeram e Marilla ficou muda de horror. Anne prontamente exclamou, em seu melhor tom magistral:

— Oh, Davy! Cavalheiros não fazem coisas assim!

— Eu sei que não fazem – disse Davy, assim que conseguiu falar –, mas não sou um *cavaleiro*.

— Mas você não quer ser? – perguntou a chocada Anne.

— Claro que eu quero. Mas não posso ser um *cavaleiro* enquanto sou pequeno.

— Oh, mas é claro que pode! – Anne apressou-se a dizer, pensando que era a chance de plantar uma boa semente para o futuro. — Você pode começar a ser um cavalheiro enquanto ainda é um menino. E um cavalheiro *nunca* toma as coisas das damas... ou esquece de dizer obrigado... ou puxa o cabelo de alguém.

— Eles não se divertem muito, essa é a verdade! – ele concluiu, com franqueza. — Acho que vou esperar até crescer para ser um.

Marilla, com ar resignado, cortou outra fatia de bolo para Dora. Ela ainda não se sentia preparada para lidar com Davy. Fora um dia difícil para ela, com o funeral e a longa viagem. E, naquele momento, ela contemplava o futuro com tamanho pessimismo que faria jus à própria Eliza Andrews.

Os gêmeos não eram notavelmente parecidos, mas ambos eram loiros. Dora tinha longos cachos macios, que nunca ficavam desalinhados. Davy tinha uma coroa de curtos anéis amarelos, sempre bagunçados, por toda a cabeça. Os olhos amendoados de Dora eram gentis e suaves. Os de Davy eram tão dançantes e marotos quanto os de um elfo. O nariz de Dora era reto, e o do irmão era certamente arrebitado. A boca de Dora era intencionalmente formal; a de Davy era toda sorridente e, além disso, tinha covinha numa única bochecha, o que lhe conferia uma aparência querida, cômica e assimétrica quando ria. Alegria e travessura se escondiam em cada canto do seu rostinho.

— É melhor vocês irem para a cama – disse Marilla, que considerou essa a melhor maneira de livrar-se deles. — Dora dormirá comigo, e você pode colocar Davy no quartinho do lado oeste do sótão, Anne. Você não tem medo de dormir sozinho, não é, Davy?

— Não, mas ainda vou ficar acordado por muito tempo – respondeu Davy, confortavelmente.

— Ah, certamente que não!

Aquilo foi o máximo que a desconsolada Marilla disse, mas algo no tom dessa resposta esmagadora silenciou até mesmo Davy. Ele subiu *a trote*, obedientemente, com Anne.

— Quando eu crescer, a primeira coisa que vou fazer é ficar acordado a noite inteira, só para ver como é – ele confidenciou a ela.

Nos anos que se seguiram, Marilla nunca mais se lembrou daquela primeira semana da estadia dos gêmeos em Green Gables sem um calafrio. Não que tenha sido tão pior do que as semanas subsequentes, mas assim pareciam em razão de ser uma novidade. Raramente havia um momento do dia em que Davy não estivesse metido em confusão, ou planejando alguma coisa. Mas sua primeira façanha considerável ocorreu dois dias após sua chegada, no domingo pela manhã... um dia suave e cálido, tão enevoado e ameno como o clima de setembro. Anne vestiu o menino para irem à igreja, enquanto Marilla atendia Dora. Primeiramente, Davy se recusou com firmeza a lavar o rosto.

— Marilla já me lavou ontem, e Mrs. Wiggins me esfregou com sabão grosso no dia do funeral. É o suficiente para uma semana! Não vejo a vantagem de ser tão limpinho. É muito mais confortável estar sujo.

— Paul Irving lava o rosto todos os dias por conta própria – comentou Anne, astutamente.

Davy habitava Green Gables há pouco mais de quarenta e oito horas, mas já idolatrava Anne e *odiava* Paul Irving, a quem tinha ouvido Anne elogiar com entusiasmo um dia após sua chegada. Se Paul Irving lavava o rosto todos os dias, estava decidido: ele, Davy Keith, faria o mesmo, ainda que isso pudesse matá-lo. A mesma consideração o induziu a submeter-se obedientemente a outros detalhes de sua higiene pessoal, e, quando estava de banho tomado, parecia um rapazinho muito bonito. Anne sentiu um orgulho quase maternal ao acompanhá-lo ao antigo banco dos Cuthbert.

Davy comportou-se muito bem a princípio, estando mais ocupado em lançar olhares suspeitos a todos os garotos que estivessem por perto, perguntando-se qual deles era Paul Irving. Os dois primeiros hinos e a leitura das Escrituras se passaram de forma rotineira. Mr. Allan estava orando quando ocorreu a confusão.

Lauretta White estava sentada no banco em frente ao de Davy, com a cabeça ligeiramente curvada e o cabelo claro atado em duas longas tranças, por entre as quais se via uma convidativa parte de seu pescoço branco, rodeado por uma gola frouxa de babado rendado. Lauretta era uma menina gordinha de oito anos, de aspecto plácido, que se conduzira de maneira impecável na igreja desde o primeiro dia em que a mãe a trouxera, com apenas seis meses de vida.

Davy colocou a mão no bolso e tirou uma lagarta peluda que se retorcia. Marilla viu tudo, e agarrou-o para tentar detê-lo; mas era tarde demais. Davy pôs a lagarta dentro da gola do vestido de Lauretta.

Exatamente no meio da oração de Mr. Allan, foi ouvida uma série de gritos agudos. O ministro parou, surpreso, e abriu os olhos. Todas as cabeças da congregação se voltaram. Lauretta White estava *dançando* por todo o banco, coçando as costas freneticamente por cima do vestido.

— Oh, mamãe! Mamãezinha! Oh, tire, tire... oh... tire isso de mim! Oh... aquele garoto mau jogou no meu pescoço! Oh, mamãe, está descendo mais! Oh... oh... oh...

Mrs. White levantou-se com a cara amarrada e carregou a histérica e trêmula Lauretta para fora da igreja. Seus gritos cessaram com a distância, e Mr. Allan prosseguiu com o sermão. Mas todos sentiram que aquele dia tinha sido um fracasso. Pela primeira vez em sua vida, Marilla não acompanhou as palavras do ministro, e Anne sentou-se com as bochechas cor de escarlate pela mortificação.

Quando voltaram para casa, Marilla pôs Davy na cama e o obrigou a ficar lá pelo resto do dia. Ela não deu nada para o menino comer, exceto uma simples refeição de pão e leite. Anne levou a bandeja e sentou-se tristemente ao seu lado, enquanto ele comia com um apetite que demonstrava a falta de arrependimento. Mas o olhar pesaroso de Anne o preocupou.

— Acho que Paul Irving não teria colocado uma lagarta no pescoço de uma menina na igreja, teria? – perguntou, reflexivo.

— Certamente não teria – respondeu Anne, com ar melancólico.

— Bom, eu meio que lamento por ter feito isso, então. Mas era uma lagarta linda e enorme... *peguei ela* nos degraus da igreja, quando estávamos entrando. Pareceu uma pena *desperdiçar ela*. E, confesse, não foi divertido ouvir todos os gritos daquela menina?

Na quinta-feira à noite, a Sociedade Assistencial da Igreja e do Auxílio para as Missões Estrangeiras se reuniu em Green Gables. Anne se apressou para casa depois da escola, pois sabia que Marilla precisaria de toda a ajuda que ela pudesse oferecer. Dora, asseada e respeitável, usando seu vestido branco perfeitamente engomado, com uma faixa preta adornando a cintura, estava sentada na sala de visitas com os membros da Sociedade, respondendo com modéstia quando algo lhe era perguntado,

mantendo silêncio quando não lhe dirigiam a palavra e comportando-se em todos os momentos como uma criança modelo. Davy, prazerosamente sujo, estava fazendo tortinhas de lama no quintal ao lado do celeiro.

— Eu disse a ele que podia fazê-las. Achei que isso o manteria longe de maiores confusões. Fazendo tortinhas, ele ficará somente sujo – justificou Marilla, cansada. — Nós tomaremos o chá primeiro, para depois chamá-lo. Dora pode comer conosco, mas não me atreveria a deixar Davy sentar-se à mesa na presença de todos os integrantes da Sociedade Assistencial.

Quando Anne foi chamar os convidados para o chá, percebeu que Dora não estava na sala. Mrs. Jasper Bell informou que Davy viera chamá-la para sair pela porta da frente. Uma rápida consulta com Marilla na despensa resultou na decisão de servir o chá para as duas crianças juntas, mais tarde.

O chá estava quase terminado quando a sala de jantar foi invadida por uma figura miserável. Marilla e Anne entreolharam-se, angustiadas, e os integrantes da Sociedade Assistencial ficaram muito espantados. Aquela indescritível criaturinha que soluçava, com o vestido encharcado e o cabelo pingando água no novo tapete de Marilla, poderia ser Dora?

— Dora! O que aconteceu com você? – gritou Anne, dando uma olhadela culpada para Mrs. Jasper Bell, cuja família era conhecida por ser a única no mundo na qual acidentes nunca aconteciam.

— Davy me fez caminhar pela cerca do chiqueiro – resmungou Dora. — Eu não queria, mas ele me chamou de medrosa! E eu caí no chiqueiro, e meu vestido ficou todo sujo, e os porcos passaram por cima de mim! Meu vestido estava terrível, mas Davy disse que, se eu ficasse embaixo da bomba d'água, ele poderia lavá-lo; e eu fui para baixo, e ele bombeou água em cima de mim; mas meu vestido não ficou nem um pouco mais limpo, e minha linda faixa e meus sapatos estão destruídos!

Anne fez as honras da casa sozinha até o final da refeição, enquanto Marilla subiu para colocar em Dora suas roupas antigas. Davy foi pego e mandado para a cama sem jantar. Anne foi ao seu quarto ao entardecer, e conversou seriamente com ele – método no qual ela tinha grande fé, não inteiramente injustificado pelos resultados. Anne disse que sentia-se muito envergonhada por sua conduta.

— Também sinto muito agora – admitiu Davy –, mas o problema é

que nunca lamento por fazer as coisas até que já tenha feito. Dora não queria me ajudar a fazer as tortas porque estava com medo de estragar as roupas, e isso me deixou louco! Acho que Paul Irving não teria feito a irmã *dele* caminhar pela cerca do chiqueiro, sabendo que ela poderia cair... não é?

— Não, ele nunca sonharia com uma coisa dessas. Paul é um perfeito cavalheiro.

Davy fechou os olhos bem apertados e pareceu meditar nisso por um instante. Então, engatinhou para o colo de Anne e colocou os braços em torno do pescoço dela, aconchegando o rostinho em seu ombro.

— Anne, você gosta de mim pelo menos um pouquinho, mesmo eu não sendo um bom menino como Paul Irving?

— É claro que sim – respondeu Anne, honestamente. De certo modo, era impossível não gostar de Davy. — Mas eu gostaria ainda mais se você não fosse tão desobediente.

— Eu... fiz uma outra coisa hoje – continuou Davy, numa voz abafada. — Eu sinto muito agora, mas estou com um medo terrível de contar a você. Não vai ficar muito zangada comigo, vai? E não vai contar a Marilla, não é?

— Eu não sei, Davy. Talvez eu precise contar a ela. Mas acredito que posso prometer que não contarei, se me der sua palavra de que nunca mais fará isso de novo, seja lá o que for.

— Não, nunca mais farei isso. De qualquer forma, é impossível encontrar mais um deles este ano. Encontrei-o nos degraus do porão.

— Davy, o que você fez?

— Coloquei um sapo na cama da Marilla! Você pode *tirar ele* de lá, se quiser. Mas confesse, Anne, não seria divertido *deixar ele* por lá?

— Davy Keith! – Anne se soltou dos braços de Davy, que a apertavam, e correu pelo corredor até o quarto de Marilla. A cama estava levemente desarrumada. A jovem levantou as cobertas numa pressa nervosa, e ali estava o sapo, piscando para ela por debaixo do travesseiro.

— Como levarei esta coisa horrorosa para fora? – resmungou, sentindo um arrepio. A pá de remexer a lenha surgiu em sua mente, e ela deslizou escada abaixo para pegá-la enquanto Marilla estava ocupada na despensa. Anne teve vários problemas ao carregar o sapo para o andar térreo, pois ele pulou três vezes da pá – e, numa dessas, pensou tê-lo perdido no

corredor. Quando finalmente depositou o anfíbio no pomar de cerejeiras, exalou um longo suspiro de alívio.

— Se Marilla soubesse, ela nunca mais em sua vida ficaria tranquila ao deitar-se na cama. Estou tão feliz que o pequeno pecador se arrependeu a tempo! Lá está Diana, sinalizando para mim da janela. Fico contente... estou mesmo precisando de um pouco de distração, pois com Anthony Pye na escola e Davy Keith em casa, meus nervos sofreram tudo que conseguem suportar em um dia!

Capítulo IX

Uma Questão de Cor

— Aquela velha indesejável Rachel Lynde veio aqui hoje novamente, importunando-me para que contribuísse com a compra de um novo carpete para a sacristia – disse o irado Mr. Harrison. — Eu detesto aquela mulher, mais do que qualquer pessoa que conheço. Ela consegue condensar um sermão completo, com texto, comentário e aplicação em meia dúzia de palavras, e arremessá-lo contra você como um tijolo!

Anne, que estava sentada na beirada da varanda naquele cinzento entardecer de novembro, desfrutando do suave encanto do vento oeste que soprava pelo campo recém arado e assobiava uma extraordinária melodia por entre os pinheiros retorcidos atrás do jardim, virou o rosto sonhador por cima do ombro.

— O problema é que o senhor e Mrs. Lynde não se entendem – ela explicou. — Sempre é este o caso quando as pessoas não gostam uma da outra. Eu também tive meus problemas com Mrs. Lynde no princípio, mas aprendi a gostar dela tão logo comecei a entendê-la.

— Pode ser que o jeito de Mrs. Lynde satisfaça o gosto de algumas pessoas, mas eu não continuaria comendo bananas só porque me disseram que aprenderia a gostar delas se o fizesse! – rosnou Mr. Harrison. — E, quanto a *entendê-la*, entendo que é uma intrometida incorrigível, e eu disse isso a ela!

— Oh, deve tê-la magoado profundamente – disse Anne, em tom de repreensão. — Como o senhor pôde dizer uma coisa dessas? Eu disse coisas terríveis à Mrs. Lynde, muito tempo atrás, mas apenas porque estava fora de mim. Não conseguiria falar nada assim de forma *deliberada*.

— Eu disse a verdade, e acredito que a verdade deve ser dita a quem quer que seja.

— Mas o senhor não disse *toda* a verdade – objetou Anne. — Disse somente a parte desagradável da verdade. Ora, o senhor já me disse uma dúzia de vezes que meu cabelo é ruivo, mas nunca disse que tenho um nariz bonito.

— Atrevo-me a dizer que a senhorita sabe disso sem que seja necessário qualquer comentário sobre o assunto – zombou Mr. Harrison.

— Eu também sei que tenho o cabelo ruivo, embora esteja bem mais escuro do que costumava ser... então, não há nenhuma necessidade de ressaltar essa característica também.

— Está bem, está bem. Vou tentar não mencioná-lo de novo, considerando que a senhorita é muito sensível. Deve me perdoar, Miss Anne. Tenho o hábito de ser franco, e as pessoas devem ignorá-lo.

— Mas não há como ignorá-lo. E não creio que seja de alguma serventia dizer que é um hábito. O que o senhor iria pensar de alguém que andasse por aí espetando os outros com agulhas e alfinetes, dizendo: *"Oh, perdoe-me, não dê importância a isso... é só um hábito que eu tenho"*? O senhor pensaria que era um louco, não é? E quanto à Mrs. Lynde ser intrometida, talvez ela seja. Entretanto, o senhor também disse que ela é uma senhora que possui um coração muito generoso e que sempre ajuda os pobres? E que ela jamais proferiu uma palavra sequer quando Timothy Cotton furtou um pote de manteiga de sua leitaria, e mentiu à esposa dizendo que havia comprado? Mrs. Cotton protestou assim que ambas se encontraram, afirmando que a manteiga tinha sabor de nabo; e Mrs. Lynde apenas respondeu que lamentava que isso tivesse ocorrido.

— Presumo que a dita senhora tenha algumas qualidades – reconheceu Mr. Harrison, de má vontade. — A maioria das pessoas tem. Eu mesmo tenho algumas que a senhorita nunca suspeitaria. Contudo, de qualquer maneira, eu não daria um centavo para esse carpete. Parece-me que as pessoas daqui estão sempre implorando por dinheiro. Como está indo o seu projeto da pintura do Salão de Avonlea?

— Esplendidamente! Tivemos uma reunião da S.M.A. na noite da última sexta-feira, e descobrimos que arrecadamos dinheiro suficiente para pintar o salão e cobri-lo com telhas de madeira também. *A maioria das pessoas* doou generosamente, Mr. Harrison.

Anne era uma mocinha de alma muito bondosa, mas sabia destilar um pouco do veneno da ironia quando a ocasião o requeria.

— Qual foi a cor escolhida para a pintura?

— Decidimos por um belíssimo tom de verde. O telhado será vermelho escuro, é claro. Mr. Roger Pye comprará a tinta na cidade hoje.

— Quem fará o trabalho?

— Mr. Joshua Pye, de Carmody. Ele está quase terminando o telhado. Tivemos que contratá-lo, pois cada um dos Pyes – e o senhor sabe que são quatro famílias – cada um deles falou que não doaria um centavo, a menos que Joshua fizesse o trabalho. Doaram doze dólares entre si, e nós achamos que era muito a perder, apesar de algumas pessoas pensarem que não deveríamos ter cedido para os Pyes. Mrs. Lynde costuma dizer que eles tentam dominar tudo.

— A principal questão é se esse Joshua fará um bom trabalho. Se fizer, não vejo razão para se importar se o nome dele é Pye ou Pudding[8].

— Ele tem a reputação de ser um bom trabalhador, mas dizem que é um homem bem peculiar, que raramente fala.

— Então isso significa que ele é peculiar o bastante, hein? – perguntou Mr. Harrison, com secura. — Ou, pelo menos, esta é a opinião do pessoal daqui. Eu mesmo nunca fui muito falante, até chegar a Avonlea; e então tive que começar a tagarelar para defender-me, ou Mrs. Lynde diria que eu era surdo e começaria a arrecadar doações para que eu aprendesse a linguagem de sinais. Já está indo, Miss Anne?

— Preciso ir. Tenho que remendar algumas roupas de Dora esta noite. Além disso, Davy provavelmente já deve ter partido o coração de Marilla com alguma nova peraltice. A primeira coisa que ele perguntou hoje pela manhã foi: *"Para onde vai a escuridão, Anne? Quero saber!"* Respondi-lhe que a escuridão se esconde no outro lado do mundo; mas, após o café da manhã, ele afirmou que não era assim, e que, na verdade, se escondia dentro do poço. Marilla contou-me que o flagrou quatro vezes pendurado na beirada do poço hoje, tentando alcançar a escuridão.

— O moleque é endiabrado! – declarou Mr. Harrison. — Ontem ele veio aqui e puxou seis penas da cauda de Ginger, antes que eu tivesse voltado do celeiro. O pobre pássaro está abatido desde então, queixando-se o tempo todo. Aquelas crianças devem dar um enorme trabalho para vocês.

— Tudo o que é válido na vida dá algum trabalho – disse Anne, que havia secretamente resolvido perdoar a próxima traquinagem de Davy, não importando o que fosse, pois ele havia se vingado de Ginger por ela.

Naquela noite, Mr. Roger Pye trouxe a tinta para casa, e Mr. Joshua Pye, um homem carrancudo e taciturno, deu início à pintura do salão no dia seguinte. O homem fez seu trabalho sem nenhuma interrupção. O salão situava-se no que chamavam "a estrada de baixo". Ao final do outono,

essa estrada estava sempre úmida e enlameada, e as pessoas dirigiam-se para Carmody usando a “estrada de cima”. O salão estava tão estreitamente rodeado pelo bosque de abetos que se tornara praticamente invisível, exceto para quem estava a uma curta distância. Mr. Joshua Pye trabalhou à vontade em meio à solidão e independência, tão necessárias ao seu coração reservado.

Na sexta-feira à tarde, Mr. Pye terminou a tarefa e foi para sua casa em Carmody. Pouco depois de sua partida, Mrs. Rachel Lynde resolveu desafiar a lama da estrada de baixo e ir até lá, movida pela curiosidade para ver o resultado da nova pintura do salão. Quando passou pela curva dos abetos vermelhos, ela viu.

A visão afetou Mrs. Lynde de maneira estranha. A boa senhora largou as rédeas, ergueu as mãos e exclamou *“Bendita Providência!”*, fitando a novidade como se não acreditasse no que seus olhos viam. Então, desatou a rir quase histericamente.

“Deve haver algum erro... deve haver! Eu sabia que aqueles Pyes iam fazer uma bagunça!”

Mrs. Lynde voltou para casa, parando na estrada para contar o que ocorrera com o salão a todas as pessoas que encontrou. A notícia se espalhou como rastro de pólvora. Ao pôr do sol, Gilbert Blythe, que estava em casa debruçado sobre os livros, ouviu a notícia da parte de um empregado de seu pai, e correu ofegantemente até Green Gables, encontrando-se com Fred Wright no caminho. No portão do quintal, sob o grande salgueiro desfolhado, os rapazes encontraram Diana Barry, Jane Andrews e Anne Shirley, a verdadeira personificação do desespero.

— Certamente não é verdade, Anne! – exclamou Gilbert.

— É verdade – ela respondeu, parecendo a musa da tragédia. — Mrs. Lynde veio me contar, quando chegou de Carmody. Oh, é simplesmente pavoroso! Qual o objetivo de tentar melhorar qualquer coisa?

— O que é tão pavoroso? – perguntou Oliver Sloane, que chegava neste momento carregando a chapeleira que trouxera da cidade para Marilla.

— Você não soube? – disse a irritadiça Jane. — Bem, foi simplesmente isto: Joshua Pye pintou o salão de azul, ao invés de verde! Um azul escuro brilhante, a mesma tonalidade que usam para pintar

carroças e carrinhos de mão! E Mrs. Lynde falou que é a cor mais medonha que já se viu em um edifício, especialmente quando combinada com o telhado vermelho. Podiam ter simplesmente me derrubado com uma pluma quando fiquei sabendo. É desolador, depois de todos os inconvenientes que tivemos!

— Como diabos pode ter acontecido um erro feito este? – gemeu Diana.

A culpa deste desastre imperdoável finalmente recaiu sobre os Pyes. Os Melhoradores decidiram usar as tintas da marca Morton-Harris, cujas latas eram numeradas conforme um mostruário de cores. O comprador escolhia nesse mostruário a tonalidade desejada, e fazia o pedido de acordo com a numeração correspondente. O número 147 era o tom de verde escolhido, e quando Mr. Roger Pye avisou aos Melhoradores por intermédio de seu filho, John Andrew, de que estava indo para a cidade e compraria a tinta para eles, os jovens pediram ao rapaz que informasse ao pai para trazer o número 147. John Andrew sempre afirmou que tinha dito isso, mas Mr. Roger Pye declarou, tão veementemente quanto o filho, que este lhe havia dito 157; e o assunto permanece em discussão até hoje.

Naquela noite, a consternação reinou em cada lar de Avonlea onde vivia algum Melhorador. Em Green Gables, o pessimismo era tão intenso que até mesmo Davy se aquietou. Anne chorava inconsolavelmente.

— Devo chorar, mesmo que já tenha quase dezessete anos, Marilla – ela soluçou. — É tão mortificante! Já consigo ouvir a marcha fúnebre do enterro de nossa sociedade. Nós seremos uma piada para toda a cidade!

Entretanto, na vida, assim como nos sonhos, as coisas frequentemente acabam acontecendo ao contrário. Os habitantes de Avonlea não riram. Todos estavam muito irados para achar graça. O dinheiro deles fora destinado à pintura do salão e, em consequência disso, sentiram-se amargamente ofendidos pelo engano. A indignação popular centrou-se nos Pyes. Roger Pye e John Andrew haviam confundido tudo entre eles; e quanto a Joshua Pye, ele deveria ser um tonto de nascença para não suspeitar de algo errado quando abriu as latas e viu a cor da tinta. Quando criticado, Joshua Pye replicou que a preferência das pessoas de Avonlea com relação às cores não era de sua alçada, não importando qual seria sua opinião. Tinha sido contratado para pintar o salão, e não para discutir a cor; e estava decidido a cobrar pelo seu trabalho.

Os Melhoradores fizeram o pagamento com o espírito amargurado, após consultarem Mr. Peter Sloane, que era o magistrado.

— Vocês terão que pagar – ele disse. — Não podem responsabilizá-lo pelo erro, considerando que ele afirma que nunca lhe disseram qual a cor que deveria usar; só lhe entregaram as latas e encomendaram a tarefa. Mas é uma vergonha humilhante, pois aquele salão está realmente tenebroso!

Os azarados Melhoradores esperavam que os habitantes de Avonlea demonstrassem, agora, mais preconceito do que nunca contra eles; porém, ao invés disso, a simpatia pública voltou-se em favor da Sociedade. A população considerou que o pequeno grupo veemente e entusiasta, que tinha trabalhado tão duro por seu objetivo, fora mal utilizado. Mrs. Lynde aconselhou-os a continuarem, e mostrarem aos Pyes que realmente existem pessoas no mundo que conseguem fazer as coisas sem causar uma desordem em tudo. Mr. Major Spencer mandou avisá-los que iria retirar todos os troncos ao longo da estrada em frente à sua fazenda, e iria semear grama por conta própria. E Mrs. Hiram Sloane foi até a escola um dia e chamou Anne misteriosamente no alpendre, para dizer-lhe que, se a *Saciedade* quisesse fazer uma plantação de gerânios nos cruzamentos das estradas na primavera, não precisariam preocupar-se com sua vaca, pois ela mesma cuidaria para que o esfomeado animal fosse mantido entre limites convenientes. Até mesmo Mr. Harrison riu à socapa, se é que isso podia ser chamado de riso, e demonstrava ser todo simpatia.

— Esqueça isso, Miss Anne. A maioria das pinturas fica mais feia a cada ano, mas aquele azul é tão feio desde o início, que pode ser que fique melhor quando se apagar com o tempo. E o telhado está muito bem arrumado e pintado. As pessoas poderão sentar-se no salão em dias de chuva, sem ter medo das goteiras. De qualquer maneira, vocês conseguiram tantas coisas!

— Mas, de agora em diante, o Salão Azul de Avonlea será objeto de piada em todos os povoados vizinhos! – retrucou a amargurada Anne.

E devemos confessar que foi exatamente o que aconteceu.

Capítulo X

Davy em Busca de Emoções

Enquanto regressava da escola pela Rota das Bétulas em uma tarde de novembro, Anne sentiu-se convencida, mais uma vez, de que a vida era algo maravilhoso. Aquele tinha sido um bom dia e tudo correra bem em seu pequeno reino. St. Clair Donnell não havia brigado com nenhum dos outros colegas por causa do seu nome. O rosto de Prillie Rogerson estivera tão inchado em consequência de uma dor de dentes, que ela nem tentou flertar com os meninos sentados ao seu lado. Barbara Shaw tinha se envolvido em apenas *um* acidente, ao derramar uma concha d'água no chão... e Anthony Pye não comparecera à escola.

— Que ótimo tem sido este novembro! – exclamou Anne, que nunca havia superado o hábito infantil de falar consigo mesma. — Novembro geralmente é um mês tão desagradável... é como se o ano repentinamente descobrisse que estava ficando velho e que não poderia fazer mais nada, exceto lamentar-se e desesperar-se por isso. Este ano está envelhecendo graciosamente... assim como uma altiva dama idosa, que sabe ser encantadora mesmo com o cabelo grisalho e as rugas. Os dias têm sido adoráveis e os entardeceres prazerosos. Esta última quinzena está sendo tão pacífica, e pode-se dizer que até mesmo Davy tem se comportado bem. Penso que ele realmente está melhorando muito. Os bosques estão bem tranquilos hoje... nenhum ruído, exceto o suave sussurro do vento na copa das árvores. Soa como a rebentação, bem distante da costa. Como são queridas as árvores! Vocês, belas árvores! Amo a cada uma de vocês como uma amiga.

Anne se deteve para abraçar uma jovem bétula e beijar seu tronco fino e pardo. Diana, que estava passando pela curva do caminho, viu-a e sorriu.

— Anne Shirley, você só finge ser adulta! Acredito que, quando está sozinha, continua a mesma menininha que sempre foi.

— Bem, uma moça não pode resistir ao hábito de voltar a ser menina de vez em quando – respondeu, alegremente. — Veja bem, fui criança durante quatorze anos, e estou crescida há apenas três. Tenho

certeza de que sempre me sentirei como uma criança quando estiver nos bosques. Estas caminhadas da escola para casa são praticamente o único momento que tenho para sonhar... exceto aquela meia hora antes de dormir. Estou tão ocupada em lecionar, estudar e ajudar Marilla com os gêmeos, que não há tempo para idealizar coisas. Você não imagina as esplêndidas aventuras que tenho todas as noites, alguns instantes antes de ir para a cama, no meu quartinho do lado leste. Sempre imagino que sou uma pessoa muito brilhante, triunfante e esplêndida... uma grande *prima donna*, ou uma enfermeira da Cruz Vermelha, ou uma rainha. Na noite passada eu era uma rainha. É verdadeiramente formidável imaginar que faz parte da realeza. Você se diverte ao máximo, sem nenhum inconveniente, e pode deixar de ser uma rainha quando quiser – coisa que não acontece na vida real. Mas aqui, nos bosques, gosto mesmo é de imaginar que sou alguém completamente diferente... sou uma dríade morando num velho pinheiro, ou um pequeno duende marrom que se esconde embaixo de uma folha amassada. Aquela bétula que você me viu beijando é uma das minhas irmãs. A única diferença é que ela é uma árvore, e eu uma moça; mas, na verdade, não há diferença. Onde você está indo, Diana?

— Vou à casa dos Dicksons. Prometi ajudar Alberta a cortar seu vestido novo. Você não pode ir até lá ao crepúsculo, Anne, e acompanhar-me no regresso?

— Pode ser... considerando que Fred Wright não está na cidade hoje – acrescentou, com uma expressão inocente.

Diana enrubesceu, atirou a cabeça para trás e continuou caminhando. Entretanto, não parecia estar ofendida.

Anne tinha intenção de ir à casa dos Dicksons naquela noite, mas não foi. Quando chegou em Green Gables, encontrou a situação num estado tal que baniu qualquer outro pensamento de seu cérebro. Marilla a encontrou no quintal, com o pavor estampado nos olhos.

— Anne, Dora está desaparecida!

— Dora! Desaparecida? – a jovem olhou para Davy, que se balançava no portão, e detectou uma certa alegria em seu olhar. — Davy, sabe onde sua irmã está?

— Não, não sei – ele respondeu sem hesitação. — Não vejo Dora desde a hora do almoço, juro por Deus!

— Estive fora desde a uma hora da tarde – disse Marilla. — Thomas Lynde adoeceu de repente, e Rachel me chamou com urgência. Quando saí daqui, Dora estava brincando com a boneca na cozinha, e Davy estava fazendo tortinhas de barro atrás do celeiro. Só voltei para casa meia hora atrás... e não consigo encontrar Dora! Davy afirma que não a viu desde que eu saí.

— Não vi mesmo – declarou Davy, solenemente.

— Ela deve estar em algum lugar aqui por perto. Dora jamais sairia vagando para longe, sozinha... você sabe como ela é tímida. Talvez tenha caído no sono em um dos quartos.

Marilla balançou a cabeça.

— Eu virei a casa inteira de ponta cabeça para encontrá-la! Mas ela pode estar no celeiro ou no estábulo.

Seguiu-se uma busca completa. Cada canto da casa, do quintal e das construções externas foi esquadrinhado pelas duas mulheres preocupadas. Anne perambulou pelos pomares e pela Floresta Assombrada, chamando o nome de Dora. Marilla acendeu uma vela e explorou o porão. Davy acompanhou uma de cada vez, e foi muito criativo sugerindo os lugares em que Dora pudesse estar escondida. Finalmente, os três se reencontraram no quintal.

— É um grande mistério – gemeu Marilla.

— Onde ela pode estar? – murmurou Anne, miseravelmente.

— Talvez tenha tropeçado e caído dentro do poço – sugeriu Davy, com animação.

Anne e Marilla entreolharam-se, temerosas. Esse pensamento estivera com as duas durante toda a busca, mas nenhuma delas ousara colocá-lo em palavras.

— Ela... ela pode ter caído – sussurrou Marilla.

Anne, sentindo-se nauseada a ponto de desmaiar, foi até a beirada do poço e olhou. O balde estava pendurado pelo lado de dentro. Muito profundamente, lá embaixo, era possível enxergar o brilho da água parada. O poço dos Cuthbert era o mais profundo de toda Avonlea. Se Dora... mas Anne não podia suportar essa ideia. A moça estremeceu e voltou.

— Vá correndo chamar Mr. Harrison – pediu Marilla, retorcendo as mãos.

— Mr. Harrison e John Henry não estão em casa... foram até a

cidade hoje. Vou chamar Mr. Barry!

Mr. Barry acompanhou Anne, trazendo consigo um rolo de corda que tinha atado em sua extremidade um instrumento parecido com uma garra – que fora, em seus tempos áureos, um garfo de jardinagem. Marilla e Anne ficaram paradas esperando, frias e trêmulas, entre o horror e o medo, enquanto Mr. Barry vasculhava o poço; e Davy, montado no portão, observava o grupo com uma expressão que indicava grande contentamento.

Finalmente, Mr. Barry balançou a cabeça aliviado.

— Ela não pode estar lá embaixo. No entanto, isso é muito curioso... onde ela poderia ter ido? Olhe aqui, rapazinho, você tem certeza de que não faz ideia de onde está sua irmã?

— Já disse mil vezes que não sei! – exclamou Davy, com ar injuriado. — Talvez um mendigo tenha vindo aqui e *roubado ela*.

— Quanta bobagem – disse Marilla, com severidade, aliviada do terrível medo que sentira com relação ao poço. — Anne, você acha que Dora poderia ter se afastado daqui até a fazenda de Mr. Harrison? Ela sempre comenta sobre o tal papagaio, desde o dia em que você a levou até lá.

— Não creio que Dora se aventurasse a ir tão longe sozinha, mas irei até lá para ver.

Ninguém estava olhando para Davy naquele momento, ou teriam percebido uma decidida mudança em sua fisionomia. Silenciosamente, o menino desceu do portão e correu para o celeiro, tão rápido quanto suas perninhas rechonchudas conseguiam levá-lo.

Com muita pressa, e sem grandes esperanças em seu espírito, Anne cruzou os campos até a fazenda de Mr. Harrison. A casa estava trancada, as persianas fechadas, e não havia qualquer sinal de vida no local. Ela foi, então, até a varanda e gritou por Dora.

Ginger, que estava na cozinha, guinchou alto e xingou com repentina ferocidade; mas, em meio às queixas do pássaro, Anne ouviu um choro lamurioso vindo da edícula do jardim, a qual Mr. Harrison usava como depósito de ferramentas. Anne correu para a porta, puxou o ferrolho e encontrou a pequena mortal, com o rosto molhado de lágrimas, desamparadamente sentada sobre um barril de pregos voltados para cima.

— Oh, Dora, Dora! Que susto você nos deu! Como veio parar

aqui?

— Davy e eu viemos aqui para ver o Ginger – soluçou a menina –, mas não conseguimos vê-lo. Davy só fez com que ele xingasse quando chutou a porta. E, então, Davy me trouxe até aqui, correu para fora e trancou a porta, e eu não consegui mais sair! Eu chorei, e gritei, e fiquei assustada... e, oh, estou com tanto frio e tanta fome! Pensei que você nunca mais viria, Anne.

— Davy? – mas Anne não conseguiu dizer mais nada. Carregou Dora para casa com o coração amargurado. Seu júbilo por ter encontrado a criança sã e salva submergiu em face da dor causada pelo comportamento de Davy. A façanha de ter trancado Dora poderia ter sido perdoada com facilidade. Mas Davy havia mentido... ele havia claramente mentido a sangue frio. Esta era a triste realidade, e Anne não podia fechar seus olhos diante disso. Ela poderia sentar-se e chorar, por puro desapontamento. Tinha passado a amá-lo com muita ternura – até este momento não soubera o quanto –, e descobrir que ele era culpado de uma mentira deliberada a magoava de maneira insuportável.

Marilla ouviu a história de Anne num silêncio que não pressagiava nada de bom para Davy. Mr. Barry deu uma risada e aconselhou que Davy deveria ser sumariamente punido. Depois que o vizinho saiu, Anne consolou e aqueceu a chorosa e trêmula Dora, serviu-lhe o jantar e colocou-a na cama. Então retornou à cozinha, justo quando Marilla entrava com austeridade, conduzindo, ou melhor, *empurrando* o relutante Davy coberto de teias de aranha, a quem ela havia encontrado escondido no canto mais escuro do estábulo.

Marilla o empurrou até o capacho no centro do assoalho, e sentou-se ao lado da janela leste. Anne estava sentada, sem energia, diante da janela oeste. Entre elas, permanecia o réu, em pé. Ele estava de costas para Marilla e parecia obediente, assustado e desanimado. Mas seu rosto estava virado para Anne, e, apesar de estar um pouco envergonhado, havia um lampejo de camaradagem em seus olhos de menino, como se ele soubesse que tinha feito algo errado e que seria punido por isso, mas que podia contar com Anne para dar umas boas gargalhadas sobre o assunto, mais tarde.

Porém, não foi um sorriso escondido que ele encontrou em resposta nos olhos cinzentos da jovem, como ocorreria se tivesse sido apenas uma

travessura. Havia algo mais... algo feio e repulsivo.

— Como pôde comportar-se desta maneira, Davy? – ela perguntou, tristemente.

Davy moveu-se com desconforto.

— Só fiz isso para me divertir. Faz muito tempo que as coisas estão terrivelmente quietas por aqui, e eu achei que seria divertido dar um grande susto em vocês duas. E foi mesmo!

Apesar do medo e de uma pitada de remorso, Davy sorriu ironicamente diante da lembrança.

— Mas você contou uma mentira, Davy! – disse Anne, mais triste do que nunca.

Davy pareceu confuso.

— O que é uma *mentira*? Você quer dizer uma lorota?

— Quero dizer que *mentira* é uma história que não é verdadeira.

— Claro que eu contei! – respondeu, honestamente. — Se não tivesse contado, vocês não teriam ficado assustadas. Eu *tive* que contar.

Anne começou a sentir a resposta de seus nervos ao medo súbito que tivera por Dora e todos os esforços que fizera em sua busca. A atitude impertinente de Davy foi o toque final. Duas grandes lágrimas brotaram em seus olhos.

— Oh, Davy, como pôde? – perguntou, com a voz embargada. — Você não sabe o quanto isso é errado?

Davy ficou espantado. Anne estava chorando... *ele tinha feito Anne chorar*! Uma onda de verdadeiro remorso inundou seu afetuoso coraçãozinho, e fê-lo afundar de culpa. Ele correu para Anne, atirou-se em seu colo, abraçou-a pelo pescoço e irrompeu em lágrimas.

— Eu não sabia que era errado contar lorotas – soluçou o menino. — Como você esperava que eu soubesse? Todos os filhos do Mr. Sprott contavam lorotas *sem parar*, todos os dias, e faziam até o sinal da cruz para confirmar o que diziam! Acho que o Paul Irving nunca conta lorotas, e eu estou tentando muitíssimo ser tão bom quanto ele... mas, agora, acredito que você nunca mais vai me amar. Mas acho que você tinha que ter me dito que isso era errado. Eu lamento terrivelmente por ter feito você chorar, Anne... e eu nunca mais contarei uma lorota.

Davy enterrou o rosto no ombro de Anne e chorou torrencialmente. Ela, num repentino relâmpago de compreensão, abraçou-o apertado, e

olhou para Marilla por cima da cabeça cheia de cachos.

— Ele não sabia que era errado contar mentiras, Marilla. Penso que podemos perdoá-lo desta vez, se ele prometer nunca mais dizer coisas que não são verdadeiras.

— Nunca mais, agora que eu sei que isso é ruim – declarou Davy, entre soluços. — Se alguma vez você me pegar contando uma lorota de novo, você pode... – e ele buscou uma penitência adequada em sua mente – pode me esfolar vivo, Anne.

— Não diga *lorota*, Davy... é melhor usar a palavra *mentira* – ensinou a professora.

— Por que? – ele questionou, descendo do colo e encarando-a com o inquisitivo semblante molhado pelas lágrimas. — Por que *lorota* não é tão bom quanto *mentira*? Quero saber. É uma palavra tão grande quanto a outra.

— Porque é um termo vulgar, e é errado os meninos usarem esse tipo de linguajar.

— Tem um montão de coisas que é errado fazer – prosseguiu Davy, com um suspiro. — Nunca imaginei que existiam tantas! Sinto muito que seja errado contar lorot... mentiras, porque isso é bastante útil; mas, como é errado, nunca mais contarei nenhuma. O que vocês vão fazer comigo por ter contado uma mentira desta vez? Quero saber.

Anne olhou para Marilla de modo suplicante.

— Não quero ser dura demais com o menino – disse Marilla. — Suponho que ninguém nunca o advertiu que era errado dizer falsidades, e aqueles filhos dos Sprott não eram boas companhias para ele. A pobre Mary estava muito doente para educá-lo de forma adequada, e acredito que não podemos esperar que uma criança de seis anos de idade saiba esse tipo de coisa por instinto. Suponho que simplesmente precisamos admitir que ele não sabe *nada* sobre o que é certo; e começaremos a educá-lo do princípio. Mas ele terá que ser punido por ter prendido Dora, e não consigo pensar em nada, exceto mandá-lo para cama sem o jantar, como já fizemos tantas vezes antes. Não tem outra sugestão, Anne? Penso que você é capaz de inventar alguma coisa com essa imaginação que você está sempre mencionando.

— Mas punições são tão horríveis, e eu só gosto de imaginar coisas prazerosas – ela respondeu, abraçando Davy. — Já existem tantas coisas

desagradáveis no mundo, que é inútil inventar mais uma.

Por fim, como de costume, Davy foi mandado para cama, e era para permanecer lá até o meio-dia do dia seguinte. Evidentemente ele pensou sobre o assunto, pois, mais tarde, quando Anne subiu para o quarto, ouviu-o chamar seu nome suavemente. Entrando no quartinho do lado oeste do sótão, ela o encontrou sentado na cama, com os cotovelos sobre os joelhos e o queixo apoiado nas mãos.

— Anne, é errado para todo mundo dizer lorot... mentiras? Quero saber.

— Certamente que sim.

— É errado para uma pessoa adulta?

— Sim.

— Então Marilla é má, pois *ela* conta mentiras – ele disse, decididamente. — E ela é pior do que eu, porque eu nem sabia que era errado, mas ela sabia.

— Davy Keith, Marilla nunca contou uma mentira em toda a vida dela! – exclamou Anne, com indignação.

— Contou, sim! Ela me disse, na terça-feira passada, que algo terrível *iria* acontecer comigo se eu não fizesse minhas orações todas as noites. E eu não tenho rezado há mais de uma semana, só para ver o que acontece... e nada aconteceu – concluiu Davy, com gravidade.

Anne sufocou uma louca vontade de rir, com a convicção de que uma risada naquele momento seria fatal; e, então, empenhou-se seriamente em salvar a reputação de Marilla.

— Ora, Davy Keith, algo terrível *aconteceu* com você hoje mesmo! – ela disse, solenemente.

Davy pareceu cético.

— Acho que você quer dizer ser mandado para cama sem jantar – ele respondeu, com desdém –, mas *isto* não é terrível. É claro que eu não gosto, mas já fiquei tantas vezes sem jantar desde que cheguei aqui, que estou começando a me acostumar. E vocês não conseguem guardar mais comida quando me mandam dormir com fome, porque eu sempre como o dobro no café da manhã.

— Não me refiro ao fato de ser mandado para dormir sem jantar, e sim ao fato de ter contado uma mentira. E, Davy – inclinando-se sobre o pé da cama, Anne apontou de maneira expressiva para o culpado –,

quando um menino fala o que não é verdade, isso é praticamente a pior coisa que pode *acontecer*... é quase a pior de todas as coisas. Então, você vê que Marilla lhe disse a verdade.

— Mas eu pensei que algo ruim seria emocionante! – ele protestou, injuriado.

— Marilla não pode ser culpada por algo que você pensou. Coisas ruins não são sempre emocionantes. São, frequentemente, só desagradáveis e estúpidas.

— Mesmo assim, foi extremamente engraçado ver você e Marilla olhando para o fundo do poço – ele disse, abraçando os joelhos.

Anne manteve um semblante sóbrio até descer as escadas, e, então, sentou-se no sofá da sala de visitas e riu até doer a barriga.

— Gostaria que você me contasse a piada – disse Marilla, um pouco sisuda. — Não tive muitos motivos para rir hoje.

— Você vai rir quando ouvir isso – assegurou-lhe Anne. E Marilla realmente riu, demonstrando o quanto seu aprendizado havia avançado desde que adotara Anne. Mas, depois, imediatamente suspirou.

— Suponho que não deveria ter dito isso a ele, embora eu tenha ouvido um ministro dizê-lo a uma criança, uma vez. Mas Davy me importunou profundamente. Foi na noite em que você estava no concerto, em Carmody, e eu o coloquei para dormir. Ele falou que não via benefícios em orar, até que estivesse crescido o bastante para ter alguma importância para Deus. Anne, não sei o que faremos com aquela criança! Eu nunca vi uma igual. Sinto-me completamente desencorajada.

— Oh, não diga isso, Marilla! Lembre-se do quanto eu era má quando cheguei aqui.

— Anne, você nunca foi má... *nunca*. Percebo isso agora que estou vendo o que é maldade de verdade. Há que se admitir que você se envolvia continuamente em tremendas confusões, mas sua motivação era sempre boa. Davy é mau pelo mero prazer de sê-lo.

— Oh, não, não acredito que ele seja verdadeiramente mau – alegou Anne. — É só travessura. E este lugar é sossegado demais para ele, você sabe. Não há outros garotos para brincar, e a mente dele precisa ter algo com que se ocupar. Dora é tão recatada e correta que não serve como companheira de divertimentos. Eu realmente acho que seria melhor deixá-los irem para a escola, Marilla.

— Não – respondeu, resoluta –, meu pai sempre dizia que nenhuma criança deveria ser encerrada entre as paredes de um colégio até que tivesse sete anos, e Mr. Allan diz o mesmo. Os gêmeos podem receber algumas lições em casa, mas não irão para a escola até que tenham completado sete anos.

— Bem, então devemos tentar corrigir Davy em casa – concluiu Anne, animada. — Mesmo com todos os seus defeitos, ele realmente é um garotinho muito querido. Não consigo evitar amá-lo. Marilla, pode ser uma coisa desagradável o que vou dizer... mas, honestamente, gosto mais de Davy do que de Dora, mesmo ela sendo tão boazinha.

— Eu não sei porquê, mas sinto o mesmo – confessou Marilla –, e isso não é justo, pois Dora não dá nenhum trabalho. Não existe criança melhor do que ela, e mal se nota sua presença na casa.

— Dora é muito boazinha. Ela se comportaria bem, mesmo que não tivesse uma única alma para dizer-lhe o que fazer. Já nasceu educada, de modo que não precisa de nenhuma de nós. E eu acho – concluiu Anne, chegando ao âmago da questão – que sempre amamos mais aqueles que precisam de nós. Davy precisa muitíssimo.

— Ele certamente precisa de algo – concordou Marilla. — Rachel Lynde diria que esse *algo* é uma boa surra.

Capítulo XI

Realidade e Fantasia

Lecionar é realmente um trabalho muito interessante – escreveu Anne a Stella Maynard, sua ex-colega da Queen's Academy. *Jane costuma dizer que acha monótono, mas não tenho a mesma opinião. É certo que praticamente todos os dias algo divertido acontecerá, e as crianças falam as coisas mais engraçadas! Jane diz que repreende os alunos quando fazem discursos graciosos, e é bem provável que seja este o motivo pelo qual ela considera o trabalho monótono. Esta tarde, o pequeno Jimmy Andrews tentava soletrar a palavra 'salpicado', e não conseguia. 'Bem' – ele disse, finalmente – 'não consigo soletrar esta palavra, mas sei o que significa.'*

'E o que é?' – eu perguntei.

'O rosto do St. Clair Donnell, senhorita.'

Por certo que St. Clair tem muitas sardas; porém, eu tento impedir que os outros comentem a respeito... pois eu era sardenta, e disso me lembro bem. Mas não acredito que St. Clair se importe. Ele esmurrou Jimmy no caminho para casa, mas foi por tê-lo chamado de 'St. Clair'. Eu soube da briga, mas não oficialmente; então, creio que não preciso tomar qualquer providência.

Ontem eu estava tentando ensinar adição a Lottie Wright. Perguntei-lhe: 'Se você tem três caramelos em uma mão e dois na outra, quantos terá ao todo?' 'Uma mão cheia', disse Lottie. E na aula de ciências naturais, quando pedi que me dessem uma boa razão pela qual não deveríamos matar sapos, Benjie Sloane respondeu-me seriamente: 'Porque iria chover no dia seguinte.'

É tão difícil não desatar a rir, Stella! Tenho que segurar o riso até chegar em casa, e Marilla disse que fica nervosa ao ouvir gargalhadas frenéticas de hilaridade vindas do quartinho do lado leste, sem nenhuma razão aparente. Contou-me que um homem em Grafton começou dessa maneira, e acabou ficando louco.

Sabia que Thomas Becket[9] *foi canonizado como uma 'cobra'? Foi o que me disse Rose Bell... e disse também que William Tyndale*[10]

‘escreveu’ o Novo Testamento. Claude White afirmou que ‘glacial’ é um homem que vende sorvetes!

Penso que o mais difícil na arte de lecionar, assim como o mais interessante, é fazer com que as crianças exponham suas verdadeiras impressões sobre as coisas. Em um dia de tempestade, na semana passada, eu reuni os alunos ao redor da mesa, na hora da merenda, e procurei fazer com que conversassem comigo como se eu fosse um deles. Pedi que me contassem sobre seus maiores desejos. Algumas respostas foram bem normais... bonecas, pôneis e patins. Outras foram decididamente originais. Hester Boulter queria ‘usar seu vestido de domingo todos os dias, e fazer suas refeições na sala’. Hannah Bell queria ‘ser boa sem ter que se esforçar tanto’. Marjory White, de dez anos, contou-me que queria ‘ser uma viúva’. Quando perguntei o porquê, ela disse, com muita seriedade, que ‘se você é solteira, as pessoas a chamam de solteirona, e se é casada, seu marido controla sua vida; mas, se for viúva, não corre risco nem de uma coisa, nem de outra’. No entanto, o desejo mais singular foi o de Sally Bell. Queria uma ‘lua-de-mel’. Perguntei a ela se sabia o que significava, e respondeu-me que achava que era ‘um tipo extraordinário de bicicleta, pois um primo de Montreal saiu de lua-de-mel quando se casou, e ele sempre tivera o último lançamento em bicicletas!’

Outro dia pedi que me contassem qual era a pior travessura que já haviam cometido. Não consegui convencer os mais velhos a revelar, mas a terceira série respondeu tranquilamente. Eliza Bell ‘ateou fogo ao novelo de linha de sua tia’. Quando perguntei se ela realmente queria ter feito isso, respondeu-me ‘não inteiramente’. Acendera só a pontinha para ver o que aconteceria e, num instante, todo o pacote se queimou. Emerson Gillis havia gasto dez centavos comprando balas, quando deveria ter doado a moeda como oferta missionária. O pior crime de Annetta Bell foi comer amoras que cresciam no cemitério’. Willie White tinha ‘escorregado do telhado do estábulo um monte de vezes usando as calças de domingo, e foi punido por isso, tendo que usar calças remendadas na Escola Dominical durante todo o verão’, e declarou que ‘quando alguém é punido por ter feito algo, não tem que se arrepender por isso’.

Gostaria que você pudesse ver algumas redações... quero tanto que vou enviar-lhe a cópia de algumas escritas recentemente. Na semana

passada, pedi aos alunos da quarta série que escrevessem cartas para mim sobre o que quisessem, sugerindo-lhes que poderiam escrever acerca de algum lugar visitado, ou alguma pessoa ou coisa significante que lhes houvesse despertado o interesse. Deveriam escrever em papéis de carta de verdade, colocá-los num envelope e endereçá-los para mim, sem a ajuda de ninguém. Na sexta-feira, encontrei uma pilha de cartas em minha mesa, e naquela noite constatei que lecionar tem seus deleites, assim como seus pesares. Essas redações compensaram muitas coisas. Aqui está a de Ned Clay – endereço, ortografia e gramática conforme foi originalmente escrita:

'Miss professora ShiRley
Green Gabels.
p.e. Ilha

pássaros

'Querida professora acho que vou escrever uma redação sobre pássaros. pássaros são animais muito úteis. meu gato caça pássaros. Seu nome é William mas papai chama ele de tom. ele é todo listado e ficou com uma orelha congelada inverno passado. se não fosse isso ele ia ser um belo gato. Meu tiu adotou um gato. o bichano chegou na casa dele um dia e num vai embora mais e titiu diz que o bicho esqueceu mais coisas que as pessoas pensam. ele deixa o gato dormir na sua cadeira de balanso e titia diz que ele pensa mais no animal do que nos filhos. isso não está certo. temos que ser gentis com os gatos e dar leite fresco para eles mas não devemos tratar eles melhor do que aos nossos filhos. isso é tudo que consigo escrever sobre isso por agora. então sem mais de

edward blake ClaY.'

A carta de St. Clair Donnell é, como de costume, curta e objetiva. O garoto nunca desperdiça palavras. Não creio que ele tenha escolhido o assunto, ou acrescentado a observação por malícia premeditada, só não possui muito tato ou imaginação:

'Querida Miss Shirley

'A senhorita pediu que descrevêssemos algo estranho que possamos ter visto. Descreverei o Salão de Avonlea. Tem duas portas, uma

interna e outra externa. Tem seis janelas e uma chaminé. Tem duas extremidades e dois lados. Está pintado de azul. É isso que o torna estranho. Está situado na estrada de baixo para Carmody. É a terceira construção mais importante de Avonlea. Os outros são a igreja e a loja do ferreiro. As pessoas se reúnem lá para clubes de debate e palestras e concertos.

Atenciosamente,

Jacob Donnel.

P.S. O salão é azul muito brilhante.'

A carta de Annetta Bell foi bem extensa, o que me surpreendeu, pois escrever redações não é o forte dela; e, quando as escreve, geralmente são tão breves quanto as de St. Clair. Annetta é uma garotinha muito tranquila, e um modelo de bom comportamento, mas não existe nela nem um pouquinho sequer de originalidade. Aqui está sua carta:

'Queridíssima professora,

'Acho que vou escrever para a senhorita uma carta falando sobre o quanto eu a amo. Eu a amo com todo meu coração, alma e mente... com tudo que há em mim para amar... e quero servi-la para sempre. Será meu mais alto privilégio. É por isso que eu me esforço tanto para ser boa na escola, e estudar as 'lições'.

'A senhorita é tão linda, minha professora. Sua voz é como música e seus olhos como amores-perfeitos regados pelo orvalho. A senhorita é como uma grande e majestosa rainha. Seu cabelo é como o ouro ondulado. Anthony Pye diz que é ruivo, mas a senhorita não deve dar atenção ao que Anthony diz.

'Só conheço a senhorita há alguns meses, mas não consigo imaginar que já houve um tempo em que eu não a conhecia... quando a senhorita ainda não tinha entrado na minha vida para abençoá-la e santificá-la. Sempre recordarei deste ano como o mais maravilhoso da minha vida, porque foi o ano que me trouxe a senhorita. Além disso, foi o ano em que nos mudamos de Newbridge para Avonlea. Meu amor pela senhorita enriqueceu minha vida, e me manteve fora de perigo e perversidade. Devo tudo isso à senhorita, minha querida professora.

'Nunca me esquecerei do quão linda a senhorita estava na última

vez em que a vi, com o vestido preto e as flores no cabelo. Sempre a verei assim, mesmo quando estivermos velhas e grisalhas. Sempre será jovem e bonita para mim, querida professora. Estou toda hora pensando na senhorita... de manhã, ao meio-dia e ao anoitecer. Amo quando sorri e quando suspira... mesmo quando parece desdenhosa. Nunca vi a senhorita ficar irritada, ainda que Anthony Pye diga que está sempre irritada, mas sei que demonstra estar brava com ele porque ele merece. Amo a senhorita vestida de qualquer maneira... parece mais adorável em cada vestido novo do que no anterior.

'Querida professora, boa noite. O sol já se pôs e as estrelas estão brilhando... estrelas que são tão brilhantes e belas quanto os seus olhos. Um beijo em suas mãos e rosto, minha amada. Que Deus a proteja e guarde de todo o mal.

Sua afectuosa aluna,

Annetta Bell.'

Esta carta extraordinária me deixou muito confusa. Sabia que Annetta não poderia ter escrito algo assim, da mesma forma que ela não conseguiria voar! Quando fui para a escola no dia seguinte, levei-a para uma caminhada até o riacho no horário do recreio, e pedi-lhe que me contasse a verdade sobre a carta. Annetta chorou e confessou tudo voluntariamente. Contou-me que nunca escrevera uma carta, e que não sabia como começar, ou o que dizer, mas encontrou um pacote de cartas de amor na primeira gaveta da cômoda da mãe, escritas por um antigo namorado.

'Não eram do meu pai' – soluçou Annetta – 'eram de um rapaz que estava estudando para se tornar ministro, que escrevia lindas cartas; mas, por fim, mamãe não se casou com ele. Disse-me que, na metade do tempo, não conseguia entender bulhufas do que ele dizia. Mas achei que as cartas eram adoráveis, e então copiei algumas coisinhas aqui e ali para escrever à senhorita. Substituí dama *por* professora*, e escrevi algumas coisas que me vieram à mente, e mudei algumas palavras. Coloquei* vestido *em lugar de* humor*. Não sabia o significado de* humor*, mas suponho que seja algo de vestir. Não achei que a senhorita perceberia a diferença. Não sei como descobriu que a carta não era toda minha. A*

senhorita deve ser impressionantemente sábia*, professora.'*

Eu disse a Annetta que foi muito errado copiar a carta de uma outra pessoa e fingir que era sua. Mas receio que a única coisa que a levou ao arrependimento foi ter sido descoberta.

'E eu a amo, professora' – ela disse, aos soluços. 'Era tudo verdade, mesmo que o ministro tenha sido o primeiro a escrever isso. Amo a senhorita com todo meu coração.'

É muito difícil repreender alguém apropriadamente em tais circunstâncias.

Aqui está a carta de Barbara Shaw. Não consigo reproduzir os borrões de tinta da original.

'Querida professora,

'A senhorita disse que poderíamos escrever sobre alguma viagem. Só viajei uma vez. Fui na casa da minha tia Mary, no inverno passado. Minha tia Mary é uma mulher muito especial, e uma grande dona de casa. Na primeira noite que eu estava lá, tomamos chá. Eu derrubei um bule e o quebrei. Tia Mary disse que tinha o bule desde que se casara, e ninguém o havia quebrado antes. Quando levantamos, pisei na barra de seu vestido e todos os babados da saia se rasgaram. Na manhã seguinte, quando me levantei, golpeei a jarra contra a bacia e quebrei as duas, e entornei uma xícara de chá na toalha de mesa durante o desjejum. Quando estava ajudando a tia Mary com a louça do jantar, deixei cair um prato de porcelana, que se quebrou. Naquela noite, eu caí na escada e torci o tornozelo, e fiquei de cama por uma semana. Ouvi titia dizer ao tio Joseph que esse acidente foi uma bênção, ou eu teria quebrado tudo na casa. Quando melhorei, estava na hora de voltar. Não gosto muito de viajar. Gosto mais de vir para a escola, especialmente desde que cheguei a Avonlea.

Atenciosamente,

Barbara Shaw.'

A de Willie White começou assim:

'Respeitável senhorita,

'Quero lhe contar sobre a minha tia Mui Valente. Ela mora em

Ontario e, certo dia, ela foi até o celeiro e viu um cachorro no quintal. O cachorro não tinha porque estar ali, então a tia pegou um pau e bateu forte nele, levou ele para o celeiro e o prendeu. Logo em seguida, chegou um homem procurando um leão falso (Dúvida: será que Willie quis dizer um leão 'manso'?) que tinha fugido de um circo. E por fim, o tal cachorro era um leão, e minha tia Mui Valente tinha tocado ele pro celeiro com um pau. Foi incrível ela não ter sido comida, mas ela foi muito valente. Emerson Gillis diz que se ela pensou que era um cachorro, então não foi mais corajosa do que se fosse um cachorro de verdade. Mas Emerson tem inveja porque não tem uma tia Mui Valente, só tem tios.'

Guardei a melhor para o final. Você achou engraçado eu dizer que Paul é um gênio, mas estou certa de que esta carta irá convencê-la de que ele é uma criança muito extraordinária. Paul mora com sua avó perto da praia, e não tem companheiros de brincadeiras... nenhum amigo verdadeiro. Você se recorda do nosso professor de Gerenciamento Escolar dizendo que não devemos ter alunos 'favoritos'? Mas não posso evitar amar Paul Irving mais do que amo os outros! E, além disso, não creio que seja algo ruim, pois todos amam Paul – até mesmo Mrs. Lynde, que diz que não acreditava que poderia se afeiçoar tanto por um ianque[11]. Os outros garotos da escola também gostam dele. Apesar de seus sonhos e fantasias, não há nada fraco ou afetado nele. Paul é muito varonil e se destaca em todos os jogos. Recentemente brigou com St. Clair Donnell, pois este disse que a Bandeira da União[12] era muito melhor do que a Bandeira das Estrelas e Listras[13]. O resultado foi um empate, e um acordo mútuo de respeitar o patriotismo um do outro dali em diante. St. Clair diz que ele pode bater mais forte, mas Paul pode bater mais rápido.

Eis a carta de Paul:

'Minha querida Professora,

'A senhorita disse que poderíamos escrever sobre pessoas interessantes que conhecemos. Acho que as pessoas mais interessantes que conheço são as minhas pessoinhas de pedra, e quero falar sobre elas. Nunca contei nada disso a ninguém, só para vovó e papai, mas gostaria que a senhorita soubesse, porque a senhorita compreende as coisas. Há muitas pessoas que não entendem, então não vejo razão em contar-lhes.

'Minhas pessoinhas de pedra moram na praia. Antes de começar o

inverno, eu costumava visitá-las quase todos os dias ao entardecer. Agora não posso ir vê-las até começar a primavera, mas elas estarão lá, pois são daquele tipo de pessoa que nunca muda... isto é o mais esplêndido sobre elas. Nora foi a primeira que conheci, e por isso acho que a amo mais. Ela vive na Enseada dos Andrews, e tem os cabelos e olhos escuros, e sabe tudo sobre sereias e ondinas[14]. A senhorita precisa ouvir as histórias que ela conta. E há, também, os Marinheiros Gêmeos. Eles não têm morada, navegam o tempo todo, mas frequentemente vêm à praia para conversar comigo. São um par de alegres marujos, e já viram de tudo neste mundo... e viram ainda mais coisas que não existem neste mundo. Sabe o que aconteceu uma vez com o mais jovem dos Marinheiros Gêmeos? Ele estava navegando e entrou bem no reflexo da luz do luar. Sabe, professora, Luz do Luar é a trilha que a lua cheia faz na água quando se ergue sobre o mar. Bem, o caçula dos Marinheiros Gêmeos navegou sobre a Luz do Luar até que chegou ao topo da lua, e lá havia uma portinha dourada que se abriu, e ele entrou por ela. Viveu extraordinárias aventuras na lua; entretanto, se eu as contasse, a carta ficaria muito extensa.

'Existe também a Dama Dourada da caverna. Um dia, enquanto passeava, encontrei uma grande caverna na praia e entrei, e logo em seguida encontrei a Dama Dourada. Ela tem o cabelo dourado que chega até seus pés, e seu vestido é todo cintilante e resplandecente como se fosse ouro vivo. E ela possui uma harpa de ouro, e toca o dia inteiro... sempre se pode ouvir sua música ao longo da costa, se escutar com cuidado, mas a maioria das pessoas pensaria que é só o vento entre as rochas. Nunca contei a Nora sobre a Dama Dourada. Temo que possa magoá-la. Ela fica chateada até mesmo se eu converso por muito tempo com os Marinheiros Gêmeos.

'Sempre encontro os dois marujos nas Rochas Listradas. O mais jovem deles é muito bem-humorado, mas o mais velho parece assustadoramente feroz às vezes. Tenho minhas suspeitas sobre ele. Creio que poderia ser um pirata, se quisesse. Existe algo muito misterioso nele. Ele xingou uma vez, e eu lhe disse que, se fizesse isso novamente, não precisaria mais vir à praia para falar comigo, pois prometi a vovó que nunca me associaria com alguém que diz palavrões. Posso afirmar-lhe que ele ficou bem assustado, e falou que se eu o perdoasse, me levaria ao

pôr do sol. Então, no entardecer do dia seguinte, enquanto estava sentado nas Rochas Listradas, o gêmeo mais velho veio navegando em um barco encantado, e eu embarquei. O barco era da cor de madrepérola e arco-íris, como a parte interna de uma concha de mexilhão, e sua vela como a luz do luar. Bem, navegamos diretamente para o ocaso. Imagine isto, professora, estive no pôr do sol! E a senhorita imagina como é? O ocaso é um campo todo florido. Navegamos por um imenso jardim, e as nuvens eram como canteiros. Estivemos em um grande porto dourado, e desembarquei em um grande prado, todo coberto por narcisos, tão grandes quanto rosas. Fiquei lá por muito, muito tempo. Pareceu-me quase um ano, mas o Gêmeo mais velho disse-me que foram somente alguns minutos. Veja que, na terra do ocaso, o tempo é muito mais longo do que aqui.

Seu amoroso aluno, Paul Irving.

P. S. é claro que nada nesta carta é verdade, professora. P.I. ’

Capítulo XII

Um Dia de Cão

Tudo começou na noite anterior, com uma interminável e inquieta vigília por causa de uma dor de dentes. Quando Anne se levantou naquela amarga e enfadonha manhã de inverno, sentiu que sua vida era monótona, insípida e inútil.

Ela foi para a escola num estado de ânimo nada angelical. As bochechas estavam inchadas e seu rosto doía. A sala de aula estava gélida e fumacenta, pois o fogo se recusava a aquecer o ambiente e as crianças se amontoaram em grupos ao redor do aquecedor, tremendo de frio. Anne ordenou que fossem para seus lugares com o tom de voz mais ríspido que já utilizara no exercício da profissão. Anthony Pye desfilou pomposamente até a carteira com seu costumeiro ar impertinente, e Anne o viu sussurrando algo para o colega sentado ao lado; em seguida, ambos olharam-na de relance, com um sorriso irônico.

Parecia a Anne que nunca houve tantos lápis barulhentos como naquela manhã, e quando Barbara Shaw aproximou-se de sua mesa com um cálculo, tropeçou no balde de carvão com resultados catastróficos. O carvão se espalhou por toda a sala e a lousa da menina se quebrou em incontáveis pedaços; e, quando Barbara se levantou, seu rosto, manchado da poeira do carvão, fez com que os meninos rolassem de tanto rir.

Anne, que estava ouvindo a turma da segunda série, virou-se num sobressalto.

— Francamente, Barbara – ela disse, com frieza –, se você não consegue andar sem cair por cima de alguma coisa, é melhor que permaneça sentada! É uma verdadeira desgraça uma menina da sua idade ser tão desastrada!

A pobre Barbara cambaleou até sua mesa, e as lágrimas combinadas com a poeira do carvão produziram um efeito realmente grotesco. Nunca, até então, a querida e compreensiva professora havia falado com ela neste tom e maneira, e a menina ficou desolada. A própria Anne sentiu uma pontada de remorso, que serviu somente para aumentar sua irritação, e a turma do segundo ano ainda hoje lembra daquela aula,

assim como da inclemente lição de aritmética que lhes foi imposta a seguir. Exatamente no momento em que Anne estava finalizando as somas, St. Clair Donnell chegou, ofegante.

— Você está meia hora atrasado, St. Clair – recordou a professora, friamente. — O que aconteceu?

— Por favor, senhorita, tive que ajudar mamãe a fazer pudim para o jantar, porque estamos esperando visitas, e Clarice Almira está doente – foi a resposta de St. Clair, proferida num tom muito respeitoso, mas que, ainda assim, provocou grande alvoroço entre os colegas.

— Sente-se. E, como punição, resolva os seis problemas da página oitenta e quatro do seu livro de aritmética – disse Anne. St. Clair pareceu um pouco surpreso pela entonação usada pela professora, mas encaminhou-se para sua mesa, obedientemente, e pegou a lousa. Então, furtivamente, passou um pequeno pacote para Joe Sloane, do outro lado do corredor. Anne o pegou no ato, e interrompeu-o dando uma conclusão fatal ao pacote.

Nos últimos tempos, a velha Mrs. Hiram Sloane vinha preparando bolinhos de nozes para vender e aumentar um pouco os seus parcos rendimentos. Os quitutes eram especialmente tentadores para os menininhos e, durante várias semanas, Anne tinha se incomodado um bocado por causa disso. No caminho para a escola, as crianças investiam o dinheirinho separado para as compras na casa de Mrs. Hiram, traziam consigo os bolinhos para a sala e, se possível, comiam e compartilhavam com os colegas durante o período da aula. Anne os advertira que, se continuassem trazendo os bolos para a escola, seriam confiscados. E, ainda assim, ali estava St. Clair Donnell, tranquilamente entregando um pedaço embrulhado no papel listrado de azul e branco usado por Mrs. Hiram, debaixo dos olhos da professora.

— Joseph, traga esse pacote aqui – disse Anne, calmamente.

Joe obedeceu, assustado e envergonhado. Era um garoto gordinho, que sempre ruborizava e gaguejava quando se sentia amedrontado. Nunca antes alguém pareceu mais culpado do que o pobre Joe naquele instante.

— Atire-o no aquecedor – ordenou Anne.

Joe empalideceu.

— Po... po... po... or favor, se... e... senhorita – ele disse.

— Faça o que eu disse, Joseph, sem discussão.

— Ma... ma... mas se... se... senhorita..., e... eles são... – balbuciou Joe, desesperado.

— Joseph, você vai me obedecer ou *não*?

Um garoto mais ousado e autoconfiante do que Joe Sloane também teria titubeado ante o tom de voz e o perigoso brilho nos olhos de Anne. Esta era uma nova professora, que nenhum dos alunos tinha visto antes. Joe, com um olhar agonizante a St. Clair, dirigiu-se ao aquecedor, abriu a grande e quadrada tampa frontal e atirou o pacote listrado lá dentro, antes que St. Clair, que tinha se posto em pé num segundo, pudesse dizer qualquer coisa. Então, ele recuou bem a tempo.

Por alguns momentos, os aterrorizados ocupantes da escola de Avonlea não souberam se ocorrera um terremoto ou uma erupção vulcânica. O pacote de aspecto inocente, que Anne precipitadamente supôs que continha os quitutes de Mrs. Hiram, em realidade escondia uma variedade de bombinhas e cata-ventos. Warren Sloane encomendara-os na cidade por intermédio do pai de St. Clair Donnell no dia anterior, com a intenção de celebrar seu aniversário naquele entardecer. As bombinhas explodiram em súbitos estampidos e os cata-ventos saíram voando pela porta da frente, girando enlouquecidamente por toda a sala, chiando e crepitando. Anne desmoronou na cadeira, pálida de desespero, e todas as meninas subiram nas carteiras, gritando. Joe Sloane permaneceu paralisado, como se estivesse hipnotizado em meio à confusão, e St. Clair ia de um lado para o outro, rindo incontrolavelmente no corredor. Prillie Rogerson desmaiou, e Annetta Bell ficou histérica.

Apesar de ter parecido um século, apenas alguns minutos se passaram antes que o último cata-ventos se extinguisse. Quando sentiu-se recuperada, Anne levantou-se e abriu as janelas e portas para deixar sair o odor de gás e fumaça que enchiam a sala. Tratou, então, de ajudar as meninas a carregar a desmaiada Prillie até o alpendre, onde Barbara Shaw, com sua ânsia em ser útil, derramou um balde de água gelada no rosto e ombros da colega, antes que alguém pudesse detê-la.

Havia transcorrido uma hora inteira quando a tranquilidade foi restabelecida – um silêncio que se podia palpar. Todos sabiam que nem mesmo a explosão tinha clareado a atmosfera mental da professora. Ninguém, exceto Anthony Pye, se atrevia a dizer alguma coisa. Ned Clay rangeu o lápis por acidente enquanto trabalhava nas somas; ele captou o

olhar de Anne, e desejou que a terra se abrisse e pudesse tragá-lo. A aula de geografia fez os alunos viajarem pelo continente em tal velocidade que deixou-os tontos. A aula de gramática foi uma análise escrupulosa e cansativa, como se suas vidas dependessem disso. Chester Sloane, ao soletrar “odorífero” com dois r’s, foi levado a pensar que jamais poderia sobreviver a esta desgraça – nem neste mundo, nem no porvir.

Anne sabia que havia se exposto ao ridículo e que o incidente iria se tornar uma piada em inúmeras mesas de chá naquele entardecer, mas esta certeza só a deixava ainda mais furiosa. Se estivesse num estado de ânimo mais calmo, teria conduzido a situação de modo que terminasse em boas gargalhadas; porém, isso era impossível agora, e então ela ignorou tudo com frio desdém.

Quando voltou para a escola depois da merenda, todas as crianças estavam em seus assentos costumeiros e cada rostinho concentrado inclinado sobre sua carteira, exceto Anthony Pye. O garoto perscrutava Anne por cima do livro, com seus olhos negros brilhando de curiosidade e escárnio. Anne abriu a gaveta de sua mesa em busca do giz, e ali, embaixo de sua mão, um ratinho vigoroso saltou para fora, correu depressa pela mesa e pulou no chão.

Anne deu um berro e pulou para trás, como se tivesse visto uma cobra, e Anthony Pye gargalhou alto.

Então, tudo ficou em silêncio... um silêncio pavoroso e desconfortável. Annetta Bell não tinha certeza se deveria ter um segundo ataque histérico ou não, especialmente porque não sabia exatamente onde o rato tinha ido parar. Mas decidiu se controlar. Quem seria capaz de se dar ao luxo da histeria com uma professora tão pálida e com olhos tão furiosos parada bem na sua frente?

— Quem pôs aquele rato na minha mesa? – indagou Anne. Sua voz era baixa e grave, mas fez correr um arrepio pelas costas de Paul Irving. Joe Sloane olhou para ela, sentiu-se responsável desde a raiz dos cabelos até a ponta dos pés, e gaguejou com bravura:

— N... n... não e...eu, p... pro... profe, n... não eu... e...

Anne não prestou atenção no infeliz Joseph. Olhou para Anthony Pye, e o garoto devolveu-lhe o olhar com descaramento e sem nenhum traço de vergonha.

— Anthony, foi você?

— Sim, fui eu mesmo – foi a resposta insolente.

Anne pegou sua régua da mesa. Era um instrumento longo, de madeira de lei.

— Venha até aqui, Anthony.

Aquela estava longe de ser a punição mais severa a qual Anthony Pye já havia sido submetido. Anne, mesmo aquela atribulada Anne que ali estava presente no momento, não conseguiria castigar uma criança com crueldade. Mas a régua causou uma dor aguda e acertou o ponto exato, fazendo com que o ar desafiador de Anthony finalmente fracassasse. O garoto estremeceu e seus olhos ficaram marejados de lágrimas.

Anne, com a consciência pesada, largou a régua e mandou que Anthony voltasse para o seu lugar. Sentou-se à mesa sentindo-se envergonhada, arrependida e amargamente mortificada. Sua repentina irritação havia desvanecido, e ela daria qualquer coisa para poder encontrar alívio nas lágrimas. Então, toda sua jactância tinha resultado nisso... no castigo corporal de um de seus alunos. Como Jane iria se regozijar em seu triunfo! E como Mr. Harrison iria rir! Mas, pior do que tudo isso, o que mais lhe causava amargura era o fato de ter perdido sua última chance de ganhar a afeição de Anthony Pye. Ele nunca mais iria gostar dela de agora em diante.

Anne, mediante o que alguém chamou de *esforço Hercúleo*, conseguiu segurar as lágrimas até chegar em Green Gables ao cair da noite. Então, trancou-se no quartinho do lado leste do sótão e chorou no travesseiro toda a sua vergonha, seu remorso e desapontamento. Chorou durante tanto tempo que Marilla ficou preocupada, invadiu o quarto e insistiu em saber qual era o problema.

— O problema é a minha consciência pesada – soluçou Anne. — Oh, este foi literalmente um dia de cão, Marilla! Estou tão envergonhada de mim mesma! Perdi a paciência e açoitei Anthony Pye!

— Estou contente em saber disso – aprovou Marilla, decidida. — Você já deveria ter tomado essa atitude há muito tempo!

— Oh, não, não, Marilla! Eu não sei como vou conseguir encarar aquelas crianças de novo. Creio que me humilhei até a última partícula de pó. Você não imagina o quão irritada, odiosa e horrível eu fui! Não consigo esquecer a expressão nos olhos de Paul Irving... ele estava tão surpreso e desapontado! Oh, Marilla, eu tentei tão bravamente ser paciente

e ganhar a aprovação de Anthony... e agora foi tudo por água abaixo!

Marilla passou a mão calejada pelos anos de trabalho na brilhante e desalinhada cabeleira da moça, com profunda ternura. Quando os soluços de Anne foram diminuindo, Marilla falou com muita gentileza:

— Você leva as coisas muito a sério, Anne. Todos nós cometemos erros... mas as pessoas os esquecem. E os "dias de cão" acontecem para todos. E, quanto ao Anthony Pye, por que se importar se ele não gosta de você? Ele é o único!

— Não consigo evitar. Quero que todos os alunos me amem, e me sinto tão magoada se um deles não gosta de mim! E Anthony nunca mais gostará de mim! Oh, fiz papel de idiota hoje, Marilla! Vou lhe contar toda a história.

Marilla ouviu a história completa, e se ela riu de algumas partes, Anne não percebeu. Quando o relato estava terminado, Marilla disse abruptamente:

— Ora, não importa! Este dia acabou e amanhã será um novo dia, "ainda sem erros cometidos", como você mesma dizia! Desça para jantar. Vamos ver se uma boa xícara de chá e aqueles docinhos de ameixa que fiz hoje não vão animá-la!

— Docinhos de ameixa não podem aplacar uma mente atribulada – respondeu a desconsolada Anne. Mas Marilla pensou que era um bom sinal a jovem ter se recuperado o bastante para adaptar um provérbio.

A animada mesa do jantar, com as carinhas iluminadas dos gêmeos e os docinhos incomparáveis de Marilla – dos quais Davy comeu quatro –, por fim, realmente "a animaram". Anne teve uma excelente noite de sono, e despertou pela manhã com a certeza de que ela e o mundo estavam transformados. Durante as horas escuras caíra uma profunda camada de neve suave, e a lindíssima brancura que cintilava no gélido brilho do sol parecia uma manta de caridade lançada sobre todos os erros e humilhações do passado.

— *Cada manhã é um novo começo, a cada manhã o mundo é recriado...* – cantava Anne, enquanto se vestia.

Devido à neve, ela precisou seguir pela estrada para a escola, e lhe ocorreu que certamente era uma danada coincidência que Anthony Pye estivesse limpando a neve do caminho por ali, justo quando ela saía da alameda de Green Gables. Anne sentiu-se tão culpada como se suas posições

fossem inversas. Entretanto, para sua indescritível surpresa, Anthony não só ergueu seu gorro – coisa que nunca tinha feito antes –, mas também disse prontamente:

— Está meio ruim para caminhar, não é mesmo? Posso levar estes livros para a senhorita, professora?

Anne entregou-lhe os livros, perguntando a si mesma se seria possível que estivesse realmente desperta. Anthony caminhou até a escola em silêncio, e quando Anne pegou os livros de volta, sorriu para ele – não com o "sorriso amável" estereotipado que ela simulava com persistência, mas um repentino lampejo de camaradagem. Anthony sorriu... não, verdade seja dita: Anthony *arreganhou os dentes*. Arreganhar os dentes não é normalmente considerado um gesto respeitoso, mas, ainda assim, Anne percebeu que, se ainda não tinha conquistado a afeição de Anthony, de um modo ou de outro ganhara seu respeito.

Mrs. Rachel Lynde foi vê-la no sábado seguinte e confirmou isso.

— Bem, Anne, creio que você tenha dobrado o Anthony Pye, isto é que é! Ele falou que acha que você tem algo de bom, afinal, mesmo sendo uma moça. E falou também que aquela reguada que você deu foi "*tão boa quanto a de um homem*".

— Nunca imaginei conquistá-lo pelo açoite – respondeu Anne, um pouco pesarosa, sentindo que seus ideais a confundiram em algum momento. — Não me parece certo. Tenho certeza de que minha teoria sobre a bondade não pode estar errada.

— Não, mas os Pyes são uma exceção para cada regra conhecida, isto é que é – declarou Mrs. Lynde, com convicção.

Mr. Harrison, quando soube de tudo, exclamou:

— Sempre achei que a senhorita chegaria a esse ponto!

E Jane zombou do assunto sem misericórdia.

Capítulo XIII

Uma Excursão Dourada

No caminho para Orchard Slope, Anne encontrou Diana dirigindo-se para Green Gables, justo onde a antiga ponte de troncos coberta de musgo cruzava o riacho mais abaixo da Floresta Assombrada. Elas se sentaram à margem da Bolha da Dríade, onde minúsculas folhas de samambaia se desenrolavam como fadinhas com cachinhos verdes despertando de uma soneca.

— Estava indo na sua casa para convidá-la para a minha festa de aniversário no sábado – disse Anne.

— Seu aniversário? Mas seu aniversário foi em março!

— Ora, não foi minha culpa! – respondeu Anne, rindo. — Se meus pais tivessem me consultado, eu nunca teria nascido nessa época. Eu teria escolhido nascer na primavera, é claro. Deve ser delicioso vir ao mundo com as flores de maio e as violetas, e eu sentiria sempre que era a irmã adotiva delas! Mas, como não nasci, a segunda melhor coisa é *celebrar* meu aniversário na primavera. Priscilla está chegando no sábado, e Jane estará em casa. Nós quatro iremos ao bosque e passaremos um dia dourado conhecendo a primavera! Nenhuma de nós a conhece de verdade ainda, mas lá a encontraremos como até hoje não conseguimos, melhor do que em qualquer outro lugar. De qualquer maneira, quero explorar todos aqueles campos e locais solitários. Tenho a convicção de que há ali uma variedade de belíssimos recantos que jamais foram realmente *vistos* até agora, apesar de terem sido *visualizados*. Faremos amizade com o vento, o céu e o sol, e voltaremos para casa trazendo a primavera em nossos corações.

— *Parece* tremendamente magnífico – comentou Diana, com certa desconfiança secreta sobre as palavras mágicas de Anne. — Mas não vai estar muito úmido em alguns lugares ainda?

— Oh, nós calçaremos galochas! – foi a concessão feita por Anne para as praticidades. — E eu gostaria que você viesse cedo no sábado pela manhã, para me ajudar a preparar o almoço. Vou fazer as iguarias mais

deliciosas – pratos que combinem com a primavera, você sabe –, tortinhas cobertas com geleia, biscoitos champagne, biscoitos com gotas de chocolate cobertos de glacê rosa e amarelo, e bolo cremoso recheado com as ameixas mais doces! E temos que fazer sanduíches também, apesar de *não serem* muito poéticos.

O sábado provou ser o dia perfeito para um piquenique: um dia ensolarado de céu azul, com cálida brisa e um vento travesso que soprava pela campina e o pomar. Sobre cada planalto e campo iluminado pelo sol, estendia-se o verde salpicado de flores tão delicadas quanto as estrelas.

Mr. Harrison, que estava capinando na parte de trás de sua fazenda, e sentindo mesmo em seu sóbrio e maduro espírito um pouco da magia da primavera, viu quatro meninas carregando cestas e saltitando no limite de suas terras, um caminho guarnecido por um frondoso bosque de bétulas e pinheiros. O eco de suas risadas e vozes alegres chegou até ele.

— É tão fácil ser feliz num dia como este, não é mesmo? – dizia Anne, com a verdadeira filosofia "Anneística". — Vamos tentar fazer de hoje um verdadeiro dia de ouro, meninas, um dia do qual sempre nos lembraremos com deleite! Viemos em busca de beleza, e nos recusamos a ver outra coisa! "Vá-se embora, preocupação enfadonha!" Jane, você está pensando em algo que deu errado na escola ontem.

— Como você sabe? – perguntou Jane, impressionada.

— Oh, conheço esta expressão! Já a senti diversas vezes no meu próprio rosto. Mas tire isso da cabeça, querida. Poderá resolver o assunto na segunda-feira; ou, se já estiver resolvido, tanto melhor. Oh, meninas, meninas! Vejam aquele tapete de violetas! Aquilo é algo para a galeria dos quadros da memória! Quando eu tiver oitenta anos, se estiver viva até lá, vou fechar os olhos e enxergar essas violetas exatamente como as vejo agora... este é o primeiro presente maravilhoso que este dia nos deu.

— Se um beijo pudesse ser visto, creio que seria parecido com uma violeta – disse Priscilla.

Os olhos de Anne se acenderam.

— Alegro-me tanto que tenha *expressado* esse pensamento, Priscilla, ao invés de ter apenas pensado e guardado para você! Este mundo seria um lugar tão mais interessante... ainda que seja muito interessante de qualquer modo... se as pessoas expressassem seus verdadeiros pensamentos.

— Seria extremamente difícil conter algumas pessoas – citou Jane, com sabedoria.

— Suponho que sim, mas seria culpa delas, por pensarem coisas maldosas. De qualquer forma, podemos expressar todas as nossas ideias hoje, porque teremos somente lindos pensamentos! Todas podem dizer exatamente o que lhes vêm à mente. *Isso* é uma conversação. Existe aqui uma pequena trilha, que nunca vi antes. Vamos explorá-la!

A trilha era sinuosa, tão estreita que as meninas caminharam em fila indiana, e mesmo assim os galhos dos pinheiros roçavam em seus rostos. Sob os pinheiros haviam aveludadas almofadas de musgos, e, mais adiante, onde as árvores eram menores e mais escassas, o solo era enriquecido com uma grande variação de plantas verdes.

— Que quantidade de orelhas-de-elefante! – exclamou Diana. — Vou colher um bocado, são tão lindas!

— Como é possível que essas flores tão aveludadas tenham um nome tão horrível? – questionou Priscilla.

— Porque a pessoa que as nomeou primeiro tinha muito pouca – ou nenhuma – imaginação – respondeu Anne. — Oh, meninas, vejam isso!

“Isso” era um charco raso no centro de uma pequena clareira no bosque, onde a trilha terminava. Se estivesse mais adiantada a estação, o lugar estaria seco e ali teria crescido uma exuberante quantidade de pteridófitas. Mas no momento era uma bruxuleante e plácida lâmina, de formato arredondado como um pires e clara como o cristal. Um conjunto de jovens bétulas de tronco fino circundava o charco, e pequenas samambaias cresciam na margem.

— *Que* adorável! – exclamou Jane.

— Vamos dançar ao redor dele, como ninfas da floresta! – gritou Anne, soltando a cesta e erguendo as mãos.

Contudo, não tiveram êxito com a dança, pois o terreno estava pantanoso e as galochas de Jane acabaram saindo dos pés.

— Você não pode ser uma ninfa dos bosques se tem que usar galochas – ela reclamou, decidida.

— Bem, devemos batizar este lugar antes de deixá-lo – disse Anne, cedendo à incontestável lógica dos fatos. — Cada uma sugere um nome, e então escolheremos. Diana?

— Charco das Bétulas – sugeriu Diana, prontamente.

— Lago de Cristal – sugeriu Jane.

Anne, em pé atrás delas, implorou com os olhos para que Priscilla não sugerisse outro nome como esses, e a jovem trouxe à tona “Vidraça Deslumbrante”. A escolha de Anne foi “O Espelho das Fadas”.

Os nomes foram escritos em tiras de casca de bétula com um lápis que a professora Jane tirou de seu bolso, e colocados no chapéu de Anne. Então, Priscilla fechou os olhos e escolheu um.

— Lago de Cristal! – leu a triunfante Jane. Lago de Cristal se chamou, e se Anne pensou que a sorte tinha feito uma brincadeira de mau gosto com o *espelho das fadas*, guardou esse pensamento para si.

Atravessando a vegetação rasteira, as jovens chegaram aos novos e isolados pastos verdes na parte de trás das terras de Mr. Silas Sloane. Ao cruzarem o pasto, encontraram a entrada de uma senda que ia parar no meio do bosque, e decidiram explorá-la também. Essa decisão recompensou a expedição com uma sucessão de belíssimas surpresas. Primeiro, contornando o pasto de Mr. Sloane, havia um túnel de cerejeiras silvestres em flor. As moças penduraram os chapéus nos braços e coroaram os cabelos com as sedosas flores aveludadas. Então a senda dobrava em um ângulo reto e desembocava num bosque de abetos vermelhos tão denso e escuro, que elas caminharam em meio a uma penumbra semelhante ao anoitecer, sem nenhum vislumbre do céu ou da luz solar.

— É aqui que vivem os malignos elfos do bosque – sussurrou Anne. — Eles são endiabrados e maliciosos, mas não podem nos machucar, porque não lhes é permitido fazer maldades na primavera. Havia um deles nos espiando, por trás daquele velho pinheiro retorcido; e vocês não viram um grupo deles naquele grande chapéu-de-cobra sarapintado, ali onde recém passamos? As boas fadas sempre habitam os lugares ensolarados.

— Queria que as fadas existissem de verdade – comentou Jane. — Não seria estupendo se elas nos concedessem três desejos... ou apenas um? O que vocês pediriam, meninas, se tivessem a garantia de realizar um único desejo? Eu desejaria ser rica, bonita e inteligente.

— Eu queria ser alta e esguia – disse Diana.

— Eu pediria para ser famosa – disse Priscilla.

Anne pensou em seu cabelo; porém, em seguida, descartou o pensamento por considerá-lo mesquinho.

— Eu desejaria que fosse sempre primavera, em todos os corações e em nossas vidas – ela disse.

— Mas isso seria a mesma coisa que desejar que este mundo fosse igual ao céu – respondeu Priscilla.

— Só uma parte do céu. Nas outras partes haveria verão e outono... sim, e um pouco de inverno também. Creio que, às vezes, eu também iria querer no céu campos embranquecidos pela geada e cobertos pela neve brilhante. Você não gostaria, Jane?

— Eu... eu não sei – disse Jane, incomodada. Jane era uma boa moça, membro da igreja, que tentava viver cuidadosamente de acordo com sua fé e acreditava em tudo o que lhe haviam ensinado. Mas ela nunca pensou no céu mais do que o necessário.

— Minnie May me perguntou, outro dia, se no céu todas nós poderemos usar diariamente os nossos melhores vestidos.

— E você não disse a ela que sim? – perguntou Anne.

— Misericórdia! Não! Respondi-lhe que lá nós não pensaríamos em vestidos.

— Oh, acho que pensaremos... *um pouco* – replicou Anne, com franqueza. — Haverá, em toda a eternidade, tempo o suficiente para isso, sem descuidar das coisas mais importantes. Creio que todas nós usaremos belíssimos vestidos... ou suponho que *túnica* seria a palavra mais adequada. Vou querer usar rosa por uns quantos séculos, à princípio... estou convicta de que demoraria alguns séculos para que eu me cansasse dessa cor. Eu gosto muito de rosa, mas nunca poderei usá-la *neste* mundo.

Ao passar pelos abetos vermelhos, a senda desembocava numa pequena clareira banhada pelo sol, onde uma ponte de troncos estendia-se sobre um riacho. Logo adiante chegou a glória de um ensolarado bosque de faias, onde o ar era transparente como vinho dourado; as folhas, frescas e verdes; e o solo, um mosaico de trêmulos raios de sol. Além dali, mais cerejeiras silvestres, e um pequeno vale de pinheiros flexíveis; e, então, uma colina tão íngreme que as meninas ficaram ofegantes ao escalá-la. No entanto, quando chegaram ao topo e olharam ao longe naquele imenso espaço aberto, a surpresa mais encantadora de todas as esperava.

Ao longe viam os “campos dos fundos” das fazendas cujos limites terminavam na beira da estrada de cima para Carmody. Logo antes desses campos, cercado por faias e pinheiros, mas aberto para o lado sul, existia

um pequeno recanto abrigado, e nele um jardim – ou o que *um dia fora* um jardim. Era rodeado por um muro de pedras em ruínas, coberto de musgo e ervas. Ao longo da parte oriental, crescia uma fileira de cerejeiras, brancas como uma nevasca. Ainda haviam traços de antigas trilhas, e uma dupla fileira de arbustos de roseiras crescia pelo meio. Mas o restante do terreno era um tapete de narcisos brancos e amarelos em sua floração mais etérea e abundante, balançando ao vento sobre o exuberante gramado verde.

— Oh, é perfeitamente adorável! – exclamaram as três jovens. Anne apenas contemplava com eloquente silêncio.

— Como é possível que algum dia tenha existido um jardim aqui? – indagou Priscilla, admirada.

— Deve ser o jardim de Hester Gray – disse Diana. — Ouvi minha mãe falar sobre o assunto, mas ainda não o tinha visto, e nunca imaginaria que continuava existindo. Já ouviu a história, Anne?

— Não, mas o nome me soa familiar.

— Oh, você deve ter visto no cemitério. Ela está enterrada lá, no canto sob o álamo. Sabe aquela pequena lápide marrom, que tem esculpidos dois portões que se abrem e o epitáfio "*Dedicado à sagrada memória de Hester Gray, de 22 anos de idade*"? Jordan Gray está enterrado bem ao lado dela, mas não há nenhuma lápide para ele. É incrível que Marilla não tenha lhe contado essa história, Anne! Claro, o fato ocorreu há trinta anos, e todos já esqueceram.

— Bem, se existe uma história, devemos ouvi-la – disse Anne. — Vamos nos sentar aqui entre os narcisos, e Diana nos contará. Ora, meninas, há centenas deles... estão espalhados por toda a parte. Parece que o jardim foi atapetado por uma combinação dos raios da lua e do sol. É uma descoberta que valeu a pena! E pensar que vivi a uma milha deste lugar durante seis anos, e nunca o tinha visto! Pode começar, Diana.

— Muito tempo atrás – começou Diana –, esta fazenda pertencia ao velho Mr. David Gray. Ele não morava aqui... vivia onde Silas Sloane mora agora. Ele tinha um filho, Jordan, que foi trabalhar em Boston no inverno; e, enquanto estava lá, se apaixonou por uma moça chamada Hester Murray. Ela trabalhava em uma loja, mas odiava o trabalho. Tinha sido criada no campo, e sempre desejara voltar. Quando Jordan a pediu em casamento, ela disse que se casaria, se ele a levasse embora para morar em algum lugar sossegado onde só visse árvores e campos. Então, ele a trouxe

para Avonlea. Mrs. Lynde conta que o rapaz estava correndo um grande risco ao se casar com uma ianque, pois era certo que Hester era muito delicada, e pouco habilidosa como dona de casa; mas minha mãe diz que ela era muito bonita e gentil, e Jordan simplesmente venerava o chão onde ela passava. Bem, Mr. Gray deu esta fazenda ao filho e o rapaz construiu uma casinha aqui, e Jordan e a esposa viveram nela por quatro anos. Ela não saía muito, e raramente alguém a visitava, exceto minha mãe e Mrs. Lynde. Jordan preparou este jardim para ela, e ela o amava e passava a maior parte de seu tempo aqui. Hester não era muito boa dona de casa, mas tinha aptidão para tratar das flores. E então ela adoeceu. Mamãe acredita que ela já tinha tuberculose antes de vir para cá. Ela nunca repousou de verdade, e ficou mais e mais fraca com o passar do tempo. O marido não quis que ninguém viesse para atendê-la. Ele cuidou de tudo sozinho, e mamãe diz que ele era muito carinhoso e gentil, tanto quanto uma mulher. Todos os dias ele a envolvia num xale e a carregava para o jardim, onde ela ficava recostada num banco, inteiramente feliz. Dizem que ela costumava fazer Jordan ajoelhar-se ao seu lado todas as noites e manhãs para orar com ela, pedindo que ela pudesse morrer no jardim, quando sua hora chegasse. E a oração foi atendida. Um dia, Jordan carregou-a até o banco e começou a colher todas as rosas que haviam desabrochado, e esparramou-as sobre Hester... e ela apenas sorriu para ele... e fechou os olhos... e este foi o seu fim – concluiu Diana, com uma voz suave.

— Oh, que história preciosa – suspirou Anne, enxugando as lágrimas.

— O que aconteceu com Jordan? – perguntou Priscilla.

— Ele vendeu a fazenda após a morte da esposa e voltou para Boston. Mr. Jabez Sloane comprou as terras e transportou a casinha para perto da estrada. Jordan morreu mais ou menos dez anos depois, e foi trazido para casa e enterrado ao lado de Hester.

— Não consigo entender como ela pôde querer viver aqui, tão longe de tudo – comentou Jane.

— Oh, consigo entender *isso* facilmente – respondeu Anne, admirada. — *Eu* não desejaria o mesmo para mim como uma situação permanente, porque, apesar de amar os campos e bosques, amo as pessoas também. Mas posso compreender essa vontade de Hester. Ela estava

mortalmente cansada do barulho da grande cidade, e das multidões de pessoas que sempre iam e vinham, e não se importavam com ela. Só queria escapar de tudo isso para um lugar calmo, aprazível, verde e amigável, onde pudesse descansar. E ela teve exatamente o que queria – coisa que eu acredito que poucas pessoas conseguem. Hester viveu quatro lindos anos antes de morrer... quatro anos de perfeita felicidade, de modo que parece-me que ela deveria ser mais invejada do que lastimada. E, então, fechar os olhos e adormecer entre as rosas, com o ser que mais amava no mundo sorrindo para ela... oh, parece-me lindo!

— Ela plantou aquelas cerejeiras ali – apontou Diana. — Hester disse à mamãe que não iria viver para comer seus frutos, mas queria pensar que algo que plantou permaneceria vivendo e ajudando a embelezar o mundo, mesmo depois de sua morte.

— Estou tão contente por termos vindo por este caminho – suspirou Anne, com os olhos brilhantes. — Este é meu dia de aniversário adotado, vocês sabem, e este jardim e sua história são os meus presentes! Sua mãe já lhe disse como era Hester Gray, Diana?

— Não... só disse que ela era bonita.

— Fico contente, porque assim posso imaginar como ela era, sem ser importunada pelos fatos. Creio que ela era franzina e muito pequena, com cabelos escuros, levemente encaracolados, grandes e tímidos olhos castanhos, e um semblante pálido e pensativo.

As meninas deixaram as cestas no jardim de Hester e passaram o restante da tarde perambulando pelos bosques e campos que o rodeavam, descobrindo lindos recantos e veredas. Quando sentiram fome, almoçaram no local mais bonito de todos: na margem íngreme de um riacho borbulhante, onde as bétulas brancas cresciam sobre a relva sedosa. As jovens sentaram-se nas raízes e fizeram justiça às guloseimas de Anne, e até mesmo os prosaicos sanduíches foram muito apreciados pelos apetites vorazes, que haviam sido estimulados pelo ar fresco e exercícios. Anne trouxera copos e limonada para as convidadas, mas ela mesma bebeu a água fresca do riacho num copo feito com casca de bétula. O copo gotejava e a água tinha sabor de terra, como só a água do riacho pode ser na primavera; mas Anne o considerava mais apropriado do que limonada para aquela ocasião.

— Olhem só! Estão vendo aquele poema? – ela perguntou de

repente, apontando.

— Onde? – Jane e Diana olhavam, como se esperassem ver rimas rúnicas nas bétulas.

— Lá... no riacho... aquele velho tronco verde repleto de musgo, com a água correndo por cima em suaves ondulações, como se tivessem sido penteadas, e aquele único raio de sol que cai justamente sobre ele, e submerge no charco. Oh, é o poema mais lindo que já vi!

— Eu o chamaria de quadro – disse Jane. — Um poema é composto por linhas e versos.

— Oh, puxa! Não! – Anne balançou a cabeça enfeitada com a macia coroa de flores de cerejeira silvestre. — As linhas e versos são somente as vestes superficiais do poema, assim como seus babados e debruns não são *você*, Jane. O verdadeiro poema está na alma que há dentro dele... e aquela lindíssima partícula é a alma de um poema não escrito. Não é todo dia que se vê uma alma... mesmo a de um poema.

— Pergunto-me com o que uma alma se pareceria... a alma de uma pessoa – comentou a sonhadora Priscilla.

— Penso que seria como isso – respondeu Anne, apontando para um radiante raio de sol que resplandecia através de uma bétula. — Só que com traços e formas, é claro. Gosto de imaginar que as almas são feitas de luz. Algumas são atravessadas por manchas rosadas e pelo bater de asas... e outras têm uma cintilação suave, como a luz da lua refletida no mar... e outras são pálidas e transparentes como a névoa ao amanhecer.

— Li em algum lugar que as almas são como as flores – replicou Priscilla.

— Então a sua é como um narciso dourado, e a de Diana é como uma rosa muito vermelha. A de Jane é uma flor de macieira, rosada, saudável e doce.

— E a sua é uma violeta branca, com riscos roxos perto do miolo – completou Priscilla.

Jane cochichou para Diana, dizendo que realmente não conseguia entender do que as outras duas estavam falando. Poderia ela entender?

As moças voltaram para suas casas sob a luz de um sossegado crepúsculo dourado, com as cestas cheias de narcisos do jardim de Hester, alguns dos quais Anne levou até o cemitério no dia seguinte e dispôs no túmulo daquela que os havia plantado. Pintarroxos trovadores cantavam,

empoleirados nos pinheiros, e os sapos coaxavam nos brejos. Todos os vales entre as colinas estavam orlados por uma luz das cores de topázio e esmeralda.

— Bem, por fim tivemos um dia adorável! – disse Diana, como se dificilmente esperasse que fosse assim quando saiu.

— Foi realmente um dia dourado – disse Priscilla.

— Eu gosto muitíssimo dos bosques – disse Jane.

Anne não disse nada. Estava olhando ao longe, para o céu além, em direção ao ocidente, e pensando na pequena Hester Gray.

Capítulo XIV

Um Perigo Evitado

Numa sexta-feira ao entardecer, Anne, que regressava do posto dos correios para casa, foi interceptada por Mrs. Lynde – que, como de costume, estava muito atarefada com os problemas da igreja e da nação.

— Acabo de passar na casa de Timothy Cotton, para ver se ele pode mandar a Alice Louise para me ajudar por uns dias – disse ela. — Eu a recebi na semana passada, pois, apesar de ser muito lerda, é melhor do que nada. Mas a menina está doente e não pôde vir. Timothy está lá sentado, também, tossindo e resmungando. O homem está morrendo há dez anos, e vai continuar assim por mais dez. Um tipo como aquele não consegue nem morrer e acabar logo com isso... não consegue focar em nada o suficiente para terminar, nem mesmo em estar doente. São uma família extremamente preguiçosa e não sei o que será deles... talvez só Deus saiba.

Mrs. Lynde suspirou como se duvidasse do conhecimento celestial sobre tais pessoas.

— Marilla foi consultar novamente na terça-feira, não foi? O que disse o oftalmologista?

— Ele está bastante satisfeito – informou Anne, animada. — Disse que houve uma grande melhora, e acha que já passou o perigo da perda completa da visão. Mas acredita que ela nunca mais vai conseguir ler muito, nem fazer trabalhos detalhados de costura. Como estão seus preparativos para o bazar?

As damas da Sociedade Assistencial estavam preparando uma feira e um jantar, e Mrs. Lynde era a líder da iniciativa.

— Estão indo muito bem... e, a propósito, Mrs. Allan acha que seria bom montar uma barraca decorada como uma cozinha dos tempos antigos, e servir feijão cozido, sonhos, tortas e coisas do estilo. Estamos coletando acessórios antigos por toda parte. Mrs. Simon Fletcher vai dispor dos tapetes trançados de sua mãe, e Mrs. Levi Boulter de algumas cadeiras antigas, e Tia Mary Shaw nos emprestará sua cristaleira com portas de vidro. Presumo que Marilla nos deixará usar seu castiçal de

bronze? E queremos todos os pratos antigos que possamos conseguir. Mrs. Allan deseja especialmente um prato da verdadeira porcelana azul, se pudermos encontrar. Mas parece que ninguém tem um. Sabe onde podemos encontrar?

— Miss Josephine Barry tem um. Escreverei a ela para pedir-lhe que empreste para o evento – disse Anne.

— Bem, eu gostaria que você fizesse isso. Creio que faremos o jantar daqui a uns quinze dias. Tio Abe Andrews está profetizando chuvas e tempestades para esse período, e isso é sinal garantido de que teremos bom tempo.

Deve ser mencionado que o famoso “Tio Abe” era como os outros profetas, no fato de não receber muitas honras em sua própria terra. Ele era, na verdade, considerado como uma piada, porque poucas de suas previsões meteorológicas se haviam cumprido. Mr. Elisha Wright, que se esforçava para dar a impressão de ser o sabichão da localidade, costumava dizer que ninguém em Avonlea jamais pensou em olhar nos jornais de Charlottetown para saber a previsão do tempo. Não; eles só perguntavam ao Tio Abe como estaria o tempo amanhã, e esperavam o contrário. Sem sentir-se desencorajado, Tio Abe continuava profetizando.

— Queremos que a feira aconteça antes das eleições – continuou Mrs. Lynde –, pois os candidatos certamente virão e gastarão muito dinheiro. Os Tories[15] subornam a torto e a direito, então precisamos dar-lhes a chance de gastar seu dinheiro de forma honesta, pelo menos uma vez.

Anne era uma Conservadora decidida, recordando sua lealdade à memória de Matthew, mas não quis dizer nada. Preferiu não tocar no assunto de política com Mrs. Lynde. Anne levava uma carta para Marilla, cujo selo era da cidade de British Columbia.

— Provavelmente seja do tio das crianças – ela disse, nervosa, quando chegou em casa. — Oh, Marilla, queria saber o que ele disse sobre os dois!

— O melhor dos planos seria abrir a carta e ver – foi a resposta seca de Marilla. Um observador mais cuidadoso teria percebido que ela também estava nervosa, mas Marilla teria preferido morrer a demonstrar suas emoções.

Anne rasgou o envelope, abriu a carta e deu uma olhada nos

desalinhados e mal escritos parágrafos.

— Ele diz que não pode ficar com os sobrinhos nesta primavera... que esteve adoentado durante a maior parte do inverno, e que o casamento foi adiado. Quer saber se podemos ficar com os dois até o outono, e então ele tentará tomar conta deles. Claro que iremos, não é mesmo, Marilla?

— Não vejo nenhuma alternativa – disse Marilla, um pouco austera, apesar de sentir um alívio secreto. — De qualquer modo, agora já não são tão inconvenientes quanto eram antes... ou, então, nós nos acostumamos a eles. Davy melhorou um bocado.

— As *maneiras* dele estão, certamente, bem melhores – redarguiu a jovem, com cautela, como se não estivesse preparada para afirmar o mesmo sobre a moral do menino.

Anne chegara da escola na noite anterior, quando Marilla estava na reunião da Sociedade Assistencial. Dora havia adormecido no sofá da cozinha, e Davy estava no armário da sala, engolindo prazerosamente o conteúdo de um vidro da famosa conserva de ameixa amarela de Marilla – a "compota das visitas", como Davy a chamava –, que ele fora proibido de tocar. O garoto parecia muito culpado quando Anne o surpreendeu e o arrancou de dentro do armário.

— Davy Keith! Não sabe que é um erro muito grave estar comendo essa compota, quando você foi avisado de que não era para tocar em nada *daquele* armário?

— Sim, eu sabia que era errado – admitiu, incomodado –, mas doce de ameixa é terrivelmente delicioso, Anne! Eu só dei uma espiadinha, e parecia tão gostoso que eu quis provar só um pouquinho. Enfiei meu dedo no pote... – Anne soltou um gemido – e o lambi. E o doce estava tão mais gostoso do que eu tinha imaginado, que peguei uma colher e *me fartei*!

Anne deu um sermão tão sério sobre o pecado de roubar compota de ameixas, que Davy ficou com a consciência pesada; e, com um beijo arrependido, prometeu nunca mais fazer isso.

— De qualquer forma, vai ter muita compota no céu, e isso é um conforto – ele comentou, satisfeito.

Anne interrompeu um sorriso que se ensaiava.

— Talvez tenha... se nós pedirmos muito – ela respondeu. — Mas o que o faz pensar assim?

— Ora, está no catecismo.

— Oh, não, não há nada *assim* no catecismo, Davy.

— Pois eu lhe digo que há – persistiu o menino. — Estava naquela questão que Marilla me explicou no domingo passado: *"Por que devemos amar a Deus?"*, e a resposta era: *"Porque Ele conserva, e nos liberta."* E *conserva* é só uma forma celestial de dizer *compota*.

— Preciso de um copo d'água – disse Anne, rapidamente. Quando voltou, levou certo tempo e trabalho para explicar a Davy que algumas palavras possuem mais de uma forma de interpretação e que aquela encontrada na resposta da lição de catecismo tinha um significado bem diferente do que ele imaginara.

— Bom, eu pensei mesmo que era bom demais para ser verdade – concluiu, enfim, com um suspiro de convicto desapontamento. — E, além disso, não creio que Ele tenha tempo de fazer compota, se vai ser um Santo Sábado infinito, como diz o hino. Eu não sei se quero ir *pro céu*. Não vai ter sábados comuns no céu, Anne?

— Sim, sábados e todos os tipos de dias belos. E cada dia no céu será mais belo do que o anterior, Davy – assegurou Anne, contente por Marilla não estar ali para ficar chocada. Nem é preciso dizer que Marilla levava a cabo a instrução teológica dos gêmeos segundo o bom e antigo sistema, e desencorajava toda e qualquer especulação fantasiosa sobre o assunto. A cada domingo, ensinava a Dora e Davy um hino, uma lição de catecismo e dois versos da Bíblia. A menina aprendia docilmente, e recitava como uma maquininha, talvez até com a mesma compreensão e interesse de uma verdadeira máquina. Davy, por outro lado, possuía uma viva curiosidade, e frequentemente questionava coisas que faziam Marilla tremer, temendo por seu futuro.

— Chester Sloane disse que não faremos outra coisa no céu além de andar em longas vestimentas brancas e tocar harpas, e que ele espera não ter que ir para lá até que esteja velho – pois, então, pode ser que ele goste. E ele acha que vai ser horrível ter que usar vestidos, e eu também acho. Por que os anjos homens não podem usar calças, Anne? Chester Sloane está interessado nestas coisas, porque ele vai ser ministro. Ele *deve* ser um ministro, porque a avó dele deixou dinheiro para *mandar ele* para a universidade, e ele não receberá nada se não se tornar um ministro. Ela pensou que um ministro era uma coisa muito respeitável para se ter na família. Chester falou que não se importa muito... que ele preferia ser um

ferreiro... mas ele é obrigado a se divertir o máximo que puder antes de começar a estudar, pois ele não espera que seja possível se divertir depois. Eu não vou ser um ministro. Quero ser comerciante, como o Mr. Blair, e vou ter um montão de balas e bananas! Mas eu preferia ir para o seu tipo de céu, se me deixassem tocar uma gaita de boca em vez de uma harpa. Você acha que deixarão?

— Sim, creio que sim, se você quiser – foi tudo que Anne pôde dizer sem rir.

Os membros da Sociedade de Melhorias de Avonlea se reuniram na casa de Harmon Andrews naquela noite e a presença de todos foi exigida, visto que tinham assuntos importantes a tratar. A S.M.A. estava numa condição próspera e já havia realizado maravilhas. No início da primavera, Mr. Major Spencer cumprira sua promessa e havia retirado os troncos, nivelado o solo e plantado grama por toda a estrada em frente à sua fazenda. Muitos outros senhores – alguns impulsionados pela determinação de não deixar Spencer ficar à frente deles, outros estimulados à ação por Melhoradores que eram seus familiares – seguiram seu exemplo. Os resultados foram longas faixas de suave relva aveludada onde um dia existira somente um matagal feio e sem graça. Em contraste a isso, as fachadas das fazendas que não tinham sido arrumadas pareciam tão mal cuidadas, que seus proprietários ficaram secretamente envergonhados e foram impulsionados a pensar no que poderiam fazer na próxima primavera. O terreno triangular no cruzamento das três estradas também havia sido limpo e semeado, e o canteiro de gerânios de Anne, que não fora danificado por nenhuma vaca invasora, já estava pronto no centro.

Considerando todos os aspectos, os Melhoradores achavam que estavam indo muito bem, mesmo que Mr. Levi Boulter, que fora abordado taticamente por um seleto comitê sobre a velha casa na parte elevada de sua fazenda, tenha dito com aspereza que a construção não seria tocada.

Nesta reunião especial, a sociedade pretendia elaborar uma petição aos administradores da escola, rogando-lhes humildemente que fosse colocada uma cerca ao redor do terreno da escola; e precisavam discutir a ideia de plantar algumas árvores ornamentais ao lado da igreja, se os recursos da sociedade permitissem... pois, como disse Anne, não adiantava nada começarem uma nova coleta de donativos se o Salão de Avonlea

continuasse azul. Os membros estavam reunidos na sala de visitas dos Andrews e Jane já estava de pé, preparando-se para apresentar a moção a fim de nomear um comitê que deveria descobrir onde encontrar as ditas árvores e se informar sobre o preço das mudas, quando Gertie Pye fez sua entrada, com um penteado *pompadour* e totalmente enfeitada. Gertie tinha o hábito de se atrasar para "*fazer uma entrada mais impressionante*", como diziam as fofoqueiras. A entrada da moça neste momento foi certamente impressionante, pois ela se deteve dramaticamente no meio do cômodo, ergueu as mãos, revirou os olhos e exclamou:

— Acabei de ouvir algo extremamente ruim! O que vocês acham que é? Mr. Judson Parker *irá alugar toda a cerca de sua fazenda que faz limite com a estrada de Newbridge para uma companhia farmacêutica fazer anúncios*!

Pela primeira vez na vida, Gertie Pye causou toda a sensação que desejava. Não poderia ter causado mais, nem se tivesse lançado uma bomba entre os complacentes Melhoradores.

— *Não pode* ser verdade! – exclamou Anne, estupefata.

— Foi exatamente o que *eu* disse quando ouvi, sabe – prosseguiu Gertie, que estava desfrutando profundamente do momento. — *Eu* disse que não podia ser verdade, que Judson Parker não teria *coragem* para fazer isso. Mas meu pai o encontrou esta tarde e resolveu perguntar, e o homem confirmou que *era* verdade. Imaginem só! A fazenda dele fica justamente na estrada que vai para Newbridge, e quão horrível será olhar e ver propagandas de comprimidos e emplastros, não concordam?

Os Melhoradores *concordavam*, e muito. Até mesmo os menos imaginativos entre eles conseguiram imaginar o efeito grotesco de meia milha de cerca de tábuas adornada com tais anúncios. Todos os pensamentos sobre a igreja e a escola desapareceram diante deste novo perigo. Regras parlamentares e regulamentos foram esquecidos, e Anne, em desespero, desistiu de tomar notas em sua ata. Todos falavam ao mesmo tempo, e o tumulto foi medonho.

— Oh, vamos manter a calma e tentar pensar em algum jeito de impedi-lo! – implorou Anne, que era a mais emocionada de todos.

— Não sei como vamos impedi-lo! – exclamou a amargurada Jane. — Todos sabem como Judson Parker é. Ele faria *qualquer* coisa por dinheiro. O homem não tem *nenhuma* centelha de espírito comunitário, e

nenhum senso de beleza.

A perspectiva parecia pouco promissora. Judson Parker e sua irmã eram os únicos Parkers em Avonlea, de modo que não se poderia esperar influências familiares. Martha Parker era uma dama de certa idade, que desaprovava os jovens em geral, e mais ainda os Melhoradores. Judson era um homem bem-disposto, de fala mansa, de tão bom caráter e gentileza que era surpreendente que tivesse tão poucos amigos. Talvez tenha se dedicado demasiado aos negócios – o que dificilmente é bom para a popularidade. Tinha a reputação de ser muito astuto, e a opinião da maioria era que ele "não tinha muitos princípios".

— Se Judson Parker tiver a chance de "*ganhar um dinheiro honesto*", como ele mesmo diz, nunca a deixará escapar – declarou Fred Wright.

— Não existe *alguém* que tenha influência sobre ele? – perguntou Anne, desesperadamente.

— Ele vai até White Sands para ver Louisa Spencer – sugeriu Carrie Sloane. — Talvez ela possa persuadi-lo, com palavras lisonjeiras, a não alugar as cercas.

— Não ela – respondeu Gilbert, de forma enfática. — Conheço bem Louisa Spencer. Ela não acredita em sociedades de melhorias dos vilarejos, mas *sim* nos dólares e centavos. É mais provável que ela o encoraje a alugar.

— A única coisa a fazer é eleger uma comissão que o visite respeitosamente e proteste – propôs Julia Bell. — E devemos enviar moças, porque ele dificilmente será educado com os rapazes... mas eu não irei, então não é necessário que ninguém me nomeie.

— Melhor enviar a Anne sozinha – disse Oliver Sloane. — Se ninguém consegue lidar com ele, ela conseguirá.

Anne protestou. Estava disposta a ir e conversar, mas devia levar outros consigo para "apoio moral". Diana e Jane foram, então, nomeadas para apoiá-la moralmente, e os Melhoradores se dispersaram, zumbindo como abelhas indignadas. Anne estava tão preocupada que não dormiu até quase o raiar do dia, e então sonhou que os administradores haviam colocado uma cerca ao redor da escola e pintado "*Experimente os comprimidos roxos*" em toda a sua extensão.

O comitê visitou Judson Parker na tarde do dia seguinte. Anne

advogou eloquentemente contra seu nefasto desígnio, e Jane e Diana a apoiaram moral e valentemente. Judson foi polido, agradável, lisonjeiro, e fez-lhes alguns elogios sobre a delicadeza dos girassóis, dizendo que sentia-se realmente mal por recusar um pedido feito por moças tão encantadoras... mas negócios eram negócios, e ele não podia deixar que o sentimentalismo ficasse em seu caminho nestes tempos difíceis.

— Mas vou dizer o que *farei* – ele disse, com uma piscadela em seus grandes olhos brilhantes. — Direi ao agente que use apenas cores bonitas e de bom gosto... vermelho e amarelo, por exemplo. E insistirei que de maneira nenhuma pinte os anúncios em *azul*.

O derrotado comitê se retirou, pensando coisas impróprias para serem ditas.

— Fizemos tudo o que era possível, e devemos simplesmente confiar o restante à Providência – disse Jane, imitando inconscientemente o tom e os gestos de Mrs. Lynde.

— Talvez Mr. Allan possa fazer alguma coisa – refletiu Diana.

Anne balançou a cabeça, negativamente.

— Não, não vale a pena incomodar Mr. Allan, ainda mais agora que o bebê está tão doente. Judson iria deslizar por entre os argumentos dele com tanta flexibilidade quanto fez conosco, embora esteja frequentando a igreja com certa assiduidade agora. Mas isso é só porque o pai de Louisa Spencer é idoso e muito específico sobre estes assuntos.

— Judson Parker é o único homem em Avonlea que sonharia em alugar suas cercas – resmungou Jane, indignada. — Nem mesmo Levi Boulter ou Lorenzo White fariam uma coisa dessas, avarentos como são. Eles têm muito respeito pela opinião pública.

A opinião pública certamente foi para cima de Judson Parker quando os fatos se tornaram conhecidos, mas isso não ajudou muito. Judson ria sozinho e desafiava os cidadãos. Os Melhoradores estavam tentando se resignar com a ideia de ver a parte mais bonita da estrada de Newbridge desfigurada por propagandas quando, na reunião seguinte da Sociedade de Melhorias, Anne levantou-se tranquilamente ao chamado do presidente para os relatórios dos comitês, e anunciou que Mr. Judson Parker a havia instruído para que informasse a Sociedade que ele *não iria* alugar suas cercas para a companhia farmacêutica.

Jane e Diana se entreolharam como se não acreditassem no que

tinham ouvido. A etiqueta parlamentária, que era estritamente respeitada na Sociedade, os impediu de dar rédea solta à curiosidade; mas, após a reunião, Anne foi assediada em busca de explicações. A jovem não tinha nenhuma explicação a dar. Na véspera, ao entardecer, Judson Parker a alcançara na estrada e dissera que havia decidido solidarizar-se com a S.M.A. em seu ódio peculiar contra os anúncios da companhia farmacêutica. Isto foi tudo que Anne disse, naquele momento ou depois, e era a simples verdade. No entanto, quando Jane Andrews, no caminho para casa, confiou a Oliver Sloane sua firme convicção de que *havia mais* por trás da misteriosa mudança de opinião de Judson Parker do que Anne Shirley tinha revelado, ela também falou a verdade.

Na tarde anterior, Anne tinha ido até a casa da velha Mrs. Irving pela estrada à beira-mar, e regressara por um atalho que a levou primeiro aos campos baixos da costa e depois a um bosque de faias próximo às terras de Robert Dickson, por uma pequena trilha que seguia até a estrada principal, logo acima da Lagoa das Águas Brilhantes – mais conhecida pelas pessoas sem imaginação como Barry's Pond.

Sentados em duas charretes encostadas ao lado da estrada, parados junto à entrada do caminho, estavam dois homens. Um deles era Judson Parker; o outro era Jerry Corcoran, um homem de Newbridge contra quem, como Mrs. Lynde teria dito numa eloquente ironia, nada suspeito jamais foi *provado*. Ele era um comerciante de implementos agrícolas, e uma pessoa proeminente nos assuntos de política. Ele tinha um dedo – algumas pessoas diriam *todos* os dedos – em cada torta política que era assada e, visto que o Canadá estava nas vésperas das eleições gerais, Jerry Corcoran estivera ocupado nas últimas semanas, percorrendo toda a região para angariar votos ao candidato do seu partido. No exato momento em que Anne emergia debaixo dos ramos de um arbusto, ouviu Corcoran dizer:

— Se for votar no Amesbury, Parker... bem, tenho a promissória daquele par de ancinhos que você comprou na primavera. Creio que você não se importaria de tê-la de volta, hein?

— Be... bem, já que você coloca desta maneira – respondeu Judson, lentamente, com um riso forçado –, calculo que farei assim. Um homem deve cuidar de seus próprios interesses nestes tempos difíceis.

Nesse instante, ambos perceberam a presença de Anne e a

conversação cessou abruptamente. Ela inclinou a cabeça, saudando-os com frieza, e seguiu adiante, com o queixo um pouco mais empinado do que o usual. Logo, Judson Parker a alcançou.

— Quer uma carona, Anne? – perguntou, de forma amigável.

— Não, obrigada – ela respondeu com educação, mas com um leve e agudo tom de desdém na voz que foi percebido até mesmo pela consciência não tão sensível de Judson Parker. Seu rosto se avermelhou e ele puxou as rédeas com irritação; porém, no instante seguinte, certas considerações prudentes o alcançaram. Incomodado, Judson observou Anne, que seguia andando sem olhar para a direita nem para a esquerda. Teria ela ouvido a oferta inequívoca de Corcoran, e sua simples e clara aceitação? Maldito Corcoran! Se ele não conseguisse falar o que pretendia com frases menos perigosas, iria ter problemas algum dia desses, a curto ou longo prazo. E a maldita professorinha ruiva, com o hábito de surgir de repente dos bosques de faias, quando não tinha nada que estar ali! Se Anne tivesse ouvido, Judson Parker – julgando os outros por si mesmo, como diziam as pessoas do campo, e enganando-se ao julgá-las, como as pessoas geralmente faziam – acreditava que a moça contaria tudo aos quatro ventos. Ora, Judson Parker, como já se havia percebido, não tinha uma grande preocupação com a opinião pública, mas ser conhecido como alguém que aceitara suborno seria vexatório! E, se isso chegasse aos ouvidos de Isaac Spencer, poderia dar adeus para sempre a toda esperança de conquistar Louisa Jane, com sua confortável perspectiva como herdeira de um próspero fazendeiro! Judson Parker sabia que Mr. Spencer o encarava com desconfiança, de modo que não poderia correr nenhum risco.

— Aham... Anne, eu esperava encontrá-la para tratarmos daquele probleminha que discutíamos no outro dia. Decidi não alugar minhas cercas para aquela companhia, afinal. Uma sociedade com um objetivo como a de vocês precisa ser encorajada.

Anne deixou a frieza de lado.

— Obrigada.

— E... e... você não precisa mencionar aquela minha conversinha com Jerry.

— Eu não tinha nenhuma intenção de fazer isso, de qualquer maneira – respondeu, retomando a frieza, pois teria preferido ver todas as cercas de

Avonlea pintadas com anúncios antes de negociar com um homem capaz de vender seu voto.

— Certamente... certamente – concordou Judson, imaginando que se entendiam maravilhosamente bem. — Não pensei que iria. É claro que eu só estava enganando Jerry... ele se acha tão sagaz e esperto! Não tenho nenhuma intenção de votar no Amesbury. Votarei no Grant, como sempre fiz... você verá, quando vierem as eleições. Só concordei com Jerry para ver se ele se comprometia. E está tudo bem sobre a cerca... pode dizer isso aos Melhoradores.

— São necessários todos os tipos de pessoas para formar o mundo, como ouço com frequência; mas acho que poderíamos dispensar alguns deles – disse Anne ao seu reflexo naquela noite, no espelho do quartinho do lado leste. — Eu não conseguiria mencionar esta desgraça a alma nenhuma, de jeito nenhum; então, minha consciência está limpa a respeito *disso*. Realmente não sei a quem ou a que agradecer por isso... eu não fiz nada para consegui-lo. E é difícil acreditar que a Providência empregue medidas iguais às que usam os homens políticos como Judson Parker e Jerry Corcoran.

Capítulo XV

O Início das Férias

Anne trancou a porta da escola em um dourado e tranquilo entardecer, quando os ventos murmuravam entre os abetos vermelhos ao redor do terreno e as sombras eram longas e preguiçosas nos limites dos bosques. Guardou a chave no bolso com um suspiro de satisfação. O ano escolar havia terminado e ela fora nomeada novamente para o ano seguinte, com muitas expressões de satisfação – apenas Mr. Harmon Andrews disse-lhe que deveria usar o açoite com mais frequência – e dois meses de férias bem merecidas lhe acenavam convidativamente. Anne sentia-se em paz com o mundo e consigo mesma, ao descer a colina com uma cesta de flores na mão. Desde que começaram a brotar as flores de maio, Anne nunca tinha deixado de fazer sua visita semanal ao túmulo de Matthew. Todos os habitantes de Avonlea, exceto Marilla, já haviam esquecido o quieto, tímido e pouco importante Matthew Cuthbert; mas sua memória permanecia viva no coração de Anne, e assim sempre seria. Ela jamais poderia se esquecer daquele senhor gentil que foi o primeiro a dar o amor e a compaixão que sua infância negligenciada tanto precisava.

No sopé da colina, um menino estava sentado na cerca, à sombra dos abetos... um menino com grandes olhos sonhadores e um belo rosto sensível. Ele desceu e se juntou a Anne, sorrindo; mas haviam sinais de lágrimas em suas bochechas.

— Achei que poderia esperar pela senhorita, professora, pois eu sabia que estava indo para o cemitério – ele disse, agarrando sua mão. — Também estou indo para lá... estou levando este buquê de gerânios para colocar no túmulo do meu avô Irving, em nome da minha avó. E olhe, professora, vou pôr este buquê de rosas brancas ao lado do túmulo do vovô, em memória da minha mãezinha... pois não posso ir até o túmulo dela. Mas a senhorita acha que ela vai saber mesmo assim?

— Sim, estou certa que sim, Paul.

— Sabe, professora, hoje faz três anos que a minha mãezinha faleceu. Faz muito, muito tempo, mas dói tanto quanto antes... e eu sinto tanta falta dela quanto sentia antes. Algumas vezes parece que não

conseguirei suportar... dói tanto!

A voz de Paul fraquejou e seus lábios tremeram. Ele olhou para suas rosas, na esperança de que a professora não percebesse as lágrimas em seus olhos.

— E, ainda assim, você gostaria que não parasse de doer... – disse Anne, suavemente – não gostaria de esquecer sua mãezinha, mesmo que pudesse.

— Não, certamente não gostaria... é exatamente assim que me sinto. A senhorita é tão boa para compreender, professora. Ninguém mais entende tão bem... nem mesmo vovó, mesmo sendo tão boa para mim. Meu pai entende muito bem; mas, ainda assim, não posso falar muito com ele sobre a mamãe, porque isso faz com que ele se sinta tão mal... quando ele cobre o rosto com as mãos, eu já sei que é hora de parar. Pobre papai, deve sentir-se extremamente solitário sem mim... mas ele não tem ninguém além de uma governanta, e ele acha que as governantas não são boas para educar menininhos, especialmente quando precisa estar tanto tempo fora de casa devido aos negócios. As avós são as melhores, depois das mães. Um dia, quando estiver mais crescido, eu voltarei a morar com meu pai e nós nunca mais ficaremos distantes.

Paul havia falado tanto com Anne sobre sua mãe e seu pai, que ela sentia como se já os conhecesse. Pensava que a mãe deveria ter sido muito parecida com o garoto, em temperamento e disposição, e imaginava que Stephen Irving fosse um homem meio reservado, com uma natureza profunda e terna, a qual mantinha escrupulosamente escondida do mundo.

— Papai não é muito fácil de conhecer – Paul havia dito uma vez. — Eu mesmo não o conhecia de verdade até pouco depois da morte da minha mãezinha. Mas ele é esplêndido quando se deixa conhecer. É a pessoa que mais amo no mundo, depois a vovó Irving, e então a senhorita, professora! Eu a amaria mais, logo depois do papai, se não fosse meu *dever* amar mais a vovó Irving, porque ela está fazendo tanto por mim. *A senhorita entende*, professora. Mas eu gostaria que ela deixasse a lamparina acesa em meu quarto até que eu dormisse. Vovó a leva logo consigo, assim que me coloca na cama, pois diz que não posso ser um covarde. Eu *não* tenho medo, mas *preferia* ficar com a luz. Minha mãezinha costumava sentar-se ao meu lado, e segurava a minha mão até que eu dormisse. Acho que ela me mimava. As mães fazem isso algumas

vezes, sabe...

Não, Anne não sabia disso, embora pudesse imaginar como era. Pensou tristemente em *sua mãezinha*, a mãe que pensava que ela era *"perfeitamente linda"* e que tinha morrido tanto tempo atrás, e estava enterrada ao lado de seu jovem esposo, naquele túmulo distante que ninguém visitava. Anne não conseguia se lembrar de sua mãe, e por esta razão quase invejava Paul.

— Meu aniversário é na semana que vem – disse Paul, quando subiam a longa colina vermelha, deleitando-se nos raios do sol de junho –, e o papai escreveu dizendo que está me enviando algo que, segundo ele, é a coisa que eu mais gosto no mundo. Creio que já tenha chegado, pois a vovó está mantendo a gaveta da escrivaninha trancada, e isso é uma novidade. E quando perguntei a ela o porquê, ela só me olhou misteriosamente e falou que *"garotinhos não devem ser tão curiosos"*. É muito emocionante fazer aniversário, não é? Eu completarei onze anos. Ninguém diz que eu tenho esta idade quando olham para mim, não é mesmo? Vovó diz que sou muito pequeno para a minha idade, porque não como mingau de aveia o bastante. Eu como o máximo que consigo, mas a vovó me serve pratos muito cheios... posso garantir que a minha avó não é nada mesquinha. Desde que tivemos aquela conversa sobre as orações, voltando da Escola Dominical naquele dia, professora... quando a senhorita me disse que temos que orar por todas as nossas dificuldades... eu pedi a Deus, a cada noite, que Ele me concedesse a graça suficiente para ser capaz de comer cada gota do meu mingau pela manhã. Mas até hoje nunca consegui fazer isso, e ainda não sei se é porque recebi muito pouca graça, ou muita quantidade de mingau. Vovó diz que o papai foi criado à base de mingau, e isso certamente funcionou para ele, pois a senhorita precisa ver os ombros que ele tem! No entanto, às vezes, eu realmente acho que o mingau vai ser a causa da minha morte – concluiu, suspirando, com um ar meditativo.

Anne permitiu-se um sorriso, porque Paul não estava olhando para ela. Toda Avonlea sabia que a velha Mrs. Irving estava criando o neto de acordo com os bons e velhos métodos de dieta e moral.

— Esperemos que não, querido – ela disse, com alegria. — Como estão suas pessoas de pedra? O gêmeo mais velho continua se comportando bem?

— Ele *tem* que se comportar bem! – respondeu Paul, enfaticamente. — Ele sabe muito bem que, de outro modo, não serei seu amigo. Realmente acredito que ele está cheio de perversidade.

— E Nora? Já descobriu sobra a Dama Dourada?

— Não, mas acho que ela suspeita. Estou quase certo de que ela me observou na última vez que fui até a caverna. Não me importo se ela descobrir... é somente pelo próprio bem dela que eu não quero que descubra, pois sei que ficará magoada. Mas, se ela está *determinada* a ser magoada, não posso evitar.

— Se eu fosse até a costa com você uma noite dessas, acha que eu conseguiria ver as suas pessoas de pedra?

Paul balançou a cabeça com gravidade.

— Não, acho que a senhorita não conseguiria ver as *minhas* pessoas de pedra. Sou o único que pode vê-las. Mas a senhorita conseguiria ver *as suas próprias* pessoas de pedra. A senhorita é do tipo que consegue. Nós dois somos. *A senhorita entende*, professora – acrescentou, apertando a mão de Anne em sinal de camaradagem. — Não é esplêndido ser desse tipo, professora?

— É esplêndido – Anne concordou, com seus brilhantes olhos acinzentados fixos nos brilhantes olhos azuis do menino. Anne e Paul sabiam *quão belo é o reino com a vista aberta pela imaginação.*

E ambos conheciam o caminho para a terra da felicidade. Ali, a rosa da alegria florescia, imortal, pelos pequenos vales e córregos, as nuvens jamais escureciam o céu ensolarado, os doces sinos nunca badalavam fora do tom e abundavam as almas gêmeas. O conhecimento da localização geográfica daquela terra – *"a leste do sol, oeste da lua"* – é um dom inapreciável, que não pode ser comprado em lugar algum. Deve ser um presente das boas fadas ao nascer, e os anos seguintes não podem desfigurá-lo, nem eliminá-lo. É preferível possuí-lo vivendo num sótão, a ser habitante de um palácio sem tê-lo.

O cemitério de Avonlea continuava sendo o campo solitário coberto de relva que sempre fora. Para falar a verdade, os Melhoradores estavam de olho nele, e Priscilla Grant tinha lido um relatório sobre os cemitérios na última reunião. Em algum momento, no futuro, os Melhoradores tinham a esperança de aparar a grama, substituir a velha cerca de madeira, esquisita e coberta de líquen, por uma caprichada cerca de arame, e

reerguer os monumentos caídos.

Anne pôs as flores que trouxera no túmulo de Matthew, e então foi até o cantinho, à sombra do álamo, onde descansava Hester Gray. Desde o dia da excursão, na primavera, Anne sempre colocava flores no túmulo da moça quando visitava o de Matthew. Na tarde anterior, ela havia caminhado até o deserto jardinzinho entre os bosques e colhido algumas das rosas brancas de Hester.

— Pensei que iria gostar mais destas do que de qualquer outra, querida – disse, suavemente.

Anne ainda estava ali, sentada, quando viu ao seu lado uma sombra na relva. Ergueu, então, o olhar e viu Mrs. Allan. Voltaram juntas para casa.

Mrs. Allan já não possuía o semblante de jovem noiva que ostentara quando o ministro a trouxera para Avonlea, cinco anos atrás. Tinha perdido um pouco do frescor da beleza e das curvas juvenis, e haviam linhas finas e pacientes ao redor dos olhos e da boca. Algumas dessas linhas surgiram devido a um túmulo pequenino, naquele mesmo cemitério; outras, durante a recente enfermidade de seu filhinho, felizmente já fora de perigo. Mas suas covinhas eram tão doces e inesperadas como sempre foram, e seus olhos igualmente claros, iluminados e sinceros; e o que faltava de beleza juvenil em seu rosto, estava agora mais do que compensado por uma grande ternura e força.

— Presumo que você esteja ansiando pelas férias, não é, Anne? – perguntou, quando deixaram o cemitério.

Anne assentiu, inclinando a cabeça.

— Sim... posso saborear a palavra como um pedacinho de doce sob a língua. Acho que teremos um verão adorável! Em parte, porque Mrs. Morgan está vindo à Ilha em julho, e Priscilla irá trazê-la aqui. Sinto um dos meus antigos “arrepios” só de pensar!

— Espero que se divirta, Anne. Você trabalhou duro no último ano, e foi muito bem-sucedida.

— Oh, não sei. Avancei tão pouco em tantos aspectos! Não tenho feito o que tinha a intenção de fazer no último outono, quando comecei a lecionar. Não tenho vivido de acordo com os meus ideais.

— Nenhum de nós consegue – comentou Mrs. Allan, com um suspiro. — Mas você sabe o que Lowell[16] diz, Anne: “*Não o fracasso,*

mas os baixos ideais são um crime.” Devemos ter ideais e tratar de viver de acordo com eles, mesmo que nem sempre tenhamos êxito. A vida seria muito triste sem eles. E, do contrário, torna-se grande e magnífica. Mantenha-se firme em seus ideais, Anne.

— Vou tentar. Mas preciso abandonar a maioria das minhas teorias – disse Anne, rindo um pouco. — Quando comecei a lecionar, tinha a mais linda coleção de teorias que se possa imaginar, mas cada uma delas me desapontou, de uma forma ou de outra.

— Até a teoria do castigo corporal – brincou Mrs. Allan.

Mas Anne enrubesceu.

— Nunca me perdoarei por ter castigado Anthony.

— Que bobagem, querida! Ele mereceu. E isso combina com ele. Você não tem tido problemas com o garoto desde então; e, agora, ele mesmo pensa que não existe outra como você. Sua bondade conquistou o afeto dele, depois que a ideia de que “uma moça não serve para ser professora” foi arrancada daquela cabeça dura.

— Pode ser que ele tenha merecido, mas não é este o ponto. Se eu tivesse decidido – calma e deliberadamente – açoitá-lo, por considerar que esta era uma punição justa, não estaria me sentindo assim. Mas a verdade, Mrs. Allan, é que me enfureci, e por isso bati no menino. Não pensei se era justo ou injusto... mesmo se ele não merecesse, eu teria feito do mesmo jeito. É isso que me humilha.

— Bem, todos nós cometemos erros, querida... então, supere isso. Devemos nos arrepender dos erros e aprender com eles, mas nunca carregá-los conosco para o futuro. Lá vai Gilbert Blythe em sua bicicleta... voltando também para casa, para as férias, eu acho. Como estão indo os estudos de vocês?

— Muito bem. Planejamos terminar o Virgílio esta noite... faltam somente vinte linhas. Depois, não estudaremos mais até setembro.

— Pensa em ir para a universidade?

— Oh, não sei – Anne olhou, sonhadora, para o horizonte pintado de opala. — Os olhos de Marilla nunca ficarão melhores do que estão, apesar de estarmos gratas por saber que não ficarão piores. E temos também os gêmeos... na verdade, não acredito que o tio mandará buscá-los. Talvez a universidade esteja logo depois da curva no caminho, mas eu ainda não cheguei lá; portanto, não penso muito no assunto, para não ficar

descontente.

— Bem, eu adoraria vê-la indo para a universidade, Anne. Mas, se você nunca for, não se decepcione. Afinal, nós construímos nossas vidas onde quer que estejamos... a universidade só nos ajuda a tornar as coisas mais fáceis. A vida pode ser ampla ou estreita, de acordo com o que colocamos nela, e não com o que obtemos dela. A vida é rica e plena aqui... e em qualquer lugar... se pudermos apenas aprender a abrir nossos corações para sua riqueza e plenitude.

— Acho que entendo o que a senhora quer dizer – disse Anne, meditativa – e sei que tenho tanto a agradecer... oh, tanto... meu trabalho, Paul Irving, os queridos gêmeos, e todos os meus amigos. Sabe, Mrs. Allan, eu sou muito grata às amizades. Embelezam tanto a vida!

— Não há dúvidas de que a verdadeira amizade é algo muito reconfortante e que devemos ter um elevado ideal sobre ela, sem nunca manchá-la por alguma falta, quer seja em verdade ou sinceridade. Temo que a palavra *amizade* seja frequentemente degradada a um tipo de intimidade que não tem nada a ver com o significado real da amizade.

— Sim... como a de Gertie Pye e Julia Bell. Elas são muito íntimas e vão juntas a todos os lugares, mas Gertie está sempre dizendo coisas desagradáveis sobre Julia pelas costas, e todos pensam que ela sente inveja, pois fica bastante satisfeita quando alguém critica Julia. Creio que seja um sacrilégio chamar isso de amizade. Se temos amigos, devemos ver somente o melhor neles e dar-lhes o nosso melhor, a senhora não acha? Então, desta maneira, a amizade deve ser a coisa mais bela do mundo.

— A amizade é muito bela – sorriu Mrs. Allan –, mas algum dia...

Então ela se deteve, repentinamente. No delicado rosto pálido ao seu lado, com os olhos cândidos e feições inconstantes, havia ainda muito mais de menina do que de mulher. Até agora, o coração de Anne abrigava apenas os sonhos da amizade e da ambição, e Mrs. Allan não queria varrer as flores daquela doce inconsciência. Assim, deixou que sua frase fosse completada pelos anos futuros.

Capítulo XVI

A Essência das Coisas Esperadas

— Anne! – exclamou Davy, numa voz apelativa, enquanto subia no lustroso sofá de couro na cozinha de Green Gables, onde Anne estava sentada, lendo uma carta. — Anne, estou com uma fome *terrível*! Você nem imagina!

— Vou trazer uma fatia de pão com manteiga num minuto – respondeu, distraída. Era evidente que a carta continha notícias empolgantes, pois suas bochechas estavam coradas como as rosas do grande arbusto, e seus olhos cintilavam de uma forma que só os olhos de Anne eram capazes.

— Mas não é uma fome de pão com manteiga – ele replicou, em tom desgostoso. — É fome de bolo de ameixa!

— Oh! – riu Anne, deixando a carta de lado e passando o braço em torno de Davy para dar-lhe um apertão. — Este é um tipo de fome que pode ser suportado muito confortavelmente, menino-Davy. Você sabe que uma das regras de Marilla é não poder comer nada além de pão com manteiga entre as refeições.

— Bom, me dê uma fatia, então... por favor.

Davy havia, enfim, aprendido a dizer “por favor”, mas sempre o acrescentava como uma reflexão tardia. Olhou com aprovação para a generosa fatia que Anne lhe trouxera.

— Você sempre coloca bastante manteiga, Anne. Marilla sempre coloca bem pouquinho. O pão escorrega muito mais fácil quando tem um montão de manteiga!

A fatia “escorregou” com razoável facilidade, a julgar por seu rápido desaparecimento. Davy deu uma cambalhota do sofá, rolou duas vezes no tapete, e então sentou-se e anunciou decididamente:

— Anne, estou decidido sobre o céu. Não quero ir para lá.

— Por que não? – ela perguntou, gravemente.

— Porque o céu fica no sótão do Simon Fletcher, e eu não gosto do Simon Fletcher.

— Céu no... sótão de Simon Fletcher? – titubeou Anne, surpresa

demais até mesmo para rir. — Davy Keith, quem colocou uma ideia tão extraordinária na sua cabeça?

— Milty Boulter disse que o céu fica lá. Foi no último domingo, na Escola Dominical. A lição era sobre Elias e Eliseu, e eu me levantei e perguntei a Miss Rogerson onde ficava o céu. Ela ficou muito ofendida! Ela já estava um pouco irritada, pois quando nos perguntou o que Elias deixou para Eliseu quando foi para o céu, Milty Boulter respondeu: *"Suas roupas velhas"*, e todos nós rimos antes de pensar. Queria que pudesse pensar primeiro e agir depois, porque dessa forma eu nem agiria. Mas Milty não queria ser desrespeitoso. Ele só não consegue pensar no nome das coisas. Miss Rogerson me respondeu que o céu é onde Deus está, e que eu não devia fazer esse tipo de pergunta. Milty me cutucou e disse bem baixinho: *"O céu fica no sótão do meu tio Simon, vou explicar no caminho de casa."* Então, quando estávamos voltando, ele me explicou. Milty tem jeito para explicar as coisas. Mesmo quando não sabe nada sobre um assunto, ele inventa um monte de coisas, e daí você recebe a explicação de qualquer maneira. A mãe dele é irmã da Mrs. Simon, e ele foi com ela ao funeral quando morreu Jane Ellen, sua prima. O ministro falou que a menina tinha ido para o céu, mas Milty disse que ela estava deitada no caixão, bem na frente deles. Mas ele acha que carregaram o caixão para o sótão depois. Bom, quando Milty e a mãe dele subiram as escadas para pegar o chapéu dela, depois de tudo estar terminado, ele perguntou onde estava o céu para onde Jane Ellen tinha ido, e a mãe dele apontou exatamente para o teto e disse: *"Lá em cima."* Milty sabia que não existia nada além do sótão em cima do teto, e foi assim que *ele* descobriu. E ele está terrivelmente assustado de ir para a casa do tio Simon desde esse dia.

Anne pôs Davy sentado em seu colo, e fez o melhor que pôde para endireitar esta complicação teológica. Ela tinha muito mais preparo para essa tarefa do que Marilla, pois recordava sua própria infância e tinha uma instintiva compreensão das ideias curiosas que uma criança de sete anos tem sobre certos assuntos – que são, obviamente, muito claras e simples para os adultos. Ela havia acabado de ter êxito ao convencer Davy de que o céu *não* ficava no sótão de Simon Fletcher, quando Marilla voltou do jardim, onde ela e Dora estiveram colhendo ervilhas. Dora era uma alminha laboriosa e nunca ficava mais contente do que quando estava

“ajudando” em várias pequenas tarefas, adaptadas para seus dedinhos gorduchos. Ela alimentava as galinhas, colhia batatas, secava louças e levava recados. Era asseada, temente a Deus e obediente; não precisava que lhe dissessem duas vezes como fazer alguma coisa, e nunca se esquecia de nenhum dos seus pequenos deveres. Davy, ao contrário, era desatento e descuidado, mas nascera com a inata virtude de se fazer amar, e Anne e Marilla o amavam mais.

Enquanto Dora descascava as ervilhas orgulhosamente e Davy fazia barquinhos com as cascas, usando fósforos para o mastro e papel para as velas, Anne informou Marilla sobre o maravilhoso conteúdo de sua carta.

— Oh, Marilla, o que você acha? Recebi uma carta de Priscilla, que disse que Mrs. Morgan está na Ilha e que, se fizer bom tempo na quinta-feira, elas virão até Avonlea, e chegarão aqui por volta do meio-dia. Passarão a tarde conosco e irão para o hotel em White Sands ao anoitecer, pois alguns amigos americanos de Mrs. Morgan estão hospedados lá. Oh, Marilla, não é maravilhoso? Mal posso acreditar que não estou sonhando!

— Atrevo-me a dizer que Mrs. Morgan é igual a qualquer outra pessoa – respondeu Marilla, com secura, apesar de também sentir-se um pouco empolgada. Mrs. Morgan era uma mulher famosa e sua visita não seria uma ocorrência comum. — Virão para almoçar, então?

— Sim, e oh, Marilla, posso preparar todo o almoço? Quero sentir que posso fazer alguma coisa pela autora de *O Jardim dos Botões de Rosa*, mesmo que seja só preparar a comida para ela. Você não vai se importar, não é?

— Por Deus, eu não gosto tanto assim de ficar diante do calor do fogão em julho, a ponto de ofender-me se outra pessoa o fizer! Seja muito bem-vinda ao trabalho.

— Oh, obrigada! – disse Anne, como se Marilla tivesse feito um tremendo favor. — Decidirei o cardápio esta noite!

— É melhor não tentar fazer receitas muito refinadas – advertiu Marilla, um pouco alarmada pelo som pomposo da palavra *cardápio* –, pois é provável que o resultado seja desastroso.

— Oh, não farei nenhuma receita refinada, se isso significa tentar preparar pratos extravagantes, que não fazemos comumente em ocasiões festivas. Isso seria presunção, e apesar de saber que não possuo o bom

senso e a constância que uma garota de dezessete anos e professora deve ter, não sou tão tola a *este* ponto. Mas quero que tudo esteja tão saboroso e elegante quanto possível. Davy, não deixe essas cascas de ervilha nas escadas... alguém pode pisar nelas e escorregar. Farei uma sopa leve, para entrada... você sabe que eu consigo fazer uma adorável sopa cremosa de cebola... e, depois, dois frangos assados. Serão os dois galos brancos. Tenho muita afeição por aqueles galos, são de estimação desde que a galinha cinza os chocou... bolinhas de penugem amarelinha. Mas sei que eles terão que ser sacrificados algum dia, e certamente não poderia haver uma ocasião melhor do que esta. Mas, oh, Marilla, eu não posso matá-los... nem mesmo em honra a Mrs. Morgan. Terei que pedir a John Henry Carter que venha até aqui e faça isso por mim.

— Eu farei – ofereceu Davy –, se Marilla os segurar pelas pernas, porque acho que vou precisar das duas mãos para segurar a machadinha. É terrivelmente engraçado ver esses bichos saltitando depois que as cabeças são cortadas!

— Depois servirei ervilhas e feijões, batata cremosa e salada de alface, como vegetais – resumiu Anne –, e para sobremesa, tortas de limão com merengue, café, queijo e biscoitos champagne. Amanhã farei as tortas e os biscoitos, e ajustarei meu vestido de musselina branca. E preciso avisar Diana esta noite, pois ela vai querer arrumar o dela. As heroínas de Mrs. Morgan estão quase sempre usando roupas de musselina branca, e Diana e eu decidimos que seria assim que nos vestiríamos se algum dia nos encontrássemos com ela. Será uma delicada homenagem, não acha? Davy, querido, você não deve enfiar cascas de ervilha nos cantinhos do assoalho! Vou convidar Mr. e Mrs. Allan para o almoço, e Miss Stacy também, pois eles estavam muito ansiosos para conhecer Mrs. Morgan. É uma sorte que ela venha enquanto Miss Stacy está aqui. Davy, querido, não ponha as cascas para navegar no balde d'água... vá lá fora, e brinque no cocho dos cavalos. Oh, espero que o tempo esteja bom na quinta-feira! E acho que estará, pois quando Tio Abe foi ver Mr. Harrison, ontem à noite, falou que iria chover praticamente a semana inteira.

— Este é um bom sinal – concordou Marilla.

Ao cair da noite, Anne foi até Orchard Slope para contar as novidades a Diana, que também ficou muito empolgada; e, então, dirigiram-se ao jardim dos Barry e discutiram o assunto sentadas no

balanço debaixo do grande salgueiro.

— Oh, Anne, posso ajudá-la a preparar o almoço? – implorou Diana. — Você sabe que consigo fazer uma esplêndida salada de alface.

— É claro que pode – assentiu Anne, com altruísmo. — E quero que você me ajude a fazer a decoração. Quero que a sala de visitas fique simplesmente como um caramanchão florido... e a mesa do jantar será decorada com rosas silvestres. Oh, espero que tudo corra bem! As heroínas de Mrs. Morgan *nunca* se envolvem em confusão ou são pegas em desvantagem, pois são sempre tão autoconfiantes e tão boas donas de casa! Elas parecem ter *nascido* sendo boas donas de casa. Recorda-se que Gertrude, em *Dias em Edgewood*, cuidava da casa do pai quando tinha apenas oito anos de idade? Quando eu tinha oito anos, mal sabia fazer alguma coisa, exceto cuidar de crianças. Mrs. Morgan deve ser uma sumidade em se tratando de meninas, pois já escreveu tanto sobre elas... e eu quero muito que ela tenha uma boa opinião a nosso respeito. Já imaginei tudo de diferentes maneiras... como ela é, o que dirá, e o que eu direi. E estou tão nervosa sobre o meu nariz! Existem sete sardas, como você pode ver. Elas apareceram no piquenique da S.M.A., quando saí para o sol sem meu chapéu. Creio que seja muita ingratidão me preocupar com elas, ao invés de ser grata por não estarem espalhadas por todo o meu rosto, como foram um dia. Mas eu queria muito que não tivessem aparecido... todas as heroínas de Mrs. Morgan possuem uma tez perfeita. Não me lembro de nenhuma sardenta entre elas.

— As suas sardas não são muito notáveis – confortou Diana. — Tente aplicar um pouco de suco de limão nelas hoje à noite.

No dia seguinte, Anne preparou as tortas e os biscoitos, ajustou o vestido e varreu e tirou o pó de todos os cômodos da casa – um procedimento completamente desnecessário, pois, como de costume, Green Gables estava em ordem impecável, ordem essa que era tão importante para Marilla. Mas a mocinha sentia que um único fragmento de poeira seria uma profanação na casa que teria a honra de receber a visita de Charlotte E. Morgan. Limpou até mesmo o armário de bugigangas debaixo da escadaria, embora não houvesse a mais remota possibilidade de Mrs. Morgan ver seu interior.

— Mas eu quero *sentir* que tudo está em perfeita ordem, mesmo que não seja para ela ver – Anne explicou a Marilla. — Sabe, em seu livro

Chaves Douradas, ela fez com que suas duas heroínas, Alice e Louisa, tomassem como lema aquele verso de Longfellow[17]:

"Nos antigos dias da arte,
construtores erguiam com cuidado extremo
cada fragmento diminuto e invisível,
pois os olhos dos deuses tudo veem."

— E, por isso, elas sempre varriam debaixo das escadas e nunca se esqueciam de varrer debaixo das camas. Eu ficaria com a consciência pesada se soubesse que o armário estava desordenado quando Mrs. Morgan esteve aqui em casa. Desde que lemos *Chaves Douradas*, no último mês de abril, Diana e eu adotamos este verso como nosso lema também.

Naquela noite, John Henry Carter e Davy conseguiram, entre eles, executar os dois galos brancos, e Anne os preparou, sendo esta tarefa geralmente desagradável glorificada perante seus olhos pelo destino das aves roliças.

— Não gosto de despenar frangos – disse Anne a Marilla –, mas não é ótimo que não tenhamos que nos concentrar no que as nossas mãos estão fazendo? Eu estava despenando os frangos com as mãos, mas minha imaginação estava vagando pela Via Láctea.

— Achei mesmo que você tinha espalhado mais penas pelo chão do que de costume – observou Marilla.

Então, Anne colocou Davy na cama e fê-lo prometer que se comportaria perfeitamente no dia seguinte.

— Se eu me comportar tão bem quanto for possível durante todo o dia amanhã, você vai me deixar ser tão traquinas quanto eu quiser depois de amanhã? – questionou Davy.

— Não posso fazer essa promessa – respondeu Anne, discretamente –, mas levarei você e Dora remando até a campina na outra margem da lagoa, e desceremos as dunas de areia e faremos um piquenique.

— Temos um trato! Pode apostar que eu vou ser bonzinho. Eu queria ir até a casa do Mr. Harrison e atirar ervilhas em Ginger com minha nova espingarda de brinquedo, mas posso esperar pelo outro dia. Acho que amanhã vai ser igual aos domingos, mas um piquenique na praia vai

compensar por *isso*.

Capítulo XVII

Um Capítulo Sobre Acidentes

Anne acordou três vezes durante a noite, e peregrinou até a janela para certificar-se de que a previsão do Tio Abe não se confirmaria. Finalmente raiou a alvorada, perolada e acetinada, em um céu cheio de luminosidade prateada e esplendor, e o magnífico dia tinha chegado.

Diana apareceu logo depois do café da manhã, com uma cesta de flores em um braço e seu vestido de musselina sobre o outro, pois ela não o usaria até que estivessem terminados os preparativos do almoço. Enquanto isso, usou o vestido rosa estampado e um avental de linho maravilhosamente cheio de babados e franzidos. Ela estava muito bem arrumada, bonita e rosada.

— Você está simplesmente graciosa! – elogiou Anne, com admiração.

Diana suspirou.

— Mas vou ter que alargar todos os meus vestidos *outra vez*. Estou pesando quase dois quilos a mais do que pesava em julho! Anne, *onde* isso vai parar? As heroínas de Mrs. Morgan são todas altas e esbeltas.

— Bem, vamos esquecer nossas preocupações e pensar nas alegrias – disse Anne, alegremente. — Mrs. Allan diz que sempre que pensarmos em algo que nos preocupa, devemos pensar também em algo agradável que possa compensar. Se, por um lado, você é ligeiramente roliça, por outro, tem as covinhas mais encantadoras; e, se eu tenho sardas no nariz, o *formato* dele é perfeito! Acha que o limão fez alguma diferença?

— Sim, realmente acho que fez – respondeu Diana, com ar crítico. E, muito contente, Anne dirigiu-se ao jardim, que estava repleto de sombras tênues e oscilantes luzes douradas.

— Vamos decorar a sala primeiro. Temos bastante tempo, pois Priscilla disse que estarão aqui em torno do meio-dia e meia, então o almoço será à uma da tarde.

Neste momento, talvez existissem duas mocinhas mais empolgadas em algum outro lugar do Canadá ou dos Estados Unidos, mas pode-se duvidar disso. Cada movimento da tesoura, quando caía uma rosa, peônia

ou jacinto, parecia cantar: *"Mrs. Morgan está vindo aqui hoje."* Anne se perguntava como Mr. Harrison *conseguia* continuar ceifando feno placidamente do outro lado do campo, como se nada estivesse prestes a acontecer.

A sala de visitas de Green Gables era um cômodo sombrio e de aparência um pouco severa, com rígido mobiliário marrom, cortinas rendadas e engomadas e mantas brancas que cobriam os móveis em ângulos sempre perfeitamente corretos, exceto nos momentos em que se enganchavam nos botões de alguma pessoa sem sorte. Nem mesmo Anne jamais fora capaz de infundir alguma graça ao ambiente, pois Marilla não permitia nenhuma alteração. Mas é maravilhoso o que podem fazer as flores se lhes for dada uma boa oportunidade. Quando Anne e Diana terminaram a decoração, o local estava irreconhecível.

Uma grande jarra azul cheia de rosas-de-gueldres florescia sobre a mesa polida. A reluzente cornija negra da chaminé estava adornada com rosas e samambaias. Em cada prateleira da cantoneira havia um buquê de jacintos. Os cantos escuros de cada lado da grade da lareira foram iluminados com vasos repletos de peônias carmesim, e a própria lareira parecia estar acesa com papoulas amarelas. Todo este esplendor de cores, mesclado com os raios do sol que entravam pelas janelas através da trepadeira de madressilvas, numa frondosa confusão de sombras dançantes sobre o piso e as paredes, converteu o comumente funesto aposento no autêntico "caramanchão" da imaginação de Anne, e provocou até mesmo a admiração de Marilla – que entrou para criticar, mas permaneceu para elogiar o trabalho das meninas.

— Agora, devemos pôr a mesa – disse Anne, falando como uma sacerdotisa a ponto de realizar um rito sacro em honra a uma divindade. — Colocaremos um grande vaso de rosas silvestres no centro, e uma única rosa na frente do prato de cada um – e um buquê de botões de rosa especialmente para Mrs. Morgan, em alusão a *O Jardim dos Botões de Rosa*, você sabe.

A mesa foi posta na sala de estar, com a toalha de linho mais refinada de Marilla, a melhor porcelana, cristais e prataria. Pode-se ter a mais absoluta certeza de que cada artigo colocado na mesa foi polido e limpo até a mais absoluta perfeição possível, para obter o máximo de brilho e resplendor.

Então as jovens foram para a cozinha, que estava impregnada com os apetitosos aromas emanados do forno, onde os frangos já estavam assando esplendidamente. Anne preparou as batatas e Diana encarregou-se das ervilhas e feijões. Depois, enquanto Diana se trancou na copa para temperar a salada de alface, Anne, cujas bochechas começavam a ficar vermelhas, tanto por causa da empolgação quanto pelo calor do fogo, preparou o molho para os frangos, picou as cebolas para a sopa, e finalmente bateu o merengue para as tortas de limão.

E o que Davy estava fazendo durante todo esse tempo? Estava cumprindo sua promessa de ser bonzinho? De fato, estava. Para falar a verdade, o garotinho insistiu em permanecer na cozinha, porque tinha a curiosidade de ver tudo que acontecia. Mas, como ele estava sentado quieto num canto, entretido em desfazer os nós em uma rede de pesca que trouxera em sua última excursão à praia, ninguém se opôs à sua permanência.

Às onze e meia, a salada de alface estava pronta, os círculos dourados das tortas já estavam enfeitados com o merengue, e tudo que deveria chiar e borbulhar estava chiando e borbulhando.

— É melhor irmos nos vestir agora, pois elas devem chegar aqui ao meio-dia – disse Anne. — Devemos servir o almoço à uma da tarde em ponto, pois a sopa deve ser servida assim que estiver pronta.

Sérios mesmos foram os ritos relativos às vestimentas e adornos que ocorriam presentemente no quartinho do lado leste do sótão. Anne observou o nariz, com ansiedade, e alegrou-se ao perceber que suas sardas não eram muito notáveis – graças ao suco de limão, ou, quem sabe, à vermelhidão pouco comum de suas bochechas. Quando estavam prontas, pareciam tão encantadoras, delicadas e juvenis como qualquer uma das *heroínas* de Mrs. Morgan.

— Eu realmente espero ser capaz de falar alguma coisa de vez em quando, e não ficar lá sentada como se fosse muda – disse Diana, preocupada. — Todas as heroínas de Mrs. Morgan conversam tão maravilhosamente! Mas temo dar a impressão de ser obtusa, e que pareça que a minha língua está amarrada. E eu certamente direi “já sei”. Não digo isso com tanta frequência, desde que Miss Stacy lecionou aqui; mas, em momentos de emoção, essas palavras sempre me escapam. Anne, se eu disser “já sei” diante de Mrs. Morgan, morrerei de vergonha! E isso será

quase tão ruim quanto não ter nada a dizer.

— Estou nervosa por diversas coisas – disse Anne –, mas não creio que haja perigo de não ser capaz de falar.

E, para fazer-lhe justiça, não havia.

Anne cobriu o glorioso vestido de musselina com um grande avental, e desceu para preparar a sopa. Marilla vestiu-se, e também aos gêmeos, e parecia mais empolgada do que jamais esteve. Ao meio dia e meia, chegaram os Allans e Miss Stacy. Tudo estava indo bem, mas Anne começava a ficar nervosa. Certamente já era hora de Priscilla e Mrs. Morgan chegarem. A jovem fazia frequentes caminhadas até o portão e olhava impacientemente para a alameda, com a mesma impaciência que sua xará na história do *Barba Azul*[18] espiava pela janela da torre.

— Imagine se elas não vierem...? – murmurou, de forma lastimosa.

— Não pense nisso. Seria muita crueldade – respondeu Diana, que, entretanto, começava a ter desconfortáveis pressentimentos a esse respeito.

— Anne – disse Marilla, vindo da sala –, Miss Stacy quer ver o prato de porcelana azul de Miss Barry.

Anne correu até o armário da sala de estar para pegar o prato. Cumprindo a promessa feita a Mrs. Lynde, ela havia escrito a Miss Barry, de Charlottetown, pedindo-lhe para que emprestasse o prato. Miss Barry era uma grande amiga de Anne e prontamente atendeu ao pedido, com uma carta exortando-a a ser muito cuidadosa, pois tinha pago vinte dólares pelo prato. O valioso objeto serviu ao seu propósito no bazar da Sociedade Assistencial, e então retornou ao armário de Green Gables, pois Anne não confiaria em mais ninguém para levá-lo de volta à cidade, a não ser ela mesma.

Ela carregou o prato com cuidado até a porta da frente, onde os convidados desfrutavam da brisa fresca que soprava do riacho. O prato foi ali examinado e admirado. Então, justo quando Anne tomou-o de volta nas mãos, ouviu-se um terrível estrondo de algo que se quebrava, vindo da despensa da cozinha. Marilla, Diana e Anne correram, a última detendo-se apenas para colocar apressadamente o precioso prato no segundo degrau da escada.

Quando chegaram à despensa, seus olhos encontraram um espetáculo verdadeiramente devastador: um garotinho com olhar culpado

descendo da mesa, com seu limpo blusão estampado completamente lambuzado de um recheio amarelo, e na mesa jaziam os destroços do que haviam sido duas valentes tortas de limão recheadas.

Davy havia terminado de desatar os nós da rede de pesca, e a enrolara como uma bola. Então, encaminhou-se à despensa com o propósito de colocá-la na prateleira acima da mesa, onde ele já tinha guardado um bom punhado de bolinhas similares – as quais não serviam para nada de útil, salvo o prazer de possuí-las. Para alcançar a prateleira, Davy precisava subir na mesa em um ângulo perigoso... algo que Marilla o proibira de fazer, pois ele já havia fracassado nessa tentativa antes. O resultado desta vez fora desastroso. Davy resvalou e se estatelou diretamente sobre as tortas de limão. Seu blusão limpo estava arruinado para aquela ocasião, e as tortas para sempre. Entretanto, poucas coisas podem ser tão ruins ao ponto de ninguém se beneficiar delas, e os porcos foram, eventualmente, os únicos beneficiados pelo infortúnio do garoto.

— Davy Keith! – exclamou Marilla, sacudindo-o pelos ombros. — Eu não o proibi de subir de novo naquela mesa? Não proibi?

— Eu esqueci – choramingou Davy. — Você me disse pra não fazer uma porção tão grande de coisas, que não consigo me lembrar de todas.

— Bem, você vai marchar direto para o seu quarto e ficar lá até depois do almoço! Talvez até lá você já tenha ordenado a memória e lembrado de tudo o que não é para fazer! Não, Anne, nem pense em interceder por ele! Não o estou punindo por estragar as tortas, pois *isso* foi um acidente. Estou punindo-o por sua desobediência ao subir na mesa. Vá Davy, já mandei!

— Não vou almoçar? – lamentou Davy.

— Você poderá descer depois que o almoço estiver terminado, e comer na cozinha.

— Oh, tudo bem – respondeu, um pouco mais conformado. — Sei que Anne vai guardar uns bons ossos pra mim, não vai, Anne? Pois você sabe que eu não queria cair em cima das tortas. Ei, Anne, já que elas *estão* estragadas, posso levar uns pedaços lá pra cima comigo?

— Não, nada de torta de limão para você, senhor Davy! – disse Marilla, empurrando-o para o corredor.

— O que serviremos de sobremesa? – questionou Anne, olhando pesarosa para os destroços e a ruína.

— Pegue um pote de conserva de morango – respondeu Marilla, consoladora. — Tem bastante creme sobrando no pote para pôr por cima.

E chegou a uma hora da tarde... mas nada de Priscilla e Mrs. Morgan. Anne sentia-se agoniada. Estava tudo pronto, tudo como deveria ser, e a sopa estava exatamente no ponto que uma sopa deveria estar, mas não podiam garantir que continuasse assim por muito tempo.

— Não creio que venham, afinal! – concluiu Marilla, irritada.

Anne e Diana buscaram conforto nos olhos uma da outra.

Meia hora depois, Marilla tornou a vir da sala de visitas.

— Meninas, *devemos* almoçar! Todos estão famintos, e não há razão para que esperemos mais. Priscilla e Mrs. Morgan não vêm, isto está claro, e não se ganha nada esperando.

Anne e Diana começaram a servir o almoço, tendo desaparecido todo o deleite em sua performance.

— Acho que não conseguirei comer nada – disse Diana, deprimida.

— Nem eu. Mas espero que tudo esteja bom para o paladar de Miss Stacy e Mr. e Mrs. Allan.

Quando Diana serviu as ervilhas e as provou, uma expressão muito peculiar cobriu seu rosto.

— Anne, *você* pôs açúcar nestas ervilhas?

— Sim – ela respondeu, amassando as batatas com um ar de quem sempre cumpre com seu dever. — Coloquei uma colher de sopa. Sempre colocamos. Não gosta?

— Mas eu coloquei uma colher também, quando as levei ao forno – disse Diana.

Anne largou as batatas e provou as ervilhas. E então fez uma careta.

— Que coisa horrível! Nunca imaginei que você tivesse colocado açúcar, pois sei que sua mãe não põe! E aconteceu de eu me lembrar, por milagre... sempre me esqueço... então, coloquei logo uma colher cheia!

— É o caso de muitas cozinheiras na mesma cozinha, eu suponho – comentou Marilla, que estivera escutando o diálogo com uma expressão ligeiramente culpada. — Não pensei que você se lembraria do açúcar, Anne, porque estou absolutamente certa de que você nunca lembrou antes... então, eu pus uma colher cheia.

Os convidados na sala ouviram gargalhada atrás de gargalhada

vindas da cozinha, mas nunca souberam qual tinha sido a graça. Mas, naquele dia, não se serviu ervilhas verdes na mesa do jantar.

— Bem, serviremos a salada de qualquer maneira, e não creio que tenha acontecido alguma coisa com os feijões – disse Anne, tranquilizando-se com um suspiro. — Vamos levar os pratos e superar isso.

Não se pode dizer que o almoço foi um notável sucesso social. Os Allans e Miss Stacy se esforçaram para salvar a situação, e a costumeira placidez de Marilla não foi visivelmente alterada. Contudo, Anne e Diana, entre o desapontamento e as consequências da excitação do meio-dia, não conseguiram comer nem falar. Anne tentou heroicamente tomar parte na conversação, em consideração aos convidados, mas toda a centelha que a iluminava havia sido apagada; e, apesar de seu carinho pelos Allans e Miss Stacy, ela não conseguia deixar de pensar em como seria agradável quando todos fossem embora, e ela pudesse enterrar sua dor e desilusão nos travesseiros do quartinho do lado leste do sótão.

Há um antigo provérbio que, muitas vezes, parece realmente ser inspirador: “Uma desgraça nunca vem só.” A taça das tribulações daquele dia ainda não estava cheia. No exato momento em que Mr. Allan terminou de abençoar a mesa, ouviram um ruído estranho e agourento vindo das escadas, como se um objeto duro e pesado tivesse rolado pelos degraus, terminando com um grande estrondo logo antes de chegar ao térreo. Todos saíram apressados para o corredor. Anne deu um grito de espanto.

No pé da escada, havia uma grande concha rosada entre os fragmentos daquilo que um dia fora o prato de porcelana azul de Miss Barry, e, no topo da escadaria, um aterrorizado Davy estava ajoelhado, observando o estrago com os olhos arregalados.

— Davy! Você atirou essa concha *de propósito*? – perguntou Marilla, transtornada.

— Não, nunca, juro que não! – soluçou Davy. — Eu estava só ajoelhado aqui, quietinho, olhando vocês pelo corrimão, e meu pé bateu nessa coisa velha e acabou empurrando... e eu estou com muita fome... e eu queria que você me desse uma surra e acabasse logo com isso, em vez de sempre me mandar subir para o quarto para perder toda a diversão!

— Não culpe o Davy – pediu Anne, juntando os fragmentos com os dedos trêmulos. — Foi minha culpa. Coloquei o prato ali e esqueci

completamente. Estou convenientemente castigada por meu descuido... mas, oh, o que direi a Miss Barry?

— Bem, você sabe que ela só comprou o prato, então não é como se fosse uma herança ou uma relíquia de família – disse Diana, tentando consolar a amiga.

Os convidados se foram logo depois do almoço, compreendendo, com todo o tato, que era o melhor a fazer; e Anne e Diana lavaram os pratos, falando muito menos do que costumavam falar. Então, Diana foi para casa com uma dor de cabeça, e Anne subiu para o quarto com outra, onde permaneceu até o entardecer, quando Marilla regressou do posto dos correios trazendo uma carta de Priscilla, escrita no dia anterior. Mrs. Morgan tinha torcido o tornozelo severamente, e estava impossibilitada de deixar o quarto.

"*E, oh, Anne querida*", escreveu Priscilla, "*sinto muito, mas temo que não conseguiremos ir até Green Gables agora, pois quando titia se restabelecer da torção, já terá que estar de volta a Toronto. Ela tem uma data determinada para retornar*."

— Bem, sempre pensei que a vinda de Mrs. Morgan seria uma coisa boa demais para ser verdade – suspirou Anne, deixando a carta sobre o degrau de arenito vermelho da varanda dos fundos, onde estava sentada, enquanto contemplava o crepúsculo de um céu colorido. — Mas, ora... estas palavras parecem tão pessimistas como se fossem de Miss Eliza Andrews, e estou envergonhada de tê-las dito. Pois, afinal, *não* era bom demais para ser verdade... coisas tão boas, e muito melhores do que essa acontecem para mim o tempo todo. E presumo que os acontecimentos de hoje tenham um lado engraçado, também. Talvez quando Diana e eu estivermos velhas e grisalhas possamos rir ao recordá-los. Mas sinto que não conseguirei fazê-lo antes, pois foi realmente um amargo desapontamento.

— Com toda a certeza você irá sofrer desapontamentos muito maiores e piores do que esse, antes de chegar a esta idade – disse Marilla, que pensou honestamente que estava fazendo um discurso reconfortante. — Parece-me, Anne, que você nunca vai superar a mania de colocar demais o coração nas coisas, e, depois, cair em desespero porque não as consegue.

— Sei que tenho inclinação para agir assim – concordou, tristemente.

— Quando penso que algo esplêndido vai acontecer, parece que vou voar nas asas da antecipação; e, então, ao primeiro golpe, caio de volta na terra com um baque. Mas, de verdade, Marilla, a parte do voo é realmente gloriosa enquanto dura... é como voar até o pôr do sol. Creio que isso quase compensa o baque.

— Bem, talvez seja – admitiu Marilla. — Eu prefiro caminhar tranquilamente, sem o voo e a queda. Mas cada um tem seu modo de viver... eu costumava pensar que existia somente um caminho certo... no entanto, desde que criei você, e agora os gêmeos, não estou tão segura. O que vai fazer com relação ao prato de Miss Barry?

— Vou pagar os vinte dólares que ela pagou, eu acho. Estou muito grata por não ser uma relíquia antiga e amada, porque, nesse caso, nenhum dinheiro poderia reembolsá-la.

— Talvez você consiga encontrar um igual em algum lugar, e comprar para ela...

— Receio que não. Pratos antigos como aquele são muito raros. Mrs. Lynde não conseguiu encontrar nenhum para o jantar. Quem me dera conseguir... pois, para Miss Barry, seria o mesmo ter um ou outro, se ambos fossem igualmente antigos e genuínos. Marilla, olhe aquela grande estrela acima do bosque de bordos de Mr. Harrison, com toda aquela quietude sagrada do céu prateado ao seu redor. Dá-me a sensação de que é como uma oração. Afinal, quando a gente pode ver estrelas num céu como este, os pequenos desapontamentos e os acidentes não podem ter muita importância, não é?

— Onde está o Davy? – perguntou Marilla, com um olhar indiferente para a estrela.

— Na cama. Prometi que levaria ele e Dora para um piquenique na praia, amanhã. Obviamente, o acordo original era de que ele deveria ser bonzinho. Mas ele *tentou* ser bonzinho... e não tive coragem de desapontá-lo.

— Você vai se afogar ou aos gêmeos, remando na lagoa com aquele bote – resmungou Marilla. — Vivo aqui há sessenta anos, e nunca estive na lagoa até hoje.

— Bem, nunca é tarde para reparar isso! – disse Anne, com astúcia. — Imagine você vindo conosco amanhã. Fecharemos Green Gables e passaremos o dia inteiro na praia, deixando o mundo de lado...

— Não, obrigada! – ela exclamou, com indignada ênfase. — Seria um bonito espetáculo, não seria? Eu, navegando num bote! Acho que já consigo ouvir Rachel fofocando a respeito. Ali vai Mr. Harrison. Você acredita que pode haver alguma verdade no rumor de que Mr. Harrison está indo ver Isabella Andrews?

— Não, estou certa de que não é verdade. Ele só foi até lá uma noite para tratar de negócios com Mr. Harmon Andrews, e Mrs. Lynde o viu e comentou que sabia que ele ia com o objetivo de cortejar Isabella, pois ele estava usando uma camisa de colarinho branco. Não creio que Mr. Harrison se casará algum dia. Ele parece ter preconceitos contra o casamento.

— Bem, nunca se pode pôr a mão no fogo por esses velhos solteirões. E se ele usava colarinho branco, estou de acordo com Rachel... é muito suspeito, porque nunca o vimos assim anteriormente.

— Acho que ele só usou porque queria concluir um acordo comercial com Harmon Andrews. Já o ouvi dizer que esta é a única circunstância em que um homem deve se preocupar particularmente com sua aparência – porque se você aparenta ser próspero, não é tão provável que a outra parte pense em tramar alguma coisa. Eu realmente sinto pena de Mr. Harrison... acredito que ele não se sente satisfeito com a vida. Deve ser muito solitário não ter ninguém mais para cuidar além de um papagaio, não acha? Mas já percebi que ele não gosta que sintam pena dele. Ninguém gosta, eu imagino.

— Aí vem Gilbert, subindo a alameda. Se ele quiser que você o acompanhe para uma volta na lagoa, lembre-se de colocar um casaco e as galochas. Está caindo muito sereno nesta noite.

Capítulo XVIII

Uma Aventura na Estrada dos Tory

— Anne – disse Davy, sentando-se na cama com o queixo apoiado nas mãos –, Anne, onde fica *dormir*? As pessoas vão dormir todas as noites, e é claro que eu sei que é o lugar onde faço as coisas que sonho, mas eu quero saber *onde* fica, e como é que eu vou até lá e volto sem perceber... e, além disso, vou com as minhas roupas de dormir. Onde fica?

Anne estava ajoelhada diante da janela do quartinho do lado oeste, observando o céu do entardecer, que parecia uma grande flor com pétalas cor de açafrão e miolo amarelo vivo. Virou, então, a cabeça ao ouvir a pergunta de Davy, e respondeu, sonhadora:

— *"Sobre as montanhas da lua, no profundo vale das sombras*[19]*."*

Paul Irving teria compreendido, ou teria inventado ele mesmo um significado para a frase, mas o prático Davy – que, como Anne comentava frequentemente com certo desespero, não possuía em si nenhuma partícula de imaginação – ficou apenas confuso e desgostoso.

— Anne, acho que você só está falando bobagens.

— É claro que estou, meu menino. Não sabe que só as pessoas muito tolas falam sempre a sério?

— Bom, eu acho que você tem que dar uma resposta séria quando eu faço uma pergunta séria – replicou, num tom injuriado.

— Oh, você é muito pequeno para entender! – disse Anne. Mas ela se sentiu envergonhada por ter dito isso, visto que, ante a lembrança de respostas evasivas que recebera em sua infância, havia feito um voto solene de que jamais diria a criança alguma que era *muito pequena para entender*. Ainda assim, ali estava ela fazendo isso... tão largo é, muitas vezes, o abismo entre a teoria e a prática.

— Bom, eu estou fazendo o possível para crescer – disse Davy –, mas é uma coisa que não consigo acelerar muito. Se Marilla não fosse tão mesquinha com seus doces, acho que eu ia crescer bem mais rápido.

— Marilla não é mesquinha, Davy! – exclamou Anne, com severidade. — É muita ingratidão você dizer uma coisa dessas.

— Tem uma outra palavra que quer dizer a mesma coisa e parece

bem melhor, mas não consigo me lembrar – refletiu Davy, franzindo o cenho intensamente. — Escutei a própria Marilla dizer, ela mesma, outro dia.

— Se você quer dizer *econômica*, saiba que isso é algo *muito* diferente de ser mesquinha. Ser econômica é um excelente traço de caráter. Se Marilla fosse mesquinha, não teria ficado com você e Dora quando a mãe de vocês morreu. Gostaria de ter ido morar com Mrs. Wiggins?

— Pode apostar que não! – foi a resposta enfática de Davy. — Nem quero ir pra casa do Tio Richard também. Prefiro muito mais viver aqui, mesmo que Marilla seja essa palavra comprida por causa dos doces, porque *você está* aqui, Anne! Diga, você não vai me contar uma história antes de dormir? Não quero contos de fadas. São muito bons para meninas, eu acho, mas quero uma coisa empolgante... muitos tiros e gente morta, e uma casa pegando fogo, e coisas desse tipo.

Para a sorte de Anne, Marilla a chamou de seu quarto nesse momento.

— Anne, Diana está sinalizando intensamente. Melhor ir ver o que ela quer.

Anne correu até a janela de seu quarto e viu lampejos de luz no crepúsculo, vindos da janela do quarto de Diana em cinco piscadas – o que significava, de acordo com seu antigo código infantil, “Venha logo de uma vez, tenho algo importante a contar”. Anne enrolou o xale branco na cabeça e cruzou apressada a Floresta Assombrada e o pasto de Mr. Bell, em direção a Orchard Slope.

— Tenho boas notícias para você, Anne – disse Diana. — Mamãe e eu recém chegamos de Carmody, e no armazém de Mr. Blair eu vi Mary Sentner, de Spencervale. Ela me contou que as senhoras da família Copp, que moram na Estrada Tory, têm um prato de porcelana azul, e ela acha que é exatamente igual ao que estava exposto no bazar. Ela acredita que ambas irão vendê-lo, pois Martha Copp nunca guarda nada que *possa* vender; mas, se elas não quiserem, há um outro em Spencervale, na loja de Wesley Keyson, e esse ela tem certeza de que será vendido, mas não está segura de que seja exatamente da mesma qualidade que era o da Tia Josephine.

— Amanhã irei diretamente a Spencervale para vê-las – respondeu

a resoluta Anne –, e você precisa ir comigo. Vou tirar um peso da consciência, pois tenho que ir à cidade depois de amanhã, e como poderia encarar a Tia Josephine sem o prato de porcelana? Seria ainda pior do que aquela vez que tive que confessar sobre o salto na cama, no quarto de hóspedes!

As duas jovens riram da antiga lembrança... a respeito da qual, se algum dos leitores desconhecê-la e estiver curioso, faz referência à primeira história de Anne.

Na tarde do dia seguinte, as meninas partiram em sua expedição de *caça ao prato*. Tinham dez milhas a percorrer até Spencervale, e o dia não estava especialmente prazeroso para viajar. Estava muito quente e sem vento, e na estrada havia poeira de seis semanas de seca.

— Oh, quero muito que chova logo! – suspirou Anne. — Está tudo tão árido. Os pobres campos me dão pena, e as árvores parecem estar erguendo seus braços, implorando pela chuva. Entristeço-me quando entro no meu jardim. Creio que não deveria estar reclamando sobre um jardim, quando os fazendeiros sofrem com suas colheitas. Mr. Harrison disse que seus pastos estão tão queimados que as pobres vaquinhas mal encontram o que comer, e ele se sente culpado de crueldade com os animais a cada vez que as encara nos olhos.

Depois de uma viagem cansativa, elas chegaram a Spencervale e entraram na Estrada “Tory”: um caminho verde e solitário, onde as ervas nascidas entre os sulcos das rodas no solo evidenciavam a falta de trânsito. Quase toda sua extensão era margeada por uma mata espessa de jovens abetos vermelhos junto à estrada, com clareiras aqui e acolá, onde os pastos das fazendas de Spencervale chegavam até à cerca, ou uma extensão de troncos estava em chamas com *epilobium*[20] e solidago[21].

— Por que esta vereda é chamada de Estrada Tory? – perguntou Anne.

— Mr. Allan disse que é pelo mesmo motivo de chamar um lugar de bosque, mesmo sem haver nenhuma árvore por lá, pois ninguém vivia ao longo da estrada exceto as Copp e o velho Martin Bovyer – que é Liberal – no extremo mais distante. O governo Tory abriu este caminho quando estava no poder, só para mostrar que estava fazendo alguma coisa.

O pai de Diana era um Liberal, e por isso ela e Anne nunca falavam sobre política. Os habitantes de Green Gables sempre tinham sido

Conservadores.

Finalmente as meninas chegaram à velha propriedade das Copp... um lugar de tamanha limpeza e excessivo asseio exterior, que até mesmo Green Gables teria empalidecido em contraste. A residência era de um estilo muito antigo, situada em uma encosta, fato este que obrigara a construção de um porão de pedras em uma das extremidades. A casa e as demais edificações externas tinham sido perfeitamente branqueadas com cal, resultando num efeito ofuscante, e nem uma única erva-daninha era visível no arrumado jardim defronte à cozinha, rodeado por uma paliçada branca.

— As janelas estão fechadas. Parece que não há ninguém em casa – constatou Diana, com melancolia.

E esse era mesmo o caso. As duas se entreolharam, perplexas.

— Não sei o que fazer! – disse Anne. — Se eu tivesse certeza de que o prato era igual ao que buscamos, não me importaria de esperar até que elas voltassem. Mas, se não for, pode ser que fique tarde para ir até a loja de Wesley Keyson depois.

Diana viu uma janelinha quadrada acima do porão.

— É a janela da despensa, tenho certeza, porque esta casa é exatamente como a casa do Tio Charles em Newbridge; e, lá, aquela é a janela da despensa. A persiana não está fechada. Então, se subirmos no telhado daquela casinha ao lado, poderemos olhar dentro da despensa, e, quem sabe, ver o prato. Você acha que isso é errado?

— Não, acho que não – decidiu Anne, depois de certa reflexão –, considerando que a nossa motivação não é uma mera curiosidade.

Uma vez que esta questão ética estava resolvida, Anne se dispôs a subir na “casinha” antes mencionada, uma construção de ripas de madeira com telhado pontiagudo que, no passado, tinha servido como habitação para os patos. As Copp haviam desistido de criar patos, “*pois são animais muito desordeiros*”, e a construção não era utilizada há anos, exceto para guardar as galinhas à noite. Ainda que estivesse escrupulosamente pintada de branco, a casinha não estava muito firme, e Anne não se sentiu segura ao subir na tampa de um barril situado em cima de uma caixa.

— Receio que não conseguirá suportar meu peso – disse ela, ao pisar cautelosamente no telhado.

— Apoie-se no peitoril da janela – aconselhou Diana, e Anne fez

como ela sugeriu. Para sua completa satisfação, ela viu, ao olhar pelo vidro, o prato de porcelana azul, exatamente igual ao que buscava, numa prateleira diante da janela. Foi só o que pôde ver antes da catástrofe acontecer. Em sua alegria, Anne esqueceu-se da natureza precária da edificação em que pisava, deixou de apoiar-se na janela e, descuidadamente, deu um impulsivo salto de contentamento... e, no momento seguinte, parte do telhado se quebrou e ela afundou até as axilas, ficando lá, pendurada, absolutamente incapaz de se soltar. Diana invadiu a casa dos patos e, segurando sua desafortunada amiga pela cintura, tentou soltá-la.

— Oh... não! – gritou a pobre Anne. — Existem farpas compridas fincadas em mim! Veja se consegue colocar alguma coisa debaixo dos meus pés... talvez assim eu possa me erguer.

Diana rapidamente trouxe o barril antes mencionado, e Anne percebeu que era suficientemente alto para fornecer um apoio seguro para seus pés. Mas ela não conseguia se soltar.

— Será que eu conseguiria puxá-la, se eu subisse?

Anne sacudiu a cabeça, desesperançada.

— Não... as farpas me machucam demais! Mas, se você conseguir encontrar um machado, poderá me soltar. Oh, Deus, estou realmente começando a acreditar que nasci sob uma estrela agourenta!

Diana procurou minuciosamente, mas não encontrou nenhum machado.

— Terei que buscar ajuda! – ela disse, voltando para a prisioneira.

— Não, por favor, não vá! – pediu Anne, com veemência. — Se você for, a história vai correr por todos os lugares, e eu ficarei muito envergonhada! Não... precisamos esperar até a chegada das Copp e pedir-lhes que guardem segredo. Elas saberão onde está o machado, e eu conseguirei sair daqui. Não estou desconfortável, desde que fique perfeitamente parada... não desconfortável *de corpo*, quero dizer. Pergunto-me em qual preço as Copp avaliam esta casinha. Devo pagar pelo dano que causei, mas não me importaria com isso se estivesse certa de que elas compreenderiam o motivo que me fez espiar pela janela da despensa. Meu único conforto é que o prato é exatamente o que eu quero e, se Miss Copp concordar em vendê-lo para mim, eu me resignarei com o que aconteceu.

— E se as Copp não voltarem até a noite... ou até amanhã? – perguntou Diana.

— Se elas não voltarem até o pôr do sol, eu presumo que você terá que buscar outra ajuda – admitiu Anne, relutantemente –, mas não vá até que realmente seja indispensável. Oh, Deus, esta é uma tremenda desgraça! Eu não me importaria tanto se meus infortúnios fossem românticos, como sempre são os infortúnios das heroínas de Mrs. Morgan, mas as situações em que me envolvo sempre são ridículas! Imagine o que as Copp vão pensar quando entrarem no jardim e enxergarem a cabeça e ombros de uma moça saindo do telhado de uma de suas casas! Ouça... é uma carroça? Não, Diana, creio que seja um trovão!

E, sem nenhuma dúvida, era um trovão. E Diana, depois de ter feito uma rápida peregrinação ao redor da casa, regressou para anunciar que uma nuvem muito negra estava se formando rapidamente a noroeste.

— Acredito que vai cair um temporal daqueles! – exclamou, desesperada. — Oh, Anne, o que faremos?

— Devemos nos preparar para ele – respondeu Anne, tranquilamente. Um temporal parecia uma ninharia em comparação ao que já tinha acontecido. — É melhor você levar o cavalo e a charrete para aquele galpão aberto. Felizmente eu trouxe minha sombrinha. Aqui... leve meu chapéu com você. Marilla disse que eu era boba por usar meu melhor chapéu para vir à Estrada Tory, e ela tinha razão, como sempre tem.

Diana desatou o cavalo e o conduziu até o galpão, justo quando as primeiras gotas pesadas começaram a cair. Lá ela se sentou e contemplou o aguaceiro, que foi tão forte e intenso que mal conseguia enxergar Anne, segurando bravamente a sombrinha sobre a cabeça desnuda. Não houve muitos relâmpagos, mas choveu torrencialmente por quase uma hora. Ocasionalmente, Anne inclinava a sombrinha para trás e fazia um gesto de coragem para a amiga, visto que, dadas as circunstâncias, a conversação estava fora de cogitação. Finalmente a chuva cessou, o sol saiu, e Diana aventurou-se pelas poças d’água no quintal.

— Você se molhou muito? – indagou, ansiosa.

— Oh, não – respondeu Anne, animada. — Minha cabeça e ombros estão quase secos, e minhas saias só estão um pouco úmidas onde entrou água por entre as frestas. Não sinta pena de mim, Diana, não me importei nem um pouco. Fiquei pensando no bem que a chuva fará e quão contente

estará meu jardim, e imaginando o que as flores e botões pensaram quando as gotas começaram a cair. Imaginei um diálogo interessantíssimo entre os ásteres e as ervilhas, e entre os canários silvestres no arbusto de lilás e o espírito guardião do jardim. Pensei em escrever quando chegar no meu quarto. Queria ter lápis e papel para fazer isso agora, porque ouso dizer que terei esquecido as melhores partes antes de chegarmos.

A leal Diana tinha um lápis, e encontrou uma folha de papel de embalagem numa caixa na charrete. Anne fechou a sombrinha que pingava, pôs o chapéu, desdobrou o papel sobre uma tábua que Diana lhe alcançou e escreveu seu *idílio do jardim* sob circunstâncias que dificilmente poderiam ser consideradas favoráveis para a literatura. Ainda assim, o resultado foi muito bom, e Diana sentiu-se "arrebatada" quando ouviu.

— Oh, Anne, é lindo... lindo... *envie-o* para a revista *Mulher Canadense*.

Anne negou com a cabeça.

— Oh, não, não teria serventia. Não tem nenhum *enredo*. Não é mais do que uma sucessão de fantasias, você sabe. Agrada-me escrever coisas assim, mas é evidente que nada desse estilo serviria para ser publicado, pois os editores insistem na existência de um enredo, como disse Priscilla. Oh, ali está Miss Sarah Copp! *Por favor*, Diana, vá e explique!

Miss Sarah Copp era uma mulher pequena, que usava um vestido preto muito gasto e um chapéu escolhido mais pelo sentido de utilidade do que de adorno para a vaidade. Pareceu tão surpresa quanto era esperado, ao ver aquele curioso espetáculo em seu quintal; entretanto, quando ouviu a explicação de Diana, encheu-se de piedade. Rapidamente destrancou a porta dos fundos, encontrou um machado, e, com poucos e hábeis golpes, conseguiu livrar Anne do telhado. Esta, um pouco cansada e com as costas rígidas, deslizou pelo interior de sua prisão e emergiu novamente à liberdade.

— Miss Copp – disse ela, ansiosa –, eu lhe asseguro que só olhei pela janela da despensa para ver se a senhorita tinha o prato de porcelana. Não vi mais nada... não *procurei* mais nada.

— Não se preocupe, está tudo bem – respondeu Miss Sarah, com afabilidade. — Não precisa se preocupar, não fez mal algum. Graças a

Deus, nós, as Copps, mantemos nossa despensa apresentável a qualquer momento, e não importa quem a veja. E, quanto à velha casa dos patos, estou contente por estar com o teto afundado, pois talvez Martha concorde em derrubá-la agora. Ela nunca concordaria antes, por medo de que pudesse servir para alguma coisa a qualquer momento, e eu tinha que mandar pintá-la de cal branco a cada primavera. Mas discutir com Martha é como discutir com um poste. Ela foi à cidade hoje... eu a levei até a estação. E a senhorita quer comprar meu prato de porcelana. Bem, quanto está disposta a pagar por ele?

— Vinte dólares – ofereceu Anne, que se achava preparada para negociar com Miss Copp, ou, de outro modo, nunca teria oferecido seu preço desde o princípio.

— Bem, vamos ver – replicou Miss Sarah, cautelosamente. — Por sorte, este prato é meu, ou não me atreveria a vendê-lo enquanto Martha não estivesse aqui. Ainda assim, ouso dizer que ela vai fazer uma confusão. Posso garantir que Martha é a chefe deste estabelecimento. Estou ficando terrivelmente cansada de viver sob os ditames de outra mulher. Mas entrem, entrem. Devem estar realmente exaustas e famintas. Farei o melhor que puder para oferecer-lhes chá, mas já aviso que não esperem nada mais que pão com manteiga e um pouco de pepinos em conserva. Martha trancou à chave todos os bolos, queijos e compotas antes de viajar. Ela sempre faz isso, pois diz que eu sou muito extravagante com as visitas.

As meninas estavam famintas o suficiente para aceitar qualquer coisa, e desfrutaram do pão com manteiga e “pepinos”. Quando estava terminada a refeição, Miss Sarah disse:

— Não sei se me importaria de vender o prato. Mas ele vale vinte e cinco dólares. É uma porcelana muito antiga.

Diana cutucou de leve o pé de Anne por debaixo da mesa, significando “não aceite, se você ficar firme ela venderá por vinte”. Mas Anne não estava disposta a correr riscos com relação àquela preciosa porcelana. Rapidamente aceitou pagar os vinte e cinco dólares, e Miss Sarah pareceu lamentar não ter pedido trinta.

— Bem, acho que pode levá-lo. Quero todo o dinheiro que possa conseguir agora. O fato é que – e Miss Sarah ergueu a cabeça com importância, com um orgulhoso rubor em suas magras bochechas – eu vou

me casar! Vou me casar com Luthor Wallace! Ele esteve apaixonado por mim durante vinte anos. Eu gostava muito dele desde aquela época, mas ele era pobre e papai o botou para correr. Creio que eu não deveria tê-lo deixado ir embora tão obedientemente, mas eu era tímida e tinha medo do papai. Além disso, eu não sabia que homens eram tão escassos.

Quando as meninas estavam sãs e salvas, Diana conduzindo, e Anne segurando cuidadosamente o precioso prato em seu colo, a verde e fresca solidão da Estrada Tory sentiu-se reviver com uma série de risadas juvenis.

— Amanhã, quando for à cidade, vou divertir sua Tia Josephine com a “estranha e memorável história” da tarde de hoje. Vivemos um momento desesperador, que está acabado agora. Eu comprei o prato e a chuva assentou o pó admiravelmente. Então, “tudo está bem quando acaba bem”.

— Ainda não estamos em casa – comentou Diana, um pouco pessimista – e não há como dizer o que pode acontecer antes de nossa chegada. Você é uma moça única para ter aventuras, Anne.

— Ter aventuras é uma coisa natural para algumas pessoas – respondeu Anne, com serenidade. — Ou você tem o dom para vivê-las, ou não tem.

Capítulo XIX

Apenas um Dia Feliz

— Pois afinal – disse Anne a Marilla, certa vez –, creio que os dias melhores e mais doces não são aqueles em que acontece algo muito esplêndido ou maravilhoso e empolgante, mas sim aqueles que trazem os pequenos e simples prazeres, suave e sucessivamente, como pérolas soltando-se de um colar.

A vida em Green Gables era plena de dias assim, pois as aventuras e desventuras de Anne, como as de outras pessoas, não ocorriam todas de uma vez, mas se encontravam espalhadas durante o ano, com longos intervalos de dias felizes e inócuos, repletos de trabalhos, sonhos, risadas e lições. Um desses dias ocorreu no final de agosto. Pela manhã, Anne e Diana pegaram o bote e foram para a lagoa, levando os satisfeitos gêmeos até as dunas para buscar ervas frescas e remar pela maré, sobre a qual o vento cantarolava uma antiga canção, aprendida quando o mundo ainda era jovem.

À tarde, Anne foi até a antiga casa dos Irving para visitar Paul. Encontrou-o estirado na margem gramada, ao lado do espesso bosque de pinheiros que resguardava a residência pelo lado norte, absorto em um livro de contos de fadas. Quando ele a viu, levantou-se radiante.

— Oh, estou tão feliz que a senhorita tenha vindo, professora – ele a saudou, com entusiasmo –, pois vovó não está! A senhorita ficará comigo para o chá, não ficará? É tão solitário tomar o chá sozinho. *A senhorita entende*, professora. Eu havia considerado seriamente em pedir à jovem Mary Joe para que se sentasse e tomasse o chá comigo, mas achei que vovó não aprovaria. Ela diz que os franceses têm que ser mantidos em seu lugar. E, de qualquer modo, é difícil conversar com a jovem Mary Joe. Ela apenas ri e diz: *"Bem, o 'senhorito' ganha de todas as crianças que já conheci.*" Esta não é minha ideia de conversação.

— É claro que ficarei para o chá! – disse Anne, alegremente. — Queria muitíssimo ser convidada! Minha boca sempre saliva por causa dos deliciosos biscoitos amanteigados de sua avó, desde a última vez que tomei o chá aqui.

Paul pareceu muito contido.

— Se depender de mim, professora, esses biscoitos amanteigados serão servidos à senhorita com muito boa vontade – ele respondeu, parado com as mãos nos bolsos e seu lindo rostinho repentinamente coberto pela preocupação. — Mas depende de Mary Joe. Ouvi vovó dizer a ela, antes de sair, que ela não deveria me dar nenhum biscoito, pois são muito fortes para o estômago dos garotinhos. Mas talvez Mary Joe possa lhe oferecer, se eu prometer que não comerei nenhum. Vamos torcer pelo melhor.

— Sim, vamos – concordou Anne, para quem esta filosofia positiva se ajustava perfeitamente –, e se Mary Joe provar que tem o coração duro e não me der nenhum biscoito, isso não tem a mínima importância; então, não se preocupe.

— Está certa de que não irá se importar se ela não der? – ele perguntou, ansioso.

— Perfeitamente certa, meu querido.

— Então não vou me preocupar – e deu um longo suspiro aliviado –, especialmente porque acho que Mary Joe vai dar ouvidos à razão. Ela não é uma pessoa sem juízo por natureza, mas aprendeu por experiência a não desobedecer às ordens de vovó. Vovó é uma pessoa excelente, mas os outros devem fazer o que ela diz. Ficou muito satisfeita comigo esta manhã, pois enfim consegui comer o prato inteiro de mingau. Tive que fazer um grande esforço, mas consegui. Vovó diz que acha que ainda fará de mim um homem. Mas, professora, eu quero lhe perguntar uma coisa muito importante. Vai me responder com sinceridade, não vai?

— Vou tentar – prometeu Anne.

— A senhorita acha que eu estou mal da cabeça? – perguntou o menino, como se sua própria existência dependesse dessa resposta.

— Meu Deus, Paul! Não! – exclamou Anne, perplexa. — Certamente não está! Quem pôs esta ideia na sua cabeça?

— Mary Joe... mas ela não sabe que eu a ouvi. A ajudante de Mrs. Peter Sloane, Veronica, veio visitar Mary Joe ontem à noite, e eu as ouvi conversando na cozinha enquanto passava pelo corredor. Escutei Mary Joe dizer: *“Aquele Paul é um minino isquisito. Num fala coisa cum coisa. Acho que num anda bem da cabeça.”* Não consegui dormir à noite passada, pensando nisso, e perguntando-me se Mary Joe tinha razão. Não suportaria perguntar uma coisa dessas à vovó, mas decidi perguntar à

senhorita. Estou tão contente por a senhorita achar que eu estou bem da cabeça!

— É claro que está! Mary Joe é uma garota tonta e ignorante, e você nunca deve se preocupar com o que ela diz – assegurou Anne, indignada, secretamente resolvida a fazer uma discreta insinuação a Mrs. Irving sobre a conveniência de refrear a língua de Mary Joe.

— Bem, acabo de ficar muito aliviado! Estou perfeitamente feliz agora, professora, graças à senhorita. Não seria bom ter algo errado com a cabeça, não acha, professora? Decerto Mary Joe pensa assim porque eu, às vezes, conto a ela o que penso sobre as coisas.

— Esta é uma prática meio perigosa – admitiu Anne, das profundezas de sua própria experiência.

— Bem, logo contarei à senhorita os pensamentos que revelei a Mary Joe, e poderá ver por si mesma se há algo esquisito neles, mas vou esperar até que comece a escurecer. É nessa hora que eu sinto necessidade de contar as coisas, e, se não tiver ninguém mais por perto, eu simplesmente *tenho* que contá-las a Mary Joe. Porém, agora não contarei mais, se isso a faz pensar que estou mal da cabeça. Vou sofrer, mas aguentarei.

— Se o sofrimento for muito insuportável, pode ir à Green Gables e contar-me seus pensamentos – propôs Anne, com toda a seriedade que a tornava querida aos seus alunos, que amavam quando eram levados à sério.

— Sim, eu irei. Mas espero que Davy não esteja lá quando eu for, porque ele fica fazendo caretas para mim. Não me importo *muito*, porque ele é só um garotinho, e eu já sou um rapaz; mas, ainda assim, não é muito agradável que façam caretas para você. E Davy faz umas terríveis! Às vezes, temo que nunca mais consiga recuperar sua fisionomia normal. Faz-me até na igreja, quando eu deveria estar pensando em coisas sagradas. Dora gosta de mim, e eu dela, mas não tanto quanto antes, desde que ela disse à Minnie May Barry que quer se casar comigo quando eu crescer. Poderei me casar com alguém quando crescer, mas sou muitíssimo jovem para pensar nisso agora, a senhorita não acha, professora?

— Muito jovem – concordou a professora.

— Por falar em casamento, isso me fez lembrar de outra coisa que está me incomodando ultimamente. Mrs. Lynde esteve aqui um dia desses,

na semana passada, para tomar o chá com a vovó, e ela me fez mostrar a fotografia da minha mãezinha... aquela que papai me enviou de presente de aniversário. Eu não queria exatamente mostrar a fotografia para Mrs. Lynde. Ela é uma senhora boa e gentil, mas não é o tipo de pessoa a quem se gostaria de mostrar a fotografia de sua mãe. *A senhorita entende*, professora. Mas é claro que obedeci à vovó. Mrs. Lynde falou que ela era muito bonita, mas que parecia uma atriz, e que devia ser muitíssimo mais jovem do que o meu pai. Então ela disse: *"Um dia desses, é provável que o seu pai volte a se casar. Que acha de ter uma nova mãe, Paul?"* Bem, a ideia quase me tirou o fôlego, professora, mas eu não iria deixar Mrs. Lynde perceber *isso*. Eu simplesmente a encarei fixamente... assim... e respondi: *"Mrs. Lynde, papai fez um excelente trabalho ao escolher minha primeira mãe, e eu poderia confiar nele para escolher uma segunda."* E eu *posso* confiar, professora. Mas, ainda assim, espero que se ele um dia me der uma nova mãe, que pergunte minha opinião sobre ela antes que seja tarde demais. Aí vem Mary Joe para nos chamar para o chá. Vou consultá-la sobre os biscoitos.

Como resultado da "consulta", Mary Joe serviu os biscoitos e acrescentou um prato de compota ao pedido. Anne serviu o chá, e ela e Paul tiveram uma refeição muito agradável na escura e antiquada sala de visitas, cujas janelas estavam abertas para a brisa vinda do golfo; e eles conversaram sobre tantas "baboseiras" que Mary Joe ficou absolutamente escandalizada, e contou à Veronica, na noite seguinte, que a "mademoiselle *perfessora"* era tão esquisita quanto Paul. Após o chá, o garoto a levou até seu quarto para mostrar-lhe o retrato da mãe, que havia sido o misterioso presente de aniversário que Mrs. Irving guardara na gaveta da escrivaninha. O pequeno dormitório de teto baixo de Paul era um suave redemoinho de luz avermelhada do sol que estava se pondo sobre o mar, e de sombras movediças dos pinheiros que cresciam junto à janela quadrada. Em meio a este suave brilho e encanto, se distinguia um rosto doce e juvenil, com ternos olhos maternais, pendurado na parede diante dos pés da cama.

— Aquela é minha mãezinha – disse Paul, com amoroso orgulho. — Fiz com que vovó pendurasse a fotografia ali, onde posso vê-la assim que abrir meus olhos pela manhã. Agora já não me importo em ficar sem a luz da lamparina quando vou para a cama, porque parece que minha

mãezinha está bem aqui comigo. Papai sabia exatamente o que me dar de presente de aniversário, mesmo sem ter me perguntado. Não é maravilhoso o quanto os pais *sabem*?

— Sua mãe era adorável, Paul, e você se parece um pouco com ela. Mas os olhos e cabelos dela eram mais escuros do que os seus.

— Meus olhos são exatamente da mesma cor que os do papai – ele respondeu, enquanto cruzava o quarto para amontoar todos as almofadas disponíveis sobre o assento junto à janela –, mas os cabelos do papai estão grisalhos. Ele tem muito cabelo, mas é completamente cinza. Sabe, meu pai tem quase cinquenta anos. É muito maduro, não é? Mas é somente *por fora* que ele é velho. *Por dentro,* ele é tão jovem quanto qualquer outro. Agora, professora, por favor, sente-se aqui, e eu sentarei aos seus pés. Posso recostar a cabeça em seus joelhos? Minha mãezinha e eu costumávamos sentar assim. Oh, isto é realmente esplêndido, eu acho...

— Agora, quero ouvir quais são os pensamentos que soam tão estranhos para Mary Joe – disse Anne, acariciando a cabecinha cheia de cachos. Paul nunca precisou que o persuadissem a revelar seus pensamentos... pelo menos a uma alma gêmea.

— Imaginei-os no bosque de pinheiros, certa noite – ele disse, sonhador. — É óbvio que não *acredito* neles, mas eu os *imagino*. *A senhorita entende*, professora. E então queria contá-los a alguém, mas não havia ninguém além de Mary Joe. Ela estava na copa sovando o pão, e eu sentei-me no banco ao lado dela, e disse: *"Mary Joe, quer saber o que penso? Acho que a estrela da tarde é um farol na terra onde vivem as fadas!"* E Mary Joe respondeu: *"Bem, o 'senhorito' é um minino isquisito. Num ixiste coisas qui nem fadas."* Fiquei muito contrariado. É claro que eu sabia que fadas não existem, mas nada me impede de imaginar que existem. *A senhorita entende,* professora. Mas tentei de novo, com muita paciência. Eu disse: *"Ora, ora, Mary Joe, sabe o que eu acho? Acho que um anjo caminha pelo mundo depois que se põe o sol... um grande e alto anjo branco, com asas prateadas dobradas... e ele canta para as flores e os pássaros dormirem. As crianças conseguem ouvi-lo, se souberem como escutá-lo."* Então, Mary Joe ergueu as mãos cheias de farinha e disse: *"Bem, o 'senhorito' é o minininho mais isquisito! Me faz ficar cum medo!"* E ela realmente parecia assustada. Então eu saí, e sussurrei o restante dos meus pensamentos para o jardim.

Há uma pequena bétula ali, que morreu. Vovó disse que foi a maresia que a matou, mas eu acho que a dríade que vivia ali era uma boba, que quis sair para conhecer o mundo, mas se perdeu. E a arvorezinha ficou tão sozinha que morreu de coração partido.

— E quando a pobre dríade bobinha ficar cansada do mundo e voltar para sua árvore, o coração *dela* é que ficará destroçado – comentou Anne.

— Sim, mas se as dríades são bobas, devem sofrer as consequências, como se fossem pessoas reais – respondeu Paul, de forma grave. — Sabe o que penso sobre a lua nova, professora? Acho que é um barquinho dourado cheio de sonhos.

— E quando toca em uma nuvem, alguns dos sonhos se desprendem e caem em nossas mentes quando dormimos.

— Exatamente, professora. Oh, a senhorita *realmente* entende! E eu acho que as violetas são pedacinhos do céu que caem quando os anjos estão cortando os buraquinhos por onde brilham as estrelas. E os ranúnculos são feitos de velhos raios de sol, e creio que as ervilhas-de-cheiro serão borboletas quando forem para o céu. Ora, professora, a senhorita percebe algo tão esquisito assim nestes pensamentos?

— Não, querido menino, não são esquisitos de jeito nenhum. São pensamentos lindos e estranhos para um garotinho pensar, e as pessoas que não conseguiriam pensar por conta própria em nada parecido, mesmo se tentassem por cem anos, os consideram esquisitos. Mas continue imaginando essas coisas, Paul... acredito que, um dia, você se tornará um poeta.

Quando Anne voltou para casa, encontrou um tipo bem diferente de infante, esperando que o colocasse na cama. Davy estava amuado e, quando Anne o despiu, ele se atirou na cama e escondeu o rosto no travesseiro.

— Davy, você se esqueceu de fazer a oração – disse Anne, em tom de repreensão.

— Não, não me esqueci – ele respondeu, em tom desafiador –, mas não vou fazer mais orações. Eu desisto de tentar ser bom, porque não importa quão bom eu seja, você vai gostar mais do Paul Irving! Então é melhor eu ser mau, e me divertir o máximo que eu puder com isso!

— Eu não gosto *mais* de Paul Irving – replicou Anne, com

seriedade. — Gosto de você tanto quanto dele, só que de uma maneira diferente.

— Mas eu quero que você goste de mim da mesma maneira! – insistiu, fazendo beicinho.

— Você não pode gostar de pessoas diferentes da mesma maneira. Você não gosta de Dora e de mim da mesma maneira, gosta?

Davy sentou-se e refletiu.

— Nã... não... – admitiu, enfim –, eu gosto de Dora porque ela é minha irmã, mas gosto de você porque você é *você*.

— E eu gosto de Paul porque ele é Paul, e gosto de Davy porque ele é Davy – explicou Anne, sorridente.

— Bom... eu meio que queria fazer minha oração, então – disse Davy, convencido por esta lógica. — Mas dá tanto trabalho levantar agora para rezar! Vou fazer duas orações amanhã de manhã, Anne. Não vai ter o mesmo efeito?

Não, Anne estava convicta de que não teria o mesmo efeito. Então, Davy escorregou da cama e ajoelhou-se ao lado dela. Quando terminou sua devoção, o garotinho se apoiou nos pequenos calcanhares, descalços e encardidos, e olhou para ela.

— Anne, eu estou melhor do que era antes.

— Sim, você certamente está, Davy – concordou Anne, que nunca hesitava em dar crédito a quem merecia.

— Eu *sei* que estou melhor – ele garantiu, confiante –, e vou dizer como sei disso. Hoje, Marilla me deu duas fatias de pão com geleia, uma para mim e outra para Dora. Uma delas era muito maior do que a outra, e Marilla não disse qual delas era a minha. Mas eu dei o maior pedaço para Dora. Isso foi bom da minha parte, não foi?

— Muito bom e muito cavalheiresco, Davy.

— É claro – admitiu Davy – que Dora não estava com muita fome, e ela comeu só a metade da fatia, e então me deu o resto. Mas eu não sabia que ela ia fazer isso quando dei a ela; então eu *fui* bom, Anne.

Ao crepúsculo, Anne foi passear até à Bolha da Dríade e viu Gilbert Blythe, que vinha caminhando pela sombria Floresta Assombrada. Repentinamente, Anne se deu conta de que Gilbert não era mais um menino colegial. E quão varonil ele parecia – um rapaz alto, de rosto franco, com olhos claros e sinceros e ombros largos. Anne achava Gilbert

um rapaz muito bonito, apesar de ele não se parecer com o seu *homem ideal*. Ela e Diana tinham decidido há muito tempo qual o tipo de homem que admiravam, e seus gostos eram exatamente iguais. Ele tinha que ser muito alto e distinto, com olhos melancólicos e inescrutáveis, e voz enternecedora e complacente. Não havia nada de melancólico ou inescrutável na fisionomia de Gilbert; mas, evidentemente, isto não tinha importância em matéria de amizade!

Gilbert se destacou por entre as samambaias ao lado da Bolha, e observou Anne com aprovação. Se pedissem a Gilbert para descrever sua *mulher ideal*, a resposta teria correspondido ponto por ponto com Anne, inclusive aquelas sete sardas pequeninas, cuja presença insolente ainda mortificavam a alma da moça. Gilbert era ainda pouco mais que um menino. Mas um menino tem seus sonhos, assim como os outros, e no futuro de Gilbert havia sempre uma jovem com grandes e límpidos olhos cinzentos, e um semblante tão fino e delicado quanto uma flor. Ele também tinha decidido que seu futuro deveria ser digno das virtudes de sua deusa. Mesmo na pacata Avonlea existiam tentações que deviam ser encontradas e enfrentadas. A juventude de White Sands era um grupo um pouco “apressado”, e Gilbert se tornava popular onde quer que fosse. Mas ele queria permanecer digno da amizade de Anne e, quem sabe, num dia distante, de seu amor também. Ele cuidava suas palavras, pensamentos e atos zelosamente, como se os olhos cinzentos de Anne fossem passar tudo em julgamento. Ela exercia sobre ele a influência inconsciente que toda jovem, cujos ideais são puros e elevados, exerce sobre seus amigos – influência esta que perduraria enquanto ela permanecesse fiel a estes ideais, e que ela certamente perderia se um dia se desviasse deles. Aos olhos de Gilbert, o maior encanto de Anne era o fato de que ela nunca se inclinara às práticas fúteis da maioria das jovens de Avonlea – as ciumeiras, os enganos e rivalidades, a palpável concorrência por ser a preferida. Anne mantinha-se apartada de tudo isso, não de forma consciente ou com algum propósito, mas simplesmente porque qualquer coisa do tipo era absolutamente alheia à sua natureza impulsiva e transparente, clara como um cristal em seus motivos e aspirações.

Mas Gilbert não tentava traduzir em palavras seus pensamentos, pois já tivera boas razões para saber que Anne iria cortar, cruel e friamente, qualquer tentativa de sentimento ainda no botão – ou rir dele, o

que seria dez vezes pior.

— Você parece uma verdadeira dríade debaixo dessa bétula – disse ele, em tom jocoso.

— Eu amo bétulas! – exclamou Anne, apoiando a bochecha contra o acetinado tronco fino cor de creme, com um de seus carinhosos gestos que eram tão naturais para ela.

— Então você ficará contente em saber que Mr. Major Spencer decidiu plantar uma fileira de bétulas brancas ao longo de toda a estrada em frente à fazenda dele, como forma de encorajar a S.M.A. – anunciou Gilbert. — Ele estava me contando sobre isso hoje. Major Spencer é o homem mais progressista e cheio de espírito comunitário de Avonlea. E Mr. William Bell vai plantar uma sebe de abetos vermelhos ao longo da estrada e na alameda que sobe até a fazenda dele. Nossa Sociedade está indo esplendidamente bem, Anne! Já passou do período experimental e é um fato aceito. Os cidadãos mais velhos estão começando a se interessar, e já pensam em começar uma em White Sands. Até mesmo Elisha Wright se entusiasmou, desde o dia em que os americanos lá do hotel fizeram um piquenique na praia. Elogiaram com grande entusiasmo as margens de nossas estradas, e disseram que estão muito mais bonitas do que em qualquer outra parte da Ilha. E, mais adiante, quando os outros fazendeiros seguirem o bom exemplo de Mr. Spencer e plantarem árvores ornamentais e sebes ao longo de suas estradas, Avonlea será o povoado mais bonito da província.

— As mulheres da Sociedade Assistencial estão falando em arrumar o cemitério – disse Anne –, e eu espero que o façam, pois terão que organizar uma arrecadação para isso, e seria inútil para a S.M.A. tentar juntar algo, depois da história do Salão. Mas a Sociedade Assistencial nunca teria pensado no assunto se a S.M.A. não tivesse dado a ideia extraoficialmente. Aquelas árvores que plantamos ao lado da igreja estão florescendo, e os administradores me prometeram que irão cercar o terreno da escola no ano que vem. Se o fizerem, organizarei um Dia da Árvore; então, cada aluno plantará uma, e teremos um jardim no canto próximo à estrada.

— Nós temos conseguido rápidos triunfos em nossos planos até aqui, com exceção da remoção da velha casa dos Boulter, e eu já desisti *dessa* ideia. É desesperador! Levi não a derrubará só para nos atormentar!

Há um espírito de contradição em todos os Boulters, que é ainda mais fortemente desenvolvido nele.

— Julia Bell quer enviar outra comissão para conversar com ele, mas acho que a melhor forma seria deixá-lo rigorosamente sozinho – disse Anne, sabiamente.

— E confiar na Providência, como diria Mrs. Lynde – sorriu Gilbert. — Certamente, sem mais comissões! Só o que conseguem é irritá-lo. Julia acha que pode fazer qualquer coisa, se apenas tiver uma comissão para o empreendimento. Na próxima primavera, Anne, devemos iniciar uma cruzada para a melhoria dos gramados e terrenos. Plantaremos a boa semente a tempo neste inverno. Tenho aqui um tratado sobre gramados e como plantá-los, e em breve vou preparar um informe sobre o assunto. Bem, suponho que nossas férias estão quase terminadas. As aulas começam na segunda-feira. Ruby Gillis conseguiu a escola em Carmody?

— Sim, Priscilla me escreveu dizendo que montou sua própria escola particular, então os administradores deram a vaga para Ruby. Sinto muito que Priscilla não irá voltar... mas, como ela não pode, estou contente porque Ruby conseguiu a escola. Ela voltará para casa aos sábados, e vai parecer como nos velhos tempos, ela, Jane, Diana e eu, todas juntas outra vez.

Marilla, recém-chegada de Lynde's Hollow, estava sentada no degrau da varanda dos fundos quando Anne voltou para casa.

— Rachel e eu decidimos fazer nossa viagem à cidade amanhã – disse ela. — Mr. Lynde está se sentindo melhor esta semana, e Rachel quer ir antes que ele tenha outra recaída.

— Vou tratar de levantar ainda mais cedo que de costume amanhã pela manhã, pois tenho muitas coisas a fazer – respondeu Anne, virtuosamente. — Primeiro, vou transferir as penas do meu velho colchão para o novo. Devia ter feito isso há muito tempo, mas fui deixando de lado... é um trabalho detestável. É um hábito muito ruim adiar as coisas desagradáveis, e eu nunca mais farei isso; ou, então, não poderei dizer com tranquilidade aos meus alunos para que não o façam. Seria contraditório. Então, quero fazer um bolo para Mr. Harrison, e terminar meu informe sobre jardins para a S.M.A., e escrever para Stella, e lavar e engomar meu vestido de musselina, e fazer um novo avental para Dora.

— Não conseguirá fazer nem a metade disso – redarguiu Marilla,

de forma pessimista. — Eu jamais consegui planejar fazer tantas coisas sem que nada acontecesse para me impedir.

Capítulo XX

O Modo Como as Coisas Costumam Acontecer

Anne levantou a tempo na manhã seguinte e saudou alegremente o novo dia, quando os estandartes do sol nascente se agitavam triunfantemente através do céu perolado. Green Gables estava banhada pela luz solar e salpicada pelas sombras dançantes dos álamos e salgueiros. Do outro lado do campo estava o trigal de Mr. Harrison, uma enorme extensão de ouro pálido agitada pelo vento. O mundo era tão lindo que Anne passou dez prazerosos minutos preguiçosamente pendurada no portão do jardim, contemplando toda aquela beleza.

Após o café da manhã, Marilla se aprontou para sua viagem. Dora iria acompanhá-la, pois esta promessa lhe fora feita há muito tempo.

— Agora, Davy, trate de ser um bom menino, e não incomode Anne – ela ordenou com firmeza. — Se você for bonzinho, eu trarei uma bengala doce quando vier da cidade.

Ora, ora, vejam só, Marilla tinha caído no mau costume de subornar as pessoas para que fossem boas!

— Não serei mau de propósito, mas e se eu for por acidente? – Davy quis saber.

— Deve ter cuidado com os acidentes – advertiu Marilla. — Anne, se Mr. Shearer vier hoje, compre um bom assado e alguns bifes. Se não vier, você vai ter que matar um galo para o jantar de amanhã.

Anne assentiu.

— Não vou me preocupar em cozinhar apenas para Davy e eu hoje. Aquele presunto frio será suficiente para o almoço, e vou deixar alguns bifes prontos para quando você chegar à noite.

— Vou ajudar Mr. Harrison a transportar algas esta manhã – anunciou Davy. — Ele pediu, e eu aposto que ele vai me chamar para almoçar também. Mr. Harrison é um homem muito gentil. Ele é realmente muito sociável. Eu espero ser que nem ele quando eu crescer. Quero dizer, eu espero me *comportar* que nem ele... não quero *parecer* com ele. Mas acho que não tem perigo disso, pois Mrs. Lynde diz que eu sou uma criança muito bonita. Você acha que isso vai durar, Anne? Quero saber!

— Atrevo-me a dizer que sim. Você *é* um menino bonito, Davy – neste momento, Marilla mostrou toda a sua desaprovação –, mas deve honrar sua aparência e ser tão bondoso e cavalheiresco quanto parece ser.

— E você disse a Minnie May Barry no outro dia, quando *encontrou ela* chorando porque tinham *chamado ela* de feia, que se ela for boa, gentil e amorosa, as pessoas não se importariam com a aparência dela! – alegou Davy, descontente. — Parece que nesse mundo não se pode deixar de ser bom por um motivo ou outro. Você simplesmente *tem* que se comportar bem.

— Você não quer ser bonzinho? – perguntou Marilla, que aprendera muita coisa, mas ainda não tinha aprendido a futilidade de se fazer tais perguntas.

— Sim, eu quero ser bom, mas não *tão* bom – respondeu Davy, cuidadosamente. — Você não tem que ser muito bom para ser o superintendente da Escola Dominical. Mr. Bell é o diretor, e ele é um homem realmente mau.

— Ele não é mau de maneira nenhuma! – ralhou Marilla, indignada.

— É sim... ele mesmo disse – afirmou Davy. — Ele disse isso quando orou na Escola Dominical, no domingo passado. Disse que era *"um verme vil e um pecador miserável, e culpado da iniquidade mais terrível"*. O que ele fez de tão mau, Marilla? Matou alguém? *Ou* roubou as ofertas que as pessoas doaram? Quero saber!

Felizmente, naquele instante chegou Mrs. Lynde, subindo a alameda em sua charrete, e Marilla partiu com a sensação de ter escapado da armadilha de um caçador, e desejando devotamente que Mr. Bell não fosse tão figurativo em suas orações públicas, especialmente tendo como ouvintes rapazinhos que sempre "querem saber".

Anne, deixada sozinha em sua glória, trabalhou com vontade. O piso foi varrido, as camas arrumadas, as galinhas alimentadas, o vestido de musselina lavado e pendurado no varal. Então, ela se preparou para transferir as penas do colchão velho para o novo. Subiu ao sótão e pegou o primeiro vestido velho que lhe veio à mão: um vestido azul naval de casimira, que tinha usado aos quatorze anos. Estava decididamente curto e tão *ridículo* quanto aquele vestidinho de chita que usava na memorável ocasião de sua chegada a Green Gables; mas ao menos não ficaria

arruinado por penugem e penas. Anne completou sua vestimenta atando na cabeça um lenço vermelho com bolinhas brancas que pertencera a Matthew, e, vestida desse jeito, dirigiu-se ao cômodo contíguo à cozinha, para onde Marilla a ajudara a levar o colchão, antes de partir.

Havia um espelho quebrado pendurado ao lado da janela do cômodo, e Anne olhou seu reflexo num momento de má sorte. Ali estavam as sete sardas em seu nariz, mais evidentes do que nunca, ou assim pareciam estar na claridade da janela aberta.

“Oh, esqueci de passar a loção ontem à noite!”, pensou. “Melhor correr até a despensa e fazer isso agora.”

Anne já tinha tido alguns desgostos tentando remover aquelas sardas. Em uma ocasião, toda a pele do nariz descamou, mas as sardas permaneceram. Alguns dias antes, encontrara uma receita de loção contra as sardas em uma revista; e, como os ingredientes estavam ao alcance, preparou-a em seguida, muito para o desgosto de Marilla – que pensava que, se a Providência lhe dava sardas no nariz, era seu dever sagrado deixá-las.

Anne foi até a despensa, que sempre fora escura devido ao grande salgueiro que crescera ao lado da janela, e estava agora praticamente sem luz por causa da tela contra as moscas. Ela pegou da prateleira a garrafa que continha a loção e untou o nariz copiosamente, utilizando uma pequena esponja para esse propósito. Tendo finalizado essa importante tarefa, retornou ao trabalho. Qualquer pessoa que já tenha trocado penas de um colchão para o outro saberá que, quando Anne terminou, ela era uma visão a ser contemplada! O vestido estava branco com penugem e felpa, e o cabelo que escapava pelo lenço estava adornado por uma auréola de penas. Naquele auspicioso momento, soou uma batida na porta da cozinha.

“Deve ser o Mr. Shearer”, pensou Anne. “Minha aparência está medonha, mas vou ter que correr assim mesmo, pois ele está sempre apressado.”

A jovem voou até a porta da cozinha. Se alguma vez um chão caridoso realmente se abriu para engolir uma donzela miserável e emplumada, o assoalho da varanda de Green Gables teria prontamente engolido Anne naquele momento. Nos degraus da porta se encontravam Priscilla Grant, dourada e bela num vestido de seda, uma dama baixa e

robusta, de cabelos grisalhos e com um traje de saia e casaco feito de *tweed*[22], e outra dama, alta e majestosa, maravilhosamente vestida, com um formoso semblante gentil e grandes olhos cor de violeta com cílios volumosos, que Anne "instintivamente sentiu" – como teria dito em sua infância – ser Mrs. Charlotte E. Morgan.

No embaraço do momento, um pensamento se sobressaiu em meio à confusão da mente de Anne, e a ele a jovem se aferrou como a uma tábua de salvação. Todas as heroínas de Mrs. Morgan se destacavam por mostrarem-se "à altura da situação". Não importa quais eram seus problemas, elas o enfrentavam com graça e demonstravam sua superioridade sobre todos os males de tempo, espaço e quantidade. Portanto, Anne sentiu que era *seu dever* tomar esta atitude; e assim ela fez, tão perfeitamente que Priscilla declarou, mais tarde, que nunca admirou mais Anne Shirley do que naquela ocasião. Não importa quais eram os seus sentimentos, pois ela não os demonstrou. Cumprimentou Priscilla, e foi apresentada às suas companheiras com tanta calma e compostura como se estivesse trajando um refinado vestido de linho lilás. Na verdade, levou um certo choque ao saber que a senhora que ela tinha instintivamente pensado que era Mrs. Morgan não era a tal, senão uma desconhecida Mrs. Pendexter; enquanto a robusta e pequena mulher de cabelos grisalhos era a famosa escritora. Mas essa segunda surpresa perdeu forças ante a primeira. Anne conduziu as visitas à sala, onde as deixou para ajudar Priscilla a desencilhar rapidamente o cavalo.

— É desagradável chegar aqui dessa forma inesperada – desculpou-se Priscilla –, mas eu não soube até ontem à noite que viríamos. Tia Charlotte está indo embora na segunda-feira, e havia prometido passar o dia de hoje com uma amiga na cidade. Porém, essa amiga telefonou na noite passada avisando que titia não poderia ir vê-la, porque estão de quarentena em razão da escarlatina. Então, sugeri que viéssemos aqui, pois sabia que você queria muito conhecê-la. Passamos no hotel de White Sands e trouxemos Mrs. Pendexter conosco. Ela é uma amiga da titia, esposa de um milionário que mora em Nova York. Não podemos ficar muito tempo, pois Mrs. Pendexter precisa estar de volta às cinco horas.

Enquanto estavam liberando o cavalo, Anne percebeu várias vezes que Priscilla a encarava de forma furtiva e perplexa.

"Não precisava me olhar desse jeito", pensou Anne, um pouco

ressentida. “Se ela *não sabe* como é trocar um colchão de penas, pode ao menos *imaginar* como é!”

Quando Priscilla foi para a sala de visitas, e antes que Anne pudesse escapar escada acima, Diana entrou pela porta da cozinha. Anne pegou a atônita amiga pelo braço.

— Diana Barry, quem você acha que está na sala neste exato minuto? Mrs. Charlotte E. Morgan... e a esposa de um milionário de Nova York... e aqui estou eu, *deste jeito*... e não há nada em casa para servir exceto presunto frio, Diana!

Neste momento, Anne já havia percebido que Diana a contemplava precisamente com a mesma perplexidade que Priscilla. Aquilo já era demais!

— Oh, Diana, não me olhe com essa cara! – implorou. — *Você*, ao menos, deve saber que nem mesmo a pessoa mais asseada do mundo poderia trocar as penas de um colchão para outro e permanecer limpa no processo!

— Não... não... não são as penas – hesitou Diana. — É... é... o seu nariz, Anne.

— Meu nariz? Oh, Diana, não diga que tem algo errado com ele!

Anne correu até o espelhinho acima da pia. Uma olhadela revelou a verdade fatal. Seu nariz estava vermelho brilhante!

Anne deixou-se cair no sofá, com seu espírito destemido por fim subjugado.

— O que aconteceu com seu nariz? – perguntou Diana, a curiosidade vencendo a delicadeza.

— Pensei que estava esfregando loção para sardas, mas devo ter usado a tinta vermelha que Marilla usa para estampar os tapetes! – foi a resposta desesperada. — O que farei?

— Vá lavar! – exclamou Diana, de forma prática.

— Talvez não saia. Primeiro, tingi meu cabelo, e agora pintei meu nariz! Marilla cortou meu cabelo aquela vez, mas creio que esse remédio não seria viável neste caso. Bem, presumo que essa seja mais uma punição pela minha vaidade, e decerto eu mereço... ainda que *isso* não me sirva de consolo. É quase o suficiente para fazer uma pessoa acreditar em má sorte, apesar de Mrs. Lynde dizer que não existe tal coisa, porque tudo já está escrito.

Felizmente a tinta saiu com facilidade, e Anne, um pouco mais consolada, dirigiu-se ao seu quarto, enquanto Diana corria até Orchard Slope. Em breve Anne tornou a descer, adequadamente vestida e com a mente em perfeito estado. O vestido de musselina que ela tanto queria usar estava lá fora, esvoaçando alegremente no varal; então, viu-se forçada a contentar-se com um vestido de algodão preto. Já tinha o fogo aceso e o chá quase pronto quando Diana retornou – ela, ao menos, usava *seu* vestido de musselina –, trazendo nas mãos um prato coberto.

— Mamãe mandou isto – disse ela, erguendo o pano e mostrando um frango desfiado aos olhos agradecidos de Anne.

O frango foi complementado com pão recém assado, manteiga e queijo de excelente qualidade, bolo de frutas de Marilla e um prato de compotas de ameixa flutuando numa calda dourada, como se estivesse congelado nos raios do sol de verão. Havia um grande vaso de ásteres rosas e brancas que decorava a mesa. Ainda assim, tudo parecia muito escasso em comparação com a elaborada recepção que fora anteriormente preparada para Mrs. Morgan.

Entretanto, as famintas visitas de Anne não pareciam achar que faltava alguma coisa, e degustaram os alimentos simples com aparente alegria. E, após alguns momentos, Anne não pensou mais no que havia ou não em seu cardápio. A aparência de Mrs. Morgan podia ser um pouco decepcionante, como suas mais leais admiradoras se viram forçadas a admitir, mas sua conversação provou ser magnífica. Tinha viajado muito e era uma excelente contadora de histórias. Conhecia diversas classes de homens e mulheres, e suas experiências se cristalizavam em uma série de frases curtas e epigramas espirituosos, que faziam seus ouvintes sentirem como se estivessem ouvindo uma personagem num livro inteligente. Contudo, por baixo de todo seu brilho, sentia-se fortemente uma corrente de verdadeira simpatia feminina e gentileza, que ganhava afetos com tanta facilidade quanto seu brilhantismo ganhava admiração. Tampouco ela monopolizava a conversação. Podia trazer os outros à conversa tão hábil e inteiramente quanto podia ela mesma falar, e Anne e Diana se viram conversando abertamente com a visitante. Mrs. Pendexter falou pouco. Simplesmente sorriu com seus adoráveis lábios e olhos, e comeu frango, bolo de frutas e compota com tamanha graça e requinte que dava a impressão de que comia ambrosia e melado. Mas, como Anne disse para

Diana depois, qualquer pessoa que seja tão divinamente linda como Mrs. Pendexter não precisava falar: era o suficiente ser apenas *admirada*.

Após o almoço, saíram para um passeio pela Travessa dos Amantes, Vale das Violetas e Rota das Bétulas; então, cruzaram a Floresta Assombrada até a Bolha da Dríade, onde sentaram-se e conversaram durante a deliciosa última meia hora. Mrs. Morgan quis saber como a Floresta Assombrada veio a ser chamada assim, e riu até lhe saltarem as lágrimas quando ouviu a história e o dramático relato de Anne de uma certa caminhada memorável naquele local, na hora enfeitiçada do crepúsculo.

— Este certamente foi um banquete para a razão e uma festa para a alma, não foi? – disse Anne, quando as visitas tinham ido embora e ela e Diana estavam a sós novamente. — Não sei do que gostei mais... ouvir Mrs. Morgan ou contemplar Mrs. Pendexter. Creio que tivemos uma tarde melhor do que se soubéssemos de sua vinda e estivéssemos sobrecarregadas servindo muitas coisas. Você tem que ficar comigo para tomarmos mais chá, Diana, para falarmos sobre isso.

— Priscilla contou que a cunhada de Mrs. Pendexter é casada com um conde inglês, e ainda assim ela se serviu de compota de ameixa duas vezes – comentou Diana, como se esses dois fatos fossem, de certo modo, incompatíveis.

— Atrevo-me a dizer que o próprio conde inglês não teria virado seu nariz aristocrático para a compota de Marilla – respondeu Anne, orgulhosa.

A jovem não mencionou a desgraça que acontecera ao seu nariz quando relatou os acontecimentos do dia para Marilla, naquela noite. Mas pegou a garrafa com a loção para sardas e a esvaziou pela janela.

— Nunca mais experimentarei essas porcarias de tratamentos de beleza! – exclamou, firmemente resoluta. — Podem servir para pessoas cuidadosas e ponderadas, mas para alguém tão desesperadamente propensa a cometer erros como eu pareço ser, mexer com eles pode ser como tentar o inimigo.

Capítulo XXI

A Doce Miss Lavendar

As aulas começaram e Anne retornou ao trabalho, com menos teorias, mas maior experiência. Tinha alguns alunos novos de seis e sete anos, aventurando-se, com os olhos arregalados, no maravilhoso mundo do saber. Entre eles estavam Davy e Dora. Davy sentou-se com Milty Boulter, que já estava na escola há um ano, e era, por conseguinte, um *homem do mundo*. Dora já havia combinado na Escola Dominical, no domingo anterior, de sentar-se com Lily Sloane; mas Lily não foi à escola no primeiro dia de aula, e Dora sentou-se temporariamente com Mirabel Cotton, que tinha dez anos – e, portanto, era uma das "garotas grandes" aos olhos de Dora.

— Acho que a escola é uma grande diversão – Davy contou a Marilla, quando chegou em casa naquela noite. — Você disse que eu ia achar difícil ficar sentado e parado, e achei mesmo... e a maior parte do que você disse é verdade, eu percebi... mas a gente consegue sacudir as pernas embaixo da carteira, e isso ajuda muito! É ótimo ter tantos garotos para brincar! Sentei com Milty Boulter e ele é ótimo. Ele é mais alto do que eu, mas eu sou mais largo. É melhor ficar nas carteiras do fundo, mas não dá para sentar lá até que as pernas sejam longas o bastante para tocar o chão. Milty desenhou a cara de Anne em sua lousa, e era terrivelmente feia, e eu falei a ele que se fizesse mais desenhos de Anne como aquele, eu o pegaria no recreio! Eu pensei, primeiro, em fazer um desenho da cara dele e colocar chifres e um rabo, mas fiquei com medo que isso pudesse magoá-lo, e Anne diz que nunca posso magoar os sentimentos de alguém. Parece uma coisa terrível ter os sentimentos feridos. É melhor dar um soco em um menino do que ferir seus sentimentos, se você *tem* que fazer alguma coisa. Milty falou que não tinha medo de mim, mas ele logo mudou o nome do desenho para me agradar; e, então, apagou o nome de Anne e escreveu o nome de Barbara Shaw. Milty não gosta de Barbara, porque ela chama ele de doce menininho, e uma vez ela passou a mão na cabeça dele.

Dora disse formalmente que tinha gostado da escola, mas ela

estava muito calada, mais do que de costume. E, ao entardecer, quando Marilla mandou-a ir para a cama, a menina hesitou e começou a chorar.

— Eu... estou com medo – soluçou. — Eu... não quero subir sozinha no escuro.

— O que deu na sua cabeça agora? – exigiu Marilla. — Você dormiu sozinha durante todo o verão e estou certa de que nunca teve medo antes!

Dora continuava a chorar. Então, Anne pegou-a no colo, abraçou-a compreensivamente e sussurrou:

— Conte tudo a Anne, querida. Do que você tem medo?

— Do... do tio de Mirabel Cotton – soluçou Dora. — Hoje, na escola, ela me contou tudo sobre a família dela. Quase todos já morreram... todos os avôs e avós, e muitos tios e tias. Mirabel disse que eles têm mania de morrer. Ela é estranhamente orgulhosa de ter tantos parentes mortos, e contou qual foi a causa da morte de cada um, o que disseram e como estavam no caixão. E Mirabel disse que um de seus tios estava caminhando ao redor da casa depois de ser enterrado! A mãe dela o viu. Não me importo muito com o resto, mas não consigo parar de pensar nesse tio!

Anne subiu com Dora e ficou sentada ao seu lado até que ela adormecesse. No dia seguinte, Mirabel Cotton foi mantida na sala durante o recreio, e foi convencida, “gentil e firmemente” de que, quando se tem a desgraça de ter um tio que persiste em caminhar ao redor da casa após ter sido decentemente enterrado, não era de bom gosto falar sobre esse excêntrico cavalheiro para sua colega de pouca idade. Mirabel achou que o castigo foi muito duro. Os Cottons não tinham muito do que se gabar. Como ela poderia manter seu prestígio entre os colegas se fosse proibida de exaltar o fantasma da família?

Setembro deslizou sutilmente para a benevolência dourada e carmesim de outubro. Numa sexta-feira ao entardecer, Diana foi até Green Gables.

— Recebi uma carta de Ella Kimball hoje, Anne, e ela nos convidou para tomar chá amanhã à tarde, para conhecermos sua prima da cidade, Irene Trent. Mas não podemos pegar um dos cavalos, pois estarão sendo usados amanhã, e seu pônei está manco... então, suponho que não possamos ir.

— Por que não podemos ir caminhando? – sugeriu Anne. — Se tomarmos atalhos através dos bosques chegaremos na estrada de West Grafton, que não é longe da casa dos Kimball. Andei por ali no inverno passado, e conheço o caminho. Não são mais do que quatro milhas, e não teremos que andar de volta para casa, pois Oliver Kimball certamente nos trará na charrete. Ele ficará encantado com a desculpa, pois assim irá visitar Carrie Sloane, e dizem que o pai dificilmente o deixa usar os cavalos.

Ficou acertado que iriam caminhando e, na tarde seguinte, as duas saíram andando pela Travessa dos Amantes até a parte dos fundos da fazenda dos Cuthbert, onde seguiram por uma trilha que levava até o coração dos hectares de faias reluzentes e bosques de bordo, todas as árvores numa impressionante incandescência de chamas douradas em meio a uma grande quietude e paz.

— É como se o ano estivesse se ajoelhando para orar em uma vasta catedral, cheia de luzes suaves e coloridas, não é? – comentou a sonhadora Anne. — Não parece certo se apressar por aqui, não acha? Parece uma irreverência, como correr dentro da igreja.

— Mas nós *devemos* nos apressar – respondeu Diana, olhando para o relógio. — Quase não nos resta tempo.

— Bem, vou andar rápido, mas não me peça para falar – redarguiu Anne, apressando o passo. — Só quero beber o encanto do dia... sinto como se tocasse em meus lábios igual a uma taça de vinho doce, e devo degustar um gole a cada passo.

Talvez tenha sido por estar tão absorta, “bebendo” o dia, que Anne virou à esquerda quando chegaram a uma bifurcação. Deveria ter ido pela direita, mas, mais tarde, ela considerou este erro como sendo o mais afortunado de sua vida. Finalmente chegaram a uma estrada solitária e coberta de ervas, sem outra coisa em vista além de fileiras de jovens abetos vermelhos.

— Ora, onde estamos? – perguntou Diana, atordoada. — Esta não é a estrada de West Grafton.

— Não, é a linha base em Middle Grafton – anunciou Anne, um pouco envergonhada. — Devo ter tomado a direção errada na bifurcação. Não sei exatamente onde estamos, mas devemos estar a umas três milhas da casa dos Kimball.

— Então não chegaremos até às cinco horas, pois já são quatro e meia! – exclamou Diana, com um olhar desesperado para o relógio. — Chegaremos depois que tiverem tomado o chá, e elas terão um grande incômodo para servir o nosso.

— Melhor seria voltarmos para casa – sugeriu Anne, com humildade. Mas Diana, após certa consideração, resolveu o contrário.

— Não, devemos seguir para passar o final da tarde, já que estamos aqui.

Alguns metros à frente, as jovens chegaram a um lugar onde a estrada bifurcava-se novamente.

— Por onde devemos seguir? – perguntou Diana, em dúvida.

Anne balançou a cabeça.

— Não sei, e não podemos correr o risco de cometer mais erros. Aqui há um portão, e uma vereda que entra diretamente no bosque. Deve haver uma casa do outro lado. Vamos até lá para perguntar.

— Que vereda antiga e romântica – disse Diana, enquanto caminhavam pelas curvas e voltas do caminho estreito. Estendia-se abaixo de velhos pinheiros patriarcais, cujos galhos se encontravam no alto, criando uma obscuridade perpétua onde nada podia crescer, exceto o musgo. Em um dos lados o solo era marrom, cruzado aqui e ali por fachos de luz solar. Tudo era muito silencioso e remoto, como se o mundo e suas preocupações estivessem muito longe dali.

— Sinto como se estivéssemos caminhando por uma floresta encantada – sussurrou Anne. — Você acha que algum dia encontraremos nosso caminho de volta ao mundo real, Diana? Penso que logo vamos chegar a um palácio, onde mora uma princesa enfeitiçada.

Ao dar a volta na próxima curva da vereda, elas não se viram diante de um palácio, mas de uma casinha – uma casinha quase tão surpreendente quanto teria sido um palácio nesta província de convencionais casas de fazenda construídas em madeira, todas tão parecidas em suas características gerais como se tivessem nascido da mesma semente. Anne deteve-se em êxtase, e Diana exclamou:

— Oh, agora sei onde estamos! Esta é a casinha de pedras onde vive Miss Lavendar Lewis... Echo Lodge, acho que é assim que ela a chama. Já ouvi falar com frequência sobre a casa, mas nunca tinha visto. Não é um lugar romântico?

— É o lugar mais doce e lindo que eu já vi ou imaginei! – disse Anne, fascinada. — Parece que foi tirada das páginas de um livro de contos, ou de um sonho!

A casa era uma estrutura construída com blocos sem reboco de arenito vermelho da Ilha; tinha beirais baixos e um pequeno telhado pontiagudo, onde existiam duas janelas pertencentes ao sótão com estranhas coberturas de madeira na parte superior e duas chaminés. A casa inteira era revestida por uma hera exuberante que encontrava fácil apoio sobre a rude construção, e que a geada do outono havia transformado no mais belo matiz de bronze e vinho.

Na frente da casa havia um jardim retangular, para dentro do qual se abria um segundo portão interligado à vereda onde as jovens agora estavam paradas. A casa delimitava esse jardim por um lado, e os outros três lados estavam rodeados por uma velha vala de pedra, tão coberta por grama, musgo e samambaias que mais parecia um alto banco verde. À direita e à esquerda, os altos e escuros abetos estendiam seus ramos como palmas sobre a vala, mas aos seus pés existia um pequeno prado verde repleto de trevos, num declive suave até o azulado Rio Grafton. Não se via outra casa ou clareira ao redor; nada além de colinas e vales cobertos de jovens pinheiros frondosos.

— Pergunto-me que tipo de pessoa é Miss Lewis – especulou Diana ao abrir o portão do jardim. — Dizem que ela é muito peculiar.

— Então ela deve ser interessante – afirmou Anne, decididamente. — As pessoas peculiares são no mínimo interessantes, não importando o que mais elas sejam ou deixem de ser. Não disse que chegaríamos a um palácio encantado? Eu sabia que os elfos não teriam feito magia na estrada por nada...

— Mas Miss Lavendar Lewis não tem nada de princesa enfeitiçada – riu Diana. — Ela é uma solteirona... tem quarenta e cinco anos, e eu soube que é toda grisalha.

— Oh, isso é só parte do feitiço! – assegurou Anne, confidencialmente. — Ainda é jovem e bela de coração... se nós apenas soubéssemos como desfazer o feitiço, ela voltaria a ser bela e radiante. Porém, não sabemos como... o príncipe é sempre o único a saber... e o príncipe de Miss Lavendar ainda não chegou. Talvez algum infortúnio fatal o tenha detido... ainda que *isso* seja contra a lei de todos os contos de

fadas.

— Receio que ele tenha vindo, muito tempo atrás, e tenha ido embora – comentou Diana. — Dizem que ela foi comprometida com Stephen Irving, o pai de Paul... quando eram jovens. Mas discutiram e se separaram.

— Silêncio – advertiu Anne. — A porta está abrindo.

As jovens pararam na varanda, embaixo das gavinhas da hera, e bateram na porta aberta. Ouviu-se um ruído de passos dentro da casa, e apareceu uma pessoinha singular: uma menina de uns quatorze anos, com rosto sardento, nariz arrebitado, uma boca tão larga que realmente parecia ter sido esticada “de orelha a orelha” e duas longas tranças de cabelo loiro, atadas com dois enormes laços de fita azul.

— Miss Lewis está em casa? – perguntou Diana.

— Sim, madame. Entre, madame. Direi a Miss Lavendar que estão aqui, madame. Ela está lá em cima, madame.

Com isso, a pequena criada desapareceu de vista, e as duas, deixadas a sós, olharam ao redor com olhos maravilhados. O interior da esplêndida casinha era tão interessante quanto o exterior.

O aposento tinha um teto baixo, e duas janelas quadradas com vidros pequenos e cortinas de musselina frisada. Toda a mobília era muito antiga, mas tão limpa e bem conservada que o efeito era formidável. Mas devemos admitir candidamente que o móvel mais atrativo para as duas moças cheias de saúde, que tinham caminhado quatro milhas em uma fresca tarde de outono, era uma mesa posta com delicada porcelana azul pálida e saborosas iguarias, enquanto pequenas samambaias de nuanças douradas espargidas sobre a toalha davam o que Anne teria chamado de “um ar festivo”.

— Miss Lavendar deve estar esperando visitas para o chá – sussurrou. — A mesa está posta para seis pessoas. Mas que criada tão graciosa ela tem! Parece uma mensageira da terra dos elfos. Decerto ela poderia ter indicado o caminho para a casa de Mr. Kimball, mas eu estou curiosa para ver a dona da casa. Shhh, ela está vindo.

E, com isso, Miss Lavendar Lewis estava parada na porta. As meninas ficaram tão surpresas que esqueceram as boas maneiras e simplesmente a encararam de boca aberta. Inconscientemente, estavam esperando ver o tipo comum e bem conhecido de solteirona de meia idade:

uma personagem meio angulosa, com cabelo grisalho impecável e óculos. Não poderiam ter imaginado nada mais diferente de Miss Lavendar.

Era uma dama pequena, de espessos cabelos brancos como a neve, maravilhosamente ondulados e cuidadosamente penteados em cachos que lhe assentavam bem. Debaixo deles aparecia um rosto quase jovem, com bochechas rosadas e doces lábios, olhos castanhos grandes e claros, e covinhas... covinhas de verdade! Usava um vestido muito delicado de musselina cor de creme, estampado com rosas pálidas – um vestido que teria parecido ridiculamente juvenil para a maioria das mulheres de sua idade, mas caía tão perfeitamente bem em Miss Lavendar que nem se podia pensar nisso.

— Charlotta IV avisou-me que as senhoritas queriam me ver – disse ela, com uma voz que combinava com sua aparência.

— Queríamos perguntar qual o caminho correto para West Grafton – respondeu Diana. — Fomos convidadas para o chá na residência de Mr. Kimball, mas tomamos o caminho errado através do bosque e, ao invés de chegarmos a West Grafton, desembocamos na linha base. Devemos dobrar à direita ou à esquerda no seu portão?

— À esquerda – informou Miss Lavendar, com um olhar hesitante para a mesa do chá. Então perguntou, como se tivesse um pequeno e repentino surto de resolução:

— Mas, oh, por que não ficam para tomar o chá comigo? Por favor, fiquem! Mr. Kimball já terá terminado o chá antes que as senhoritas cheguem até lá. E Charlotta IV e eu ficaremos tão contentes de tê-las aqui!

Diana encarou Anne, calada e inquisitiva.

— Gostaríamos de ficar, se isso não for um inconveniente – aceitou Anne, prontamente, pois tinha decidido que queria saber mais sobre a surpreendente Miss Lavendar. — Mas a senhorita está esperando outros convidados, não está?

Miss Lavendar olhou novamente para a mesa e ruborizou.

— Sei que as senhoritas irão pensar que sou extremamente boba – disse ela. — Eu *sou* boba... e fico envergonhada quando descobrem, mas nunca até que *seja* descoberta. Não estou esperando ninguém... só estava fingindo que esperava. Eu estava tão solitária, sabem... e eu amo ter companhia... quero dizer, o tipo certo de companhia. Mas são poucas pessoas que vêm até aqui, pois a casa fica muito longe da estrada.

Charlotta IV estava solitária também. Então eu simplesmente simulei que iria servir o chá! Cozinhei, decorei a mesa e resolvi usar a porcelana do casamento de minha mãe... e me vesti para a ocasião.

Diana secretamente pensou que Miss Lavendar era tão peculiar quanto os relatos populares a descreviam. Uma mulher de quarenta e cinco anos brincando de servir o chá, como se fosse uma menininha! Mas Anne, com os olhos iluminados, perguntou alegremente:

— Oh, a senhorita *também* imagina coisas?

Aquele "também" revelou a Miss Lavendar que ela tinha uma alma gêmea diante de si.

— Sim, imagino – ela confessou, corajosamente. — É claro que é uma bobagem, em qualquer pessoa da minha idade. Mas qual a serventia de ser uma solteirona independente se eu não puder ser boba quando quiser, desde que não cause danos a ninguém? Uma pessoa deve ter algumas compensações. Algumas vezes, não creio que eu conseguiria viver se não imaginasse as coisas. Não sou surpreendida assim com frequência, e Charlotta IV nunca faz fofoca. Mas estou contente por ter ocorrido hoje, pois as senhoritas realmente vieram, e já tenho o chá pronto! Querem ir ao quarto de hóspedes e tirar os chapéus? É a porta branca, no topo da escadaria. Preciso ir até a cozinha e vigiar se Charlotta IV não vai deixar o chá ferver. Charlotta IV é uma boa menina, mas *deixa* o chá ferver.

Miss Lavendar correu até a cozinha com pensamentos de hospitalidade, e as jovens encontraram o caminho até o quarto de hóspedes – um aposento tão branco quanto a porta, iluminado pela janela coberta de hera pendurada, e parecendo, como disse Anne, com um lugar onde nascem os sonhos felizes.

— Esta é uma grande aventura, não é? – disse Diana. — E Miss Lavendar não é adorável, mesmo *sendo* um pouco esquisita? Ela não se parece nem um pouco com uma solteirona.

— Ela se parece exatamente com sons musicais, eu acho – respondeu Anne.

Quando desceram, Miss Lavendar vinha carregando o bule e, atrás dela, parecendo muito contente, estava Charlotta IV, com um prato de biscoitos quentinhos.

— Agora, as senhoritas devem me dizer seus nomes – pediu Miss

Lavendar. — Estou tão contente que sejam jovens! Adoro moças jovens! É tão fácil fingir que eu mesma sou uma mocinha quando estou entre elas! Eu *odeio* – continuou, com uma careta – pensar que sou velha. Agora, quem são as senhoritas... só por conveniência? Diana Barry? E Anne Shirley? Posso fazer de conta que as conheço há cem anos, e chamá-las de Anne e Diana diretamente?

— Pode! – elas assentiram, em uníssono.

— Então, vamos nos sentar confortavelmente e comer tudo! – disse Miss Lavendar, alegremente. — Charlotta, sente-se ao pé da mesa e ajude com o frango. É uma sorte que eu tenha preparado o pão de ló e os sonhos. Obviamente é um disparate fazê-los para visitantes imaginários... sei que Charlotta IV pensou isso, não pensou? Mas vejam como deu certo! Claro que não seriam desperdiçados, pois Charlotta IV e eu iríamos comê-los com o tempo. Mas pão de ló não é algo que fique mais saboroso com o passar do tempo.

Aquela foi uma refeição divertida e memorável, e, quando terminaram, saíram ao jardim para desfrutar da magia do pôr do sol.

— Eu realmente acho que a senhorita vive no mais adorável dos lugares – disse Diana, olhando admirada ao redor de si.

— Por que o chama de Echo Lodge[23]? – perguntou Anne.

— Charlotta – disse Miss Lavendar –, vá até a casa e traga-me a pequena trombeta de estanho, que está pendurada acima da prateleira do relógio.

Charlotta IV correu até a casa e retornou trazendo a trombeta.

— Sopre, Charlotta – ordenou Miss Lavendar.

A criada soprou, e o som produzido era um tanto estridente e rouco. Houve um momento de silêncio... e então, dos bosques acima do rio, foram ouvidos múltiplos ecos mágicos, doces, indefiníveis e ressonantes, como se todas as “trombetas da terra dos elfos” estivessem soprando ao entardecer. Anne e Diana ficaram maravilhadas.

— Agora, ria, Charlotta... ria bem alto!

Charlotta, que provavelmente teria obedecido se Miss Lavendar lhe ordenasse para caminhar de cabeça para baixo, subiu num banco de pedra e riu às gargalhadas com toda a força. Os ecos devolveram os sons, como se uma hoste de elfos estivesse imitando sua risada nos bosques cor de púrpura e ao longo da orla dos pinheiros.

— As pessoas sempre admiram muitíssimo os meus ecos – disse Miss Lavendar, como se os ecos fossem sua propriedade particular. — Eu mesma os amo. São uma ótima companhia... com um pouquinho de imaginação. Em noites calmas, Charlotta IV e eu frequentemente sentamos aqui e nos divertimos com eles. Charlotta, leve de volta a trombeta e pendure-a cuidadosamente no lugar.

— Por que a senhorita a chama de Charlotta IV? – perguntou Diana, que estava explodindo de tanta curiosidade.

— Só para não confundi-la com as outras Charlottas do meu pensamento – disse Miss Lavendar seriamente. — Todas se parecem tanto, que não consigo distingui-las. O verdadeiro nome dela não é Charlotta. É... deixe-me ver... como era mesmo? Eu *acho* que é Leonora... sim, é Leonora! Vejam, tudo começou assim: quando mamãe morreu, há dez anos, eu não podia ficar aqui sozinha... e não tinha meios para pagar o salário de uma criada adulta. Então, consegui que a pequena Charlotta Bowman viesse viver comigo, em troca de casa, comida e roupas. Seu nome verdadeiro era Charlotta... ela foi a Charlotta I. Ela tinha só treze anos, e ficou comigo até completar dezesseis; então foi para Boston, porque podia traçar um destino melhor por lá. Uma de suas irmãs veio substituí-la, e ela se chamava Julietta... Mrs. Bowman tinha uma queda por nomes pomposos... mas a menina se parecia tanto com a Charlotta, que continuei chamando-a por este nome o tempo todo... e ela não se importava. Então, desisti de tentar lembrar seu nome correto. Ela foi a Charlotta II; e, quando se foi, veio Evelina, que se tornou a Charlotta III. Agora tenho a Charlotta IV. Mas quando ela completar dezesseis anos – ela tem quatorze agora – vai querer ir para Boston também, e então eu realmente não sei o que farei. Charlotta IV é a última das meninas Bowman, e é a melhor de todas. As outras Charlottas sempre deixavam que eu percebesse o quanto me achavam boba por fingir as coisas, mas Charlotta IV nunca o faz, seja lá o que pense a respeito. Eu não me importo com o que as pessoas pensam de mim, desde que não me deixem perceber.

— Bem – disse Diana, olhando pesarosa para o sol se pondo no horizonte. — Creio que devemos ir, se quisermos chegar na casa de Mr. Kimball antes que escureça. Tivemos uma tarde maravilhosa, Miss Lewis.

— Vocês virão me visitar novamente? – rogou Miss Lavendar.

A alta Anne pôs o braço sobre os ombros da pequena dama.

— Claro que sim! – prometeu. — Agora que nós a descobrimos, vamos abusar da sua hospitalidade vindo aqui para vê-la. Sim, temos que ir... “devemos nos arrancar daqui”, como diz Paul Irving todas as vezes que vai a Green Gables.

— Paul Irving? – houve uma mudança sutil na voz da Miss Lavendar. — Quem é ele? Não sabia que existia alguém com esse nome em Avonlea.

Anne sentiu-se irritada com seu próprio descuido. Quando mencionou o nome de Paul, havia se esquecido do antigo romance de Miss Lavendar.

— É um dos meus alunos – ela explicou, lentamente. — Ele veio de Boston no ano passado, para morar com a avó, Mrs. Irving, na estrada à beira-mar.

— É o filho de Stephen Irving? – perguntou Miss Lavendar, inclinando-se sobre o canteiro de lavandas, de modo que seu rosto estava escondido.

— Sim.

— Vou dar um ramalhete de lavandas para cada uma de vocês! – ela disse, com vivacidade, como se não tivesse ouvido a resposta à sua pergunta. — São muito doces, não acham? Mamãe sempre as amou. Ela plantou este canteiro há muito tempo. Papai me deu este nome porque ele também gostava de lavandas. A primeira vez que ele viu minha mãe foi quando visitou sua casa em East Grafton, com o irmão dela. Apaixonou-se à primeira vista, e então lhe ofereceram o quarto de hóspedes para dormir, e os lençóis estavam perfumados com lavanda, e ele ficou acordado a noite toda pensando nela. Depois disso, sempre amou o perfume de lavanda... e foi por isso que me deu este nome! Não se esqueçam de voltar em breve, queridas meninas. Charlotta IV e eu estaremos esperando!

Ela abriu o portão sob os pinheiros para que as moças passassem. Repentinamente, parecia velha e cansada. O resplendor e o entusiasmo de seu rosto haviam desvanecido; e embora seu sorriso de despedida fosse doce como nunca, com a juventude que não podia ser extirpada, quando as duas olharam para trás na primeira curva da vereda, viram-na sentada no antigo banco de pedra sob um álamo prateado, no meio do jardim, com a cabeça exausta apoiada na mão.

— Ela realmente parece solitária – comentou Diana, suavemente. — Devemos vir vê-la com frequência.

— Parece-me que os pais deram a ela o único nome que seria correto e apropriado – disse Anne. — Se tivessem sido tão cegos a ponto de chamá-la de Elizabeth, ou Nellie, ou Muriel, ainda assim ela deveria se chamar Lavendar, eu acho. Sugere doçura, encantos antigos e "trajes de seda". Agora, meu nome sugere pão com manteiga, remendos e tarefas domésticas.

— Oh, eu não concordo! – respondeu Diana. — *Anne* me parece tão imponente como uma rainha. Mas eu iria gostar de Kerrenhappuch, se este fosse o seu nome. Acho que as pessoas fazem o nome ser bonito ou feio, apenas pelo que elas mesmas são. Não consigo suportar os nomes Josie ou Gertie agora, mas antes de conhecer as jovens Pyes eu os considerava muito bonitos.

— Está é uma esplêndida ideia, Diana! – concordou Anne, entusiasmada. — Viver de tal maneira a embelezar o seu nome, mesmo que este não fosse bonito a princípio... e fazê-lo ressaltar na memória das pessoas como algo tão belo e prazeroso no qual nunca pensariam, se fosse só pelo nome em si! Obrigada, Diana.

Capítulo XXII

Miudezas

— Então você tomou o chá na casa de pedra com Lavendar Lewis? – perguntou Marilla na mesa do desjejum, na manhã seguinte. — Como ela está agora? Faz mais de quinze anos que não a vejo... a última vez foi num domingo, na igreja de Grafton. Imagino que tenha mudado muito. Davy Keith, quando você quer alguma coisa que não consegue alcançar, peça a alguém, e não se estire assim sobre a mesa! Já viu Paul Irving fazendo isso quando vem para uma refeição?

— Mas os braços de Paul são mais compridos que os meus! – grunhiu Davy. — Eles tiveram onze anos para crescer, e os meus só tiveram sete! E eu *pedi*, mas você e Anne estavam tão ocupadas falando que não me deram atenção. Além disso, Paul nunca esteve aqui para uma refeição, a não ser para o chá, e é mais fácil ser educado no chá do que no café da manhã. Não se tem a metade da fome na hora do chá, e o tempo entre o jantar e o café da manhã é terrivelmente longo! Ora, Anne, esta colherinha não está nem um pouco maior do que no ano passado, e *eu estou* muito maior!

— Obviamente eu não sei como Miss Lavendar costumava ser, mas, de certo modo, não me parece que ela tenha mudado muito – disse Anne, depois de ter servido a Davy o xarope de bordo, dando duas colheres cheias para apaziguá-lo. — O cabelo dela está branco como a neve, mas o rosto é fresco e quase juvenil, e ela possui os mais doces olhos castanhos... um belo matiz de castanho como a lenha, com raios dourados... e a voz me faz pensar em cetim branco, águas escorrendo e sinos de fadas, todos misturados.

— Ela era conhecida por sua beleza quando era moça – prosseguiu Marilla. — Eu nunca a conheci muito bem, mas gostei dela, pelo pouco que vi. Mesmo naquela época as pessoas a consideravam peculiar. *Davy*, se eu pegar você aprontando mais uma das suas, vou obrigá-lo a esperar até que todos tenham terminado a refeição para que você comece a sua, como se faz com os franceses!

A maioria das conversas entre Anne e Marilla na presença dos

gêmeos eram marcadas por estas repreensões dirigidas ao menino. É triste relatar que, nesta ocasião, Davy não foi capaz de consumir as últimas gotas do xarope com a colher, e resolveu a dificuldade erguendo o prato com as duas mãos e passando a língua. Anne o encarou com olhos tão horrorizados que o pequeno pecador ficou vermelho e explicou, meio envergonhado, meio desafiador:

— Desse jeito não há desperdício!

— As pessoas que são diferentes das demais sempre são classificadas como peculiares – continuou Anne. — E Miss Lavendar é diferente, com certeza; embora seja difícil dizer onde exatamente reside a diferença. Talvez seja porque ela é uma daquelas pessoas que nunca envelhecem.

— Uma pessoa pode envelhecer junto com toda a sua geração – respondeu Marilla, um pouco descuidada. — Se assim não for, acaba não se encaixando em lugar algum. Até onde sei, Lavendar Lewis apartou-se de tudo. Viveu naquele lugar afastado, até que todos a esqueceram. Aquela casa de pedra é uma das mais antigas da Ilha. O velho Mr. Lewis a construiu oitenta anos atrás, quando veio da Inglaterra. Davy, pare de sacudir o cotovelo de Dora! Oh, eu vi você! Não tente se fazer de inocente! O que o faz comportar-se assim esta manhã?

— Talvez eu tenha levantado do lado errado da cama – sugeriu Davy. — Milty Boulter disse que, se isso acontecer, todas as coisas darão errado durante o dia! Foi a avó dele quem falou isso. Mas qual é o lado certo? E o que fazer quando sua cama está contra a parede? Quero saber!

— Sempre me perguntei o que deu errado entre Stephen Irving e Lavendar Lewis – continuou Marilla, ignorando Davy. — Eles certamente estavam comprometidos há vinte e cinco anos, e então, de repente, tudo se acabou! Não sei qual foi o problema, mas deve ter sido algo terrível, pois ele foi embora para os Estados Unidos e, desde então, nunca mais voltou.

— Talvez não tenha sido nada tão terrível, afinal. Creio que, na vida, as coisas pequenas frequentemente causam mais problemas do que as grandes – filosofou Anne, num daqueles lampejos de sabedoria que a experiência não pode aperfeiçoar. — Marilla, por favor, não conte a Mrs. Lynde sobre minha visita à Miss Lavendar. Sem dúvida ela começaria a fazer uma centena de perguntas, e eu não iria gostar... e estou certa de que nem Miss Lavendar gostaria, se soubesse.

— Rachel ficaria curiosa, naturalmente – admitiu Marilla –, apesar de não ter mais tanto tempo para cuidar da vida dos outros quanto costumava ter. Ela está amarrada em casa agora, por causa de Thomas... e sente-se muito desanimada, pois está começando a perder as esperanças de que ele melhore. Rachel ficará muito solitária se algo acontecer a ele, com todos os filhos estabelecidos no Oeste, exceto Eliza, que está na cidade. Mas ela nem gosta do marido.

Os adjetivos de Marilla caluniavam Eliza, que era muito afeiçoada ao marido.

— Rachel diz que se ele apenas se animasse e tivesse vontade própria, ficaria melhor. Mas de que adianta pedir a uma água viva para sentar direito? – prosseguiu Marilla. — Thomas Lynde nunca teve vontade própria para exercer. A mãe o dominou até ele se casar, e então Rachel tomou a tarefa para si. É estranho que ele se atrevesse a adoecer sem pedir a permissão dela. Mas, ora, eu não devo falar assim. Rachel tem sido uma boa esposa. Ele nunca teria conseguido nada sem ela, isso é certo. O homem nasceu para obedecer, e foi sorte ter caído nas mãos de uma administradora inteligente e capaz como Rachel. Ele nunca se importou com o *jeito de ser* da esposa, pois isso lhe economizava até mesmo o incômodo de tomar uma decisão sobre qualquer coisa. Davy, pare de se contorcer feito uma enguia!

— Não tenho nada mais para fazer – protestou Davy. — Não posso mais comer, e não é divertido ver você e Anne comendo.

— Bem, você e Dora podem ir lá fora alimentar as galinhas. E nem tente arrancar mais nenhuma pena do rabo do galo branco!

— Queria mais penas para meu cocar de índio – argumentou, com mau humor. — Milty Boulter tem um muito elegante, feito das penas que a mãe deu a ele quando mataram o velho peru. Você podia me deixar pegar umas! Aquele galo tem mais penas do que precisa!

— Você pode ficar com o velho espanador que está no sótão – disse Anne –, e eu o tingirei de verde, vermelho e amarelo para você.

— Você está mimando demais este menino! – exclamou Marilla, quando Davy, com o rosto radiante, seguiu a delicada Dora. Marilla tinha feito grandes progressos na forma de educar, ao longo dos seis anos que Anne morava em Green Gables, mas ela não conseguia se livrar da ideia de que era bastante prejudicial para as crianças o fato de ter muitas de suas

vontades satisfeitas.

— Todos os garotos da turma têm um cocar de índio, e Davy também quer um – explicou Anne. — E eu sei o que ele sente... nunca vou esquecer o quanto ansiei pelas mangas bufantes, quando todas as outras meninas usavam. E Davy não está sendo mimado. Ele tem melhorado a cada dia. Pense em como está diferente hoje, em comparação com a época em que chegou aqui, há um ano.

— Ele certamente não se envolve em tantas confusões desde que começou a ir para a escola – reconheceu Marilla. — Espero que a tendência se dilua com a influência de outros meninos. Mas é estranho que não tenhamos notícias de Richard Keith. Nenhuma palavra desde maio!

— Tenho medo de receber notícias – suspirou Anne, começando a lavar a louça. — Se chegar uma carta, ficarei com receio de abri-la, por medo de que ele nos diga para mandar os gêmeos.

Um mês depois, realmente chegou uma carta. Mas não era de Richard Keith. Era de um amigo dele, que escreveu avisando que Richard Keith tinha morrido de tuberculose, quinze dias antes. O autor da carta era o executor do seu testamento, e, por este, a soma de dois mil dólares foi legada a Miss Marilla Cuthbert, como guardiã de Davy e Dora até que eles atingissem a maioridade ou se casassem. Nesse meio tempo, os juros deveriam ser usados para o sustento das crianças.

— Parece horrível alegrar-se por algo relacionado à morte – disse Anne, com sobriedade. — Sinto muito pelo pobre Mr. Keith, mas *estou* contente porque vamos ficar com os gêmeos.

— O dinheiro vem em ótima hora – comentou a prática Marilla. — Eu queria ficar com eles, mas não sabia *como* conseguiria mantê-los, especialmente quando crescessem. O aluguel das nossas terras não dá mais do que para a manutenção da casa, e eu estava decidida a não gastar nenhum centavo do seu dinheiro com eles. Você já faz muito por esses dois. Dora não precisava daquele chapéu novo que você comprou, não mais do que um gato precisa de duas caudas. Mas agora o caminho se clareou, e eles terão seus próprios rendimentos.

Davy e Dora se alegraram quando souberam que ficariam em Green Gables “para sempre”. A morte de um tio a quem nunca tinham conhecido não pesava nem por um momento na balança contra este fato. Mas Dora tinha um temor.

— O Tio Richard foi enterrado? – sussurrou para Anne.

— Sim, querida, é claro.

— Ele... ele... não é como o tio de Mirabel Cotton, é? – perguntou, num sussurro ainda mais agitado. — Ele não vai sair caminhando em volta da casa depois de ter sido enterrado, vai, Anne?

Capítulo XXIII

O Romance de Miss Lavendar

— Acho que vou dar uma caminhada até Echo Lodge ao entardecer – disse Anne, numa certa tarde de dezembro.

— Parece que vai nevar – avisou Marilla, em dúvida.

— Chegarei lá antes que comece a nevar, e ficarei para dormir. Diana não poderá ir, pois está com visitas, e tenho certeza de que Miss Lavendar estará esperando por mim esta noite. Faz quinze dias que não vou até lá.

Anne tinha feito várias visitas a Echo Lodge desde aquele dia de outubro. Algumas vezes, ela e Diana iam de charrete pela estrada; outras, caminhavam pelos bosques. Quando Diana não podia acompanhá-la, Anne ia sozinha. Entre ela e Miss Lavendar havia surgido uma daquelas amizades zelosas e prestativas, possíveis apenas entre uma mulher que manteve a frescura da juventude em seu coração e alma, e uma moça cuja imaginação e intuição supriam a falta de experiência. Anne tinha, enfim, descoberto uma verdadeira "alma gêmea", enquanto para a solitária e isolada vida de sonhos da pequena dama, Anne e Diana significavam a benéfica alegria e regozijo do mundo exterior, do qual Miss Lavendar, "esquecida do mundo, pelo mundo esquecida", havia deixado de participar há muito tempo. As mocinhas tinham levado uma atmosfera de juventude e realidade para a pequena casa de pedra. Charlotta IV sempre as saudava com um sorriso muito amplo – e os sorrisos de Charlotta *eram* imensamente amplos –, venerando-as tanto por causa de sua adorada senhora, quanto pelas próprias jovens. Nunca ocorreram as ditas "diversões barulhentas" na casinha de pedra, ao contrário daquele belo e prolongado outono, quando novembro parecia outubro novamente, e mesmo dezembro imitava os dias de sol e as brumas do verão.

Entretanto, neste dia em particular, parecia que dezembro havia se recordado de que já era tempo de começar o inverno, e subitamente tornou-se sombrio e taciturno, numa quietude sem vento que era indício de neve. Não obstante, a entusiasmada Anne desfrutou de sua caminhada através do grande labirinto acinzentado do terreno coberto de faias. Apesar

de estar sozinha, não se sentia solitária, pois sua imaginação povoava o caminho com alegres companheiros; e, com eles, ela mantinha uma divertida conversação imaginária, que era mais espirituosa e fascinante do que as conversas são capazes de ser na vida real, onde as pessoas falham lamentavelmente ao não preencher os mínimos requisitos para um bom diálogo. Em uma reunião de "faz-de-conta" de espíritos escolhidos, todos dizem exatamente o que você quer que seja dito, e isso lhe dá a chance de dizer exatamente o que *você* quer dizer. Ocupada com esta companhia invisível, Anne cruzou os bosques e chegou à vereda dos pinheiros justo quando começaram a cair suavemente os primeiros flocos de neve.

Na primeira curva, encontrou Miss Lavendar parada sob um grande pinheiro de ramos espessos. Usava um vestido de tonalidade vermelho vivo, e a cabeça e ombros estavam envoltos num xale de seda cinza prateado.

— A senhorita parece uma rainha das fadas do bosque de pinheiros – saudou Anne, alegremente.

— Imaginei que você viria esta noite, Anne – disse Miss Lavendar, correndo até ela. — E estou duplamente contente, pois Charlotta IV não está aqui. A mãe dela está doente, e ela foi passar a noite em casa. Eu ficaria muito solitária se você não tivesse vindo... nem mesmo os sonhos e os ecos seriam companhia suficiente. Oh, Anne, como você é linda! – agregou rapidamente, olhando para a jovem alta e esbelta, com o rosto rosado devido à caminhada. — Tão linda e tão jovem! É tão maravilhoso ter dezessete anos, não é? Eu a invejo – concluiu, com franqueza.

— Mas, no seu coração, a senhorita tem dezessete – sorriu Anne.

— Não, eu estou velha... ou, então, sou uma mulher de meia-idade, o que é muito pior – suspirou Miss Lavendar. — Algumas vezes consigo fingir que não estou velha, mas em outras me dou conta... e não consigo me reconciliar com esta ideia como a maioria das mulheres. Estou tão rebelde quanto no dia em que descobri meu primeiro cabelo branco. Ora, Anne, não me olhe como se você estivesse tentando entender! Quem tem dezessete *não consegue* entender. Vou imaginar que também sou jovenzinha, e consigo fazer isso muito bem, agora que você está aqui. Você sempre traz a mocidade em suas mãos, como um presente. Vamos passar uma noite divertidíssima! Primeiro o chá... o que quer para o chá? Vamos comer o que você quiser! Pensemos em algo delicioso e indigesto.

Nesta noite, ruídos de alvoroço e júbilo povoaram a casinha de pedra. Ora cozinhando e comendo, ou fazendo doces e rindo – e "fingindo" –, é bem verdade que Miss Lavendar e Anne se comportaram de maneira que não condizia com a dignidade de uma solteirona de quarenta e cinco anos e uma tranquila professora. Então, quando se cansaram, sentaram-se no tapete diante da lareira na sala de visitas, que estava iluminada somente pelas chamas do fogo e deliciosamente perfumada pela jarra de rosas abertas sobre a cornija. O vento soprava mais forte, suspirando e gemendo pelas chaminés, e a neve golpeava as janelas com ruídos baixos, como se centenas de duendes da tempestade estivessem batendo para entrar.

— Estou tão feliz que tenha vindo, Anne – disse Miss Lavendar, beliscando seu doce. — Se você não tivesse vindo, eu estaria triste... muito triste... terrivelmente triste. Os sonhos e a imaginação caem muito bem durante o dia, à luz do sol, mas quando a escuridão e a tempestade vêm, eles falham em satisfazer. Então, queremos as coisas reais. Porém, você não entenderia... jovens com dezessete anos nunca entendem. Nessa idade, os sonhos satisfazem, *sim,* porque você acredita que as realidades estão esperando mais adiante. Quando eu tinha a sua idade, Anne, não achava que aos quarenta e cinco estaria convertida em uma solteirona de cabelos brancos, com nada mais do que os sonhos para preencher minha vida.

— Mas a senhorita não é uma solteirona – respondeu Anne, sorrindo para os melancólicos olhos castanhos de Miss Lavendar. — Solteironas *nascem*... não se *tornam*.

— Algumas nascem solteironas, outras conquistam a solteirice, e outras recebem essa situação à força – ela parodiou, com excentricidade.

— Então a senhorita é uma das que conquistaram – riu Anne –, e fez isso tão encantadoramente que eu acho que essa situação viraria moda se todas as solteironas fossem como a senhorita!

— Sempre gostei de fazer as coisas da melhor forma possível, e já que eu devia ser uma solteirona, estava determinada a ser muito agradável. As pessoas dizem que sou estranha, mas é só porque sigo meu próprio método de solteirice e me recuso a copiar o modelo tradicional. Anne, alguém já contou algo a você sobre Stephen Irving e eu?

— Sim – disse Anne, candidamente –, eu soube que a senhorita e

ele estavam comprometidos.

— Sim, estávamos... vinte e cinco anos atrás... quase uma eternidade. E nosso casamento ocorreria na primavera seguinte. Meu vestido de noiva estava pronto, apesar de ninguém saber *disso* além de mamãe e Stephen. De certo modo, nós dois estivemos comprometidos durante quase a vida toda. Quando Stephen era um garotinho, a mãe dele o trouxe aqui quando veio visitar minha mãe; e, na segunda vez que eles vieram... ele tinha nove anos, e eu seis... ele me disse, no jardim, que já tinha decidido que iria se casar comigo quando fosse adulto. Lembro-me de dizer *"Obrigada"*, e quando ele se foi, contei à minha mãe, muito seriamente, que um peso havia saído dos meus ombros, pois não tinha mais medo de ficar solteirona. Como riu a pobre mamãe!

— E o que deu errado? – perguntou Anne, sem fôlego.

— Tivemos uma discussão estúpida, boba, rotineira. Tão rotineira que nem mesmo lembro como tudo começou. Eu mal sei quem era mais culpado. Stephen realmente começou, mas suponho que eu o provoquei com um dos meus disparates. Ele tinha um ou dois rivais, sabia? Eu era vaidosa e faceira, e gostava de provocá-lo um pouquinho. Ele era um rapaz muito nervoso e sensível. Bem, nos separamos aborrecidos. Mas eu pensei que tudo ia ficar bem, e teria ficado, se Stephen não tivesse vindo tão cedo. Anne, minha querida, eu sinto muito em dizer – aqui, Miss Lavendar reduziu a voz como se estivesse a ponto de confessar uma predileção por assassinar pessoas – que sou uma mulher terrivelmente mal humorada. Oh, não precisa sorrir... esta é a pura verdade. Eu *sou* mal humorada, e Stephen veio falar comigo antes que eu tivesse me acalmado. Não quis ouvi-lo e nem perdoá-lo, e então ele se foi para sempre. Era muito orgulhoso para insistir. E, então, eu fiquei enfurecida porque ele não voltava. Eu deveria ter mandado chamá-lo, mas não conseguia me humilhar para fazê-lo. Era tão orgulhosa quanto ele... orgulho e mau humor fazem uma péssima combinação, Anne. Mas nunca mais me interessei por ninguém, e nem quis. Sabia que preferiria ser uma solteirona por mil anos, a me casar com alguém que não fosse Stephen Irving. Bem, tudo isso parece ser um sonho agora, é claro. Você me olha com tanta solidariedade, Anne... com toda a solidariedade que seus dezessete anos podem expressar. Mas não exagere. Sou realmente uma pessoinha muito feliz e contente, apesar do meu coração destroçado. Meu coração

realmente se partiu, se é que um coração pode se partir, quando compreendi que Stephen Irving não iria voltar. Mas, Anne, um coração partido na vida real não é tão terrível quanto nos livros. Parece muito com um dente cariado... apesar de *essa* não ser uma comparação muito romântica. Tem períodos de dor que não a deixam dormir de vez em quando, mas, nos intervalos entre uma dor e outra, permite que você desfrute a vida, os sonhos, os ecos e um doce de amendoim, como se não houvesse problema algum. E agora você me olha com desilusão. Já não me considera tão interessante quanto há cinco minutos, quando acreditava que eu estivesse sempre presa a uma lembrança trágica, que ocultava valentemente com sorrisos para os outros. Isso é o pior – ou o melhor – da vida real, Anne. Ela *não vai* deixar que você seja infeliz. A vida continua tentando fazê-la se conformar... e com sucesso... mesmo quando você está determinada a ser infeliz e romântica. Este doce não está delicioso? Já comi muito mais do que é conveniente para minha saúde, mas não importa, continuarei comendo de forma imprudente.

Após um breve silêncio, Miss Lavendar exclamou abruptamente:

— Fiquei chocada ao saber do filho de Stephen naquele primeiro dia em que você esteve aqui, Anne! Desde então, não me atrevi a mencioná-lo, mas desejava saber tudo sobre ele. Que tipo de menino ele é?

— É o menino mais querido e doce que já conheci, Miss Lavendar... e ele também imagina as coisas, como a senhorita e eu.

— Eu gostaria de vê-lo – disse Miss Lavendar, suavemente, como se estivesse falando para si mesma. — Pergunto-me se ele se parece um pouco com o pequeno menino dos sonhos que vive aqui comigo... *meu* menininho dos sonhos.

— Se a senhorita quiser, posso trazer Paul comigo alguma vez.

— Eu gostaria... mas não tão rapidamente. Quero me acostumar à ideia. Vai haver mais dor do que alegria, se ele for parecido demais com Stephen... ou se não se parecer muito com ele. Daqui a um mês você deve trazê-lo.

Conforme combinado, um mês depois Anne e Paul caminharam através dos bosques até a casa de pedra, e encontraram Miss Lavendar na vereda. Ela não os esperava naquele momento, e ficou muito pálida ao vê-los.

— Então, este é o filho de Stephen – ela disse, em voz baixa,

tomando a mão de Paul e observando-o, belo e juvenil, vestido em seu elegante conjunto de casaco e gorro forrados de peles. — Ele... ele se parece muito com o pai.

— Todos dizem que sou um galho do velho tronco – respondeu Paul, com sua costumeira desenvoltura.

Anne, que estivera observando a cena, soltou um suspiro de alívio. Viu que Miss Lavendar e Paul "aceitaram-se" mutuamente, e que não haveria constrangimento ou rigidez. Miss Lavendar era uma pessoa muito sensata, apesar de seus sonhos e fantasias, e soube manter os sentimentos escondidos depois dessa primeira pequena traição, recepcionando Paul com tamanha naturalidade e brilhantismo como se fosse o filho de qualquer pessoa que tivesse vindo visitá-la. Todos tiveram uma tarde muito divertida, e comeram um banquete de tantas iguarias gordurosas no jantar, que teriam feito a velha Mrs. Irving erguer as mãos, horrorizada, acreditando que a digestão de Paul estaria arruinada para sempre.

— Venha de novo, rapaz – disse Miss Lavendar, apertando-lhe a mão ao despedir-se.

— A senhorita pode me dar um beijo, se quiser – disse Paul, seriamente.

Miss Lavendar inclinou-se e o beijou.

— Como você sabia que eu queria lhe dar um beijo? – ela perguntou, num sussurro.

— Porque a senhorita olhou para mim exatamente como a minha mãezinha costumava olhar quando queria me beijar. Como regra, eu não gosto de ser beijado. Meninos não gostam. *A senhorita entende*, Miss Lewis. Mas acho que eu gostaria que a senhorita me beijasse. E eu certamente virei para vê-la de novo. Creio que gostaria de tê-la como minha amiga particular, se não se importar.

— Eu... não acho que me importarei – respondeu Miss Lavendar. Ela, então, virou-se e entrou rapidamente; mas, no momento seguinte, estava acenando um alegre e sorridente adeus pela janela.

— Eu gostei de Miss Lavendar – anunciou Paul, enquanto cruzavam o bosque de faias. — Gosto do jeito que ela me olha, e gostei de sua casa de pedra, e gostei de Charlotta IV. Queria que vovó Irving tivesse uma Charlotta IV, ao invés de uma Mary Joe. Tenho certeza de que Charlotta não pensaria que eu não estava bem da cabeça quando contasse a

ela o que penso sobre as coisas. Não foi um esplêndido chá, professora? Vovó diz que um menino não deve estar pensando no que vai comer, mas não posso evitar quando estou com muita fome. *A senhorita entende*, professora. Não acho que Miss Lavendar obrigaria um menino a comer mingau no café da manhã, se ele não quisesse. Deixaria que ele comesse o que gosta. Mas é claro – Paul era um menino justo – que isso poderia não ser muito bom para ele. Mas é muito bom para variar, professora. *A senhorita entende*.

Capítulo XXIV

Um Profeta em Sua Terra

Certo dia de maio, os habitantes de Avonlea ficaram um tanto alvoroçados por algumas “Notas de Avonlea”, assinadas por um “Observador” e publicadas no *Daily Enterprise* de Charlottetown. Os rumores atribuíam a autoria do texto a Charlie Sloane, em parte porque o tal Charlie tivera devaneios literários no passado, e em parte porque uma das notas parecia conter uma troça contra Gilbert Blythe. A juventude de Avonlea persistia em considerar Gilbert Blythe e Charlie Sloane como rivais pelo apreço de uma certa donzela de olhos cinzentos e grande imaginação.

Os rumores, como de costume, estavam errados. Gilbert Blythe, ajudado e instigado por Anne, era o autor daquele texto, e pôs um parágrafo sobre si mesmo para despistar. Somente duas das notas tinham alguma importância nesta história:

“*Dizem por aí que haverá um casamento no povoado, antes que floresçam as margaridas. Um novo e muito respeitado cidadão conduzirá ao altar de núpcias uma de nossas damas mais populares.*”

“*Tio Abe, nosso muito bem conhecido profeta meteorológico, prevê uma tempestade violenta com raios e trovões para a noite do dia vinte e três de maio, cujo início será às sete horas em ponto. A área do temporal estender-se-á pela maior parte da província. As pessoas que irão viajar nessa noite fariam bem em levar sombrinhas e capas de chuva.*”

— É verdade que Tio Abe previu uma tempestade para algum momento nesta primavera – disse Gilbert –, mas você acha que Mr. Harrison realmente vai visitar Isabella Andrews?

— Não, estou certa de que ele só vai jogar xadrez com Mr. Harmon Andrews – respondeu Anne, rindo –, mas Mrs. Lynde diz que sabe que Isabella Andrews deve estar para se casar, porque ela tem estado bem animada nesta primavera.

O pobre velho Tio Abe ficou muito indignado com relação às notas. Suspeitava de que o “Observador” estivesse zombando dele. Negou furiosamente ter assinalado uma data em particular para a tempestade que

previra, mas ninguém acreditou nele.

A vida em Avonlea continuou serena e uniforme em seu curso. A “plantação” foi anunciada, e os Melhoradores celebraram um Dia da Árvore. Cada Melhorador plantou, ou influenciou que plantassem, cinco árvores ornamentais. Como a Sociedade agora contava com quarenta membros, isso significava um total de duzentas novas árvores. As aveias temporãs enverdeceram sobre os campos vermelhos, os pomares de macieiras lançavam seus grandes braços floridos ao redor das casas das fazendas, e a Rainha da Neve se adornou como uma noiva esperando pelo seu amado. Anne gostava de dormir com a janela aberta para sentir a fragrância das cerejas sobre seu rosto durante a noite. Achava que isso era muito poético. Marilla achava que ela estava arriscando a vida.

— O Dia de Ação de Graças deveria ser celebrado na primavera – disse Anne a Marilla, ao anoitecer, enquanto estavam sentadas nos degraus da porta da frente ouvindo o doce coral das rãs. — Creio que seria infinitamente melhor do que celebrá-lo em novembro, quando tudo está morto ou adormecido. Nessa época, é necessário lembrar-se de ser grato; mas, em maio, é inevitável estar agradecido... ainda que seja só pela vida. Sinto-me exatamente como Eva deve ter se sentido no jardim do Éden, antes do pecado e do começo dos problemas. O gramado daquela cavidade é verde ou dourado? Parece-me, Marilla, que uma pérola de dia como este, quando desabrocham os botões e os ventos não sabem para onde soprar a seguir por puro êxtase, deve ser quase tão bom quanto o paraíso.

Marilla pareceu escandalizada, e olhou ao redor com apreensão para certificar-se de que os gêmeos não estavam ao alcance da voz. Naquele mesmo instante, os dois apareceram por detrás da casa.

— Esta não é uma noite extremamente cheirosa? – perguntou Davy, inspirando o ar com satisfação enquanto balançava uma enxada nas mãos sujas. O garoto estivera trabalhando em seu jardim. Naquela primavera, Marilla, como forma de tornar a paixão de Davy por lambuzar-se na lama e no barro em uma ocupação útil, deu a ele e Dora uma pequena porção do terreno para um jardim. Ambos foram avidamente ao trabalho, cada um com sua maneira característica. Dora plantou, semeou e regou, cuidadosa, sistemática e desapaixonadamente. Como resultado, seu canteiro já estava verde de brotos que emergiam de pequenas e ordenadas filas de hortaliças e vegetais. Davy, entretanto, trabalhou com mais ardor do que sabedoria.

Cavava, capinava, rastilhava, regava e transplantava com tamanha energia que suas sementes não tinham a menor chance de crescer.

— Como está indo o seu jardim, menino-Davy? – perguntou Anne.

— Meio devagar – respondeu, com um suspiro. — As coisas não crescem mais, e eu não entendo o porquê. Milty Boulter falou que eu devo ter plantado na lua nova, e este é o problema. Ele falou que você não deve plantar, ou matar um porco, ou cortar o cabelo, ou fazer qualquer coisa importante na fase errada da lua. Isso é verdade, Anne? Quero saber!

— Talvez as suas plantas estivessem melhores se você não as puxasse pelas raízes, dia sim, dia não, para ver como elas estão indo na "outra extremidade" – esclareceu Marilla, com sarcasmo.

— Eu só puxei seis delas! – protestou Davy. — Queria ver se tinha larvas nas raízes. Milty Boulter falou que se a culpa não era da lua, podia ser das larvas. Mas só achei uma única larva. Era uma larva grande, gorda, suculenta e enrolada. *Botei ela* numa pedra, peguei outra e esmaguei. O *barulho* foi muito engraçado! Pena que não tinha mais. O jardim de Dora foi plantado ao mesmo tempo que o meu, e cresce bem direitinho. Não *pode* ser a lua – ele concluiu, em tom reflexivo.

— Marilla, olhe aquela macieira – disse Anne. — Ora, a árvore é quase humana. Está estendendo seus longos braços para puxar as próprias saias rosadas graciosamente, e provocar nossa admiração.

— Essas macieiras Duquesa Amarela sempre crescem bem – respondeu Marilla, complacentemente. — Aquela árvore vai estar carregada este ano. Fico muito contente... são ótimas para fazer tortas.

Mas nem Marilla, nem Anne, nem ninguém estava fadado a fazer tortas das maçãs da Duquesa Amarela naquele ano.

O dia vinte e três de maio chegou. Era um dia excepcionalmente abafado, como Anne e seu pequeno enxame de pupilos notaram melhor do que ninguém, sufocando de calor ao estudar frações e sintaxe na classe de Avonlea. Uma brisa quente soprou durante toda a manhã, mas, após o meio-dia, transformou-se numa pesada quietude. Às três e meia, Anne ouviu o baixo ressoar de um trovão. Despachou prontamente os alunos, de modo que todos conseguissem chegar em suas casas antes que começasse a chover.

Quando saíram ao pátio, Anne percebeu uma certa sombra e escuridão no ambiente, embora o sol continuasse brilhando. Annetta Bell

tomou sua mão nervosamente.

— Oh, professora, veja aquela nuvem terrível!

Anne olhou e proferiu uma exclamação de horror. À noroeste, aproximava-se rapidamente uma massa de nuvens, tal como ela nunca tinha visto em sua vida. Era muito negra, exceto onde as bordas curvadas mostravam um lívido branco apavorante. Havia um quê de indescritível ameaça enquanto se destacava sobre o claro céu azul. De vez em quando, era cruzada por um raio e seguida por um rugido feroz, e sua altitude estava tão baixa que quase parecia tocar os cumes das colinas arborizadas.

Mr. Harmon Andrews apareceu na colina em sua ruidosa carroça de carga, guiando os cavalos à maior velocidade possível. Deteve-se em frente à escola.

— Suspeito que o Tio Abe tenha acertado uma vez na vida, Anne – gritou. — A tempestade dele está vindo um pouco adiantada. Alguma vez você já viu uma nuvem igual àquela? Aqui, todos os seus alunos que vão para o mesmo lado da minha casa, subam; e os que moram em outras direções, corram para o posto dos correios, se tiverem que caminhar mais do que um quarto de milha, e fiquem lá até que passe o temporal.

Anne pegou Davy e Dora pela mão e voou colina abaixo, passando pela Rota das Bétulas, pelo Vale das Violetas e pelo Charco do Salgueiro, tão rápido quanto as perninhas dos gêmeos conseguiam ir. Chegaram a tempo em Green Gables e se reuniram na porta com Marilla, que estivera recolhendo os patos e galinhas para dentro do galinheiro. Quando entraram na cozinha, a luz pareceu desvanecer, como se tivesse sido afugentada por um sopro poderoso. A terrível nuvem cobriu o sol, e uma escuridão como a do final do crepúsculo estendeu-se pelo mundo. Ao mesmo tempo, com o estrondo de um trovão e a claridade ofuscante dos raios, o granizo começou a cair e cobrir a paisagem em sua fúria branca.

Em meio ao clamor da tempestade, ouviu-se o baque dos galhos quebrados golpeando a casa e o ruído de vidros estilhaçados. Em três minutos, cada vidraça das janelas oeste e norte estava quebrada, e o granizo entrava pelas aberturas cobrindo o chão com pedras, sendo a menor delas do tamanho de um ovo de galinha. Por três quartos de hora a tempestade rugiu sem pausa, e ninguém que a tenha sofrido jamais pôde esquecê-la. Marilla, completamente aterrorizada, perdeu a compostura uma vez na vida e ajoelhou-se junto à cadeira de balanço num canto da

cozinha, arfando e chorando entre o ressoar ensurdecedor dos trovões. Anne, branca como papel, tinha afastado o sofá da janela e se sentado com um gêmeo em cada lado. Davy, ao ouvir o primeiro estrondo, berrou:

— Anne, Anne, é o Dia do Julgamento? Anne, Anne, eu nunca quis ser travesso! – e enterrou o rosto no colo de Anne, permanecendo ali com seu corpinho trêmulo. Dora, um pouco pálida, porém muito calma, ficou sentada imóvel e em silêncio, com a mãozinha agarrada na mão de Anne. Pode-se duvidar que um terremoto fosse capaz de perturbar a tranquilidade de Dora.

Enfim, quase tão repentinamente quanto começou, a tempestade cessou. O granizo deixou de cair, os trovões se distanciaram para o oeste e o sol reapareceu, alegre e radiante, sobre um mundo tão modificado que parecia absurdo pensar que uma transformação como aquela pudesse ter acontecido em meros três quartos de hora.

Marilla ergueu-se, fraca e trêmula, e deixou-se cair na cadeira de balanço. Seu semblante estava extenuado, e parecia ter envelhecido dez anos.

— Todos nós conseguimos escapar daquilo com vida? – perguntou, solenemente.

— Pode apostar que sim! – foi a animada resposta de Davy, completamente dono de si novamente. — Não fiquei nem um pouco assustado... só no começo. Chegou tão de repente! Eu tinha decidido num piscar de olhos que não ia brigar com Teddy Sloane na segunda-feira, como tinha prometido, mas agora acho que vou! Diga, Dora, você se assustou?

— Sim, me assustei um pouco – admitiu, inabalada –, mas segurei firme a mão da Anne e repeti minhas orações sem parar.

— Bom, eu teria rezado também, se tivesse me lembrado... mas veja, eu saí são e salvo, que nem você, mesmo sem ter rezado – acrescentou, triunfante.

Anne serviu para Marilla um copo cheio de seu potente vinho de groselha – cuja *potência* Anne, em seus dias de infância, tivera uma boa razão para conhecer –, e então todos foram até a porta para contemplar um estranho cenário.

Ao longe, na amplitude, estendia-se um carpete branco de pedras de granizo até a altura dos joelhos. Havia montes delas acumulados sob os

beirais do telhado e sobre os degraus. Três ou quatro dias depois, quando as pedras derreteram, a destruição que causaram foi claramente vista, pois cada broto verde que crescia nos campos e jardins fora destruído. Não só as flores foram extirpadas das macieiras, mas enormes ramos e galhos tinham se quebrado. E das duzentas árvores recentemente plantadas pelos Melhoradores, a grande maioria foi arrancada pela raiz ou feita em pedaços.

— Será possível que este seja o mesmo mundo que tínhamos há apenas uma hora? – perguntou Anne, muito atordoada. — *Deve* ter levado mais tempo do que isso para ter acontecido tamanha destruição!

— Uma destruição igual a esta nunca tinha sido vista na Ilha de Prince Edward... nunca – lamentou Marilla. — Lembro-me de que houve uma tempestade terrível, quando eu era menina, mas aquela não foi nada em comparação a esta. Vamos ouvir notícias de destruições violentas, podem ter certeza.

— Espero que nenhum dos meus alunos tenha sido pego ao ar livre – murmurou Anne, ansiosa. Mais tarde, souberam que nenhuma das crianças fora afetada, visto que as que precisavam percorrer uma grande distância tomaram o excelente conselho de Mr. Andrews e buscaram refúgio no posto dos correios.

— Aí vem John Henry Carter – disse Marilla.

John Henry vinha chutando o granizo com uma expressão assustada no rosto.

— Oh, não é terrível, Miss Cuthbert? Mr. Harrison mandou-me vir aqui para ver se estão todos bem.

— Nenhum de nós foi morto – ela respondeu, sombria – e nenhuma das construções foi atingida. Espero que vocês tenham ficado igualmente bem.

— Sim, senhora. Não tão bem, senhora. Nós fomos atingidos. Caiu um raio na chaminé da cozinha e veio pelo cano da fumaça, atingiu a gaiola de Ginger, abriu um buraco no chão e foi parar no porão. Sim, senhora!

— Ginger foi ferido? – indagou Anne.

— Sim, senhora. Foi muito ferido. Foi morto.

Mais tarde, Anne foi até a fazenda de Mr. Harrison para consolá-lo. Encontrou-o sentado à mesa, acariciando o corpo morto de Ginger com a

mão estremecida.

— O pobre Ginger já não vai mais dizer inconveniências para a senhorita, Miss Anne – ele disse, com tristeza.

Anne nunca se imaginaria chorando por causa de Ginger, mas as lágrimas lhe vieram aos olhos.

— Era toda a companhia que eu tinha, Miss Anne... e agora ele está morto. Bem, bem, sou um velho tolo por me importar tanto. Vou fingir que não me importo. Sei que a senhorita dirá algo consolador assim que eu parar de falar... mas não faça isso. Se fizer, vou chorar como um bebê. Não foi uma tempestade infernal? Aposto que as pessoas não vão mais rir das previsões do Tio Abe. Parece que todas as tormentas que ele vem profetizando durante a vida inteira se apresentaram, todas de uma vez. E, mais do que isso, acertou até mesmo o dia, não foi? Veja só que bagunça temos aqui! Tenho que dar uma olhada por aí e apanhar algumas tábuas para fechar o buraco no chão.

Os habitantes de Avonlea não fizeram nada mais no outro dia, além de visitar uns aos outros e comparar os estragos. Em razão das pedras de granizo, as estradas estavam intransitáveis para as rodas, de modo que iam todos caminhando ou cavalgando. O correio chegou tarde, com más notícias de toda a província. Casas tinham sido atingidas, pessoas mortas e feridas, todo o sistema de telefonia e telegrafia estava desorganizado, e todos os animais que se encontravam expostos em campo aberto haviam morrido.

De manhã cedo, Tio Abe foi até o ferreiro e passou o dia inteiro lá. Era sua hora de triunfo, e ele a desfrutou plenamente. Seríamos injustos se afirmássemos que ele estava contente por ter ocorrido a tempestade; mas, já que havia ocorrido, estava muito feliz por sua previsão ter se cumprido – inclusive na data exata! Tio Abe esqueceu até que negara ter estabelecido uma data. E, quanto à ligeira discrepância com relação ao horário, isso não era nada.

Gilbert chegou a Green Gables ao entardecer, e encontrou Marilla e Anne ocupadas em pregar tiras de oleado[24] sobre as janelas quebradas.

— Só Deus sabe quando conseguiremos vidros! – exclamou Marilla. — Mr. Barry foi até Carmody esta tarde, mas não conseguiu nada, por amor ou por dinheiro. Os habitantes de Carmody já tinham limpado tudo dos armazéns de Lawson e de Blair às dez da manhã. A tempestade

em White Sands foi tão violenta quanto aqui em Avonlea, Gilbert?

— Eu diria que sim. Fiquei preso na escola com todas as crianças, e pensei que algumas ficariam loucas de pavor. Três desmaiaram, e duas meninas tiveram crise de histeria, e Tommy Blewett não fez outra coisa além de gritar a plenos pulmões durante todo o tempo.

— Eu só dei um gritinho! – disse Davy, orgulhoso. — Meu jardim ficou todo esmagado e achatado... mas o da Dora também! – ele acrescentou, num tom que indicava que ainda existia bálsamo em Gileade[25].

Anne desceu correndo do quarto.

— Oh, Gilbert, já soube da notícia? A velha casa de Mr. Levi Boulter foi atingida por um raio, e completamente incendiada! Creio que sou extremamente perversa por me alegrar com *isso*, quando aconteceu tanta destruição. Mr. Boulter declarou que acredita que a S.M.A. tenha criado a tempestade através de magia para este propósito.

— Bem, uma coisa é certa: o "Observador" fez a reputação do Tio Abe como um profeta meteorológico. *A Tempestade do Tio Abe* vai parar nos anais da história local! Foi a coincidência mais extraordinária que tudo acontecesse justo no dia que escolhemos. Para falar a verdade, tenho um certo sentimento de culpa, como se eu realmente tivesse criado a tempestade "por magia". Mas podemos regozijar pela remoção da velha casa, visto que não há muito pelo que se alegrar a respeito das nossas mudas de árvores. Nem dez ficaram de pé.

— Ah, bem, vamos apenas ter que plantá-las de novo na próxima primavera – respondeu Anne, filosoficamente. — Essa é uma das coisas boas deste mundo... podemos estar seguros de que sempre haverá outras primaveras.

Capítulo XXV

Um Escândalo em Avonlea

Numa alegre manhã de junho, quinze dias após a tempestade do Tio Abe, Anne caminhava lentamente pelo quintal de Green Gables, vindo do jardim, e carregava nas mãos dois caules ressecados de narcisos brancos.

— Olhe, Marilla – ela disse, com tristeza, segurando as flores diante dos olhos da dama austera, que tinha o cabelo atado com um lenço de algodão verde e entrava na casa com um frango despenado –, estes foram os únicos botões que a tempestade poupou... e mesmo estes estão imperfeitos. Sinto tanto... queria levar alguns para o túmulo de Matthew. Ele sempre gostou tanto destas flores.

— Também sinto falta delas – admitiu Marilla –, apesar de não parecer certo ficar lamentando sobre as flores, quando tantas coisas piores aconteceram... toda a colheita está destruída, assim como as frutas.

— Mas as pessoas estão semeando as aveias novamente – respondeu Anne, alentadora –, e Mr. Harrison diz que se tivermos um bom verão, elas irão crescer, embora atrasadas. E minhas flores estão brotando outra vez... mas, oh, nada pode substituir os lírios de junho! A pobre Hester Gray também não receberá nenhum. Ontem à noite fui até o jardim dela, mas não havia nenhum. Tenho certeza de que ela sentirá falta das flores.

— Não acho certo você falar essas coisas, Anne, realmente não acho! – repreendeu Marilla, com severidade. — Hester Gray morreu há mais de trinta anos, e seu espírito está no céu... assim espero.

— Sim, mas eu acredito que ela ainda ama seu jardim que ficou aqui, e continua a se lembrar dele. Estou convicta de que gostaria de olhar para baixo e ver alguém depositando flores em meu túmulo, não importando há quanto tempo eu estivesse no céu. Se eu tivesse um jardim aqui como o de Hester Gray, demoraria mais de trinta anos, mesmo no céu, para que eu o esquecesse, e sentiria nostalgia ao recordar.

— Bem, não deixe que os gêmeos a ouçam falar dessa maneira – foi o fraco protesto de Marilla, ao carregar o frango para dentro de casa.

Anne prendeu os narcisos no cabelo e foi até o portão da alameda, onde deteve-se por alguns minutos a desfrutar do sol de junho antes de atender às suas tarefas matinais de sábado. O mundo tornava a surgir em sua forma adorável. A velha Mãe Natureza fazia o máximo esforço para remover os traços da tempestade, e, apesar de não ter êxito completo por muitas luas, estava realmente operando maravilhas.

— Só queria ficar ociosa hoje o dia inteiro – disse Anne a um pássaro azul que cantava pousado num galho de salgueiro –, mas uma professora, que também está ajudando a educar gêmeos, não pode se dar ao luxo da ociosidade, passarinho. Como é doce o seu canto, amiguinho! Você está colocando os sentimentos do meu coração numa canção muito mais bonita do que seria se eu mesma pudesse cantar! Ora, quem está vindo?

Uma charrete vinha sacolejando pela alameda, com duas pessoas no assento e um grande baú atrás. Quando se aproximaram, Anne reconheceu o condutor como o filho do oficial da estação de Bright River, mas sua companheira era uma estranha... um fragmento de mulher que saltou agilmente diante do portão, praticamente antes que o cavalo se detivesse. Era uma pessoinha muito bonita, evidentemente mais próxima dos cinquenta anos do que dos quarenta, mas com bochechas rosadas, brilhantes olhos negros e cabelo também negro e brilhante, coroado por um maravilhoso chapéu adornado de flores e plumas. Apesar de ter viajado oito milhas por uma estrada poeirenta, ela estava tão limpa quanto se tivesse recém saído de uma caixa de chapelaria.

— É aqui que vive Mr. James A. Harrison? – inquiriu, rapidamente.

— Não, Mr. Harrison vive mais adiante – respondeu Anne, completamente admirada.

— Bem, eu *realmente* achei que este lugar parecia asseado demais... asseado *demais* para James A. viver aqui, a não ser que tivesse mudado muito desde que o vi pela última vez – gorjeou a pequena dama. — É verdade que James A. está para se casar com uma dama desta comunidade?

— Não, oh, não! – exclamou Anne, ruborizada, sentindo-se tão culpada a ponto de despertar o olhar curioso da estranha, como se suspeitasse dos projetos matrimoniais a respeito de Mr. Harrison.

— Mas eu li no jornal da Ilha! – insistiu a bela desconhecida. —

Uma amiga enviou-me um exemplar com a nota sublinhada... amigas são sempre tão prestativas para fazer essas coisas. O nome de James A. estava escrito abaixo de “um novo cidadão”.

— Oh, aquela nota era só uma piada! – arfou Anne. — Mr. Harrison não tem a intenção de se casar com *ninguém*. Eu posso lhe garantir.

— Estou muito contente em saber – disse a dama rosada, voltando agilmente para seu assento na charrete –, porque acontece que ele já é casado.

Eu sou a esposa dele. Oh, pode ficar surpresa! Presumo que ele se fez passar por solteiro, e partiu corações a torto e a direito. Bem, bem, James A. – acenando vigorosamente para os campos em direção à grande casa branca –, acabou a diversão! Estou aqui... apesar de que não teria me abalado para vir se não tivesse pensado que você estava envolvido em alguma travessura. Acredito – voltando-se para Anne – que aquele papagaio está tão profano como sempre...?

— O papagaio... está morto... eu *acho* – arquejou a pobre Anne, que, naquele exato momento, não conseguiria sentir-se segura de seu próprio nome.

— Morto? Tudo vai ficar bem, então! – respondeu a dama rosada, em júbilo. — Posso manobrar James A. se aquele pássaro estiver fora do caminho.

Com esta declaração enigmática, ela seguiu alegremente pela estrada, e Anne voou até a porta da cozinha para encontrar Marilla.

— Anne, quem era aquela mulher?

— Marilla, eu pareço como se estivesse louca? – perguntou com ar solene, mas com o olhar desvairado.

— Não mais do que de costume – respondeu Marilla, sem intenção de ser irônica.

— Bem, então, parece que eu estou acordada?

— Anne, que bobagem é essa? Perguntei quem era aquela mulher!

— Marilla, se eu não estou louca e nem sonhando, ela não pode ser feita da mesma substância dos sonhos... ela deve ser real. De qualquer maneira, estou certa de que não conseguiria imaginar um chapéu como aquele. Ela diz que é esposa de Mr. Harrison, Marilla!

Foi a vez de Marilla surpreender-se.

— Esposa dele? Anne Shirley! Então, por que é que ele está se passando por solteiro?

— Não acho que ele tenha feito isso de verdade – redarguiu Anne, tentando ser justa. — Ele nunca disse que não era casado. As pessoas simplesmente tomaram como certo que ele não era. Oh, Marilla, o que Mrs. Lynde dirá sobre isso?

Descobriram o que Mrs. Lynde tinha a dizer quando a referida senhora foi a Green Gables no final da tarde. Mrs. Lynde não estava surpresa! Mrs. Lynde sempre tinha esperado por algo desse tipo. Mrs. Lynde sempre soube que havia *algo estranho* com relação ao Mr. Harrison!

— E pensar em sua esposa abandonada! – ela disse, indignada. — Essa notícia é como aquelas que acontecem nos Estados Unidos e nós lemos a respeito, mas quem poderia imaginar algo assim acontecendo bem aqui em Avonlea?

— Mas nós não sabemos se ele a abandonou! – protestou Anne, determinada a acreditar na inocência de seu amigo até que fosse provado o contrário. — Não sabemos como as coisas aconteceram.

— Bem, saberemos em breve. Estou indo diretamente para lá – disse Mrs. Lynde, que nunca soubera da existência da palavra *delicadeza* no dicionário. — Supõe-se que eu não saiba nada sobre a chegada dela, e Mr. Harrison estava para trazer hoje, de Carmody, uns medicamentos para Thomas; então, esta será uma boa desculpa! Descobrirei toda a história e virei para contar no caminho de volta.

Mrs. Lynde se precipitou num terreno onde Anne jamais teria se atrevido a pisar. Nada no mundo poderia induzi-la a ir à casa de Mr. Harrison, mas a jovem possuía sua natural e própria porção de curiosidade, e sentia-se secretamente satisfeita pelo fato de Mrs. Lynde ter ido resolver o mistério. Ela e Marilla aguardaram ansiosamente o retorno da boa senhora, mas esperaram em vão. Mrs. Lynde não retornou a Green Gables naquela noite. Davy, ao regressar às nove horas da casa dos Boulter, explicou o porquê.

— Encontrei a Mrs. Lynde e uma mulher estranha no vale – disse ele – e, por Deus, como falavam as duas ao mesmo tempo! Mrs. Lynde me pediu para dizer a vocês que sentia muito, mas estava muito tarde para vir esta noite. Anne, estou terrivelmente faminto! Tomamos o chá na casa do

Milty às quatro, e achei a Mrs. Boulter muito malvada! Não nos deu nada de compotas, nem bolo... e até mesmo o pão era escasso!

— Davy, quando você vai visitar alguém, nunca deve criticar nada que lhe for oferecido para comer – advertiu Anne, em tom solene. — É muita falta de educação.

— Tudo bem... não vou falar, vou só pensar isso! – respondeu, muito animado. — Anne, dê alguma coisa para um pobre rapaz comer!

Anne olhou para Marilla, que a seguiu até a despensa e fechou a porta cuidadosamente.

— Pode pôr um pouco de geleia no pão de Davy. Sei muito bem como servem o chá na casa de Levi Boulter.

Davy recebeu a fatia de pão com geleia com um suspiro.

— Este é um mundo meio decepcionante, afinal – ele afirmou. — Milty tem uma gata que sofre ataques... todos os dias, durante três semanas, ela teve um. Milty falou que é muito engraçado de ver! Eu fui lá hoje para ver um ataque, mas a miserável coisinha não teve nenhum, e só ficou mais e mais saudável, apesar de nós rondarmos a tarde inteira e esperarmos. Mas não importa... – Davy iluminou-se à medida que o insidioso conforto da geleia de ameixas se instalava em seu ser – pode ser que eu ainda consiga *ver ela* tendo um ataque outro dia. Não é provável que a gata tenha deixado de sofrer de uma vez, quando já estava acostumada com os ataques, não é? Esta geleia é muitíssimo deliciosa!

Davy não tinha tristezas que a geleia de ameixas não pudesse curar.

O domingo foi tão chuvoso que não houve fofocas pelos arredores, mas na segunda-feira todos já tinham ouvido alguma versão da história de Mr. Harrison. A escola esteve plena de burburinho e Davy chegou em casa cheio de informações.

— Marilla, Mr. Harrison tem uma nova esposa... bom, não exatamente *nova*, mas Milty falou que eles pararam de estar casados por um tempo. Sempre achei que as pessoas tinham que continuar a estar casadas, já que começaram, mas Milty falou que não, porque existem umas formas de parar se você não consegue aguentar. Ele falou que uma das formas é só ir embora e deixar a esposa, e foi isso que o Mr. Harrison fez. Falou que o Mr. Harrison *abandonou ela* porque ela atirava coisas nele... coisas *duras*... e Arty Sloane falou que foi porque ela não *deixava ele* fumar, e Ned Clay falou que foi porque ela nunca parava de *criticar*

ele. Eu não deixaria a *minha* esposa por nada disso! Só bateria o pé no chão e diria: *"Mrs. Davy, você tem que fazer o que eu gosto, porque eu sou um homem!"* Acho que *isso deixaria ela* calma rapidinho. Mas Annetta Clay falou que foi ela que *deixou ele*, porque ele não limpava as botas na porta antes de entrar, e que ela não culpa a esposa por isso. Vou na casa do Mr. Harrison agora mesmo para ver como ela é!

Davy logo retornou, um pouco abatido.

— Mrs. Harrison não estava... ela foi até Carmody com a Mrs. Rachel Lynde, para comprar um novo papel de parede para a sala de visitas. E o Mr. Harrison pediu que eu falasse a Anne para ir até lá, pois ele quer conversar com ela. E eu digo mais, o chão está limpo e o Mr. Harrison está com a barba feita, apesar de ele não ter ido à igreja ontem.

A cozinha de Mr. Harrison não parecia nada familiar para Anne. O piso estava, de fato, limpo até um maravilhoso grau de pureza, do mesmo modo que cada artigo de mobiliário daquele aposento. O forno estava polido, e era possível ver seu rosto refletido nele; as paredes haviam sido pintadas de branco e os vidros da janela brilhavam sob a luz do sol. Ao lado da mesa estava sentado Mr. Harrison, usando suas roupas de trabalho – roupas essas que apresentavam vários rasgos e buracos na sexta-feira, mas que agora estavam nitidamente remendadas e escovadas. Seu rosto estava barbeado com esmero, e o pouco cabelo que restava fora cuidadosamente cortado.

— Sente-se, Miss Anne, sente-se – ele disse, num tom de voz bem mais baixo do que o tom usado nos funerais pelas pessoas de Avonlea. — Emily foi até Carmody com Rachel Lynde... já firmou uma amizade eterna com aquela senhora. Admira-me o quão contraditórias são as mulheres. Bem, Miss Anne, meus tempos de tranquilidade se acabaram... acabaram. Presumo que, de agora em diante, seja só limpeza e organização, para o resto da minha vida natural.

Mr. Harrison fez o possível para falar pesarosamente, mas um irreprimível brilho em seus olhos o traiu.

— Mr. Harrison, o senhor está contente com o retorno de sua esposa! – exclamou Anne, sacudindo o dedo para ele. — Não precisa fingir que não está, pois eu consigo ver claramente!

Mr. Harrison relaxou em um sorriso acanhado.

— Bem... bem... estou me acostumando – confessou. — Não posso

dizer que lamento por vê-la. Um homem realmente precisa de certa proteção em uma comunidade como esta, onde não se pode jogar xadrez com o vizinho sem ser acusado de ter a intenção de se casar com a irmã dele, e sem que isso seja publicado no jornal.

— Ninguém teria pensado que o senhor estava cortejando Isabella Andrews se não tivesse fingido ser solteiro – disse Anne, com severidade.

— Não fingi que era. Se alguém tivesse perguntado se eu era casado, eu teria dito que era. Mas deram as coisas por certas. E eu não estava ansioso para falar sobre o assunto... era muito doloroso. Mrs. Rachel Lynde teria muito a dizer se soubesse que minha esposa tinha me deixado, não teria?

— Mas alguns dizem que foi o senhor que a deixou.

— Ela começou, Miss Anne, ela começou! Vou lhe contar toda a história, pois não quero que a senhorita pense o pior de mim, mais do que mereço... e nem de Emily, também. Mas vamos para a varanda. Tudo aqui está tão assustadoramente limpo que me faz sentir saudade da casa como era antes. Creio que me acostumarei, depois de um tempo... mas, por agora, me alivia olhar para o quintal. Emily ainda não teve tempo de limpá-lo.

Assim que se sentaram confortavelmente na varanda, Mr. Harrison começou o relato de seus infortúnios.

— Eu vivia em Scottsford, New Brunswick, antes de vir para cá, Miss Anne. Minha irmã cuidava da casa para mim, e o fazia muito bem; nossa casa era razoavelmente limpa, ela me deixava em paz e me enchia de mimos... como Emily sempre diz. Porém, três anos atrás, ela morreu. Antes de morrer, ela – que se preocupava muito com o que seria de mim – finalmente fez com que eu prometesse que me casaria. Aconselhou-me a casar com Emily Scott, que tinha seu próprio dinheiro e era uma dona de casa padrão. Eu disse a ela: *"Emily Scott nunca olharia para mim."* E minha irmã respondeu: *"Peça-a em casamento e veja"*, e, só para tranquilizá-la, prometi que faria isso... e fiz. E Emily aceitou meu pedido. Nunca na minha vida fiquei tão surpreso, Miss Anne... uma mulherzinha inteligente e linda como aquela, e um velho camarada como eu. Vou lhe dizer, pensei a princípio que estava com sorte. Bem, nós nos casamos e fizemos uma curta viagem de quinze dias a St. John, e então voltamos para casa. Chegamos às dez horas da noite, e eu dou minha palavra, Miss

Anne, de que em meia hora aquela mulher estava ao trabalho, limpando a casa! Oh, sei que está pensando que minha casa precisava... a senhorita tem um rosto muito expressivo, Miss Anne, seus pensamentos estão todos refletidos nele... mas não precisava, não tanto assim. Admito que tinha ficado muito bagunçada quando eu estava solteiro, mas antes do casamento levei uma mulher para que fizesse uma boa limpeza e fiz alguns reparos e pintura. Eu lhe asseguro que, se a senhorita levar Emily para um palácio de marfim novinho, ela vai começar a esfregar assim que conseguir pôr um vestido velho. Bem, ela ficou limpando a casa até à uma da madrugada naquela noite, e às quatro horas estava de pé, limpando novamente. E assim ela continuou... e, até onde consegui perceber, nunca parou. Era um tal de arear, varrer e tirar o pó interminável, exceto aos domingos, quando ela estava ansiando pela segunda-feira para começar tudo de novo! Essa era a maneira na qual ela se divertia, e eu poderia ter me reconciliado com isso se ela tivesse me deixado em paz. Mas isso ela não fez. Estava decidida a transformar-me, mas não havia me pego jovem o bastante. Não permitia que eu entrasse em casa, a menos que trocasse as botas por chinelos na porta. Não ousava fumar meu cachimbo, a não ser que fosse para o estábulo. E minha linguagem não era suficientemente correta. Emily tinha sido professora quando era bem jovem, e nunca passou por cima disso. Também odiava me ver comendo com minha faca. Bem, e assim era, provocação e implicância sem fim! Entretanto, para ser justo, Miss Anne, presumo que eu era teimoso também. Não tentei melhorar como deveria ter feito... só ficava mal-humorado e desagradável quando ela apontava minhas faltas. Certa vez, falei que ela não tinha reclamado da minha linguagem quando a pedi em casamento. Não foi uma coisa muito educada de se dizer. Uma mulher perdoaria um homem por agredi-la com mais facilidade do que por dar a entender que ela estava muito ansiosa para agarrá-lo. Bem, continuamos brigando assim, e isso não era exatamente agradável, mas teríamos nos acostumado um ao outro após um tempo, se não fosse por causa de Ginger. O papagaio foi a gota d’água. Emily não gostava de papagaios, e não podia suportar o profano modo de falar de Ginger. Eu gostava do pássaro por causa do meu irmão marinheiro. Ele era o meu irmão favorito quando éramos crianças, e enviou-me Ginger quando estava morrendo. Eu não via nenhum sentido em preocupar-me tanto com seu modo de xingar. Não há

nada que eu odeie mais do que isso em uma pessoa, mas em um papagaio, que só o que faz é repetir o que ouve, sem entender mais do que eu entenderia o chinês, podem ser feitas concessões. Mas Emily não conseguia entender! Mulheres não são lógicas. Empenhava-se em fazer Ginger parar de xingar, mas não parecia ter mais êxito do que tinha tentando me fazer parar de dizer “já sei” e “essas coisas”. Parecia que quanto mais ela se empenhava, pior Ginger ficava, assim como eu.

Mr. Harrison fez uma pausa, deu um suspiro e prosseguiu:

— Bem, as coisas continuaram assim, ambos ficando mais irritados, até que veio o *auge do problema*. Emily convidou nosso ministro e a esposa para o chá, e outro ministro e a esposa dele, que estavam de visita. Prometi colocar Ginger em um lugar seguro, onde ninguém poderia ouvi-lo... Emily não tocava na gaiola nem com uma vara de três metros... e eu tinha a intenção de fazer isso, pois não queria que os ministros ouvissem nada desagradável em minha casa. Mas isso *saiu da minha mente*... Emily estava me enlouquecendo por causa dos colarinhos limpos e da minha linguagem, que já era de se esperar... e nunca mais pensei no pobre pássaro, até que nos sentamos para o chá. Justo quando o ministro número um estava bem no meio da oração, Ginger, que estava na varanda diante da janela que abria para a sala de jantar, ergueu *sua* voz. Ele tinha avistado um peru no quintal, e a visão de um peru sempre surtia um efeito prejudicial em Ginger. E, aquela vez, ele se superou. Pode rir, Miss Anne, não nego que eu mesmo já ri por causa disso muitas vezes desde então, mas naquele momento me senti quase tão mortificado quanto Emily. Saí dali e levei Ginger para o estábulo. Não posso dizer que desfrutei da refeição. Sabia, pela expressão de Emily, que algo estava sendo preparado para Ginger e James. Quando as visitas foram embora, fui até o pasto das vacas, e no caminho meditei sobre algumas coisas. Lamentava por Emily e suspeitava que não tinha sido tão atencioso com ela como deveria. E, além disso, questionava se os ministros pensaram que Ginger tinha aprendido aquele vocabulário comigo. Assim como as coisas estavam, decidi que teria que me desfazer misericordiosamente de Ginger, e depois de levar as vacas para o estábulo, fui contar a Emily o que iria fazer. Mas Emily não estava lá, só havia uma carta na mesa... bem de acordo com a regra dos romances. Na carta, Emily dizia que eu teria que escolher entre ela e Ginger. Tinha voltado para sua própria casa, e ali permaneceria até que eu

a procurasse e lhe dissesse que tinha me livrado do papagaio.

— Fiquei tão irritado, Miss Anne, e falei que ela podia ficar esperando até o Dia do Juízo Final, e persisti nisso. Empacotei todos os seus pertences e enviei para ela. Isso deu lugar a um terrível falatório... Scottsford é quase tão ruim quanto Avonlea nesse quesito... e todos se solidarizaram com Emily. Isso me deixou completamente furioso e irritado, e vi que precisaria ir embora, ou nunca teria paz. Concluí que teria que vir para a Ilha. Eu já tinha estado aqui quando era menino, e tinha gostado muito, mas Emily sempre dissera que nunca viveria em um lugar onde as pessoas tivessem medo de passear depois do crepúsculo, por receio de cair no mar. Então, só para contrariar, resolvi me mudar para cá. E isso é tudo. Eu não tive mais notícias de Emily ou a respeito dela até voltar para casa no sábado, quando estava vindo do campo de trás... e a encontrei aqui esfregando o chão, mas com o jantar pronto na mesa... a primeira refeição decente que comi desde que ela me deixou. Disse-me para comer primeiro, e então conversaríamos... de modo que concluí que Emily havia aprendido algumas lições sobre como lidar com um homem. Então, aqui ela está, e aqui ficará... ao ver que Ginger está morto, e que a Ilha é um pouco maior do que ela imaginou. Aí estão vindo, Mrs. Lynde e ela. Não, não vá, Miss Anne. Fique, e conheça Emily. Já se viram no sábado... ela queria saber quem é a linda jovem ruiva que mora na fazenda ao lado.

Mrs. Harrison saudou Anne de forma radiante, e insistiu que ela ficasse para o chá.

— James A. estava me contando tudo sobre você, e quão gentil você tem sido, trazendo bolos e coisas para ele – disse ela. — Quero conhecer todos os meus novos vizinhos, assim que possível. Mrs. Lynde é uma mulher adorável, não é? Tão amigável!

Quando Anne voltou para casa, em meio ao doce crepúsculo de junho, Mrs. Harrison a acompanhou através dos campos, onde os vagalumes acendiam suas lamparinas.

— Suponho que James A. contou nossa história a você? – perguntou Mrs. Harrison, confidencialmente.

— Sim.

— Então não preciso contá-la, pois James A. é um homem justo e sempre diz a verdade. A culpa está longe de ser toda dele. Agora consigo

enxergar. Não fazia uma hora que eu tinha voltado para minha casa quando desejei não ter sido tão apressada, mas não iria dar o braço a torcer. Percebo agora que esperava muito de um homem. E fui realmente muito boba por me importar com seu péssimo vocabulário. Não importa se um homem não sabe falar de forma apropriada, desde que seja um bom provedor e não ande rondando a despensa para ver quanto açúcar você usou em uma semana. Sinto que James A. e eu seremos muito felizes agora. Queria saber quem é o "Observador" para poder agradecer. Tenho com ele uma verdadeira dívida de gratidão.

Anne manteve seu segredo, e Mrs. Harrison nunca soube que sua gratidão chegara a seu destino. Anne sentiu-se um pouco perplexa ao pensar nas extensas consequências daquelas tolas "Notas de Avonlea", que haviam reconciliado um homem com sua esposa, e criado a reputação de um profeta.

Mrs. Lynde estava na cozinha de Green Gables. Estivera contando toda a história para Marilla.

— Bem, e o que você achou de Mrs. Harrison? – ela perguntou a Anne.

— Gostei muito dela. Creio que seja uma esplêndida mulherzinha.

— É exatamente o que ela é – redarguiu Mrs. Lynde, com ênfase –, e eu estava dizendo a Marilla que, em consideração a ela, devemos fazer vistas grossas para as peculiaridades de Mr. Harrison e tentar fazer com que ela se sinta em casa aqui, isto é que é. Bem, preciso ir embora. Thomas deve estar reclamando da minha ausência. Desde que Eliza veio, posso sair um pouco, e ele parece estar muito melhor nestes últimos dias; mas não gosto de passar muito tempo longe dele. Eu soube que Gilbert Blythe renunciou à vaga de professor em White Sands. Suponho que irá para a universidade no outono.

Mrs. Lynde encarou a jovem com um olhar penetrante, mas Anne estava inclinada sobre o sonolento Davy, que adormecera no sofá, e nada se podia ler em seu semblante. Ela carregou o pequeno, apoiando a bochecha contra a loira cabecinha cacheada. Enquanto subiam as escadas, Davy lançou um braço cansado em torno do pescoço de Anne, e lhe deu um caloroso abraço e um beijo pegajoso.

— Você é muitíssimo boa, Anne! Milty Boulter escreveu na lousa hoje, e mostrou para Jennie Sloane: "*Rosas são vermelhas e violetas são*

azuis, o mel é doce, e assim também és tu." E isso expressa exatamente os meus sentimentos por você, Anne.

Capítulo XXVI

A Curva no Caminho

Thomas Lynde despediu-se da vida tão tranquila e discretamente quanto a viveu. Sua esposa foi uma enfermeira terna, paciente e incansável. Em outros tempos, quando seu até então saudável Thomas a provocava com sua lentidão e docilidade, Rachel tinha sido um pouco dura. Porém, quando ele adoeceu, nenhuma voz era mais suave, nenhum toque mais sutil e habilidoso, nenhuma vigília mais voluntária.

— Você tem sido uma boa esposa para mim, Rachel – disse ele uma vez, com simplicidade, quando ela estava sentada ao seu lado ao entardecer, segurando-lhe a mão envelhecida, magra e pálida, entre as suas mãos calosas devido ao trabalho duro. — Uma boa esposa. Lamento não deixá-la melhor assistida, mas nossos filhos cuidarão de você. São todos inteligentes e capazes, iguais à mãe. Uma boa mãe... uma boa mulher...

Então ele dormiu, e na manhã seguinte, justo quando a branca alvorada deslizava sobre a copa dos pontiagudos pinheiros do vale, Marilla subiu gentilmente ao quartinho do lado leste do sótão e acordou Anne.

— Anne, Thomas Lynde se foi... o ajudante recém trouxe a notícia. Estou indo agora mesmo para ver Rachel.

Um dia depois do funeral de Thomas Lynde, Marilla caminhava por Green Gables com um ar estranhamente preocupado. Olhava ocasionalmente para Anne, parecendo estar prestes a dizer alguma coisa; então, balançava a cabeça e apertava os lábios. Após o chá, foi ver como estava Mrs. Lynde e, quando retornou, subiu até o quarto de Anne, onde ela estava corrigindo os trabalhos escolares.

— Como está Mrs. Lynde esta noite?

— Sentindo-se um pouco mais calma e mais tranquila – respondeu Marilla, sentando-se na cama de Anne. Este ato anunciava alguma estranha excitação mental, pois, de acordo com o código de ética caseira de Marilla, sentar-se numa cama já estendida era uma ofensa imperdoável. — Mas está muito solitária. Eliza teve que voltar para casa hoje... o filho dela não está bem, e ela sentia que não poderia ficar mais tempo.

— Quando eu terminar estes exercícios, vou correr até lá e conversar com Mrs. Lynde – disse Anne. — Pretendia estudar um pouco de composição latina, mas posso esperar.

— Suponho que Gilbert Blythe vá para a universidade no outono – disse Marilla, abruptamente. — Você gostaria de ir, Anne?

Anne levantou o olhar com espanto.

— É claro que eu gostaria de ir, Marilla. Mas isso não é possível.

— Creio que seja. Sempre acreditei que você deveria ir. Nunca me senti confortável ao pensar que você estava abandonando tudo por minha causa.

— Marilla, nunca lamentei, nem por um momento, por ter ficado em casa. Tenho sido tão feliz... oh, estes últimos dois anos têm sido encantadores!

— Oh, sim, sei que você está bem contente. Mas não é esta a questão exatamente. Você tem que dar continuidade aos seus estudos. Você economizou o suficiente para mantê-la em Redmond por um ano, e com o dinheiro da venda do gado, vai dar para mais um ano... e existem bolsas e prêmios que você pode ganhar.

— Sim, mas não posso ir, Marilla. Seus olhos estão melhores, é claro, mas não posso deixá-la sozinha com os gêmeos. Eles precisam de tanto cuidado!

— Eu não estarei sozinha com eles. Era isso que eu queria discutir com você. Tive uma longa conversa com Rachel esta noite. Anne, ela se sente terrivelmente mal por inumeráveis questões. Não ficou em uma boa situação econômica. Parece que eles hipotecaram a fazenda, oito anos atrás, para ajudar o filho caçula a começar a vida quando foi para o oeste, e nunca conseguiram pagar muito mais do que os juros desde então. E depois, é claro, a doença de Thomas custou uma grande quantia, de um jeito ou de outro. A fazenda terá que ser vendida e Rachel acha que dificilmente sobrará algum dinheiro depois de pagar as contas. Disse que terá que ir morar com Eliza, e que está de coração partido ao pensar em sair de Avonlea. Uma mulher na idade dela não faz amizades e descobre novos interesses facilmente. E, Anne, enquanto ela me falava essas coisas, ocorreu-me a ideia de convidá-la para morar comigo, mas pensei que deveria conversar com você primeiro, antes de dizer qualquer coisa a ela. Se Rachel vier morar aqui, você pode ir para a universidade. O acha disso?

— Sinto... como se... alguém... tivesse me dado... a lua... e eu não soubesse... exatamente... o que fazer... com ela – balbuciou Anne, confusa. — Mas, quanto a convidar Mrs. Lynde para morar aqui, é uma decisão sua, Marilla. Você acha... tem certeza... de que vai gostar disso? Mrs. Lynde é uma boa pessoa e uma vizinha gentil, mas... mas...

— Mas tem seus defeitos, é o que você quer dizer? Bem, ela tem, é claro, mas acredito que preferiria suportar defeitos ainda piores, do que ver Rachel indo embora de Avonlea. Eu sentiria imensamente a falta dela. É a única amiga íntima que tenho aqui, e me sentiria perdida sem ela. Somos vizinhas há quarenta e cinco anos, e nunca tivemos uma discussão... apesar de termos chegado bem perto disso naquele dia em que você se zangou com ela por chamá-la de ruiva e desajeitada. Lembra-se, Anne?

— Creio que sim – respondeu, com melancolia. — As pessoas não esquecem coisas assim. Como odiei a pobre Mrs. Lynde naquele momento!

— E, então, aquelas “desculpas” que você pediu! Bem, você era uma mão cheia em todos os aspectos, Anne. Eu realmente me sentia intrigada e desnorteada sobre como orientá-la. Matthew soube entendê-la melhor.

— Matthew entendia tudo – disse Anne, suavemente, como sempre fazia ao falar sobre ele.

— Bem, penso que podemos nos ajeitar para que Rachel e eu não entremos em conflito. Sempre achei que a razão porque duas mulheres não podem se dar bem numa casa é porque tentam compartilhar a mesma cozinha, e ficam no caminho uma da outra. Agora, se Mrs. Lynde vier para cá, ela pode ficar com o quarto do lado norte para ser seu dormitório, e o quarto de hóspedes como cozinha, pois nós não precisamos de um quarto de hóspedes para nada. Ela pode colocar seu forno lá, e toda a mobília que quiser manter, e viver com conforto e independência. Rachel terá o bastante para viver, é claro... os filhos cuidarão disso...então, tudo que eu estaria dispondo para ela seria o quarto. Sim, Anne, no que diz respeito a mim, eu iria gostar.

— Então fale com ela– assentiu Anne, prontamente. — Eu mesma ficaria triste ao ver Mrs. Lynde indo embora.

— E, se ela vier, você poderá ir para a universidade. Ela fará

companhia para mim, e fará pelos gêmeos o que eu não posso fazer, então não há razão no mundo para que você não possa ir.

Anne meditou longamente diante de sua janela naquela noite. Em seu coração, lutavam a alegria e a dor. Ela havia chegado, enfim – repentina e inexplicavelmente – à curva no caminho, e ali estava a universidade, com uma centena de arco-íris de esperanças e visões. Mas compreendeu, também, que se tomasse esse caminho, deveria deixar para trás muitas coisas doces... todos os pequenos deveres e simples interesses que tinham se tornado tão queridos para ela nos últimos dois anos, glorificados de belezas e delícias, graças ao entusiasmo com que os realizava. Deveria deixar a escola... e amava cada um de seus alunos, mesmo os tolos e peraltas. E só de pensar no rostinho de Paul Irving fazia com que perguntasse a si mesma se Redmond College valia mesmo a pena, afinal.

— Durante os dois últimos anos, tenho plantado pequenas raízes – Anne disse à lua –, e quando forem arrancadas, vai doer muito. Mas é melhor ir, eu acho... e, como Marilla disse, não há outra razão para que eu não vá. Preciso colocar para fora todas as minhas ambições, e sacudi-las para tirar a poeira.

No dia seguinte, Anne enviou sua carta de renúncia aos administradores da escola, e Mrs. Lynde, após uma conversa sincera com Marilla, aceitou com gratidão o convite para viver em Green Gables. Entretanto, preferiu permanecer em sua própria casa durante o verão, pois a fazenda não seria vendida até o outono e ainda haviam muitos reparos a serem feitos.

“Eu certamente nunca pensei em viver tão longe da estrada quanto em Green Gables”, suspirou Mrs. Lynde para si mesma. “Mas, na verdade, aquele querido lugar não parece mais tão distante do mundo quanto antes... Anne tem vários amigos e os gêmeos tornam a casa muito animada. E, de qualquer maneira, eu preferiria viver no fundo de um poço a ter que deixar Avonlea.”

Estas duas decisões, sendo rapidamente divulgadas, depuseram as fofocas sobre a chegada de Mrs. Harrison de seu trono de popularidade. Mentes sábias estavam chocadas em razão do passo imprudente que Marilla Cuthbert estava dando ao convidar Mrs. Lynde para morar com ela. As pessoas opinavam que elas não conseguiriam viver juntas. Eram

ambas *"muito apegadas à sua própria maneira de ser"*, e diversas previsões deprimentes foram feitas, mas nenhuma delas perturbou as partes em questão. Haviam chegado a um claro e distinto entendimento sobre os respectivos deveres e direitos de seu novo acordo, e tinham a intenção de serem guiadas por eles.

— Não vou me intrometer com você e nem você comigo – disse Mrs. Lynde, decididamente –, e, com relação aos gêmeos, ficarei contente em fazer o que puder por eles, mas não vou me responsabilizar por responder às perguntas de Davy, isto é que é. Não sou uma enciclopédia ambulante, nem uma advogada da Filadélfia. Você sentirá falta de Anne para isso.

— Algumas vezes, as respostas de Anne são tão estranhas quanto as perguntas de Davy – respondeu Marilla, com secura. — Os gêmeos sentirão falta dela, sem dúvida, mas o futuro de Anne não pode ser sacrificado por causa da sede de informação de Davy. Quando ele fizer perguntas que não consigo responder, direi apenas que as crianças devem ser vistas, e não ouvidas. Foi assim que fui criada... e, não sei, mas foi uma forma tão boa quanto todas essas noções modernas de educação das crianças.

— Bem, os métodos de Anne parecem ter funcionado muito bem com Davy – replicou Mrs. Lynde, sorridente. — É um caráter reformado, isto é que é.

— Ele não é mau. Nunca esperei amar estas crianças tanto assim. Davy tem uma forma de nos cativar... e Dora é uma criança adorável, apesar de ser... meio que... bem, meio...

— Monótona? Exatamente – sugeriu Mrs. Lynde. — Como um livro cujas páginas são sempre as mesmas, isto é que é. Dora será uma mulher muito boa e confiável, mas nunca sairá da linha. Bem, é muito cômodo ter pessoas assim ao redor, ainda que não sejam tão interessantes quanto as do outro tipo.

Gilbert Blythe foi, provavelmente, a única pessoa a quem as notícias da renúncia de Anne ao cargo de professora não trouxeram sentimentos misturados. Seus alunos a consideraram uma completa catástrofe. Annetta Bell chegou histérica em casa. Anthony Pye deu vazão aos seus sentimentos lutando e vencendo duas batalhas não provocadas com outros companheiros. Barbara Shaw chorou a noite inteira. Paul

Irving disse à avó, em tom desafiante, que ela não esperasse que ele comesse mingau por uma semana.

— Não consigo, vovó! – ele exclamou. — Realmente não sei se consigo comer *coisa alguma*. Sinto como se tivesse um terrível nó na garganta. Eu teria chorado no caminho de volta para casa, se Jake Donnell não estivesse me olhando. Creio que vou cair em lágrimas quando for para a cama. Não vai aparecer nos meus olhos amanhã, vai? Será um grande alívio! Mas, de qualquer maneira, não consigo comer mingau. Precisarei de toda a minha força de vontade para suportar tudo isso, vovó, e não vai sobrar nada para lutar com a refeição. Oh, vovó, não sei o que vou fazer quando minha linda professora se for! Milty Boulter disse que aposta que Jane Andrews ficará com o colégio. Suponho que Miss Andrews seja muito boa. Mas sei que ela não vai *entender as coisas* como Miss Shirley.

Diana também considerou a novidade de modo pessimista.

— O próximo inverno aqui será terrivelmente solitário – murmurou, ao anoitecer, quando a luz da lua estava derramando “prata etérea” através dos ramos da cerejeira, e enchendo o quartinho do lado leste com um resplendor suave, parecendo um sonho, no qual as meninas estavam sentadas conversando, Anne em sua pequena cadeira de balanço e Diana sentada “à la turca” na cama.

— Você e Gilbert terão ido... e os Allans também. Mr. Allan foi chamado para Charlottetown, e é claro que ele vai aceitar. É terrível. Suponho que o cargo ficará vago durante todo o inverno, e teremos que suportar uma longa lista de candidatos ao presbitério... e a metade deles não servirá nem de longe.

— Espero que não chamem Mr. Baxter, de East Grafton para cá – comentou Anne, resolutamente. — Ele quer esta paróquia, mas faz uns sermões tão sombrios. Mr. Bell alega que ele é um ministro da velha escola, mas Mrs. Lynde disse que não há nada errado com ele, além de indigestão. A esposa dele não é muito boa cozinheira, ao que parece, e Mrs. Lynde diz que quando um homem tem que comer pão azedo durante duas semanas em cada três, sua teologia está fadada a ter algum defeito em alguma parte. Mrs. Allan lamenta muitíssimo ter que ir embora. Ela afirmou que todos têm sido tão gentis desde que ela chegou aqui, quando era recém-casada, que sente como se estivesse deixando amigos da vida inteira. E, além disso, tem o túmulo do bebê, você sabe. Ela diz que não sabe como

poderá ir embora, e deixá-lo aqui... era tão pequenininho, tinha só três meses de vida, e ela acha que ele vai sentir falta de sua mãe – apesar de que por nada nesse mundo ela diria isso ao Mr. Allan. Contou-me que quase todas as noites ela desliza pela alameda de bétulas atrás da casa paroquial até o cemitério, e canta uma canção de ninar para ele. Contou-me tudo isso ontem, ao entardecer, enquanto eu estava lá colocando algumas rosas silvestres no túmulo de Matthew. Prometi a ela que, enquanto eu estiver em Avonlea, colocarei flores no túmulo do bebê, e quando eu estivesse longe, estava segura de que...

— Que eu faria isso – finalizou Diana, com todo o coração. — É claro que farei. E colocarei flores na tumba de Matthew também, Anne, por você.

— Oh, obrigada! Eu tinha a intenção de lhe pedir. E no túmulo de Hester Gray também? Por favor, não se esqueça dela! Sabe, tenho pensado e sonhado tanto com a pequena Hester Gray, que ela tem se tornado estranhamente real para mim. Penso nela, em seu pequeno jardim, naquele recanto fresco, verde e sossegado, e tenho a sensação de que, se eu pudesse entrar às escondidas num destes entardeceres de primavera, justo naquela hora mágica que separa a luz das sombras, e subisse pela colina de faias, tão suavemente para que meus passos não pudessem assustá-la, iria encontrar o jardim tal como era, com seus lírios e rosas temporãs, e a casinha coberta de vinhas. E a pequena Hester estaria ali, com os olhos suaves e o vento que brincaria com seu cabelo escuro, vagando, acariciando os lírios com a ponta dos dedos e sussurrando segredos para as rosas. E eu entraria tão, tão suavemente, estendendo as mãos e dizendo a ela: *"Pequena Hester Gray, você permitiria que eu fosse sua companheira de brincadeiras, já que também amo as rosas?"* E nós nos sentaríamos no velho banco, e conversaríamos e sonharíamos um pouco... ou, quem sabe, só ficaríamos lado a lado, lindamente silenciosas. E, então, a lua sairia e eu olharia ao redor... e não haveria Hester Gray e nenhuma casinha com vinhas penduradas, e nenhuma rosa... somente o velho e abandonado jardim, coberto de lírios de junho por entre o gramado, e o vento sussurrando, oh, tão tristemente pelos ramos das cerejeiras! E eu não saberia se tinha sido real, ou se eu havia imaginado tudo isso.

Diana se encolheu e apoiou as costas contra a cabeceira da cama. Quando, na hora do crepúsculo, sua amiga começa a narrar coisas tão

assombrosas, você seria capaz de imaginar que existe alguma coisa espreitando pelas suas costas.

— Temo que a Sociedade de Melhorias vai decair quando não estiverem nem você e nem Gilbert por aqui – Diana observou, tristemente.

— Eu não temo nem um pouco! – respondeu Anne, animada, voltando da terra dos sonhos para os assuntos práticos da vida. — A Sociedade está muito firmemente estabelecida para isso, especialmente considerando que os cidadãos mais idosos estão tão entusiasmados com ela. Veja o que estão fazendo neste verão por seus gramados e veredas. Além disso, estarei atenta a novas ideias em Redmond, e escreverei um relatório no próximo inverno e enviarei para vocês. Não tenha uma visão tão desanimada das coisas, Diana! E não fique ressentida com meu pequeno momento de alegria e júbilo agora... mais tarde, quando eu tiver que ir, não sentirei nada além de pesar.

— Você tem razão para estar contente... está indo para a universidade, e viverá momentos maravilhosos, fazendo muitas amizades novas e adoráveis.

— Espero que eu faça amigos – disse Anne, pensativa. — A possibilidade de conhecer novos companheiros ajuda a tornar a vida mais fascinante. Mas não importa quantas amigas eu tenha, nunca serão tão queridas para mim quanto as antigas... especialmente uma certa garota de olhos negros e covinhas. Consegue adivinhar quem é, Diana?

— Mas vai haver tantas meninas inteligentes em Redmond – suspirou Diana –, e eu sou apenas uma estúpida campesina que diz “já sei” algumas vezes... apesar de saber raciocinar quando paro para pensar. Bem, estes dois últimos anos têm sido verdadeiramente muito bons para durar. Sei de *alguém* que está feliz com sua ida para Redmond. Anne, vou fazer uma pergunta... uma pergunta séria. Não fique chateada e responda seriamente. Você gosta pelo menos um pouco de Gilbert?

— Gosto muitíssimo como amigo, e nem um pouco da maneira que você sugere – respondeu, calma e decididamente, dizendo a si mesma que falava com honestidade.

Diana suspirou. De certo modo, desejava que Anne tivesse dado uma resposta diferente.

— Não pensa em se casar *algum dia*, Anne?

— Talvez... algum dia... quando encontrar a pessoa certa –

respondeu a jovem, sorrindo sonhadora para a lua.

— Mas como você poderá ter certeza de que conheceu a pessoa certa? – persistiu Diana.

— Oh, eu vou reconhecê-lo... *algo* vai me dizer. Você sabe quais são meus ideais, Diana.

— Mas os ideais das pessoas podem mudar algumas vezes.

— Os meus não. E eu *não conseguiria* me interessar por um homem que não os satisfizesse.

— E se você nunca o conhecer?

— Então irei morrer como uma solteirona – foi a resposta animada. — Ouso dizer que não é a pior das mortes, de jeito nenhum.

— Oh, suponho que morrer seria a parte mais fácil. É o *viver* como solteirona que não me atrai – disse Diana, sem nenhuma intenção de ser humorista. — Apesar de que não me importaria *tanto assim* em ser solteirona se pudesse ser como Miss Lavendar. Mas eu nunca seria. Quando eu tiver quarenta e cinco anos, estarei terrivelmente gorda. E, enquanto pode haver algo de romântico em uma solteirona esbelta, não há esperanças para uma gorda. Oh, você sabia que Nelson Atkins pediu Ruby Gillis em casamento, três semanas atrás? Ruby me contou tudo. Disse que nunca teve nenhuma intenção de aceitá-lo, pois quem se casar com ele vai ter que morar com os sogros; mas Ruby contou que ele fez uma declaração tão perfeitamente linda e romântica, que fê-la ficar sem chão. Mas como não queria fazer nada precipitado, nossa amiga pediu uma semana para pensar. E, duas semanas depois, estava ela numa reunião do Clube de Costura na casa da mãe dele, e havia um livro chamado *O Guia Completo de Etiqueta* na mesa da sala de visitas. Ruby disse que simplesmente não consegue descrever seus sentimentos quando, em uma seção do livro, intitulada *A Conduta Durante o Noivado e o Casamento*, encontrou, palavra por palavra, a declaração que Nelson havia feito! E, quando voltou para casa, escreveu a ele uma carta de recusa bem cruel, e contou que, desde então, o pai e a mãe dele tiveram que fazer revezamento, por medo de que ele se atirasse no rio. Mas Ruby falou a eles que não precisavam se preocupar, pois nesse livro diz como um amante rejeitado deve saber se comportar, e que não havia nada sobre afogamento! E contou também que Wilbur Blair está literalmente louco por ela, mas que ela está perfeitamente sem ação a respeito dele.

Anne fez um movimento impaciente.

— Odeio dizer isso... parece tão desleal... mas, bem, eu não gosto de Ruby Gillis agora. Gostava dela quando fomos à escola e à Queen's Academy juntas... nunca da mesma forma que gosto de você e de Jane, é claro. Mas este último ano em Carmody ela parece tão diferente... tão... tão...

— Eu sei – assentiu Diana. — É que o *Gillis* está saindo à flor da pele... ela não consegue evitar. Mrs. Lynde diz que, se alguma vez as moças da família Gillis pensaram em algo além de homens, nunca demonstraram em suas maneiras e na conversação. Ruby não fala em nada mais que rapazes e nos elogios que fazem a ela, e como estão loucos por ela em Carmody. E a coisa estranha é que eles *realmente estão* – Diana admitiu isso com certo ressentimento. — Noite passada, quando a vi no armazém de Mr. Blair, ela sussurrou para mim que recém tinha feito uma nova "conquista". Não perguntei quem era, pois sabia que Ruby estava morrendo para *ser* questionada. Bem, suponho que é o que ela sempre quis. Você lembra que, mesmo quando ela era menor, sempre dizia que teria dúzias de pretendentes quando crescesse, e que iria se divertir ao máximo antes de se casar e sossegar? Ela é tão diferente de Jane, não é? Jane é uma moça tão boa, sensata e educada.

— A querida Jane é uma joia! Mas, afinal – Anne acrescentou, inclinando-se para dar um terno tapinha na mão gorducha que estava sobre a almofada –, não há ninguém como a minha Diana! Recorda aquela tarde quando nos conhecemos, Diana, e "juramos" amizade eterna em seu jardim? Mantivemos aquele *voto*, eu acho... nunca tivemos uma discussão, nem mesmo um distanciamento. Nunca me esquecerei da emoção que senti no dia em que você disse que me amava! Eu tinha um coração tão solitário e faminto durante toda a minha infância! Estou só agora começando a entender o quão faminto e solitário ele realmente era. Ninguém se importava nem um pouco comigo, ou queria se incomodar por minha causa. Eu teria sido extremamente infeliz se não fosse por aquela estranha vidinha de sonhos, onde imaginava todos os amigos e amor que não tinha. Mas quando vim para Green Gables, tudo mudou. E então eu a conheci. Você não imagina o que sua amizade significa para mim. Quero lhe agradecer, aqui e agora, querida, pelo verdadeiro afeto e calor humano que você sempre me deu.

— E sempre, sempre darei – soluçou Diana. — Eu *nunca* amarei alguém... nenhuma amiga... a metade do que amo você. E, se um dia eu me casar e tiver uma menininha, vou chamá-la de *Anne*.

Capítulo XXVII

Um Tarde na Casa de Pedra

— Onde você está indo toda arrumada, Anne? – Davy *queria saber*. — Você está fenomenal nesse vestido!

Anne descera para almoçar usando um novo vestido de musselina verde pálido. Verde era a primeira cor que ela tinha usado desde a morte de Matthew. Ficava muito bem nela, fazendo ressaltar os delicados tons florais de seu rosto e o brilho lustroso de seus cabelos.

— Davy, quantas vezes tenho que lhe dizer para não usar essa palavra? – ela disse, repreendendo-o. — Estou indo a Echo Lodge.

— Leve-me com você! – implorou Davy.

— Eu o levaria, se fosse de charrete. Mas vou caminhando, e é muito longe para as suas pernas de oito anos de idade. Além disso, Paul está indo comigo, e temo que você não desfrute tanto da companhia dele.

— Oh, agora gosto muito mais de Paul do que antes – ele respondeu, começando a fazer ameaçadoras invasões em seu pudim. — Desde que me tornei um bom menino, não me importo tanto que ele seja um pouco melhor. Se eu continuar assim, um dia *alcanço ele*, tanto nas pernas quanto na bondade. E Paul é muito bondoso com a gente, os meninos do segundo ano. Ele não deixa que os meninos maiores se metam com a gente e nos ensina muitos jogos.

— Como foi que Paul caiu no córrego ao meio-dia de ontem? – perguntou Anne. — Encontrei-o no pátio, tão molhado, que mandei-o para casa imediatamente para se trocar, antes de averiguar o que tinha acontecido.

— Bem, foi meio que um acidente – explicou Davy. — Ele enfiou a cabeça de propósito, mas o resto caiu por acidente. Estávamos todos no córrego e Prillie Rogerson ficou com raiva de Paul por causa de alguma coisa... ela é terrivelmente má e ofensiva, mas é bonita... e falou que a vó dele enrola “bigodinhos” no cabelo dele todas as noites. Paul não teria se importado com o que ela falou, eu acho, mas Gracie Andrews riu, e Paul ficou muito vermelho, porque Gracie é a garota dele, você sabe. Ele está *completamente* louco por ela... leva flores e carrega os livros dela até bem

mais além da estrada à beira-mar. Ele ficou vermelho igual a uma beterraba, e respondeu que a vó não fazia nada daquilo, que o cabelo dele é cacheado de nascimento. E então ele se inclinou na margem e meteu a cabeça na nascente para mostrar! Oh, não foi na nascente de onde tiramos água para beber – ele acrescentou, ao ver o olhar horrorizado de Marilla –, e sim mais abaixo. Mas a margem estava escorregadia, e ele caiu direto. Garanto que foi uma queda fenomenal! Oh, Anne, Anne, eu não quis dizer isso... a palavra só me escapou antes de eu pensar. Foi uma queda *esplêndida*. Mas ele ficou tão engraçado quando rastejou pela margem acima, todo molhado e enlameado! As meninas riram até não poder mais, mas Gracie não. Ela parecia triste. Gracie é uma boa menina, mas tem o nariz empinado. Quando eu ficar grande o bastante para ter uma garota, não vou querer uma de nariz pontudo... vou escolher uma com o nariz lindo igual ao seu, Anne.

— Um menino que faz tal bagunça sujando o rosto com calda enquanto come pudim nunca fará com que uma moça olhe para ele – disse Marilla, com severidade.

— Mas eu vou lavar meu rosto antes de sair para namorar – protestou Davy, tentando melhorar as coisas ao esfregar o dorso das mãos na sujeira. — E vou limpar atrás da orelha também, sem precisar que me digam nada. Eu lembrei hoje de manhã, Marilla! Não me esqueço tanto quanto antes. Mas – ele suspirou – existem tantos cantinhos no corpo de um homem, que é terrivelmente difícil lembrar-se de todos! Bom, se não posso ir até a Miss Lavendar, vou até a casa da Mrs. Harrison. Posso garantir que a Mrs. Harrison é uma mulher muitíssimo bondosa. Ela guarda um pote de biscoitos na despensa, especialmente para os menininhos, e sempre me dá as raspinhas da bacia onde bateu o bolo de ameixas. Uma grande quantidade de ameixas grudam nos lados, você sabe. Mr. Harrison sempre foi um bom homem, mas está duas vezes melhor desde que voltou a estar casado. Acho que casar faz as pessoas melhores. Por que *você* não se casa, Marilla? Quero saber!

O estado de solteirice de Marilla nunca foi um problema, e então, com uma troca de olhares significativos com Anne, ela respondeu cordialmente que supunha ser porque ninguém a pediu.

— Mas talvez você nunca tenha pedido ninguém em casamento! – protestou Davy.

— Oh, Davy – disse Dora, formalmente, entrando na conversa –, é o *homem* que tem que fazer o pedido.

— Não sei porque eles têm que fazer isso *sempre* – grunhiu o menino. — Parece que tudo nesse mundo está a cargo dos homens. Posso comer mais um pedaço de pudim, Marilla?

— Já comeu mais do que é conveniente – disse Marilla, mas serviu uma segunda fatia moderada.

— Eu queria que as pessoas pudessem viver comendo pudim. Por que não podem, Marilla? Quero saber!

— Porque logo ficariam enjoadas de comer só isso.

— Da minha parte, eu gostaria de provar – replicou o cético Davy. — Mas acho que é melhor comer pudim só nos dias que tem peixe no almoço e visitas, do que em dia nenhum. Eles nunca têm sobremesa na casa do Milty Boulter. Milty diz que quando recebem visitas, a mãe dele lhes serve queijo, e ela mesma corta os pedaços... um “pedacinhozinho” para cada um, e um a mais por educação.

— Se Milty Boulter fala assim da mãe dele, você não tem necessidade de repetir – ralhou Marilla.

— Pela minha alma! – Davy tinha aprendido esta expressão com Mr. Harrison, e a usava com grande gosto – Milty falou isso como um elogio. Ele tem muitíssimo orgulho da mãe, pois as pessoas comentam que ela consegue tirar até água de uma pedra.

— Acho... acho que aquelas galinhas irritantes estão no meu canteiro de amor-perfeito! – disse Marilla, levantando-se e saindo apressadamente para o quintal.

As difamadas galinhas não estavam perto do canteiro de amor-perfeito, e Marilla nem olhou para aquele lado. Ao invés disso, sentou-se na janela do porão e riu até sentir vergonha de si mesma.

Quando Anne e Paul chegaram à casa de pedra naquela tarde, encontraram Miss Lavendar e Charlotta IV no jardim, capinando, rastilhando e podando com toda a vontade. Miss Lavendar, alegre e doce, usando os babados e rendas que tanto amava, largou a tesoura e correu jubilosa para encontrar seus visitantes, enquanto Charlotta IV abria um largo sorriso de felicidade.

— Bem-vinda, Anne! Imaginei que viria hoje. Você pertence à tarde, e esta tarde tinha que trazê-la. As coisas que se pertencem sempre

chegam juntas! Quantos problemas seriam evitados apenas se as pessoas soubessem disso. Mas não sabem... e, então, desperdiçam uma energia maravilhosa movendo céus e terras para tentar reunir coisas que *não* se pertencem. E você, Paul... ora, como cresceu! Está metade de uma cabeça maior do que quando veio aqui antes!

— Sim, comecei a espichar como o amaranto à noite, como diz Mrs. Lynde! – respondeu Paul, francamente encantado com o fato. — Vovó diz que é o mingau que está fazendo efeito, enfim. Talvez seja. Só Deus sabe – Paul suspirou profundamente. — Comi o suficiente para fazer qualquer um crescer. Espero que, agora que comecei, continue espichando até ficar tão alto quanto o meu pai. A senhorita sabia que ele tem um metro e oitenta, Miss Lavendar?

Sim, Miss Lavendar sabia, e por um instante aumentou o rubor em suas bochechas. Tomou a mão de Paul de um lado, e a de Anne do outro, e caminharam até a casa em silêncio.

— Hoje é um bom dia para os ecos, Miss Lavendar? – inquiriu Paul, ansioso. No dia de sua primeira visita havia vento demais para os ecos, e o garoto ficou muito desapontado.

— Sim, é justo o melhor dos dias! – respondeu Miss Lavendar, despertando de seu devaneio. — Mas, primeiro, vamos todos comer alguma coisa. Sei que vocês não caminharam toda essa distância através daquele bosque de faias sem ficarem famintos, e Charlotta IV e eu podemos comer em qualquer horário do dia... temos o apetite muito caprichoso. Então, vamos fazer uma incursão até a despensa. Felizmente, é encantadora e está repleta. Eu tinha o pressentimento de que receberia visitas hoje, e então nós nos preparamos.

— Acho que a senhorita é uma das pessoas que sempre tem coisas boas na despensa – declarou Paul. — Vovó também é assim. Mas ela não aprova merendas entre as refeições. Não sei – agregou, meditativamente – se eu *deveria* comer quando estou longe de casa, sabendo que ela não aprova.

— Oh, acredito que não desaprovaria, depois dessa longa caminhada. Isso faz a diferença – disse Miss Lavendar, trocando divertidos olhares com Anne sobre os cachos castanhos de Paul. — Suponho que as merendas *sejam* extremamente prejudiciais. E é por isso que nós as comemos tão frequentemente em Echo Lodge. Charlotta IV e

eu vivemos em oposição a todas as dietas conhecidas. Comemos todo tipo de comidas indigestas a qualquer hora que pensemos, dia ou noite, e florescemos como os loureiros. Sempre temos a intenção de nos corrigir. Quando lemos algum artigo nos jornais advertindo contra algo de que gostamos, nós o recortamos e pregamos na parede da cozinha, para lembrar do assunto. Porém, de alguma forma, nunca conseguimos... até depois de termos comido precisamente o alimento em questão. Até agora nada nos matou, mas Charlotta ficou conhecida por ter pesadelos depois de comer sonhos, pasteis de carne e bolo de frutas, logo antes de ir deitar.

— Vovó me deixa beber um copo de leite e comer uma fatia de pão com manteiga antes de ir para a cama, e aos domingos à noite ela põe geleia no pão. Então, os domingos à noite sempre me alegram... por mais de uma razão. Domingo é um dia muito longo na estrada à beira-mar. Vovó diz que para ela é um dia demasiado curto, e que papai nunca achou os domingos cansativos quando era garoto. Não pareceria tão longo se eu pudesse conversar com minhas pessoinhas de pedra, mas nunca faço isso, pois aos domingos vovó não aprova. Eu penso muitas coisas, mas temo que meus pensamentos sejam mundanos. Vovó diz que nunca devemos pensar em nada além de pensamentos religiosos aos domingos. Mas a professora aqui disse, uma vez, que cada pensamento realmente belo era religioso, não importa sobre o que seja, ou em que dia pensemos. Mas estou certo de que os únicos pensamentos religiosos que minha avó admite são os referentes aos sermões ou às lições da Escola Dominical. E, quando surge uma diferença de opinião entre vovó e a professora, não sei o que fazer. No fundo do meu coração – Paul colocou a mão no peito e ergueu os sérios olhos azuis escuros até o benévolo rosto de Miss Lavendar –, eu concordo com minha professora. Mas, veja bem, vovó já educou meu pai à *sua* própria maneira, e conseguiu um êxito brilhante com ele, e a professora não criou ninguém ainda, apesar de estar ajudando a educar Davy e Dora. No entanto, não se saberá o resultado até que eles *cresçam*. Então, algumas vezes sinto que é mais seguro seguir o método de minha avozinha.

— Penso que sim – concordou Anne, solenemente. — De qualquer maneira, ouso dizer que, se sua avó e eu explicássemos uma para a outra o que realmente queremos dizer, descobriríamos que as duas creem na mesma coisa, expressada de formas distintas. Mas será melhor que você

aja como ela diz, considerando que é o resultado de uma experiência. Devemos esperar até que os gêmeos cresçam para poder assegurar que meu método é igualmente bom.

Depois da merenda, voltaram ao jardim, onde Paul conheceu os ecos, para sua alegria e assombro, enquanto Anne e Miss Lavendar sentavam-se no banco de pedra sob o álamo para conversar.

— Então você está indo no outono? – perguntou Miss Lavendar, melancólica. — Eu deveria estar feliz por você, Anne... mas estou terrível e egoisticamente triste. Sentirei sua falta enormemente! Oh, algumas vezes acho inútil fazer amigos! Eles se vão de nossas vidas após um tempo, deixando uma ferida muito pior do que a solidão anterior.

— Isso parece algo que Miss Eliza Andrews poderia ter dito, mas nunca Miss Lavendar! – surpreendeu-se Anne. — *Nada* é pior do que a solidão... e eu não estou indo embora de sua vida. Existem as cartas e as férias. Querida, receio que a senhorita esteja um pouco pálida e cansada.

— Oh... hoo... hoo... hoo! – gritava Paul na vala de pedra, onde estivera fazendo todo tipo de ruído diligentemente; não todos melodiosos, mas quando retornavam estavam transmutados em som de ouro e prata, produzidos pelas fadas alquimistas do rio. Miss Lavendar fez um movimento impaciente com suas belas mãos.

— Só estou cansada de tudo... até mesmo dos ecos. Não há mais nada em minha vida além de ecos... ecos de esperanças perdidas, sonhos e alegrias. São formosos e zombadores. Oh, Anne, é horrível que eu fale assim quando estou acompanhada! É que eu estou ficando velha, e isso não combina comigo. Sei que serei horrivelmente esquisita quando tiver sessenta anos. Mas talvez tudo que eu precise seja uma receita de remédio.

Naquele momento, Charlotta IV, que tinha desaparecido depois da merenda, retornou e anunciou que o quadrante nordeste do campo de Mr. John Kimball estava vermelho de morangos, e perguntou se Miss Shirley não gostaria de colher alguns.

— Os primeiros morangos para o chá! – exclamou Miss Lavendar. — Oh, não estou tão velha quanto pensei... e não preciso de um único remédio! Meninas, quando voltarem com os morangos, vamos tomar o chá aqui mesmo, sob o álamo prateado. Vai estar prontinho, assim como um creme caseiro.

Anne e Charlotta IV dirigiram-se ao campo de Mr. Kimball, um

lugar remoto e verde, onde o ar era suave como o veludo, fragrante como um leito de violetas e dourado como o âmbar.

— Oh, não é doce e fresco aqui? – inspirou Anne. — Sinto como se estivesse bebendo um raio de sol!

— Sim, madame, eu também. É exatamente como me sinto, madame – concordou Charlotta IV, que teria dito precisamente a mesma coisa se Anne comentasse que se sentia como um pelicano no deserto. Sempre após uma visita de Anne à Echo Lodge, Charlotta subia até seu quartinho sobre a cozinha e, diante de seu espelho, tentava falar, mover-se e atuar como Anne. A jovem nunca poderia admitir que conseguia, mas a prática leva à perfeição, como tinha aprendido na escola, e ela tinha esperanças de que conseguiria aprender, com o tempo, o truque daquele delicado levantar do queixo, aquele repentino brilho rutilante nos olhos, aquela maneira de andar como se fosse um ramo balançado pelo vento. Parecia tão fácil observando Anne! Charlotta IV a admirava de todo o coração, embora não a considerasse tão bonita. A beleza de Diana Barry, com bochechas carmesim e cachos negros era muito mais do gosto de Charlotta do que o encanto enluarado de Anne, com seus luminosos olhos acinzentados e o rosado pálido e mutável de suas bochechas.

— Mas eu preferiria parecer com a senhorita do que ser bonita, madame – ela disse a Anne, com sinceridade.

Anne riu, degustando o mel do tributo e lançando fora o ferrão. Estava acostumada a receber elogios mistos. A opinião pública nunca chegou a um consenso sobre a aparência de Anne. Pessoas que ouviram dizer que ela era bela ficaram desapontadas quando a conheceram. Pessoas que ouviram dizer que ela não tinha atrativos, depois de vê-la questionaram onde estavam os olhos de quem fez essa afirmação. A própria Anne nunca acreditou que era bonita. Quando olhava para o espelho, tudo o que via era um rostinho pálido com sete sardas sobre o nariz. O espelho nunca revelava a fugaz e sempre variante gama de sentimentos que iluminavam suas feições como uma rosada chama reluzente, ou o feitiço dos risos e sonhos que se alternavam em seus grandes olhos.

Ainda que Anne não fosse bonita do sentido estrito da palavra, sua aparência possuía certa distinção e encanto evasivo que causava em quem a contemplava uma prazerosa sensação de satisfação naquela suave

mocidade, com todas as possibilidades fortemente percebidas. Aqueles que conheciam bem Anne, sentiam, sem se dar conta, que sua maior atração era a aura de possibilidades que a circundava, o poder de desenvolvimento futuro que existia nela. Parecia andar numa atmosfera de coisas que estão para ocorrer.

Enquanto colhiam os morangos, Charlotta IV confiou a Anne seus receios com respeito a Miss Lavendar. A pequena e compassiva criada estava verdadeiramente preocupada com a condição de sua adorada senhora.

— Miss Lavendar não está bem, madame Miss Shirley. Estou certa de que não está, apesar de nunca reclamar. Faz tempo que ela não parece a mesma, madame... desde aquele dia em que a senhorita e Paul estiveram aqui juntos. Estou certa de que ela pegou um resfriado naquela noite, madame. Depois que vocês se foram, ela saiu e caminhou pelo jardim até escurecer, com nada além de um xalezinho nos ombros. Havia muita neve pelas trilhas e estou certa de que pegou um resfriado, madame. Desde então eu noto que parece cansada e solitária. Não parece ter interesse em nada, madame. Nunca mais finge que está esperando visita, nem se arruma para esperar, nem nada, madame. Só quando a senhorita vem que ela parece se animar um pouco. E o pior sinal de todos, madame Miss Shirley – Charlotta IV abaixou a voz como se fosse referir-se a um sintoma extremamente raro e terrível – é que agora ela nunca fica irritada quando quebro alguma coisa. Ora, madame Miss Shirley, eu ontem quebrei seu jarro verde e amarelo, que sempre ficava sobre a estante dos livros. A avó dela o trouxera da Inglaterra, e Miss Lavendar tinha grande estima por ele. Eu estava limpando com todo cuidado, madame Miss Shirley, e escorregou antes que eu pudesse segurá-lo, e se quebrou em quarenta mil pedacinhos! Posso garantir que eu estava triste e assustada. Pensei que Miss Lavendar fosse me repreender severamente, madame, e eu preferiria que tivesse, do que ter agido como agiu. Ela simplesmente veio, mal olhou e disse: *"Não importa, Charlotta. Só junte os cacos e jogue fora."* Só isso, madame Miss Shirley... *"junte os cacos e jogue fora"*, como se não fosse o jarro que a avó trouxe da Inglaterra! Oh, ela não está bem, e estou terrivelmente preocupada! Não há ninguém além de mim para cuidar dela.

Os olhos de Charlotta IV estavam cheios de lágrimas. Anne tocou a mãozinha morena que segurava a caneca rachada de forma consoladora.

— Acho que Miss Lavendar precisa de uma mudança, Charlotta. Ela fica muito tempo aqui sozinha. Não podemos convencê-la a fazer uma pequena viagem?

Charlotta balançou a cabeça com os enormes laços, desconsoladamente.

— Não creio, madame Miss Shirley. Miss Lavendar odeia fazer visitas. Ela só tem três parentes a quem visita de vez em quando, e o faz por simples dever familiar. A última vez que os visitou, quando voltou para casa afirmou que não voltaria a visitá-los por obrigação. *"Voltei para casa enamorada da solidão, Charlotta"*, ela me disse, *"e nunca mais quero ficar longe da minha vinha e da minha figueira*[26]*. Meus parentes se empenham demais em fazer de mim uma anciã, e isso me faz muito mal."* Ela falou exatamente assim, madame Miss Shirley: *"Isso me faz muito mal."* Então, não acho que seria bom pressioná-la a viajar.

— Veremos o que pode ser feito – respondeu Anne, com decisão, ao colocar o último morango que cabia em seu copo rosa. — Logo que eu entrar de férias, virei passar uma semana inteira com vocês. Faremos piquenique todos os dias e imaginaremos todo tipo de coisas interessantes, e veremos se não será possível animar Miss Lavendar!

— Isso vai ser a melhor coisa, madame Miss Shirley! – exclamou Charlotta IV, arrebatada. Sentia-se contente pelo bem de Miss Lavendar e pelo seu próprio. Com uma semana inteira para estudar Anne constantemente, ela certamente conseguiria aprender a mover-se e comportar-se como ela.

Quando as jovens regressaram a Echo Lodge, viram que Miss Lavendar e Paul tinham carregado uma mesinha quadrada da cozinha até o jardim e estavam com tudo pronto para o chá. Nada jamais fora mais delicioso do que aqueles morangos com creme saboreados sob um grande céu azul, todo salpicado de fofas nuvenzinhas brancas, e nas longas sombras de um bosque com seu balbuciar e murmúrios. Após o chá, Anne ajudou Charlotta a lavar a louça na cozinha enquanto Miss Lavendar estava sentada no banco com Paul, ouvindo tudo sobre suas pessoas de pedra. Ela era uma boa ouvinte, aquela doce Miss Lavendar; mas, por fim, Paul se deu conta de que ela tinha perdido o interesse nos Gêmeos Marinheiros de repente.

— Miss Lavendar, por que a senhorita me olha desse jeito? –

perguntou, com seriedade.

— De que jeito, Paul?

— Como se estivesse olhando *através de mim* para alguma outra pessoa que eu a faço lembrar – respondeu Paul, que, em certas ocasiões, tinha lampejos de misteriosa percepção, o que não tornava completamente seguro guardar segredos quando ele estava por perto.

— Você me faz lembrar de alguém que conheci há muito tempo – confessou Miss Lavendar, sonhadora.

— Quando a senhorita era jovem?

— Sim, quando eu era jovem. Eu pareço muito velha para você, Paul?

— Sabe, não consigo me decidir a respeito disso – ele admitiu, confidencialmente. — Seu cabelo parece velho... nunca conheci uma pessoa jovem com cabelo branco. Mas, quando a senhorita sorri, seus olhos são tão jovens quanto os de minha linda professora. Eu lhe digo, Miss Lavendar – a voz e o rosto de Paul eram solenes como os de um juiz –, acho que a senhorita seria uma esplêndida mãe. Tem em seus olhos exatamente o olhar certo... o olhar que minha mãezinha sempre tinha. Acho que é uma pena que a senhorita não tenha filhos.

— Tenho um garotinho nos meus sonhos, Paul.

— Oh, tem mesmo? Quantos anos ele tem?

— Mais ou menos a sua idade, eu acho. Deveria ser mais velho, porque sonho com ele desde muito antes de você nascer. Mas nunca o deixarei ter mais do que onze ou doze anos... porque, se eu deixar, algum dia ele crescerá de uma vez e eu o perderei.

— Eu entendo – assentiu com a cabeça. — Esta é a beleza das pessoas dos sonhos... elas ficam na idade que queremos que fiquem. A senhorita, a minha linda professora e eu somos as únicas pessoas no mundo que eu sei que têm amigos em suas fantasias. Não é engraçado que tenhamos encontrado uns aos outros? Mas acho que este tipo de pessoa sempre se reúne. Vovó nunca teve amigos imaginários, e Mary Joe pensa que estou mal da cabeça porque os tenho. No entanto, acho que é maravilhoso! *A senhorita entende,* Miss Lavendar. Conte-me tudo sobre seu garotinho dos sonhos!

— Ele tem olhos azuis e cabelo cacheado. Ele chega furtivamente e me acorda com um beijo todas as manhãs. Então, brinca aqui no jardim o

dia inteiro... e eu o acompanho. Conhecemos muitos jogos. Organizamos corridas, conversamos com os ecos e eu conto histórias. E, quando chega o entardecer...

— Eu sei! – interrompeu Paul, avidamente. — Ele vem e senta ao seu lado... *assim*... porque é óbvio que, aos doze anos, ele seria muito grande para sentar no seu colo... e recosta a cabeça em seu ombro... *assim*... e a senhorita coloca os braços ao redor dele e o abraça apertado, bem apertado, e apoia sua bochecha na cabeça dele... sim, é exatamente assim que acontece! Oh, a senhorita *realmente entende*, Miss Lavendar!

Anne os encontrou ali quando saiu da casa de pedra, e algo no semblante de Miss Lavendar fê-la detestar ter que perturbá-los.

— Receio que devemos ir, Paul, se quisermos chegar antes que escureça. Miss Lavendar, em breve me convidarei para ficar hospedada em Echo Lodge por uma semana inteira.

— Se vier por uma semana, farei com que fique duas! – ameaçou Miss Lavendar.

Capítulo XXVIII

O Príncipe Retorna ao Palácio Encantado

O último dia de aula chegou e se foi. Ocorreu um triunfante “exame semestral”, e os alunos de Anne se saíram esplendidamente bem. Ao terminar, fizeram um discurso e lhe deram uma escrivaninha de presente. Todas as meninas e damas que estavam presentes choraram, e houve rumores de que alguns dos meninos também choraram, apesar de sempre terem negado o fato.

Mrs. Harmon Andrews, Mrs. Peter Sloane e Mrs. William Bell caminhavam juntas para suas casas, comentando os acontecimentos.

— Creio que é uma pena que Anne esteja indo embora, quando as crianças parecem tão apegadas a ela – suspirou Mrs. Peter Sloane, que tinha o hábito de suspirar por causa de tudo, e até mesmo suas piadas terminavam dessa maneira. — Mas, é claro – acrescentou, apressada – que todas nós sabemos que teremos uma ótima professora no próximo ano.

— Não tenho dúvidas de que Jane cumprirá com seu dever – disse Mrs. Andrews, um pouco rígida. — Não acho que ela vá contar tantos contos de fadas aos alunos, ou passar tanto tempo vagando com eles pelos bosques. Mas o nome dela figura no Rol de Honra do Inspetor, e a população de Newbridge está muito consternada com sua saída.

— Fico muito contente que Anne esteja indo para a universidade – disse Mrs. Bell. — Ela sempre desejou ir, e será algo esplêndido para ela!

— Bem, eu não sei – Mrs. Andrews estava determinada a não concordar inteiramente com ninguém naquele dia. — Não acho que Anne precise de mais educação. Ela provavelmente se casará com Gilbert Blythe, se o entusiasmo dele por ela durar até terminar a faculdade; e de que lhe servirão o Latim e o Grego então? Se lá ensinassem como lidar com um homem, então haveria sentido que ela fosse!

Mrs. Harmon Andrews, segundo os rumores que corriam em Avonlea, nunca tinha aprendido a “lidar com seu homem”; e, como resultado, o lar dos Andrews não era exatamente um modelo de felicidade doméstica.

— Vi que o chamado de Charlottetown para Mr. Allan está diante

do presbitério – comentou Mrs. Bell. — Significa que logo vamos perdê-lo, eu suponho.

— Eles não irão antes de setembro – respondeu Mrs. Sloane. — Será uma grande perda para a comunidade... apesar de eu sempre ter pensado que Mrs. Allan se vestia muito alegremente para uma esposa de ministro. Porém, nenhum de nós é perfeito. Vocês perceberam o quão limpo e agradável Mr. Harrison parecia hoje? Nunca vi um homem tão mudado! Vai à igreja todos os domingos e contribui com o salário do reverendo.

— Paul Irving não está um rapazinho? – disse Mrs. Andrews. — Era tão pequeno para sua idade quando chegou aqui! Hoje quase não o reconheci. Está começando a se parecer com o pai.

— É um menino muito inteligente – disse Mrs. Bell.

— É sim, mas – Mrs. Andrews baixou o tom da voz – creio que conta histórias esquisitas. Gracie me disse ao voltar da escola, na semana passada, que ele contou a maior ladainha sobre umas pessoas que vivem na praia... histórias que não podem ter uma palavra de verdade, vocês sabem. Eu falei a Gracie que não acreditasse nisso, e ela me respondeu que Paul não esperava que ela acreditasse. Mas, se ele não esperava que ela acreditasse, então por que as contou?

— Anne diz que Paul é um gênio – disse Mrs. Sloane.

— Pode ser que seja. Você nunca sabe o que esperar dos americanos – redarguiu Mrs. Andrews. O único contato dessa senhora com a palavra “gênio” era derivado do modo coloquial de chamar qualquer indivíduo excêntrico de “gênio esquisito”. Ela provavelmente pensou, assim como Mary Joe, que isso se referia a uma pessoa que estivesse mal da cabeça.

De volta à classe, Anne estava sentada sozinha diante de sua mesa, como havia sentado no primeiro dia de aula, dois anos antes, com o rosto apoiado na mão e os olhos úmidos contemplando melancolicamente a Lagoa das Águas Brilhantes pela janela. Seu coração ficou tão apertado depois da despedida dos alunos que, por um momento, a universidade perdeu todo o encanto. Ainda sentia o calor dos braços de Annetta Bell em torno de seu pescoço e o som do pranto infantil da menina: *“Eu nunca vou amar nenhuma professora como amo a senhorita, Miss Shirley, nunca, nunca!”*

Por dois anos, trabalhara com fervor e lealdade, cometendo vários

erros e aprendendo com eles. E recebera sua recompensa. Havia ensinado algumas coisas aos seus alunos, mas sentia que estes lhe haviam ensinado muito mais: lições de ternura, autocontrole, sabedoria inocente, ciência dos corações infantis. Talvez não tenha tido êxito em “inspirar” alguma maravilhosa ambição em seus pupilos, mas ensinou-lhes, mais por sua doce personalidade do que por todos os seus cuidadosos preceitos, que era bom e necessário aos anos que estavam à frente que vivessem suas vidas gentil e graciosamente, seguindo firmes na verdade, cortesia e gentileza, mantendo-se distantes de tudo que cheirasse à falsidade, maldade e vulgaridade. Talvez estivessem de todo inconscientes de terem aprendido tais lições, mas se lembrariam delas e as colocariam em prática até muito tempo depois de terem esquecido a capital do Afeganistão e as datas da Guerra das Rosas.

— Mais um capítulo da minha vida está encerrado – disse Anne, em voz alta, ao trancar sua mesa. Sentia-se realmente triste por isso, mas a romântica ideia daquele “capítulo encerrado” a consolava um pouco.

Anne passou quinze dias em Echo Lodge no começo das férias, e todas as participantes se divertiram muito. Ela levou Miss Lavendar a uma expedição de compras na cidade e a persuadiu a comprar um novo vestido de organdi, incluindo nisso toda a empolgação de cortá-lo e costurá-lo juntas, enquanto a contente Charlotta IV alinhava e juntava os recortes. Miss Lavendar queixara-se de que não podia sentir muito interesse por nada, mas seus olhos voltaram a brilhar diante de seu belo vestido.

— Que pessoa tonta e frívola eu devo ser – suspirou. — Estou extremamente envergonhada por pensar que um novo vestido... ainda que seja um organdi lilás... faça-me tão contente, quando uma consciência limpa e uma contribuição extra para as Missões Estrangeiras não conseguiram.

Na metade de sua estadia, Anne foi até Green Gables por um dia para remendar as meias dos gêmeos e responder às perguntas acumuladas de Davy. Ao entardecer, passou pela estrada à beira-mar para ver Paul Irving. Ao passar pela janela quadrada e baixa da sala de visita dos Irving, viu de relance que Paul estava sentado no colo de alguém, e no momento seguinte o menino atravessou correndo o corredor.

— Oh, Miss Shirley! – gritou, empolgado. — Não pode imaginar o que aconteceu! Algo esplêndido! Meu pai está aqui! Só imagine! Papai

está aqui! Entre, entre. Pai, esta é a minha linda professora! *O senhor entende*, pai!

Stephen Irving adiantou-se com um sorriso para receber Anne. Era um alto e bonito homem de meia idade, com cabelos grisalhos, profundos olhos azuis escuros e um rosto forte e triste, com queixo e testa esplendidamente modelados. "É o semblante exato de um herói de romance", pensou Anne, com um tremor de intensa satisfação. Seria tão desapontador conhecer um homem que deveria ser um herói, e encontrá-lo careca ou corcunda, ou carente de beleza varonil. Anne teria considerado terrível se o objeto do romance de Miss Lavendar não estivesse à altura de seus antecedentes.

— Então, esta é a "linda professora" do meu filho, de quem tanto tenho ouvido falar! – exclamou Mr. Irving, com um sincero aperto de mão. — As cartas de Paul são tão cheias da senhorita, Miss Shirley, que eu sinto como se já a conhecesse muito bem. Quero lhe agradecer pelo que a senhorita tem feito por ele. Creio que sua influência tem sido exatamente o que ele precisava. Minha mãe é uma das melhores e mais queridas mulheres, mas seu senso comum escocês, robusto e trivial, nem sempre consegue compreender um temperamento como o do meu rapaz. O que faltava a ela, a senhorita supriu. Entre as duas, creio que a educação de Paul nestes últimos dois anos tem sido quase ideal, para um menino sem a mãe.

Todos gostam de ser apreciados. Ante os elogios de Mr. Irving, o rosto de Anne "enrubesceu como um botão de rosa", e esse ocupado e esgotado homem do mundo, olhando para ela, pensou que nunca tinha visto exemplo mais doce e formoso de juventude do que essa professorinha "da costa oeste", com seu cabelo ruivo e olhos maravilhosos.

Paul sentou-se entre eles, completamente feliz.

— Nunca sonhei que papai estivesse vindo. Nem mesmo a vovó sabia. Foi uma grande surpresa! De modo geral – Paul balançou seus cachos castanhos com gravidade – eu não gosto de ser surpreendido. Quando você é surpreendido, acaba perdendo toda a diversão da expectativa. Mas, num caso como este, tudo bem! Papai chegou ontem à noite, quando eu já tinha ido dormir. E, depois que vovó e Mary Joe se acalmaram da surpresa que tiveram, vovó e papai subiram para me ver,

não querendo me acordar até hoje de manhã. Mas eu despertei e vi o papai, e lhe garanto que saltei nele!

— Com o abraço igual ao de um urso! – disse Mr. Irving, sorridente, colocando os braços em torno dos ombros do filho. — Quase não reconheci meu garoto, está tão crescido, moreno e robusto!

— Não sei quem estava mais contente de ver o papai, se era a vovó ou eu! – continuou Paul. — Ela ficou na cozinha o dia todo preparando coisas que papai gosta de comer. Disse que não as confiaria a Mary Joe. Esta é a forma *dela* de demonstrar alegria. Eu gosto mais de sentar e conversar com ele. Mas vou deixá-los por um instante, se me permitirem. Tenho que recolher as vacas para Mary Joe. É uma das minhas tarefas diárias.

Quando Paul saiu para realizar sua tarefa diária, Mr. Irving conversou com Anne sobre vários assuntos. Mas ela teve a sensação de que ele estava pensando em outra coisa durante todo este tempo. E, prontamente, isto veio à superfície.

— Na última carta de Paul, ele mencionou uma visita que fez com a senhorita a uma velha... amiga minha... Miss Lewis, na casa de pedra em Grafton. A senhorita a conhece bem?

— Sim, sem dúvida. É uma amiga muito querida – foi a discreta resposta de Anne, que não deu mostras do repentino arrepio que sentiu dos pés à cabeça ante a pergunta de Mr. Irving. Anne sentiu *instintivamente* que um romance estava surgindo justo na curva à sua frente.

Mr. Irving se levantou, foi até a janela e ficou a contemplar o mar imenso e dourado, onde um vento desordenado brincava em meio às ondas. Por alguns instantes, o silêncio reinou na pequena e escura sala de visitas. Então ele retornou e encarou o rosto compreensivo de Anne com um sorriso meio caprichoso, meio terno.

— Pergunto-me o quanto a senhorita sabe – disse ele.

— Sei de tudo – respondeu Anne, de imediato. — Veja bem – explicou, apressadamente –, Miss Lavendar e eu somos muito íntimas. Ela jamais revelaria coisas de natureza tão sagrada a qualquer um. Somos almas gêmeas.

— Sim, acredito que sejam. Bem, vou pedir um favor à senhorita. Eu gostaria de ir ver Miss Lavendar, se ela permitir. A senhorita perguntaria a ela se eu posso ir?

Será que não? Oh, é claro que sim! Sim, este era um romance real e verdadeiro, com todo o encanto de rima, história e sonho. Era um pouco tardio, talvez, como uma rosa que floresce em outubro, quando deveria ter desabrochado em junho – mas, ainda assim, era uma rosa, com toda doçura e fragrância, com o brilho do ouro em seu coração. Nunca os pés de Anne a conduziram a uma missão mais desejada do que aquela caminhada pelos bosques de faia de Grafton na manhã seguinte. Ela encontrou Miss Lavendar no jardim. A jovem estava medrosamente emocionada. Suas mãos gelaram e sua voz tremeu.

— Miss Lavendar, tenho algo a lhe dizer... algo muito importante. A senhorita consegue adivinhar o que é?

Anne nunca imaginou que sua interlocutora pudesse *adivinhar*, mas o rosto de Miss Lavendar empalideceu demasiadamente e ela falou num tom muito calmo e contido, do qual se haviam desvanecido toda a cor e esplendor que sua voz usualmente possuía.

— Stephen Irving está em casa?

— Como sabe? Quem lhe contou? – gritou Anne, desapontada, chateada por sua grande revelação ter sido antecipada.

— Ninguém. Eu sabia que deveria ser isso só pelo jeito que você falou.

— Ele quer vir aqui para vê-la – prosseguiu Anne. — Posso enviar uma mensagem dizendo a ele que pode vir?

— Sim, é claro – assentiu Miss Lavendar, agitada. — Não há razão para o contrário. Ele só vem como um velho amigo.

Anne tinha uma opinião particular sobre este quesito ao entrar apressada na casa de pedra para escrever uma nota na escrivaninha de Miss Lavendar.

“Oh, é delicioso estar vivendo em um romance”, ela pensou, alegremente. “E, com certeza, tudo dará certo... tem que dar... e Paul terá uma mãe com um coração como o dele, e todos serão felizes! Mas Mr. Irving levará Miss Lavendar para longe... e só Deus sabe o que vai acontecer com a casinha de pedra... e, então, existem dois lados nessa história, como parece ser com todas as coisas neste mundo.”

A importante nota foi escrita e a própria Anne a levou até o posto dos correios em Grafton, onde surpreendeu o carteiro ao pedir que ele levasse até o escritório de Avonlea.

— É extremamente importante – ela assegurou, ansiosa.

O carteiro era um velho irritadiço que não se parecia em nada com o aspecto de um mensageiro do Cupido, e Anne não estava muito segura de que poderia confiar em sua memória. Mas ele disse que faria o melhor para lembrar-se, e a jovem teve que se conformar com isso.

Charlotta IV percebeu que algum mistério permeava a casa de pedra naquela tarde – um mistério do qual ela estava excluída. Miss Lavendar vagava distraída pelo jardim. Anne também parecia possuída pelo demônio da inquietude, e caminhava para lá e para cá, para cima e para baixo. Charlotta IV resistiu até que a paciência deixasse de ser uma virtude. Então, confrontou Anne na ocasião da terceira peregrinação inútil que a romântica jovem fez até a cozinha.

— Por favor, madame Miss Shirley – disse Charlotta IV, com um indignado movimento de seus laços de fita azuis –, posso ver claramente que a senhorita e Miss Lavendar têm um segredo. E eu acho, perdoe-me se sou muito atrevida, madame Miss Shirley, mas eu acho que é uma enorme crueldade não me contarem, quando nós todas temos sido tão amigas!

— Oh, Charlotta querida, eu teria contado tudo a você, se fosse um segredo meu... mas é um segredo de Miss Lavendar. Entretanto, vou explicar... e, se nada acontecer, você nunca deve revelar uma palavra sobre isso a nenhuma alma vivente. Veja, o Príncipe Encantado está vindo esta noite. Ele veio, muito tempo atrás; porém, em um momento de loucura, foi embora... e vagou por caminhos distantes, e esqueceu o segredo da vereda mágica até o castelo encantado, onde a princesa chorava com seu coração fiel a ele. Mas, por fim, ele se lembrou novamente, e a princesa ainda está esperando... porque ninguém, além de seu querido príncipe, poderá tirá-la do castelo.

— Oh, madame Miss Shirley, o que essa poesia quer dizer, em prosa? – suspirou a perplexa Charlotta.

Anne riu.

— Em prosa, esta poesia quer dizer que um velho amigo de Miss Lavendar virá visitá-la esta noite.

— A senhorita quer dizer um antigo pretendente? – indagou a literal Charlotta.

— Provavelmente seja isso que eu queira dizer... *em prosa* – respondeu Anne, gravemente. — É o pai de Paul... Mr. Stephen Irving. E

só Deus sabe o que virá disso, mas vamos esperar pelo melhor, Charlotta.

— Espero que ele se case com Miss Lavendar! – foi a resposta inequívoca de Charlotta. — Algumas mulheres estão destinadas a ficar solteiras, e temo que eu seja uma delas, madame Miss Shirley, porque não tenho nenhuminha paciência com os homens. Mas Miss Lavendar nunca foi. Tenho andado muito preocupada pensando em que diabos ela vai fazer quando eu crescer e *tiver* que ir para Boston. Não há mais meninas em nossa família, e Deus sabe o que seria dela se contratasse uma estranha que pudesse rir de sua imaginação e deixasse as coisas fora do lugar, sem estar disposta a ser chamada de Charlotta V. Ela poderia conseguir alguém que não fosse tão sem sorte como eu para quebrar pratos, mas nunca conseguiria alguém que a amasse mais.

E a pequena criada leal abriu a porta do forno e inspirou o aroma que saía.

Aquela tarde, seguiram o costume de tomar o chá em Echo Lodge; mas, na verdade, ninguém comeu nada. Após o chá, Miss Lavendar foi até o quarto para pôr o novo vestido de organdi, enquanto Anne arrumava seu cabelo. Ambas estavam imensamente empolgadas, mas Miss Lavendar fingia estar muito calma e indiferente.

— Amanhã tenho que remendar aquele rasgo na cortina – ela disse, ansiosa, inspecionando o tecido como se fosse a coisa mais importante naquele momento. — Estas cortinas não foram um negócio tão bom quanto pareciam, considerando o preço que paguei. Meu Deus, Charlotta esqueceu de tirar o pó do corrimão *de novo*! Realmente *preciso* falar com ela sobre isso!

Anne estava sentada nos degraus da varanda quando Stephen Irving chegou pela vereda e cruzou o jardim.

— Este é o único lugar onde o tempo não passa – disse ele, encantado, olhando ao redor. — Nada mudou na casa ou no jardim desde a última vez que estive aqui, vinte e cinco anos atrás. Isso faz com que eu me sinta jovem novamente.

— O senhor já sabe que o tempo sempre fica parado no palácio encantado – respondeu Anne, com seriedade. — As coisas só começam a acontecer quando o príncipe chega.

Mr. Irving sorriu com certa tristeza diante daquele rosto erguido, completamente iluminado de juventude e promessas.

— Algumas vezes o príncipe chega muito tarde – disse ele. Mr. Irving não pediu que Anne traduzisse sua observação em prosa. Como todas as almas gêmeas, ele *entendia*.

— Oh, não, se não é o verdadeiro príncipe que chega para ver a verdadeira princesa! – anunciou Anne, balançando sua cabeça ruiva decididamente ao abrir a porta da sala de visitas. Quando Mr. Irving entrou, ela fechou a porta e virou-se para confrontar Charlotta IV, que estava no corredor, toda "acenos, saudações e sorrisos envolventes[27]".

— Oh, madame Miss Shirley – suspirou ela –, espiei pela janela da cozinha! Ele é muitíssimo bonito... e está na idade certa para Miss Lavendar! E oh, madame Miss Shirley, a senhorita acha que seria muito ruim se escutássemos atrás da porta?

— Seria terrível, Charlotta – advertiu Anne, firmemente –, de modo que é melhor você vir comigo, para se afastar da tentação.

— Não consigo fazer nada, e é insuportável ficar por aí só esperando – suspirou Charlotta. — E se ele não se declarar, depois de tudo isso, madame Miss Shirley? Nunca podemos estar seguras sobre os homens. Uma vez, minha irmã mais velha, Charlotta I, achou que estava comprometida. Mas acontece que *ele* tinha uma opinião diferente e falou que *não estavam*, e ela diz que nunca mais vai confiar em um deles outra vez. E ouvi outro caso em que um homem pensava que estava muito apaixonado por uma moça, quando na verdade era da irmã dela que ele gostava o tempo todo! Se um homem não sabe o que quer, madame Miss Shirley, como uma pobre mulher vai saber?

— Vamos até a cozinha para polir as colheres de prata – disse Anne. — Esta é uma tarefa que felizmente não exigirá muita concentração... pois eu *não conseguiria* pensar esta noite. E nos ajudará a passar o tempo.

E se passou uma hora. Então, no momento em que Anne largou a última colher polida, ouviram a porta da frente bater. Ambas buscaram apoio no olhar amedrontado uma da outa.

— Oh, madame Miss Shirley – gaguejou Charlotta –, se ele está indo embora tão cedo, é porque não há nada nisso, e nunca haverá.

As jovens correram para a janela. Mr. Irving não tinha a intenção de ir embora. Ele e Miss Lavendar estavam caminhando lentamente pela vereda central até o banco de pedra.

— Oh, madame Miss Shirley, ele passou o braço ao redor da cintura dela! – sussurrou Charlotta IV, muito contente. — Deve ter se declarado, ou ela nunca o permitiria!

Anne passou o braço pela cintura roliça de Charlotta IV e as duas dançaram pela cozinha até ficarem sem fôlego.

— Oh, Charlotta! – exclamou, com alegria. — Não sou nem uma profetisa, nem a filha de uma, mas farei uma previsão. Vai acontecer um casamento nesta casa de pedra antes que as folhas dos bordos fiquem vermelhas. Quer que eu traduza isso em prosa, Charlotta?

— Não, isso eu consigo entender. Um casamento não é poesia. Ora, madame Miss Shirley, a senhorita está chorando! Por quê?

— Oh, porque é tudo tão lindo... e tão novelesco... e romântico... e triste – respondeu Anne, secando as lágrimas. — É tudo perfeitamente adorável... mas há um pouco de tristeza misturada, de certa maneira.

— Oh, é claro que existe um risco ao casar-se com qualquer um – concordou Charlotta IV – mas, consideradas todas as coisas, e tudo que está feito, madame Miss Shirley, existem coisas muito piores do que um marido.

Capítulo XXIX

Prosa e Poesia

Durante o mês seguinte, Anne viveu em meio ao que, para Avonlea, significava um redemoinho de emoções. A preparação de seu modesto enxoval para Redmond passou para o segundo plano. Miss Lavendar estava se preparando para o casamento, e a casa de pedra tornou-se o cenário de infindáveis consultas, planos e discussões, com Charlotta IV pairando por todos os lados em agitado deleite e expectativa. Logo veio a costureira, e então começou o êxtase e a desventura de escolher modelos e tirar medidas. Anne e Diana passaram metade de seu tempo em Echo Lodge, e havia noites em que Anne não conseguia dormir, questionando-se se tinha feito o que era certo ao aconselhar Miss Lavendar a escolher marrom ao invés de azul naval para seu traje de viagem, e ter usado sua seda cinza para confeccionar um modelo no corte “princesa”.

Todos os interessados na história de Miss Lavendar estavam muito felizes. Paul Irving correu até Green Gables para conversar com Anne sobre as novidades, assim que seu pai lhe contou.

— Sabia que podia confiar no papai para escolher uma segunda mãezinha para mim – ele disse, orgulhoso. — É uma coisa maravilhosa ter um pai em quem se pode confiar, professora. Eu simplesmente amo Miss Lavendar! Vovó está satisfeita também. Disse que está muito contente por papai não ter escolhido uma americana como segunda esposa, porque, apesar de ter dado certo da primeira vez, há poucas probabilidades de que algo assim se repita. Mrs. Lynde diz que aprova a união de todo coração, e acredita que talvez Miss Lavendar deixe de lado suas ideias esquisitas e seja como todas as outras pessoas, agora que vai ser casar. Mas eu espero que não aconteça isso, professora, porque gosto dela assim. E não quero que ela seja como as outras pessoas. Já existem muitas pessoas ao nosso redor que são assim. *A senhorita entende*, professora.

Charlotta IV era outra pessoa radiante.

— Oh, madame Miss Shirley, tudo deu tão certo! Quando Mr. Irving e Miss Lavendar voltarem da lua-de-mel, irei para Boston viver com eles... e eu tenho só quinze anos, e as minhas irmãs não foram até que

completassem dezesseis! Mr. Irving não é esplêndido? Ele simplesmente venera o chão em que a minha senhora pisa, e às vezes me faz sentir tão estranha quando vejo o olhar dele enquanto a observa... não existem palavras para descrever, madame Miss Shirley! Estou muitíssimo agradecida por se amarem tanto! É o melhor destino, quando tudo está dito e feito; apesar de algumas pessoas conseguirem se dar bem sem isso. Tenho uma tia que se casou três vezes, e ela diz que se casou com o primeiro marido por amor e com os outros dois estritamente por negócios, e foi feliz com todos eles, exceto no momento dos funerais. Mas acho que ela correu um risco, madame Miss Shirley.

— Oh, é tudo tão romântico! – suspirou Anne para Marilla, naquela noite. — Se eu não tivesse tomado a estrada errada naquele dia em que fomos à casa de Mr. Kimball, nunca teria conhecido Miss Lavendar. E, se não a tivesse encontrado, nunca teria levado Paul comigo... e ele nunca teria escrito ao pai para contar sobre suas visitas à Miss Lavendar, justo quando Mr. Irving estava saindo de viagem para São Francisco. Mr. Irving disse que mudou de ideia quando recebeu essa carta, decidindo mandar o sócio a São Francisco e vir para cá ao invés de viajar a negócios. Fazia quinze anos que ele não sabia nada a respeito de Miss Lavendar. Alguém disse a ele, naquela época, que ela estava a ponto de se casar; e ele acreditou que ela estivesse casada e, por isso, nunca mais perguntou nada sobre ela. E agora tudo terminou bem! E eu contribuí para que isso acontecesse! Talvez, como diz Mrs. Lynde, tudo esteja predestinado, e acabe por acontecer de qualquer maneira. Mas, ainda assim, é bom pensar que alguém serviu como instrumento da predestinação. Sim, de fato, é muito romântico.

— Não consigo ver *o que* é tão terrivelmente romântico – disse Marilla, um pouco grosseira. Ela pensava que Anne estava empolgada demais com esse assunto e que tinha muito o que fazer ao se preparar para a universidade, sem precisar ficar “perambulando” em Echo Lodge dois dias a cada três para ajudar Miss Lavendar. — Em primeiro lugar, dois jovens tolos discutem e se separam, irritados. Então, Stephen Irving vai para os Estados Unidos; depois de um tempo, ele se casa e, até onde todos sabem, vive perfeitamente feliz. Então sua esposa morre, e, após um período decente, ele pensa em voltar para casa e ver se sua primeira namorada o receberia. Nesse meio tempo, ela continua solteira, provavelmente porque ninguém bom o bastante se interessou em

conquistá-la; e os dois se reencontram e decidem se casar, afinal. Ora, onde está todo esse romantismo?

— Oh, não há nenhum, se você coloca dessa forma – hesitou Anne, como se alguém lhe tivesse jogado um balde d'água fria. — Suponho que é assim que a história soa em prosa. Mas é muito diferente se você a observa através da poesia... e eu acho que assim é mais belo – Anne se recuperou, e seus olhos brilharam e as bochechas coraram – observar a história através da poesia...

Marilla encarou a jovem fisionomia radiante e refreou o impulso de fazer mais algum comentário sarcástico. Talvez tenha compreendido, afinal, que era melhor ter, como Anne, "a visão e a faculdade divina", esse dom que o mundo não pode dar nem tirar, de olhar a vida através de um prisma transfigurador – ou revelador? – que faz com que tudo pareça rodeado por uma luz celestial, contendo uma glória e um frescor invisível àqueles que, como ela e Charlotta IV, encaravam as coisas somente através da prosa.

— Quando vai ser o casamento? – perguntou, após uma pausa.

— Na última quarta-feira de agosto. Eles se casarão no jardim, debaixo da trepadeira de madressilvas... no mesmo lugar onde Mr. Irving se declarou a ela, vinte e cinco anos atrás. Marilla, isso é romântico até mesmo em prosa! Só estarão presentes Mrs. Irving e Paul, Gilbert, Diana e eu, e os primos de Miss Lavendar. E eles partirão no trem das seis horas para uma viagem à costa do Pacífico. Quando voltarem, no outono, Paul e Charlotta IV irão morar com eles em Boston. Mas Echo Lodge permanecerá como está... só as galinhas e a vaca serão vendidas, é claro, e colocarão grades nas janelas... e eles virão passar cada verão ali. Estou tão contente! Ficaria terrivelmente magoada no próximo inverno, em Redmond, ao pensar naquela querida casa de pedra toda deserta e desnuda, com os aposentos vazios... ou, pior ainda, com outras pessoas vivendo ali. Mas agora posso pensar na casa da forma como sempre a vi, esperando alegremente pelo verão para trazer a vida e as risadas de volta.

Havia mais romance no mundo além daquele que tinha acontecido com os maduros namorados de Echo Lodge. Anne percebeu isso repentinamente, numa tarde em que se dirigiu a Orchard Slope pelo atalho do bosque e chegou ao jardim dos Barry. Diana Barry e Fred Wright estavam juntos embaixo do grande salgueiro. Diana estava recostada contra

o tronco cinza, com os cílios encostados nas bochechas muito coradas. Fred segurava uma de suas mãos e seu rosto estava inclinado na direção dela; ele murmurava alguma coisa num tom de voz baixo e sério. Naquele momento mágico, só existiam os dois sobre o mundo, de modo que nenhum deles viu Anne – que, com um olhar estupefato de compreensão, deu meia volta e correu silenciosamente pelo atalho do bosque de abetos, não parando por nada até chegar ao seu quartinho, onde sentou-se ofegante ao lado da janela e tentou reunir seus dispersos pensamentos.

— Diana e Fred estão apaixonados um pelo outro! – arfou. — Oh, isso parece tão... tão... tão *desesperadamente* adulto!

Anne, ultimamente, não deixava de ter suas suspeitas de que Diana estava deixando de ser fiel ao melancólico herói byroniano de seus sonhos infantis. Mas como "as coisas que se veem são mais potentes do que as que se ouvem", ou suspeitam, a constatação de que aquilo era realidade a atingiu quase com a força de um verdadeiro choque. A este se seguiu um sentimento esquisito e um pouco solitário... como se, de alguma maneira, Diana tivesse seguido em frente rumo a um novo mundo, fechando o portão atrás de si e deixando Anne do lado de fora.

"As coisas estão mudando tão rápido que quase me assustam", ela pensou, um pouco triste. "E temo que não seja possível evitar o surgimento de algumas diferenças entre Diana e eu. Estou certa de que não poderei revelar todos os meus segredos a ela depois disso... ela poderia contá-los ao Fred. E o que ela *consegue* ver em Fred? Ele é um moço alegre e muito bondoso... mas é apenas Fred Wright!"

Esta pergunta é sempre intrigante: *o que uma pessoa vê em outra*? Mas, afinal de contas, quão afortunado é que seja assim, pois se todos vissem igualmente... bem, neste caso, como disse um velho índio: "Todos iriam querer a minha *squaw*[28]". Estava claro que Diana via algo em Fred Wright, algo que estava oculto aos olhos de Anne. Diana foi a Green Gables na tarde do dia seguinte, convertida em uma jovem tímida e pensativa, e contou a Anne toda a história no escuro retiro do quartinho do lado leste do sótão. As jovens choraram, se abraçaram e sorriram.

— Estou tão feliz! Mas parece ridículo pensar que eu estou comprometida.

— Como realmente é estar comprometida? – perguntou Anne, curiosa.

— Bem, tudo depende de quem é a pessoa com quem se está comprometida – respondeu Diana, com aquele ar irritante de sabedoria superior que os que estão namorando sempre adotam sobre aqueles que não estão. — É perfeitamente adorável estar namorando Fred... mas acho que seria simplesmente horrível namorar qualquer outro.

— Então não há muito consolo para o resto de nós, considerando que existe somente um Fred – riu Anne.

— Oh, Anne, você não entende! – disse Diana, ofendida. — Eu não quis dizer *isso*... é tão difícil explicar! Não importa, você vai entender um dia, quando chegar a sua vez.

— Deus a abençoe, a mais querida das Dianas, eu entendo agora. Para que serve a imaginação se não for capaz de me ajudar a enxergar a vida com os olhos dos demais?

— Você será minha dama de honra, Anne, você sabe. Prometa-me que virá... de onde quer que você esteja quando eu me casar.

— Virei até dos confins da Terra, se necessário – prometeu, solenemente.

— É claro que não será tão cedo – prosseguiu Diana, enrubescendo. — Três anos, no mínimo... pois tenho só dezoito anos, e mamãe disse que nenhuma filha dela se casará antes dos vinte e um. Além disso, o pai de Fred vai comprar a fazenda de Abraham Fletcher para ele, e disse que só vai colocá-la em seu nome quando já tiver pago dois terços do valor. Mas três anos não é muito tempo para se preparar para ser dona de casa, pois ainda não tenho nenhuma peça de enxoval decorada. Amanhã mesmo vou começar a fazer guardanapos de crochê. Myra Gillis tinha trinta e sete guardanapos quando se casou, e estou determinada a ter tantos quanto ela.

— Suponho que seria francamente impossível manter uma casa com somente trinta e seis guardanapos – concordou Anne, com o semblante pomposo, mas o olhar divertido.

Diana pareceu magoada.

— Nunca imaginei que você riria de mim, Anne.

— Querida, eu não estava rindo de você! – exclamou Anne, arrependida. — Estava só provocando um pouquinho. Creio que você será a dona de casa mais doce do mundo! E acho que é adorável o fato de você já estar planejando sua casa dos sonhos.

Anne mal havia terminado de pronunciar a sentença “casa dos

sonhos", e sua fantasia já estava cativada. Imediatamente, seu pensamento começou a erigir seu próprio futuro lar. É claro que sua propriedade era habitada por um dono ideal, misterioso, altivo e melancólico. Mas, por incrível que pareça, Gilbert Blythe insistia em tomar parte de tudo, ajudando-a a pendurar quadros, projetar os jardins, e levar a cabo muitas outras tarefas que um altivo e melancólico herói evidentemente consideraria estar abaixo de sua dignidade. Anne tentou expulsar a imagem de Gilbert de seu castelo na Espanha, mas, de algum modo, ele continuava ali. Então, estando com pressa, ela renunciou à tentativa e continuou sua arquitetura imaginária com tal êxito que sua "casa dos sonhos" estava construída e mobiliada antes que Diana voltasse a falar.

— Presumo, Anne, que você deve achar engraçado que eu goste tanto do Fred, sendo ele tão diferente do tipo de homem com o qual eu sempre disse que me casaria... o tipo alto e esbelto. Mas eu não gostaria que Fred fosse alto e esbelto... porque, você não vê, dessa forma ele não seria o Fred! É claro – ela acrescentou, um pouco pesarosa – que nós seremos um casal assustadoramente gorducho. Mas, enfim, isso é melhor do que um de nós ser baixo e gordo e o outro alto e delgado, como Morgan Sloane e sua esposa. Mrs. Lynde diz que nunca consegue deixar de pensar nessa disparidade quando os vê juntos.

— Bem – disse Anne para si mesma aquela noite, enquanto escovava os cabelos diante do espelho de moldura dourada – estou contente que Diana esteja tão feliz e satisfeita. Mas quando chegar minha vez... se um dia chegar... espero que haja um pouco mais de emoção. Entretanto, Diana também pensava assim antes. Eu a ouvi dizer, uma e outra vez, que nunca se comprometeria de modo lento e banal... que *ele teria* que fazer algo esplêndido para conquistá-la. Mas ela mudou. Talvez eu mude também. Mas não... estou determinada a não mudar. Oh, acho que esses noivados são coisas assustadoramente perturbadoras, quando acontecem com suas amigas íntimas!

Capítulo XXX

Um Casamento na Casa de Pedra

A última semana de agosto chegou. Miss Lavendar se casaria na quarta-feira. Duas semanas depois, Anne e Gilbert partiriam para Redmond College. Em uma semana, Mrs. Rachel Lynde se mudaria para Green Gables e instalaria seus “ares e penates[29]” no até então quarto de hóspedes, que já estava preparado para sua chegada. Ela tinha vendido todo o supérfluo mobiliário doméstico por leilão, e no momento estava se distraindo com a conveniente ocupação de ajudar os Allans a empacotar suas coisas. Mr. Allan iria pronunciar seu sermão de despedida no próximo domingo. A velha ordem estava mudando rapidamente, para dar lugar ao novo, como sentia Anne com uma pitada de tristeza enredada em toda a sua empolgação e alegria.

— As mudanças não são totalmente agradáveis, mas são coisas excelentes – afirmou Mr. Harrison, filosoficamente. — Dois anos é tempo suficiente para as coisas permanecerem exatamente iguais. Se ficassem no mesmo lugar por mais tempo, poderiam ficar cobertas de musgo.

Mr. Harrison estava fumando na varanda. Sua esposa, em sacrifício próprio, disse que ele poderia fumar dentro de casa, se tomasse o cuidado de sentar-se ao lado de uma janela aberta. Mr. Harrison retribuiu esta concessão indo fumar ao ar livre quando o tempo estava bom, e então prevaleceu a mútua boa vontade.

Anne estava ali para pedir a Mrs. Harrison algumas de suas dálias amarelas. Ela e Diana iriam esta tarde até Echo Lodge para ajudar Miss Lavendar e Charlotta IV com os preparativos finais do casamento, que ocorreria no dia seguinte. Miss Lavendar nunca teve dálias, pois não gostava muito delas e não teriam combinado com o formoso retiro de seu jardim à moda antiga. Mas as flores de qualquer tipo estavam escassas em Avonlea e nos distritos vizinhos naquele verão, graças à tempestade do Tio Abe, e Anne e Diana pensaram que um velho cântaro de pedra de cor creme – geralmente utilizado para guardar bolinhos – decorado com dálias amarelas, seria exatamente o necessário para um sombrio ângulo da escadaria da casa de pedra, contra o escuro fundo de papel de parede

vermelho.

— Presumo que dentro de quinze dias a senhorita estará indo para a universidade – continuou Mr. Harrison. — Bem, Emily e eu sentiremos muitíssimo a sua falta. Mas com certeza Mrs. Lynde vai estar ali, em seu lugar. Não há ninguém que não possa ser substituído.

A ironia do tom de Mr. Harrison é absolutamente intransferível para o papel. A despeito da intimidade de sua esposa com Mrs. Lynde, o melhor que poderia ser dito das relações desta senhora com Mr. Harrison era que, sob este novo regime, mantinham uma neutralidade armada.

— Sim, estarei – disse Anne. — Estou muito feliz em minha cabeça... e muito triste em meu coração.

— Acredito que a senhorita conseguirá ganhar todos os prêmios que estiverem soltos em Redmond.

— Talvez eu tente um ou dois deles, mas não me importo tanto com essas coisas como me importava há dois anos. O que quero obter do meu curso universitário é algum conhecimento sobre a melhor forma de viver a vida, e poder fazer mais e melhor com isso. Quero aprender a entender e ajudar outras pessoas e a mim mesma.

Mr. Harrison assentiu com a cabeça.

— Esta é exatamente a ideia. Esse deveria ser o objetivo da universidade, em vez de formar um monte de bacharéis tão cheios de conhecimento literário e vaidade, que não há lugar para outra coisa. A senhorita tem razão. Calculo que a universidade não vai ser capaz de lhe causar um grande dano.

Diana e Anne foram a Echo Lodge após o chá, levando consigo o despojo floral que muitas expedições predatórias em seus próprios jardins e nos de seus vizinhos haviam rendido. Encontraram a casa de pedra bulindo de animação. Charlotta IV voava de um lado para o outro, com tanto entusiasmo e velocidade que seus laços azuis pareciam realmente possuir o poder da onipresença. Como os estandartes de Navarra[30], os laços azuis de Charlotta balançavam mesmo na luta mais acirrada.

— Louvado seja Deus porque as senhoritas chegaram! – ela exclamou, devotamente. — Temos montes de coisas para fazer... e o glacê daquele bolo *não* endurece... e toda aquela prataria precisa ser polida... e o baú coberto com crina de cavalo tem que ser arrumado... e os frangos para o salpicão ainda estão correndo e cacarejando lá fora diante do galinheiro,

madame Miss Shirley. E não se pode confiar em Miss Lavendar para fazer nada. Fiquei grata quando Mr. Irving chegou, uns minutos atrás, e a levou para uma caminhada no bosque. Está tudo bem namorar no lugar certo, madame Miss Shirley, mas se tentar misturar com a cozinha e a limpeza, tudo estará perdido! Esta é a *minha* opinião, madame Miss Shirley.

Anne e Diana trabalharam tão energicamente que, às dez horas da noite, até mesmo Charlotta IV estava satisfeita. Amarrou o cabelo em inumeráveis tranças e carregou seus cansados ossinhos para a cama.

— Mas estou certa de que não vou conseguir pregar o olho, madame Miss Shirley, por medo de alguma coisa dar errado na última hora... que o creme não endureça... ou que Mr. Irving tenha um ataque, e não possa vir.

— Ele não tem o hábito de ter ataques, tem? – perguntou Diana, franzindo os cantos da boca. Para Diana, Charlotta IV era, se não exatamente uma bela criatura, certamente uma eterna fonte de riso.

— Essas coisas não acontecem por hábito – redarguiu Charlotta IV, com dignidade. — Elas somente *acontecem*... e aí está! *Qualquer um* pode ter um ataque. Não é necessário que já tenha tido. Mr. Irving parece muito com um dos meus tios, que um dia teve um ataque justo quando estava se sentando para almoçar. Mas talvez tudo fique bem. Neste mundo, temos que esperar pelo melhor, nos preparar para o pior, e aceitar o que Deus envia.

— Minha única preocupação é que amanhã não faça bom tempo – comentou Diana. — Tio Abe previu chuva para o meio da semana, e desde o grande temporal, não consigo deixar de acreditar que há uma boa dose de verdade no que ele diz.

Anne, que sabia melhor do que Diana o quanto Tio Abe tinha a ver com o temporal, não estava muito perturbada a esse respeito. Dormiu o sono dos justos e cansados, e foi despertada num horário totalmente inoportuno por Charlotta IV.

— Oh, madame Miss Shirley, é terrível chamá-la tão cedo – vinha o lamento através do buraco da fechadura – mas ainda há tanto por fazer... e, oh, madame Miss Shirley, temo que vá chover, e eu queria que a senhorita se levantasse e me dissesse que acha que não vai.

Anne correu para a janela, ansiando de todo o coração que Charlotta IV estivesse dizendo isso meramente para que ela despertasse

mais rápido. Mas, oh! A manhã realmente parecia pouco propícia. O jardim de Miss Lavendar, que deveria estar banhado pela glória da pálida luz do sol nascente, estava sombrio e sem a mínima brisa, e o céu acima dos pinheiros estava escuro com nuvens ameaçadoras.

— Isso é terrível demais! – exclamou Diana.

— Devemos esperar pelo melhor – disse Anne, decidida. — Se pelo menos não chover, é preferível um dia fresco, cinza e perolado como este, a um dia de sol escaldante.

— Mas vai chover – lamentou Charlotta, entrando no quarto e compondo uma engraçada figura com suas inumeráveis tranças atadas com fitas brancas, apontando em todas as direções. — Vai ameaçar até a última hora, e então vai chover torrencialmente! E os convidados ficarão ensopados... e vão encher a casa de lama... e eles não conseguirão se casar debaixo da madressilva... e diga o que quiser, madame Miss Shirley, mas é uma terrível falta de sorte o sol não brilhar sobre uma noiva! Eu sabia que as coisas estavam muito boas para durar.

Charlotta IV certamente parecia ter pego emprestado uma folha do livro de Miss Eliza Andrews.

Não choveu, apesar de ter ameaçado o dia inteiro. Ao meio-dia, os cômodos estavam decorados, a mesa magnificamente preparada, e no andar de cima estava esperando uma noiva “ataviada para seu marido”.

— A senhorita está simplesmente encantadora! – exclamou Anne, arrebatada.

— Adorável! – ecoou Diana.

— Está tudo pronto, madame Miss Shirley, e *ainda* não aconteceu nada de ruim – foi a afirmação animada de Charlotta, a caminho do seu quartinho para se vestir. Saíram todas as tranças. O resultado excessivamente frisado foi entrelaçado em dois rabos e atado, não com dois laços, mas com quatro, com uma novíssima fita azul brilhante. Os dois laços superiores davam a impressão de duas asas brotando do pescoço, com um ar dos querubins de Rafael[31]. Mas para Charlotta IV estavam muito bonitas, e depois de ter entrado ruidosamente no vestido branco, tão rigidamente engomado que poderia ficar em pé sozinho, contemplou-se no espelho com grande satisfação – sentimento esse que durou até ela sair no corredor e ver, pela porta aberta do quarto de hóspedes, a moça alta com um vestido de caimento suave, que estava

prendendo flores brancas como estrelas nas ondas macias de seu cabelo ruivo.

"Oh, eu *nunca* vou ser capaz de parecer com a Miss Shirley!", pensou a pobre Charlotta, em desespero. "Tem que nascer assim, eu acho... não parece que toda a prática do mundo possa dar aquele *ar*."

À uma hora os convidados tinham chegado, incluindo Mr. e Mrs. Allan, que iria realizar a cerimônia na ausência do ministro de Grafton, que estava de férias. Não houve formalidades no casamento. Miss Lavendar desceu as escadas, encontrou seu noivo e, quando ele tomou sua mão, ela ergueu os grandes olhos castanhos para contemplá-lo com um olhar que fez Charlotta IV, que o interceptou, sentir-se mais estranha do que nunca. Dirigiram-se até o jardim sob as madressilvas, onde Mr. Allan os esperava. Os convidados se agruparam como quiseram. Anne e Diana permaneceram junto ao velho banco de pedra, com Charlotta IV entre elas – que segurava nervosamente as mãos das moças entre as suas, que estavam frias e trêmulas.

Mr. Allan abriu seu livro azul e deu início à cerimônia. Justo no momento em que Miss Lavendar e Stephen Irving eram consagrados marido e mulher, algo muito belo e simbólico aconteceu. O sol repentinamente brilhou por entre as nuvens cinzentas e fluiu uma torrente de esplendor sobre a noiva feliz. Imediatamente o jardim reviveu com sombras dançantes e luzes vacilantes.

"Que adorável presságio", pensou Anne, ao correr para cumprimentar a noiva. Então, as três jovens deixaram o restante dos convidados sorrindo em volta do casal, enquanto corriam para dentro da casa a fim de conferir se tudo estava pronto para o banquete.

— Graças a Deus está acabado, madame Miss Shirley – suspirou Charlotta IV –, e os dois já estão seguramente casados, não importa o que aconteça agora. As bolsinhas com arroz estão na despensa, madame, o sapato velho está atrás da porta, e o creme para bater está nos degraus do porão.

Às duas e meia, Mr. e Mrs. Irving partiram e todos foram até Bright River para vê-los tomar o trem da tarde. Quando Miss Lavendar, aliás, Mrs. Irving, saiu pela porta de sua antiga casa, Gilbert e as jovens jogaram o arroz, e Charlotta IV arremessou o velho sapato com tão boa pontaria que acertou Mr. Allan em cheio na cabeça. Mas estava reservado a Paul

dar o mais bonito adeus. Ele saiu pela varanda agitando furiosamente um grande e antigo sino de bronze que adornava a cornija da lareira da sala de jantar. A única intenção de Paul era fazer um ruído alegre, mas quando o repique cessou, vieram os ecos harmônicos das curvas e das colinas além do rio como um “mágico badalar de sinos de casamento”, que soavam clara e docemente, fraca e mais fracamente, como se os amados ecos de Miss Lavendar estivessem se despedindo. E então, entre as bênçãos daqueles doces sons, Miss Lavendar partiu de sua velha vida de sonhos e fantasias, para uma vida plena de realidades no atarefado mundo lá fora.

Duas horas depois, Anne e Charlotta IV regressavam pela vereda. Gilbert tinha ido a West Grafton para levar um recado e Diana receberia a visita do noivo em sua casa. Anne e Charlotta tinham voltado para pôr as coisas em ordem e trancar a casinha de pedra. O jardim parecia um lago tingido pelo tardio dourado dos raios solares, com borboletas pairando e abelhas zunindo; mas a casinha já possuía aquele indefinível ar de desolação que sempre se segue a uma celebração.

— Oh, meu Deus, não parece solitária? – fungou Charlotta IV, que estivera choramingando durante todo o caminho desde a estação. — Um casamento não é muito mais animado do que um funeral quando tudo está acabado, madame Miss Shirley.

Seguiu-se um atarefado entardecer. Deveriam tirar a decoração, lavar as louças e guardar numa cesta as guloseimas que sobraram, para o deleite dos irmãos mais novos de Charlotta. Anne não iria descansar enquanto não estivesse tudo em perfeita ordem. Após a partida de Charlotta com sua *pilhagem*, Anne percorreu os quietos cômodos, sentindo-se como alguém que passeia sozinho pelo salão de um banquete abandonado, e fechou as cortinas e persianas. Então, trancou a porta e sentou-se debaixo do álamo prateado para esperar por Gilbert, sentindo-se muito cansada, mas ainda pensando “longos, longos pensamentos” de forma infatigável.

— No que está pensando, Anne? – perguntou Gilbert, caminhando pela trilha. Tinha deixado o cavalo e a charrete na estrada.

— Em Miss Lavendar e Mr. Irving – respondeu, sonhadora. — Não é bonito pensar como as coisas aconteceram... como eles se reuniram depois de tantos anos de separação e mal-entendidos?

— Sim, é bonito – disse Gilbert, olhando fixamente para o rosto erguido de Anne –, mas não teria sido ainda mais bonito, Anne, se *não*

houvesse separação e mal-entendidos... se eles tivessem percorrido todo o caminho da vida de mãos dadas, sem memórias para trás, além daquelas que pertencem um ao outro?

Por um momento, o coração de Anne acelerou estranhamente, e pela primeira vez seus olhos vacilaram sob o olhar fixo de Gilbert. Um rosado rubor coloriu a palidez de sua face. Era como se um véu que estivera pendurado diante de sua consciência fosse erguido, revelando sentimentos e verdades dos quais ela não suspeitava. Talvez, afinal, o romance não chegasse na vida de alguém com toda a pompa e majestade, como um alegre cavaleiro andante. Talvez chegasse silenciosamente ao nosso lado como um velho amigo. Talvez se revelasse em aparência de prosa, até que uma súbita flecha de iluminação fosse lançada em suas páginas e traísse o ritmo e a música. Talvez... talvez... talvez o amor nascesse naturalmente de uma bonita amizade, como a rosa de miolo dourado surgia de dentro das sépalas verdes.

Então o véu caiu novamente. Mas a Anne que caminhou pela escura vereda não era a mesma que tinha chegado tão alegre na tarde anterior. Um dedo invisível tinha virado a página da mocidade, e diante dela estava aberta a página da feminilidade, com todos os seus encantos e mistérios, suas dores e alegrias.

Gilbert, sabiamente, não disse mais nada. Mas, em seu silêncio, leu a história dos próximos quatro anos à luz da lembrança do rubor de Anne. Quatro anos de trabalho árduo e feliz... e, então, o galardão de conhecimento útil recebido, e um doce coração conquistado.

Atrás deles, no jardim, a casinha de pedra repousava entre as sombras. Estava solitária, mas não abandonada. Ainda não tinha terminado com sonhos, risos e alegria de viver. Haveriam futuros verões para a casinha de pedra. E, por enquanto, ela podia esperar. E, sobre o rio, em seu confinamento lilás, os ecos aguardavam sua hora.

FIM

Copyright © 2018 *by* Pedrazul Editora Ltda.
Todos os direitos reservados à Pedrazul Editora.
Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa,
Decreto n° 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Direção geral: Chirlei Wandekoken
Direção de arte: Eduardo Barbarioli
Tradução: Tully Ehlers
Revisão: Carolina S. L . Pegorini

M791a Montgomery, Lucy Maud, 1874-1942
Anne de Avonlea / Lucy Maud Montgomery . – Domingos Martins, ES :
Pedrazul Editora, 2018
Título original: Anne of Avonlea

1. Literatura canadense. 2. Ficção. 3. Romantismo I. Título. II. Ehlers, Tully.

CDD – 810

Reservados todos os direitos desta tradução e produção. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Pedrazul Editora, conforme Lei n° 9610 de 19/02/1998.

PEDRAZUL EDITORA
Rua Professora Zilda Andrade, 260 B, Bairro de Lourdes
Vitória – ES – Cep: 29042-751
www.pedrazuleditora.com.br

contato@pedrazuleditora.com.br

[1] – Virgílio – Publius Vergilius Maro (70 a.C. – 19 a.C), um dos mais importantes poetas clássicos da antiga Roma. Autor da obra *Eneida*.

[2] – Evangelho de João 1:45-46.

[3] – Em inglês, a palavra *ginger* significa vivacidade, energia, vigor.

[4] – Os três R's referem-se aos fundamentos de um programa básico de educação orientado às habilidades nas escolas: leitura, escrita e aritmética *(reading, writing and arithmetic)*. A referência mais antiga a essa tríade é encontrada nas Confissões do teólogo e filósofo St. Augustine de Hippo (397 d.C. – 401 d.C.): "Mesmo agora, ainda não descobri as razões pelas quais eu odiava a literatura grega quando a estudava na infância. O latim eu amava profundamente; não no nível dos meus professores primários, mas no nível secundário ensinado pelos professores ou pela literatura chamada 'gramática'. Os elementos iniciais, onde se aprende os três R's de *leitura, escrita e aritmética*, eu sentia que eram menos um fardo e uma punição do que toda a série de aulas de grego."

[5] – Referência a Provérbios 13:24.

[6] – *Paraíso Perdido* é um poema épico em dez cantos da autoria de John Milton (1608 – 1674), publicado pela primeira vez no ano de 1667. Inspirado no Gênesis, narra a insurreição de Satã contra Deus, a criação do mundo e a "queda do homem", pela desobediência de Adão e Eva e sua expulsão do Jardim do Éden.

[7] – Referência a William Wordsworth (1770 – 1850), o maior poeta romântico da Inglaterra.

[8] – A autora faz um trocadilho entre os sobrenomes. Pie, em inglês, significa "torta"; embora, neste caso, a grafia do sobrenome Pye seja com "y" ao invés de "i", a pronúncia é a mesma. Pudding significa "pudim"; logo, Mr. Harrison ironiza dizendo que "não importa se o nome dele é Torta ou Pudim".

[9] – São Thomas Becket, Tomás Becket, Tomás de Cantuária ou Tomás de Londres, foi arcebispo de Cantuária entre os anos de 1162 e 1170. É venerado como santo e mártir pela Igreja Católica e pela Igreja

Anglicana.

[10] – William Tyndale (1494 – 1536) foi um pastor protestante e acadêmico inglês, mestre em Artes na Universidade de Oxford. Traduziu a Bíblia para uma versão inicial do moderno inglês.

[11] – A palavra *yankee*, em português ianque, está relacionada aos Estados Unidos. Era originalmente remetida aos habitantes da Nova Inglaterra, localizada ao nordeste do país.

[12] – *Union Jack* – A bandeira nacional do Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte, também conhecida por Bandeira da União, é resultado da sobreposição de elementos: a cruz de São Jorge, da bandeira da Inglaterra, e a cruz de Santo André, da bandeira da Escócia.

[13] – *Stars and Stripes* – "Estrelas e Listras", bandeira nacional dos Estados Unidos da América.

[14] – *Ondinas* – Em inglês, *water kelpies*, são espíritos habitantes das águas, que mudam de forma. Geralmente são descritos como cavalos, mas podem também assumir a forma humana. Alguns relatos afirmam que a ondina retém seus cascos quando aparece como ser humano, o que levou à associação com a ideia de Satanás aludida no poema *Address to the Devil*, do escocês Robert Burns (1759 – 1796).

[15] – *Tories* (plural de *Tory*), são os simpatizantes do Partido Conservador do Canadá.

[16] – James Russel Lowell (1819 – 1891), poeta romântico, diplomata e abolicionista americano.

[17] – Henry Wadsworth Longfellow (1807 – 1882), poeta e educador americano.

[18] – *Barba Azul (La Barbe Bleu)* é um antigo e famoso conto do folclore francês ,publicado pela primeira vez em 1659, em Paris, como parte do livro *Histórias ou Contos do Passado* (*Histoires ou Contes du Temps Passé*).

[19] – Citação do último verso do poema *Eldorado*, de Edgar Allan Poe (1809 – 1849).

[20] – *Epilobium* é uma planta cujas hastes são agrupadas com pequenas flores cor-de-rosa, que costuma

brotar após um incêndio florestal.

[21] – Solidago é uma planta da família das margaridas, com pequenas flores amarelas.

[22] – *Tweed* é um tecido de lã, ou lã e algodão misturados, geralmente de duas cores, cuja textura é macia e flexível.

[23] – *Echo Lodge* significa “Cabana do Eco”.

[24] – Oleado é um tecido de algodão fino, recoberto por uma leve camada de verniz, conhecido por ser impermeável.

[25] – Referência ao Antigo Testamento – Jeremias, 8:22.

[26] – Referência ao Antigo Testamento – Oseias, 2:12.

[27] – Referência a *L’Allegro*, poema escrito no ano de 1645 por John Milton (1608 – 1674), poeta inglês.

[28] - Nome que os índios norte-americanos dão às suas esposas.

[29] – *Ares*: ares do lar, sensações domésticas; *penates*: deuses domésticos.

[30] – Os estandartes de Navarra são alguns dos símbolos da Comunidade Floral de Navarra, uma das 17 comunidades autônomas da Espanha. Foi adotada em 1910.

[31] – Rafael Sanzio (1483 – 1520), pintor renascentista italiano.